

CADERNOS  
PET  
Revista de Filosofia

VOLUME 14 – NÚMERO 27 – JAN-JUN. 2023  
ISSN: 2178-5880



VOLUME 14 – NÚMERO 27 – JAN-JUN 2023  
ISSN: 2178-5880



**EDITORAÇÃO/DESKTOP PUBLISHING**

Gustavo Silvano Batista

**EDITOR ASSISTENTE**

Fábio Abreu dos Passos

**EDITOR DE LAYOUT**

PET FILOSOFIA UFPI

**EDITORIAL**

Gustavo Silvano Batista

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI), NUPHA, CENTRO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS, CAMPUS MIN. PETRÔNIO PORTELA,  
TERESINA – PI



**Universidade Federal do Piauí - UFPI**

**Reitor**

Gildásio Guedes Fernandes

**Vice-Reitor**

*Viriato Campelo*

**Cadernos PET**

Revista de Filosofia

VOLUME 14 – NÚMERO 27 – JAN-JUN 2023

ISSN: 2178-5880

**EDITOR-CHEFE**

Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista

**CONSELHO EDITORIAL**

Prof. Dr. Alessandro Rodrigues Pimenta, UFT, Brasil

Prof. Dr. Fábio Abreu dos Passos, UFPI, Brasil

Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista, UFPI, Brasil

Prof. Dr. Helder Buenos Aires de Carvalho, UFPI, Brasil

Prof. Dr. João Batista Faria Júnior, IFPI, Brasil

Prof. Dr. José Elielton de Sousa, UFPI, Brasil

Prof. Dr. José Ricardo Barbosa Dias, UFPI, Brasil

Prof. Dr. Leandro de Araújo Sardeiro, UESPI, Brasil

Prof. Dr. Maurício Fernandes de Sousa, UFPI, Brasil

Profa. Dra. Solange Aparecida de Campos Costa, UESPI, Brasil



## EDITORIAL

### **FISSURAS, ENCONTROS E RUPTURAS: UMA ONTOLOGIA PULSANTE DO GÊNERO**

Tiago Rodrigues Moreira<sup>1</sup>  
Fernanda de Faria Viana Nogueira<sup>2</sup>

Propor ontologias pulsantes de gênero tem se tornado cada vez mais latente no âmbito acadêmico, seguindo um movimento de esforço de desvelar as interseccionalidades vividas no cotidiano. Partindo desse deslocamento, os os saberes e as experiências situadas se tornam cada vez mais proponentes de diálogos e aberturas, promovendo, então, uma postura interdisciplinar das questões que englobam a temática de gênero e sexualidade. (CRENSHAW, 1991; BUTLER, 2003; HARAWAY, 2009; BEAUVOIR, 2019).

Entendendo que os debates que atravessam os estudos de gênero e suas reflexões não estão restritos a determinadas áreas, mas se presentificam na vida, os textos aqui apresentados constituem um espaço de construção interdisciplinar, fazendo o movimento de aproximação com as mais diversas áreas do conhecimento. É essa abertura de pensamento que torna possível a inserção na clivagem de encontro com outros tipos de existência.

A partir deste movimento, recebemos trabalhos engajados e comprometidos em realizar o diálogo com as experiências e travessias que se perfazem na vida, encontrando

---

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: t229845@dac.unicamp.br

<sup>2</sup> Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: f262924@dac.unicamp.br



as fissuras da existência como possibilidade de encontro com o que desejamos construir.

No esforço da postura interdisciplinar e fenomenológica, circunscrevendo os lugares e os modos de habitar na contemporaneidade, contamos com dois textos que propõem ao leitor um desejo de investigação para com o texto lido. Mayara SEBINELLY e Tiago Rodrigues MOREIRA em “Enlутamento público e vidas vivíveis: o Arouche enquanto casa, habitar e lugar”, salientam a importância de viver uma vida vivível e como os modos de habitar o Arouche (São Paulo) se manifestam a partir das experiências de vivências no lugar. A preocupação dos autores se coloca na fissura do quem pode habitar os lugares, e qual vida é passível de ser vivida, muito subsidiada pelo pensamento de Judith Butler. Já o texto de Fernanda de Faria Viana NOGUEIRA, Felipe Costa AGUIAR e Antonio BERNARDES, “De quem são os lugares na cidade? Trajetórias gays em Campos dos Goytacazes”, esboça uma configuração de narrativas para a constituição dos lugares na cidade. Dando ênfase à sexualidade-em-situação como possibilidade de deslindamento da existência situada.

Na interface da literatura, artes, autobiografias, fabulações e autoficções contamos com seis textos, sendo dois ensaios, três artigos e uma experimentação artística, todos comprometidos com o caráter de uma escrita engajada e situada.

Tais Alves TEIXEIRA, em “A mulher lésbica e o habitar em risco na ficção pós pandemia de ‘A extinção das abelhas’”, preocupada com as mudanças climáticas e com o avanço do antropoceno, tece considerações sobre catástrofes ambientais, das quais estão intimamente ligadas à extinção das abelhas a partir da leitura de Natalia Polezzo, contruindo para um rearranjo do habitar em risco de mulheres lésbicas. Lux Ferreira LIMA, em “O caminho depois do depois: desorientações da cisgeneridade em duas autobiografias estadunidenses”, pauta o estranhamento das expectativas cisnormativas de transição de gênero e da temporalidade da existência trans, promovendo um diálogo a partir da etnografia para circunscrever os modos distintos de como o lugar de chegada é atribuído pelo, até então, regime cisnormativo contemporâneo e como os papéis sociais de gênero são lidos pelas autobiografias.

Beatriz Santos de SOUZA, em “(Geo) Experiências femininas na literatura”, salienta a importância do protagonismo das mulheres na escrita de mulheres. Por meio da narrativa, a autora convida o leitor a ir de encontro a novos modos de experienciar a



literatura feminina por meio da (geo)experiência. Kamila CARINO, em “Um estudo de gênero sobre a tetralogia napolitana”, propõe um encontro entre a teoria de gênero e a literatura feminina, fazendo uma relação entre a vida das personagens e as mazelas do dia a dia, desde a relação com o trabalho até com a dominação masculina e do cuidado. Laura Arruda de OLIVEIRA, em “‘Levar a vida normal como todo mundo’: a dívida entre filhas e mães”, discute a importância do respeito e do cuidado para com a relação familiar entre filhas e responsáveis. Considerando o feixe de significações que tal prerrogativa tende a assumir, o texto propõe um discurso que promova dor e sofrimento a filha deve ser repensado e encarado como possibilidade de encaminhamento, partindo da crítica literária da obra “Sobre minha filha”.

Por fim, Marta Zapata CHAVÁRRIA, em “Meu corpo, meu território”, reverbera uma peça teatral que fez em uma atividade do curso de pós-graduação, na qual cada situação da peça objetiva promover a reflexão acerca dos formalismos acadêmicos, fazendo com que a arte seja repensada e trazida à tona como ponto de resistência e embate ao colonialismo.

No campo das epistemologias e novas intersecções, tivemos o prazer de receber seis textos, sendo cinco artigos, um ensaio e uma nota. Tais textos refletem a fricção entre os campos disciplinares e interdisciplinares que constituem as produções intelectuais de outros autores. Visando contribuir para uma leitura integrada e situada, contamos com o texto de Cintia LISBOA, “Feminismos múltiplos: um vir-a-ser de possibilidades”, que apresenta as pluralidades da dimensão do feminismo, levando em consideração que o processo de rupturas e reconhecimento são de grande importância para o movimento das possibilidades. Desse modo, o texto almeja dar visibilidade e reconhecimento ao lugar de fala para todas as pessoas marginalizadas.

Frederico Rodrigues GONZAGA, Tatiana Benevides Magalhães BRAGA e Marciana Gonçalves FARINHA, em “Masculinidades: narrativas em vídeos de alta visualização na plataforma *youtube*”, mostram que, por intermédio das visualizações de vídeos na plataforma do *youtube*, pôde-se constatar que o impacto social advindo dos discursos sobre a masculinidade pelas vias do digital se torna latente nos papéis de construções sociais e, por assim dizer, torna-se um campo de pesquisa relevante. Larissa UCELI apresenta o artigo “Direitos sexuais e reprodutivos: entre o controle e a liberdade”, retratando o desafio da autonomia feminina frente aos direitos reprodutivos e constituição



da liberdade da mulher. Se perguntando “como, nós mulheres, poderemos ser livres?”. Francisco Anderson de CASTRO e Palloma Paléria Macedo de MIRANDA, em “A mulher negra no brasil: estética como agravadora do racismo e sexismo a partir da concepção de Lélia Gonzalez”, argumentam os desafios enfrentados pelas pessoas negras, em especial, as mulheres no Brasil. A partir do racismo estrutural e da democracia racial existente, os autores tecem críticas ao modelo de sociedade que pratica o epistemicídio da literatura e política negra do Brasil.

Janiel Ferraz SOUZA, em “A materialização dos corpos na concepção de Judith Butler: o paradigma da globalização”, deslinda a importância do corpo na constituição do paradigma da globalização, e como os valores que são construídos no cotidiano vão se metamorfoseando em corpos já globalmente conhecidos. Por fim, Eduardo MARANDOLA JR., em “Fenomenologia Crítica e Feminista”, problematiza as contribuições do pensamento feminista para a Fenomenologia, a partir de contribuições recentes de filósofas feministas, contribuindo para o alargamento das fronteiras entre as áreas e suas possibilidades. Este dossiê compõem um solo fértil nas discussões de gênero e sexualidade para os campos da interdisciplinaridade.

Neste mesmo número contamos também com a seção **Ensino de Filosofia**, que conta com três preciosas contribuições para o debate cada vez mais atual sobre sua relevância nas escolas. Tal seção indica, mais uma vez, o compromisso do PET FILOSOFIA UFPI e também deste periódico com o debate urgente e contínuo do ensino de filosofia no Brasil.

Agradecemos aos Cadernos PET de Filosofia da UFPI por nos abrir as portas para o diálogo e a interação entre os saberes, indo além de sua tarefa estritamente filosófica.

## REFERÊNCIAS

- CRENSHAW, K. “Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color”. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, 1991.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v.5. 2009.



BEAUVOIR, S. de. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 5, ed. 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Tiago Rodrigues Moreira  
Fernanda de Faria Viana Nogueira  
*organizadores*



## ENLUTAMENTO PÚBLICO E VIDAS VIVÍVEIS: O AROUCHE ENQUANTO CASA, HABITAR E LUGAR

*Public Mourning and liveable lives: Arouche as House, Dwell and Place*

Mayara Sebinelli<sup>1</sup>  
Tiago Rodrigues Moreira<sup>2</sup>

### RESUMO

As variadas lutas por uma vida vivível rebatem ontologicamente a figura do humano, aquela que querendo ou não, atravessa o pensamento moderno eurocentrado ocidental, que por vezes em situação de enquadramento, encapsula os humanos e os naturaliza como uma totalidade, esquecendo da desnaturalização e da despossessão. Judith Butler no processo de reconhecimento, abre margens para tensionarmos quais vidas são passíveis do enlutamento coletivo e, portanto, consideradas vidas humanas/legítimas/vivíveis. Eis o desafio do nosso texto, reverberar o enlutamento público e coletivo no lugar Arouche, que hoje simboliza um habitar de luta e um lugar de moradia para muitas pessoas LGBTQIAPN+. Por isso, repensar o Humano, assim como o Humanismo, se faz basilar no contexto contemporâneo, onde várias corporeidades estão marginalizadas por não fazerem parte de um modelo normativo de humano. O caminho feito está proposto pelas bases da fenomenologia, que busca deslindar os fenômenos como eles são e como eles se manifestam no mundo vivido (voltar às coisas mesmas). Por isso, circunscrever vidas vivíveis e o enlutamento público se mostram como relevantes possibilidades de deflagrar a fenomenologia dos lugares e do habitar contemporâneo.

**Palavras-chave:** Humano; Vulnerabilidade; Sexualidade-em-situação; Gênero; Violência

### ABSTRACT

The many struggles for a livable life ontologically refute the figure of the human, the one that willingly or unwillingly crosses modern Western Eurocentric thought, which, at times, in a framing situation, encapsulates humans and naturalizes them as a whole, forgetting denaturalization and dispossession. Judith Butler, in the recognition process, opens up margins for us to stress which lives are subject to collective mourning and therefore considered human/legitimate/livable lives. This is the challenge of our essay, to reverberate the public and collective mourning in the Arouche place, which today symbolizes a place of struggle and a place of residence for many LGBTQIAPN+ people. Therefore, rethinking the Human, as well as Humanism, is fundamental in the contemporary context, where various corporeities are marginalized because they are not part of a normative model of the Human. The path taken is proposed by the foundations of phenomenology, which seeks to see phenomena as they are and how they manifest themselves in the lived world (back to things themselves). Therefore, circumscribing livable lives and public mourning are shown to be relevant possibilities to trigger the phenomenology of places and contemporary living.

**Keywords:** Human; Vulnerability; Sexuality-in-situation; Gender; Violence

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: mayarasebinelli@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia no Instituto de Geociências (IG) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: t229845@dac.unicamp.br



## Quem é humano?

Iniciamos esse texto com uma situação emergente.

Mulher trans, preta, periférica e deputada federal. O caso de Erika Hilton<sup>3</sup>, nos coloca a situação do humano via a flor da pele. Em um corpo que não é visto como vida, Erika estava ocupando um espaço destinado àqueles que o são, e ali, em pleno Congresso Nacional, se vê sendo violentada e tendo sua humanidade post em xeque, objetificada e diminuída. Pela corporeidade vivemos um processo de desumanização, camuflado nos risos, nos deboches, nas caricaturas de que pode ser uma vida vivível. Ainda sob as lentes da homolebitransfobia<sup>4</sup>, existe um imperativo ético que controla os corpos e as atitudes desses corpos. A questão pelo humano, ainda em sua maioria, tem cara, cor, raça, gênero e sexualidade, um padrão a partir do qual cada humano vai se determinar.

Para corroborar nossa problemática, “o humano possível já não está mais determinado nem por qualquer essência ou princípio, e nem por qualquer télos idealizado” (CARBONARA, 2020, p. 324). Ou seja, a ideia de um humano que seja ideal e naturalizador já não corresponde às nossas expectativas pois, quando o fazemos, caímos na ingenuidade de capturar o outro para o campo do mesmo (LEVINAS, 1980). Por isso, cabe a nós praticarmos a perda de “qualquer ideia de natureza humana ou outro modo de indicar algum fundamento imanente de nossa humanidade” (CARBONARA, 2020, p. 324).

Marandola Jr. e Lima-Payayá (2023, p. 537) salientam a necessidade de “ir além de reconhecer os limites do(s) humanismo(s) ou apontar seu caráter fraco enquanto orientação filosófica de nossas investigações”. É necessário discutir e reconhecer a extensão das problemáticas que estão implicadas nesta tradição”. Acreditamos que nosso exercício seja reconhecer as discrepâncias do humano e de como ele vem sendo colocado em diferentes horizontes da sociedade.

Judith Butler, aspersora de ideias contracoloniais, se posiciona na contramão da tradição do humanismo que, como levantado por Marandola Jr. e Lima-Payayá (2023), exacerba o humano e se torna prerrogativa para violências coloniais. Esse posicionamento

---

<sup>3</sup> Veja na íntegra: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/parlamentares-acusam-bolsonarista-de-transfobia-contra-erika-hilton-na-cpni/>. Acesso em 13/07/2023

<sup>4</sup> Trata-se do ato de discriminar uma pessoa em razão de sua orientação sexual ser homossexual, em especial a lésbica, e também por sua identidade de gênero transsexual.



fica evidenciado quando a autora, ao se perguntar sobre “quem conta como humano?” (BUTLER, 2019, p. 26), desenvolve sua reflexão em torno do luto, e nos traz três desdobramentos: o primeiro é que o humano, possui não apenas um gênero específico, mas também uma sexualidade, uma raça e uma origem; em segundo lugar, que há aqueles que insistem em “viver, teimosamente, nesse estado de morte” (BUTLER, 2019, p. 37), em permanecer animados, e eles são, inevitavelmente, violentados, já que não eram legitimados como vida; e, em terceiro lugar, que a vulnerabilidade é parte constituinte de quem nós somos, e nós só *somos* a partir do Outro, do que vem de fora.

Sobre a vulnerabilidade, a autora nos coloca a seguinte perspectiva: desde que nascemos, nosso corpo não é nosso, não nos pertence. Estamos vulneráveis desde o princípio, entregues aos cuidados de pessoas que não escolhemos e não conhecemos, no seio de uma sociedade que possui normas com as quais não concordamos, mas que formam nossa própria noção de ser posteriormente (BUTLER, 2022a). Para Butler (2022a), como seres sexuais estamos entregues ao desejo do outro e pelo outro, num movimento existencial que se faz para fora, no outro: “*Isso significa que o caráter extático de nossa existência é essencial para a possibilidade de persistir como humano*” (BUTLER, 2022a, p. 62, grifo no original). Nesse movimento, o reconhecimento do outro em relação a mim se torna, portanto, ontológico. Quando vivemos fora do que a norma estabelece (norma que me dá reconhecimento imediato como vida e como humano), nos deparamos com uma empreitada pelo reconhecimento do outro, por nos tornarmos inteligíveis, para que, assim, nossas vidas se tornem vivíveis.

Por isso, “romper com o humanismo, enquanto totalização do humano, se faz necessário, em especial pelo sentido ético de uma alteridade radical. Isso não implica necessariamente desfocar do humano, mas envolve reposicioná-lo em um lugar humilde, de passividade, entre” (MARANDOLA JR., LIMA-PAYAYÁ, 2023, p.539).

Desse modo, este texto se inclina para as corporeidades e os lugares que não estão reconhecidos na pergunta sobre o humano e sobre a vida. Então, na esteira do pensamento de Judith Butler (2019; 2022a; 2022b), questionamos: que vida conta como vida? Diante dessa problemática, a premissa do texto é entender como o luto público se manifesta como modo de ser, e que possa ser pensado no âmbito político do habitar os lugares de resistências, no nosso caso, o Largo do Arouche. A relação da sexualidade e gênero se



atravessa com a lugaridade vivida, nesse caso, tomamos a sexualidade-em-situação (MOREIRA, 2021) como norteadora para circunscrever as relações que o lugar largo do Arouche estabelece com as pessoas que ali habitam.

### **Enlutamento e vulnerabilidade**

Toda essa prerrogativa que apresentamos esbarra no nosso modo de ser-e-estar-no-mundo, e muito tem que ver com nossa corporeidade e nossa inerente vulnerabilidade existencial. Especialmente para aqueles de nós que não nos conformamos às normatividades.

Para Butler (2019), o entendimento do que é vida e de quem é humano vem a partir da questão do luto: todos sabemos o que é perder alguém e o luto só é realizado por aqueles que são considerados vida, humanos. Apenas sentimos a perda daqueles que nos constituíram. Então, quando pedimos para sermos inteligíveis, vistos como vida, estamos também pedindo que nossas vidas sejam enlutáveis.

Butler (2019) também argumenta que o luto fornece senso de comunidade, já que

se o meu destino não é, nem no começo, nem no fim, separável do seu, então o “nós” é atravessado por uma relacionalidade que não podemos facilmente argumentar contra; ou melhor, podemos argumentar contra, mas estaríamos negando algo fundamental sobre as condições sociais da nossa própria formação (BUTLER, 2019, p. 28)

Estamos, segundo a autora, entregues ao outro, ao desejo do outro, a seu reconhecimento e sua disposição de nos enlutar. “[...] O luto mostra o modo como somos reféns de nossas relações com os outros” (BUTLER, 2022a, p. 39) e, portanto, o quanto somos ex-táticos, despossuídos no outro, vivemos fora de nós.

Mas o que significa uma vida vivível?

Quando perguntamos o que torna uma vida vivível, estamos perguntando sobre certas condições normativas que devem ser atendidas para que a vida se torne vida. E, portanto, há pelo menos dois sentidos de vida, aquele que se refere à forma biológica mínima de viver, e outro que intervém desde o início, que estabelece condições mínimas para uma vida vivível com respeito à vida humana. E isso não implica que possamos desconsiderar a mera vida em favor da vida vivível, mas que devemos perguntar [...] o que humanos precisam para manter e reproduzir as condições de sua própria capacidade de viver (BUTLER, 2022a, p. 70)

Ter uma vida vivível passa, como a própria autora escreve, por depender “da



proteção de espaços públicos e privados, de sanções legais que nos protejam da violência, de salvaguardas institucionais de vários tipos de agressões indesejadas impostas a nós” (BUTLER, 2022a, p. 62). Aqui chegamos à uma questão chave: a Modernidade, com seu racionalismo iluminista e tendo como base o colonialismo e a criação do homem (FOUCAULT, 1999). Para tanto, a contemporaneidade tendo suas raízes na Modernidade, impôs como seu modo de vida a cidade, a urbanidade (HOLZER, 2017; MARANDOLA JR., 2020b).

Quando Merleau-Ponty (2018), em sua Fenomenologia da Percepção, se coloca contra o cogito cartesiano e contra o homem kantiano, ele traz justamente o desligamento, perpetuado na Modernidade, entre a consciência e o corpo. Para ele, “o mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 6). Isso significa, justamente, a inversão da lógica do “penso, logo existo”, uma vez que não há existência que não seja desde um corpo no mundo: “a verdade não ‘habita’ apenas o ‘homem interior’, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 6).

Marandola Jr. (2017, p. 35), circunscreve a facticidade do ser-no-mundo pela esteira da fenomenologia heideggeriana indo de encontro ao pensamento levinasiano para colocar em xeque a indissociabilidade entre as pessoas e os lugares.

Uma compreensão fenomenológica, na chave de Heidegger, partirá da facticidade do ser-no-mundo, centrando-se nas formas de ser-e-estar do ser-aí (Dasein). Dito de outra maneira, pensando fenomenologicamente, a cisão entre pessoas e lugares é diluída (a exemplo de outras dicotomias): pessoas são seus lugares; lugares são suas pessoas ou, como propõe Lévinas, é na dimensão do existente, das existências concretas e circunstancializadas, que o lugar e o sujeito se desvelam, simultaneamente.

Trata-se de uma questão ontológica: a indissociabilidade ou, como colocado por Marandola Jr. (2017, p.36), a “simultaneidade pessoas-lugar”.

Corpo e mundo vêm à existência de forma simultânea, não havendo corpo (ou o ser) sem mundo, nem mundo sem ser. Assim, se podemos afirmar que eu sou o mundo, por conta de tal indissociabilidade, o filósofo [Merleau-Ponty] assevera que o mesmo também é verdadeiro: o mundo sou eu (MARANDOLA JR., 2021, p. 56)



Voltemos à pergunta colocada por Butler: o que torna uma vida vivível? Ela mesma diz que “quando perguntamos o que torna uma vida vivível, estamos perguntando sobre certas condições normativas que devem ser atendidas para que a vida se torne vida” (BUTLER, 2022a, p. 70). Defendemos, numa perspectiva fenomenológica, que ontologicamente existimos no mundo, como abertura, que só somos em relação a ele e que há uma indissociabilidade entre nós e o lugar; portanto, uma vida não pode ser vivível se não for desde um lugar ou, como colocado por Sebinelli e Costa (2023, p. 11), “voltando à questão do habitar heideggeriano, se somos à medida que habitamos, quando o habitar nos é negado, também nossa própria existência o é”.

Se somos o lugar e o lugar somos nós, assim como somos em relação ao Outro e ele é em relação a nós, na morte e, conseqüentemente, no luto, não estamos lidando com a perda da vida de outrem, mas com a perda de nós mesmos em relação.

### **Quando cruza a Ipiranga e a Avenida São João: um lugar-Arouche**

A região que fica entre a Praça da República e o Largo do Arouche, em São Paulo (SP), com especial olhar para o Largo, compreende um lugar que é ocupado pela população LGBTQIA+ desde, pelo menos, os anos 1950, como pode ser observado nos trabalhos de Barbosa da Silva (2005), Perlongher (1987), Green (2000) e França (2006).

Ali, a população homossexual se encontrava para realizar *footing*<sup>5</sup>, socializar, se tornarem disponíveis aos encontros sexuais, que podiam acontecer nos banheiros públicos do Largo do Arouche ou nos cinemas da região (BARBOSA DA SILVA, 2005). Foi ali que centenas de pessoas trans, travestis e gays marginalizadas escolheram e foram levadas a escolher (PERLONGHER, 1987), para se estabelecer, a prostituição, para se entregarem ao desejo do outro, que muitas vezes é acompanhado da violência inerente à sua corporeidade, cuja simples existência, como ser animado ou como objeto de desejo, ameaça, no olhar daqueles que violentam, a existência de quem está na norma, pois questiona o sentido de mundo que formam o sentido de eu daqueles que estão conformados às normas e categorias do mundo social (BUTLER, 2022a).

Durante a década de 1980, após repetidas tentativas de retirada da população

---

<sup>5</sup> Trata-se de uma antiga prática das cidades do interior, assimilada pelos homossexuais da época, que consistia de “grupos de homens e mulheres jovens circulavam em direções opostas em torno da praça principal da cidade com o objetivo de flertar, trocar fofocas e escolher um namorado ou uma namorada” (GREEN, 2000, p. 276)



homossexual dessa região, a região do Arouche e da Avenida Vieira de Carvalho passam a ser foco da confluência de grupos homossexuais por conta de uma nova onda de fortes repressões nas outras regiões homossexuais da cidade, e do chamado “desbunde” gay (massivo movimento de “saída do armário” por parte dos gays, inspirado por figuras públicas como Ney Matogrosso, Caetano Veloso, Gilberto Gil e os *Dzi Croquettes*) que tem como epicentro o Largo do Arouche (PERLONGHER, 1987). A efervescência das ruas reflete no surgimento de uma militância organizada, que consegue fundar o Grupo Somos de Afirmação Homossexual<sup>6</sup>, cujo objetivo era a libertação dos gays. Os membros ligados ao Grupo se encontravam no Bar 77, de frente para o Largo do Arouche, o que reforça a importância desse espaço para a formação política do posterior movimento LGBTQIAPN+ e da militância organizada (PERLONGHER, 1987).

O fortalecimento dos grupos e espaços homossexuais têm como ponto culminante o verão de 1980, quando o centro “foi praticamente ocupado por massas de bichas, gays, travestis, marginais, bofes, prostitutas etc.” (PERLONGHER, 1987, p. 107). Entretanto, esse movimento não passaria despercebido pelos setores conservadores. Em toda a região, em especial em volta do Largo do Arouche, havia prédios residenciais de classe média e restaurantes de luxo.

No início, as queixas anônimas desses setores resultaram em rotineiras violências policiais. Porém, em abril do mesmo ano, o jornal *O Estado de S. Paulo* faz uma campanha bastante barulhenta sobre o “perigo dos travestis”(BARRETO; LOMBARDI, 1980; O ESTADO DE SÃO PAULO, 1980; PERLONGHER, 1987), que resultou em uma movimentação de forças políticas. O delegado José Wilson Richetti é transferido para a região central, que, em resposta à campanha do jornal, instaura a Operação Limpeza (ou Operação Rondão).

É então que, após a prisão de diversas pessoas da comunidade, acontece uma passeata organizada pela população homossexual e pelos movimentos feministas e negros para protestar contra José Wilson Richetti e sua operação higienista.

João Silvério Trevisan, que foi um jornalista brasileiro e ativista pelos direitos homossexuais, tendo sido também um dos fundadores do Grupo SOMOS e do jornal

---

<sup>6</sup> De acordo com Green (2000), o grupo Somos foi a primeira organização brasileira criada pelos direitos gays. Teve como um de seus precursores João Silvério Trevisan, jornalista brasileiro que havia morado em São Francisco e se inspirado no movimento de liberação gay da Área da Baía de São Francisco.



Lampião da Esquina<sup>7</sup>, em julho de 1980 escreve o seguinte relato no Lampião:

Naquela sexta-feira 13 de junho, dia de Santo Antônio, quase mil pessoas se reuniram diante do Teatro Municipal, no começo da noite. [...] Compareceram sim as bichas rasgadas que pouco têm a perder além da vida. Mesmo debaixo de um certo clima de tensão, foram se abrindo algumas faixas que pediam a exoneração de Richetti, protestavam contra a prisão cautelar ali experimentada e exigiam o fim da violência policial, da discriminação racial e a libertação de putas e travestis. [...] Entrando no Largo proibido desde há duas semanas, os manifestantes gritam O AROUCHE É NOSSO (TREVISAN, 1986, p. 313)

Essa reivindicação pelo lugar é intrínseca e concomitantemente, uma reivindicação pelo existir, como vida e como cidadão. É persistir, resistir ao apagamento. “A aspiração normativa em ação aqui tem a ver com a capacidade de viver, respirar e se locomover [...]” (BUTLER, 2022, p. 59).

Esse grito, que começa em 1980, continua até os dias de hoje. Conforme pode ser visto no trabalho de Bernardes e Costa (2021), a região ainda é ocupada por grupos LGBTQIA+, que se especializam pela área de acordo com suas diferentes preferências e desejos. O trabalho de Puccinelli (2017) também nos mostra como o Largo é crucial para grupos LGBTQIA+ que se unem em torno desse lugar, criando laços afetivos, familiares e de suporte entre si, nos mostrando novamente a importância da reflexão de Butler (2022a) sobre o fim do parentesco heterossexual.

Até hoje, coletivos LGBTQIA+ da área lutam contra as tentativas higienistas de apagamento e gentrificação. É o caso recente do projeto urbanístico proposto para a região pela prefeitura em parceria com escritórios de arquitetura franceses nomeado “*Petit Paris*” e que deixa completamente de lado a história de décadas da comunidade e não prevê a população LGBTQIA+ no projeto (LORES, 2017; PAULO, 2019). Coloca-se a necessidade de revitalizar a área porque é “perigosa”, discurso que esconde o fato de que, na realidade, o que se deseja é retirar os corpos LGBTQIA+ periféricos e racializados que habitam esse espaço.

Esse movimento repetidamente feito de reivindicação dos grupos LGBTQIAPN+ pelo Largo do Arouche desvela uma relação profunda e constituinte com o lugar. Não é um movimento de reivindicação de um espaço no sentido extensivo, mas

---

<sup>7</sup> *Lampião da Esquina* foi um tabloide mensal fundado por intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo em 1978, cuja publicação era dirigida ao público homossexual, em especial, como aponta MacRae, aqueles que frequentavam o “gueto” paulistano (GREEN, 2000; MACRAE, 2005).



uma reivindicação ligada ao próprio ser.

### **Entre o descanso e movimento: o lugar**

“O sentido de lugar, implica o sentido de vida e, por sua vez, o sentido do tempo”  
Lívia de oliveira (2012, p. 3)

O lugar enquanto dimensão do vivido exerce um papel fundamental na condição do existente. Há uma estreita relação entre o lugar e o sentido político de sua manifestação a partir do habitar. O que Buttimer (2015) nos orienta é pensar o lugar por dois prismas, o sentido de lar e o sentido de horizonte de alcance. O lar enquanto uma postura de dentro, e o horizonte de alcance enquanto uma postura para fora, que nada mais é que a relação entre descanso e movimento (BUTTIMER, 2015; MOREIRA; PACHECO JUNIOR; MARANDOLA JR., 2023).

Essas posturas de Buttimer (2015) nos faz pensar a articulação entre a vida política e a construção das identidades das pessoas que se arraigam pelo lugar, de modo que temos de nos precaver ao compor as significações de lugar remetendo a “lugar é isso” ou “lugar é aquilo”, pois isso impossibilita a abertura para o campo de fenomenalidade desse.

Ao limitar a fenomenalidade do lugar a partir da substancialidade, recorreremos a uma velha máxima de relação usada na Geografia entre sujeito e lugar. Ambos são coexistentes, mas quem outorga quem? Quem denota a fenomenalidade? Preliminarmente, podemos dizer que o lugar passa a ser substancializado pelo sujeito a partir das possíveis aparições e manifestações daquele fenômeno lugar. Findado esse processo, preencho o lugar de significações, à lá espírito-aranha sartreano (SARTRE, 2005).

Nessa linearidade de pensamento, nutrem o lugar de significados e perpetuam essa significação como presente mutável. Após digerir as informações coletadas, assimilam que a fenomenalidade do lugar possa ser estática e preenchida por sentimentos e sensações. Tomam a fenomenalidade do lugar com base na sua aparição e esquecem por vezes da situação que atravessa e metamorfoseia o lugar constantemente.

Ou seja, não ocorre uma explosão no mundo, ainda trabalhamos num emaranhado de estados de consciência encapsulados, enquadrando o lugar como conteúdo da consciência, numa perspectiva da consciência moderna. Estamos ainda tão preocupados com a *claridade* do fenômeno e os purismos, que não nos damos conta da própria



fosforescência fenomenal que é aquecida justamente pela situação.

Por isso, amalgamar a ambiguidade e não a dicotomia no fazer-fenomenologia nos parece um caminho galvanizado para a explosão da própria intencionalidade. Edward Casey (2018) em *“Place and Situation”* relata que lugar e situação se mesclam no cotidiano e acabam por se confundirem nas suas fenomenalidades. De antemão, o filósofo rabisca no texto uma alusão de que seria fácil distinguir, ou diferenciar o lugar da situação, haja vista que o “lugar seria o local, onde algo pode ser encontrado; já a situação é como as coisas são dispostas no lugar” (CASEY, 2018, p. 19. Tradução livre)<sup>8</sup>. Isso devido à tradição escolástica de assimilar o lugar como um contêiner, ou, como Aristóteles havia definido, primeiro limite imutável daquele que o rodeia.

Sabemos que a ambiguidade entre a situação e o lugar irão coadunar nas situacionalidades do lugar, assim como nas lugaridades das situações, pois, a situação por sua vez implica o lugar, ela se dobra no lugar. Sendo assim, para refletir sobre o lugar, uma possibilidade a fazermos é a de se abrir para as possíveis dobras das situações.

Cada dobra pode vir a manifestar uma situacionalidade do lugar, enviscado e explosivo no mundo. Por isso, a situação e o lugar se tornam co-existentes por meio da ambiguidade, pois, para Casey (2018), estar situado significa, no mínimo, estar num lugar onde os eventos e as coisas podem vir a ser coerentemente relacionados uns com os outros. O “lugar não é apenas coadunante, mas também desconstrutivo - desconstrutivo de oposições que trazem e fazem permanecer juntas essa própria ambivalência” (CASEY, 1996, p. 36. Tradução livre)<sup>9</sup>. Sendo assim, há uma cadeia de construção e desconstrução que paira sobre o lugar que nos impossibilita de entendê-lo como um contêiner.

Marandola Jr. (2020a, p. 10) salienta que “o fenômeno lugar, pensado a partir das lugaridades de uma geografia-mais-que-extensiva, não se constitui a partir de sujeitos e objetos, mas de emergências, as quais entrelaçam de maneira essencial espaços, lugares e entes em ato”. Ou seja, rascunhar a fenomenalidade do lugar num sentido de adverbialidade que rabisca a circunstância por entre as situações. Também numa postura a partir de uma “topologia relacional que em sua presentificação acontecimental, não se delinea a partir de uma anterioridade histórica, mas de um acontecer” (MARANDOLA

---

<sup>8</sup> “Place would be location, where something is to be found; “situation” is how things are disposed in place” (CASEY, 2018, p. 19).

<sup>9</sup> “Place is not only codnative but also deconstructive – deconstructive of oppositions that it brings and holds together within its own ambience” (CASEY, 1996, p. 36)



JR., 2020a, p. 10).

O lugar de resistência que pensamos juntos ao longo desse texto, se articula com a própria situacionalidade de cada existente. Seja pelo descanso ou pelo movimento, o habitar se manifesta enquanto condição.

Para Heidegger (2012, p. 127), “A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual somos homens sobre essa terra é o Buan, o habitar”. Como bem apontado por Marandola Jr. (2021, p. 54), “lugar, para Heidegger (2001c), não é um ponto no espaço geométrico euclidiano. Ele possui o caráter de reunião, de atravessamento, sendo, portanto, referência de sentido para a própria existência”. O ser-situado, portanto, é em situação, em movimento de indissociabilidade com este mundo, conforme coloca Marandola Jr. (2021).

Quando Butler fala sobre essa existência que se dá como movimento para fora, ela não começa pelo lugar. Começa pelo luto, como já debatemos anteriormente, mas passa também pela sexualidade. Para a autora, “a sexualidade não é simplesmente um atributo que se tem, uma disposição ou um conjunto padronizado de inclinações. É um modo de se dispor em relação aos outros [...]” (BUTLER, 2022a, p. 61). O movimento se estar fora de nós mesmo é uma dimensão da nossa existência como seres sexuais, diálogo que ela faz com Merleau-Ponty (2018).

Mas, o lugar, que é existencial, se desvela como um lugar na relação com os Outros. O habitar não é individual. Não se trata de *Eu* ser à medida que habito, mas **SERMOS** à medida que habitamos. Somos em relação com o Outro e o lugar concomitantemente, portanto o lugar se desvela em uma relação coletiva.

### **Vidas vivíveis e o enlutamento público**

Para nós, fica muito evidente na história do Largo do Arouche e no modo como ela foi sendo contada ao longo do tempo, justamente a indissociabilidade entre ser-sexualidade-lugar. O Arouche é um lugar de resistência LGBTQIAPN+ à medida que ali habitam, em sentido existencial, pessoas LGBTQIAPN+, que existem, que são em relação umas às outras pela sexualidade. Tudo ao mesmo tempo, em um movimento indissociável. O Arouche continua, reiteradamente, sendo lugar de existência para essas pessoas, pois ali elas habitam e são há medida que ali habitam.



Um projeto recente da Universidade de São Paulo (USP) em parceria com o Coletivo *Arouchianos LGBTHQIAPD+* chamado MONA<sup>10</sup> (Museu de Ocupação e Narrativas do Arouche LGBTQIA+) tem feito um movimento de valorização das referências culturais da população LGBTQIAPN+ na região, inclusive contando com um inventário participativo, no qual a própria população indica quais são os monumentos, eventos, lugares, entre outras referências, que devem ser valorizadas e preservadas. Esse projeto encontra-se em íntimo diálogo com o documentário produzido pelo próprio Coletivo, em 2019, chamado “(R)EXISTIR, QUEM OCUPA EXISTE! - Documentário Famílias no Arouche”<sup>11</sup>, que mostra a resistência das famílias e pessoas LGBTQIAPN+ contra os projetos da Prefeitura de São Paulo de “requalificação” da área.

Existir é um ato de resistência, um ato que só se faz na ocupação do lugar. Ocupar o Arouche enquanto uma vida ininteligível é, como coloca Butler (2019), insistir em permanecer animado, é “viver teimosamente nesse estado de morte” (BUTLER, 2019, p. 37) e, portanto, resistir à sua negação enquanto vida, vivendo. Esses movimentos desvelam uma relação dessas pessoas com o lugar que é de cunho existencial, como já indicado pelo próprio nome do documentário, que nos remete ao que é colocado por Marandola Jr. (2021, p. 55):

O que este em jogo aqui é uma compreensão da relação homem-natureza e sociedade-ambiente que ultrapassa o dualismo moderno e a separação radical entre os dois, concebendo, em sentido existencial, o acontecer simultâneo e indissociável, *tal como aparece na experiência*

O Arouche se mostra um lugar para essas pessoas, com o qual não somente há uma relação existencial, mas a partir do qual elas espaçam a própria existência. O Arouche é uma referência, é uma casa, um habitar (SEBINELLI; COSTA, 2023).

Muitas vidas foram perdidas nessa luta que não é sobre um espaço enquanto extensividade, como no sentido posto pela Modernidade, mas uma luta pela própria existência, para poder ser-no-mundo. No caso do Largo do Arouche e da Praça da República, essas vidas sacrificadas estão na maior parte do tempo corporificadas nos corpos das pessoas trans e travestis, especialmente as que se prostituem na área. É possível perceber a presença desses corpos ali desde o trabalho de Barbosa da Silva

<sup>10</sup> < <https://arouchianos.com.br/mona.html> > Acesso em: 10 de julho de 2023

<sup>11</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=C4EcehUIvQY> > Acesso em: 10 de julho de 2023



(2005) – ainda que ele não os nomeie assim por conta de seu contexto, nos anos 1950 – e ela se mostra com ainda mais força no trabalho de Perlongher (1987), onde vemos a tentativa de extermínio deles no fim da Ditadura.

Apesar de tudo isso, eles ainda persistem. Estão lá até hoje em sentido de metamorfose.

Em visita ao lugar, em março de 2022, pudemos ter contato com algumas pessoas da região. A presença de pessoas trans e travestis é palpável, assim como o claro abandono dessas vidas e até mesmo sua criminalização (estão presentes em estado de morte, em estado de negação pelos outros, em violência e apagamento). Em conversa com algumas pessoas, vemos que a maioria das trans e travestis não possuem casa, são obrigadas muitas vezes a morar na casa de cafetões e cafetinas. Alguns conseguem pagar mensalidades nos hotéis da região, mas sob certa insegurança. Há também quem está em situação de rua. A polícia não protege esses corpos contra a violência. Pelo contrário, o que foi relatado é que por diversas vezes são os próprios policiais que começam a violência contra eles.

“Vidas transgênero têm um potencial e um impacto real na vida política em seu nível mais fundamental, isto é, no nível em que se determina quem conta como humano e quais normas governam a aparência de uma humanidade ‘real’” (BUTLER, 2022a, p. 55). Por isso, a maior resistência dessa área advém dessas pessoas, desses corpos.

Quando pensamos, então, em um lugar de resistência, estamos pensando nesse espaço existencial daqueles que buscam o *status* de vida e, portanto, o próprio lugar e sua existência se tornam parte da luta ali travada. A existência, em si, é um ato de resistência, desse corpo que insiste em estar animado, se mostrando vivo sem ser vida. Se a busca é epistemológica, de ser reconhecível como vida, de modificar o entendimento do que é humano, então o lugar se manifesta nessa busca.

Voltamos, aqui, na questão do luto.

Argumentamos, então, que lugares de resistência são lugares porque eram lugares para essas pessoas, eram parte da existência dessas pessoas que se foram e agora perdem um pedaço de si. Enlutar de maneira pública essas vidas que morreram lutando para que nossas vidas fossem reconhecidas como vidas, para que nossos corpos fossem humanizados, é mostrá-las como vida, passíveis de luto; mas é também colocar no lugar



uma lembrança de uma parte dele mesmo. Buscar esses nomes, aprender suas histórias, nos entregar a essas vidas e sermos constituídos por elas é humanizá-las, é enlutar e lutar.

Daí a importância de um movimento como o do Museu da Diversidade Sexual, localizado no metrô da Praça da República, em São Paulo (SP), de mostrar uma exposição<sup>12</sup> justamente sobre as memórias da ditadura, expondo diversas edições do jornal *Lampião da Esquina* ou uma sobre a história das *drag queens* de São Paulo, que levou ao seu fechamento por ordem judicial<sup>13</sup>. Ou, também, do que fez o Centro de Referência e Defesa da Diversidade (CRD), localizado nas proximidades do Largo do Arouche de acrescentar o nome de Brunna Valin<sup>14</sup>, ativista local pelos direitos LGBTQIAPN+ e HIV/Aids que havia sido orientadora socioeducativa no centro.

Essas vidas são contadas, lembradas e, assim, enlutadas pela comunidade, já que fazem parte dela.

O corpo implica mortalidade, vulnerabilidade, agência: a pele e a carne nos expõem ao olhar dos outros, mas também ao toque e à violência. O corpo pode ser a agência e o instrumento de tudo isso ou o local onde “fazer” e “ser feito para” se tornam equívocos. Embora lutemos por direitos sobre nossos próprios corpos, os mesmos corpos pelos quais lutamos nem sempre são apenas nossos. O corpo tem invariavelmente uma dimensão pública; se constitui como um fenômeno social na esfera pública, meu corpo é e não é meu (BUTLER, 2022, p. 43).

Por isso, esse movimento de enlutamento público e coletivo por essas vidas que não são consideradas vidas, precisa ser parte fundante do que é um lugar de resistência; pois, em última instância, enlutar aqueles que não são enlutáveis é resistir. Resistir à violência do apagamento das normas que não vêm a nós e aos nossos como vidas, como dignos de luto, como dignos de *habitar*.

<sup>12</sup> A programação do Museu da Diversidade Sexual pode ser acompanhada através de seu site < <https://museudadiversidadesesexual.org.br/programacaohistorico> > Acesso em: 19 de Jan de 2023, ou através de sua página do Instagram < <https://www.instagram.com/museudadiversidadesesexual/> > Acesso em: 19 de Jan de 2023.

<sup>13</sup> < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/04/30/museu-da-diversidade-sexual-alega-decisao-judicial-e-fecha-no-lancamento-de-exposicao-com-drag-queens-paulistanas.ghtml> > Acesso em: 19 de Jan de 2023.

<sup>14</sup> < <https://agenciaaids.com.br/noticia/centro-de-referencia-e-defesa-da-diversidade-altera-nome-para-homenagear-bruna-valin/> > Acesso em: 19 de Jan de 2023



## REFERÊNCIAS

BARBOSA DA SILVA, J. F. Homossexualismo em São Paulo: Estudo de um grupo minoritário. Em: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Eds.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

BARRETO, E. M.; LOMBARDI, R. O perigo aumenta nas ruas de São Paulo. **O Estado de São Paulo**, 28 mar. 1980.

BERNARDES, A. H.; COSTA, B. P. DA. Dias e noites no Arouche: narrativas sobre regiões gays. Em: TURRA NETO, N. (Ed.). **Geografias da noite: exemplos de pesquisas no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

BUTLER, J. **Vida Precária: Os Poderes Do Luto e Da Violência**. Belo Horizonte: Autentica, 2019.

BUTLER, J. **Desfazendo gênero**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUTTIMER, A. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, v. 5, n. 1, 2015.

CARBONARA, Vanderlei. Humanismo do outro homem: perspectivas de uma formação a partir da sensibilidade e da ética com Emmanuel Levinas. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v.34, n.70, p.307-332, jan./abr. 2020.

CASEY, E. S. How to get from space to place in a fairly short stretch of time: Phenomenological prolegomena. Em: FELD, S.; BASSO, K. H. (Eds.). **Senses of place**. Santa Fe: N.M.: School of American Research Press, 1996. v. 27p. 13–52.

CASEY, E. S. Place and Situation. Em: HÜNEFELDT, T.; SCHLITTE, A. (Eds.). **Situatedness and Place: Multidisciplinary Perspectives on the Spatio-temporal Contingency of Human Life**. Contributions To Phenomenology. Cham: Springer International Publishing, 2018. v. 95p. 19–25.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1999.

FRANÇA, I. L. **Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 31 mar. 2006.

GREEN, J. N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HEIDEGGER, M. Construir, Habitar, Pensar. Em: HEIDEGGER, M. (Ed.). **Ensaio e conferências**. Tradução: Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HOLZER, W. Ser-na-Cidade: Por uma Arquitetura e Urbanismo como lugar. **Pensando - Revista de Filosofia**, v. 8, n. 16, p. 20–32, 2017.



LEVINAS, Emanuel. **Totalidade e Infinito**. Trad. José Pinto Ribeiro. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70, 1980.

LORES, R. J. Prefeitura recorre a consulados e a empresas estrangeiras para reformar pontos da cidade. **Folha de São Paulo**, 23 abr. 2017.

MACRAE, E. Em defesa do Gueto. Em: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Eds.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MARANDOLA JR., E. Morte e vida do lugar: experiência política da paisagem. **Pensando - Revista de Filosofia**, v. 8, n. 16, 2017.

MARANDOLA JR, E. Lugar e Lugaridade. **Mercator (Fortaleza)**, v. 19, n. e19008, 19 jun. 2020a.

MARANDOLA JR., E. Ainda é possível falar em experiência urbana? Habitar como situação corpo-mundo. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 42, p. 10–43, 1 jul. 2020b.

MARANDOLA JR., E. **Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano**. 1a edição ed. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2021.

MARANDOLA JR., E.; LIMA-PAYAYÁ, J. DA S. Qual humanismo para a Geografia Humanista? Em: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; BATISTA, G. S. (Eds.). **Portais da Terra: contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea 1**. Teresina: Edufpi, 2023. p. 525–542.

MOREIRA, Tiago Rodrigues. Lavrando a existência gay: ontofenomenologia da sexualidade-em-situação. **Dissertação**. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas. 2021.

MOREIRA, T. R.; PACHECO JUNIOR, N. C.; MARANDOLA JR., E. Casa como lar: entre descanso e movimento. **Kalagatos**, v. 20, n. 2, p. eK23023, 13 jun. 2023.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Polícia já tem plano conjunto contra travestis. **O Estado de São Paulo**, 1 abr. 1980.

OLIVEIRA, L. DE. O sentido de lugar. Em: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W. (Eds.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PAULO, P. P. Prefeitura quer transformar Largo do Arouche em “boulevard” com inspiração francesa. **G1**, 24 maio 2019.

PERLONGHER, N. O. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. 2a ed.-ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.



PUCCINELLI, B. lar, memória e resistência: reflexos e reflexões sobre mercado imobiliário, homossexualidades e o “tradicional bairro gay” da cidade de São Paulo. Em: AYERBE, J.; LUHMANN, D. (Eds.). **Cidade Queer, uma leitora**. São Paulo: Edições Aurora, 2017.

SARTRE, J.-P. Uma idéia fundamental da fenomenologia de husserl: a intencionalidade. **Veredas FAVIP**, v. 2, n. 1, p. 102–105, jun. 2005.

SEBINELLI, M.; COSTA, N. V. DA. Desfazendo a técnica: : A casa-estojo e o habitar. **Kalagatos**, v. 20, n. 2, p. eK23024, jun. 2023.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**. [s.l.] Max Limonad, 1986.



**DE QUEM SÃO OS LUGARES NA CIDADE?  
TRAJETÓRIAS GAYS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ**

*Whose are the places in the city? Gay trajectories in Campos dos Goytacazes - RJ*

Fernanda de Faria Viana Nogueira<sup>1</sup>  
Antonio Bernardes<sup>2</sup>  
Felipe Costa Aguiar<sup>3</sup>

**RESUMO**

Pensar nas cidades que construímos é constituir também a construção de um olhar para os corpos que ocupam esses espaços. Neste trabalho, buscamos mergulhar na experiência da sexualidade-em-situação de homens gays da cidade de Campos dos Goytacazes - RJ. A história da construção da cidade se entrelaça em memórias de opressão e violências que até hoje se perpetuam na situação dos corpos desses homens, que a partir de suas trajetórias e experiências, resgatam memórias das situações que viveram e ainda vivem na cidade. Há, portanto, a urgência de um imperativo de mudança que vai acontecendo individualmente e coletivamente, indicando que as suas experiências reivindicam e extrapolam as estruturas que um dia impediram seus corpos de existirem.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Cidade; Sexualidade-em-situação; Experiência; Homens gays.

**ABSTRACT**

Thinking about the cities we build is also the construction of a look at the bodies that occupy these spaces. In this paper, we seek to dive into the experience of sexuality-in-situation of gay men in the city of Campos dos Goytacazes - RJ. The history of the construction of the city is intertwined in memories of oppression and violence that even today are perpetuated in the situation of the bodies of these men, who from their trajectories and experiences, rescue memories of situations that they lived and still live in the city. There is, therefore, the urgency of an imperative for change that is happening individually and collectively, indicating that their experiences claim and go beyond the structures that once prevented their bodies from existing.

**Keywords:** Sexuality; City; Sexuality-in-Situation; Experience; Gay Men.

<sup>1</sup> Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: f262924@dac.unicamp.br

<sup>2</sup> Professor de Geografia da UFF; E-mail: antonio\_h\_bernardes@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: felipeaguiar@id.uff.br



## Qual o lugar dos gays em Campos dos Goytacazes-RJ?

Há duas perguntas que apresentam este trabalho, a primeira introduz o título do artigo, enquanto a segunda intitula esta seção. Assim, há duas vias possíveis para adentrar nossas reflexões, sendo uma o complemento da outra.

Ao nos perguntarmos de quem são os lugares na cidade não indicamos que alguém detém a posse dos lugares, pelo menos não objetivamente. Com essa afirmação queremos dizer que nas relações sociais que permeiam os lugares há pessoas que performam mais poder, influência e controle (COSTA, 1992; NOGUEIRA, 2019). Por mais que isso não os garanta a posse do lugar, possibilita que suas performances e desejos se sobreponham em relação aos outros, o que causa uma assimetria no exercício da liberdade, principalmente (BUTLER, 2017; 2018a).

A pergunta “qual o lugar dos gays em Campos dos Goytacazes-RJ?” complementa e torna complexa o que perguntamos no parágrafo anterior. Porque? Apesar de considerarmos que comumente o exercício do poder e da liberdade são desiguais quando comparamos as trajetórias gays com outras trajetórias, reconhecemos que essas experiências também são distintas, ou seja, são constituídas de particularidades.

O trânsito entre o coletivo e o particular na pesquisa com as sexualidades é o que Moreira (2021, p. 24) chamou de sexualidade-em-situação:

Por assim dizer, saliento que a sexualidade-em-situação que arrola nessa trama tem a ver com a possibilidade da não hegemonização dos termos que caracterizam e petrificam as corporeidades. Por isso, quando digo que ela se assenta no movimento, é justamente, esse movimento de não petrificação do ser-em-situação por meio de um conceito pré-definido (MOREIRA, 2021, p. 24).

Ao compreendermos a experiência gay na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ por meio da sexualidade-em-situação arrolamos a experiência em movimento, isto é, o ser-em-situação como verbo, como quem se move e não se petrifica, como quem caminha em direção aos próprios desejos por mais que viva uma vida interpelada pelos desejos dos outros. Com isso, queremos dizer que falamos sobre experiências particulares de homens



gays, mas nunca sobre todos os gays.

Assim sendo, a sexualidade-em-situação nos impede de afirmar qual o lugar dos gays em Campos dos Goytacazes-RJ, nos restando fazer uma descrição da situação na qual os gays existem nessa cidade, num movimento de mergulho, entrecruzando fatos da história coletiva dos homens gays em Campos dos Goytacazes, experiências particulares e conclusões gerais de autores que se dedicaram à investigação dos gêneros e sexualidades, o que nos permite atingir convergências e divergências entre nossa investigação e pesquisas sobre outras experiências de sexualidade.

Em vez de afirmar o lugar dos gays em Campos dos Goytacazes-RJ dedicamos este texto às trajetórias, buscando uma fenomenologia das experiências com as quais tivemos contato, uma das inúmeras possibilidades da sexualidade-em-situação emergir nos corpos gays que habitam a cidade de Campos dos Goytacazes.

### **Nem todo gay, mas sempre um gay**

Recentemente tem circulado nas redes sociais digitais um meme que pejorativamente se refere aos homens gays, que diz “nem todo gay, mas sempre um gay”. De forma pejorativa, esse meme <sup>4</sup>é utilizado para se referir a qualquer tipo de erro que os gays possam cometer, por exemplo, insultar ou julgar alguém. Internautas respondem a essas ações com a justificativa de que nem todo gay comete tais ações, mas sempre um gay as faz, o que implica na mesma coisa. Essa expressão está embebida de preconceito, assim como várias outras. Mas por quais razões ela intitula esta seção?

Gostaríamos de subverter o sentido visado com a frase “nem todo gay, mas sempre um gay”, como se rasurássemos o significado da zombaria, possibilitando que a expressão usada para ofensa abra outros sentidos. Como? Em vez de utilizar esse meme para indicar ações errôneas de homens gays, que por sinal podem ser de qualquer pessoa, objetivamos pensar sobre as experiências que nem todo gay, mas sempre um gay vive. Assim, subvertemos a frase para reverter o sentido aberto por ela.

Exploramos as trajetórias gays na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ, portanto, as experiências que investigaremos dizem respeito à sexualidade-em-situação na cidade, e não nas áreas rurais do município. Também por isso, para compreendermos o que nem

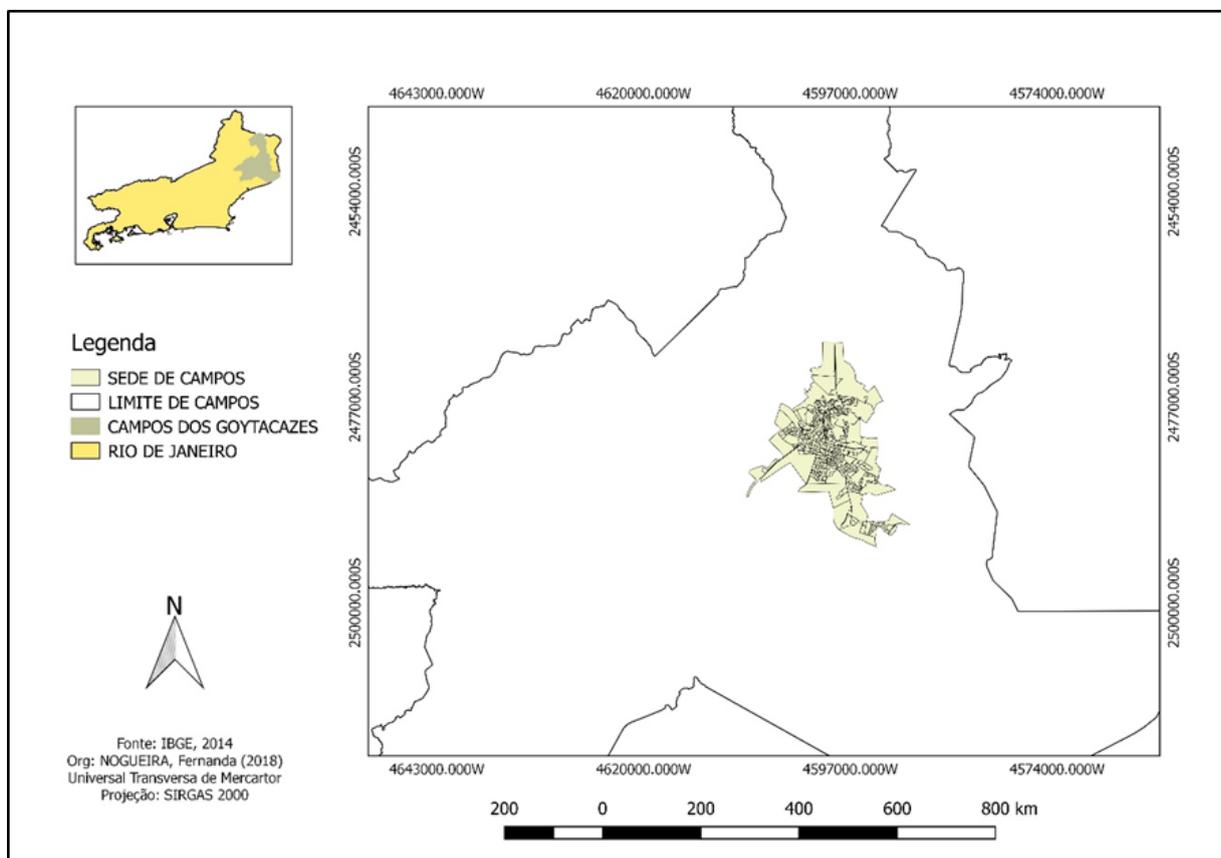
---

<sup>4</sup> A expressão meme é usada para descrever um conceito de imagem, vídeos, GIFs e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet.

todo gay, mas sempre um gay vive nessa cidade é preciso que compreendamos um pouco da história da cidade e também da história coletiva dos homens gays em Campos dos Goytacazes, porque juntas essas histórias compõem a situação na qual os gays sempre ou quase sempre existem na cidade.

Campos dos Goytacazes, localizada ao norte do Estado do Rio de Janeiro, é conhecida por sua grande extensão territorial, sendo o município mais extenso de todo o Estado do Rio de Janeiro.

**FIGURA 1 – Localização do Município de Campos dos Goytacazes**



Desde as décadas de 60 e 70 o tradicionalismo como forma de controle na e da cidade de Campos se faz a partir de diversos grupos, dentre eles a Sociedade Brasileira da Tradição, Família e Propriedade (TFP). As influências desses grupos reverberam em diferentes âmbitos da sociedade, como demonstrou Nogueira (2019) ao indicar a intervenção de grupos ligados às instituições religiosas, principalmente as cristãs, que se colocaram contra os direitos das ditas minorias sociais, como ocorreu com a oposição de



algumas igrejas católicas à reforma agrária em 1970 e as condenações contra as primeiras articulações do que seria o movimento gay no final da década de 90.

Apesar desse contexto de oposição e opressão, Santos (2016) disserta que em 1990 o movimento gay começa a tomar forma organizacional na cidade. Naquele momento, um dos principais desafios do movimento era garantir o direito dos corpos gays transitarem na cidade, o que diversas vezes ainda é negado aos corpos desviantes que transgridem o enquadramento padrão de ser homem branco, heterossexual e cristão (BUTLER, 2017; BUTLER, 2018a; 2019a).

Em Campos dos Goytacazes, a assimetria não se dá apenas nas relações de gênero e sexualidade, Nogueira (2017) apresentou como a economia campista conserva rastros da colonização, como a concentração fundiária nas mãos de poucos fazendeiros. Além disso, Nogueira (2017) apontou que essa estrutura se reproduz no processo de urbanização do município, que se reflete, entre vários aspectos, na falta de oferta de serviços básicos como saúde, transporte, educação e lazer nas áreas mais distantes do centro da cidade, enquanto os bairros centrais concentram esses serviços em certa abundância. Portanto, a desigualdade social soma-se à desigualdade de gênero e à impossibilidade de exercer livremente a sexualidade gay na cidade.

Nessa mescla de opressões e assimetrias, Santos (2016) expôs um breve histórico da história coletiva das identidades gays na cidade de Campos dos Goytacazes. Segundo o autor, em 1996 o “I Fórum dos Sexualmente Discriminados” aconteceu na cidade, e alguns dias depois houve uma passeata na Praça São Salvador em frente à Catedral do Santíssimo Salvador, localizada no Centro. Nas proximidades da praça, mais especificamente na orla da Lapa, região também conhecida como beira rio devido margear o Rio Paraíba do Sul, começam a acontecer os primeiros movimentos que culminaram na organização da 1ª Parada Gay em Campos. Nessa época, o “GayOsque” era o quiosque da orla conhecido como ponto de encontro da comunidade LGBTQIA+ na cidade.

Ainda de acordo com Santos (2016), é somente no ano de 2006 que os movimentos iniciados em 1990 se concretizam em uma Parada Gay, que mobilizou aproximadamente dez mil pessoas. Embora os pontos de encontro da comunidade LGBTQIA+ fossem na área urbana de Campos dos Goytacazes, mais especificamente no centro da cidade, a Parada Gay aconteceu na orla da praia Farol de São Thomé, que fica a cerca de 80 km do bairro Centro. Esse evento teve significativo impacto e gerou uma



grande repercussão nos jornais do município.

Em decorrência da liberdade conquistada por esses movimentos pioneiros, atualmente a cidade sedia outras manifestações e reivindicações que estão profundamente ligadas com os coletivos LGBTQIA+ que surgiram com o crescimento das universidades públicas e Instituto Federal de Campos, sendo elas a Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e Instituto Federal Fluminense (IFF). Dentre as várias ações dos coletivos articulados nessas instituições citamos a primeira edição da Semana da Diversidade, em 2013 (SANTOS, 2016; NOGUEIRA, 2017).

Essa breve e parcial contextualização histórica nos indica que há um ranço histórico nesta cidade, relações sociais que historicamente constituíram as situações nas quais os homens gays vivem suas trajetórias. Que relações são essas? Relações opressoras. Que ranço histórico é esse? O ranço do enquadramento, o esforço que a normatividade faz para não se desestabilizar, buscando manter-se como norma (BUTLER, 2017; 2018a).

Diante das opressões não resta outra opção para as identidades desviantes que não seja pôr os corpos na rua, formar alianças com iguais e simpatizantes e reivindicar publicamente o direito de existir em liberdade, ou melhor, a liberdade de existir (BUTLER, 2018b). Por isso a população campista LGBTQIA+ recorreu e continua recorrendo a eventos públicos para reivindicar seus direitos, porque é preciso mostrar ao município que todos os corpos importam, não só aqueles historicamente constituídos como os certos (BUTLER, 2019a).

Nas manifestações e reivindicações públicas, propõe-se que as ruas sejam ocupadas com todos os corpos, principalmente aos corpos desviantes aos quais a mobilidade é diversas vezes negada. Busca-se, portanto, uma aproximação com as assembleias, ato político que representa a radicalização da democracia assim como a democracia radical (BUTLER, 2018b).

Por que toda essa reivindicação é necessária? A reivindicação pelo direito à existência torna-se necessária em um mundo que reverbera a ordem heteronormativa e patriarcal. Aliás, enquanto corpo desviante os gays representam a perturbação da paz. Como Butler (2018a) advertiu, o enquadramento força que os desviantes sejam enquadrados na norma, mesmo que isso custe suas vidas. Inclusive, a noção de vida



também pode ser questionada quando pensamos a situação dos gays em meio às sociedades heteronormativas. Eles são vidas? Se sim, suas vidas merecem ser enlutadas e, por consequência, vividas? A partir de diversas fontes Butler (2019b) nos indica que não. Por isso, reafirmamos que o gay não pode existir e que para que a normatividade perdure eles sequer podem existir, quiçá viver em paz.

Retomamos o meme com o qual abrimos esta seção e concluimos que, o que talvez nem todo gay viva, mas sempre um gay vive, é o combate contra si mesmo, é o impedimento quase que constante de exercer direitos básicos, como o de existir.

Contudo, esses apontamentos não nos permitem compreender como as trajetórias gays se dão na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ para além da história coletiva da população LGBTQIA+, que em muito se parece com a história mundial desses grupos, se é que podemos reivindicar uma história mundial para eles. Por isso, é preciso que mergulhemos na situação em que a sexualidade gay é experienciada em Campos dos Goytacazes, compreendendo a partir do próprio corpo essa sexualidade se dá, mas como ela é situada, corporificada, encarnada, de forma única, ou seja, sexualidade-em-situação (MOREIRA, 2021).

### **Sexualidade-em-situação: arrolando trajetórias gays em Campos**

Moreira (2021) compreende a sexualidade-em-situação enquanto entendimento da sexualidade como abertura e possibilidade, e não como cristalização das identidades de gênero e sexuais. Para isso, arrolamos as trajetórias dos corpos gays que pesquisamos com o objetivo de compreender como a experiência da cidade se relaciona com a experiência da sexualidade, possibilitando achados de pesquisa que estão para além da definição paralisante do que é ser gay, certa vez que visamos muito mais como o corpo gay é vivido.

Arrolar as trajetórias dos corpos gays que participaram da pesquisa é o processo ao qual recorreremos para relacionar sexualidade e cidade pela ótica da experiência corporificada, da experiência que se dá na carne do corpo gay, e não nos conceitos e pré-determinações sobre esses corpos.

O que queremos dizer com “arrolar trajetórias”? Arrolar nos diz daquilo que é posto em rol, em lista. Também indica atribuir a algo ou a alguém, pertencer a determinado grupo ou categoria. Indo além, se refere a inscrever-se, alistar-se, engajar-se.



Portanto, ao arrolamos trajetórias gays em Campos desvelamos como os corpos gays são atribuídos aos grupos na sociedade e categorizados como gays. Visamos, portanto, a experiência de ser categorizado e determinado como gay não só pela voz dos outros, mas dos próprios corpos gays. Nesse sentido, os relatos dos homens gays participantes da pesquisa expõe como eles interpretam a própria experiência de ser inscrito e de inscrever-se como gay, de ser engajado e de engajar-se como gay, ou seja, um ato hermenêutico de interpretar a própria trajetória enquanto corpo gay que vive a cidade de Campos.

Arrolar essas trajetórias é, sobretudo, engajar-se com os corpos que se engajaram enquanto corpos gays na, da e com a cidade de Campos dos Goytacazes. O percurso metodológico que nos pôs em contato com os homens gays com os quais dialogamos nesta seção estão descritos com detalhamento na dissertação “De quem são os lugares na cidade? Entendendo trajetórias gays em Campos dos Goytacazes” (2019), defendida por Fernanda de F. V. Nogueira no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes-RJ sob orientação do Prof. Dr. Antonio Bernardes. Cabe ressaltar que a abordagem e a interpretação dos depoimentos que culminaram na dissertação se difere do tratamento dado neste trabalho, que busca arrolar essas trajetórias por meio da noção de sexualidade-em-situação de Moreira (2021).

Arrolamos essas trajetórias por meio do emaranhado de identidades e estereótipos, de modo que ambos se confundam ao mesmo tempo em que se diferem. Mas como a identidade se torna uma questão? Os corpos carregam uma história de significados que estão em relação intrínseca com sua existência, pois estão continuamente inseridos e influenciados pela cultura que cultivam. São os corpos que ancoram a identidade, performando-a socialmente, culturalmente e politicamente situados (LOURO, 2000).

Contudo, por mais que as identidades pareçam e se esforcem para ser corporalmente fixadas, elas são inconstantes e flexíveis, ou seja, estão sempre em abertura (MOREIRA, 2021). Desse modo, como deveríamos entender o conceito de identidade? Haveria uma identidade gay que pudesse em algum ponto representar todos os corpos gays? Até que ponto se daria a reivindicação de uma única identidade gay que os representaria? O que faríamos com ela? Essa é a questão da identidade vivida intensamente pelos corpos gays, como traremos mais adiante, porém, antes precisamos



nos debruçar sobre a experiência da identidade em crise, para então, pensarmos o corpo em crise identitária.

Segundo Hall (2006), na modernidade as identidades estão sob inconstâncias. Se antes do século XX era possível se admitir um “modelo” de identidade fechado e facilmente definível, nos dias de hoje as identidades estariam passando por processos de reformulação. As identidades, dessa maneira, estariam sendo incessantemente “descentradas” por suas próprias forças.

A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formados com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma “lógica” muito diferente daquela da Razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada – o “penso, logo existo” do sujeito de Descartes (HALL, 2006, p.36).

Em consonância, Castells (2010) afirma que a identidade se faz por processos sociais. Nossas identidades são construídas socialmente e seriam, sobretudo, a fonte de significado e experiência de um povo. Nunan (2003, p. 182) complementa que as identidades podem ser compreendidas por “tudo aquilo que o sujeito experimenta e descreve como sendo ou fazendo parte de si”. Além de híbridas, as identidades aqui são entendidas como identidades de resistência. Isso é a identidade que Castells, em sua obra “O poder da Identidade” (2010), coloca como sendo construída a partir de ações de resistência. Segundo o autor, é estimado que esse seja o tipo mais relevante de formulação de identidades na sociedade. É a partir dela que podemos observar resistências contra repressões, dando forma a comunidades, que, sem esse apoio, não resistiriam a sobreviver em um mundo que as limita por vias de várias instâncias.

Ter um senso de “nós” fortalece o autoconceito do indivíduo, fazendo com que este procure respeito para si próprio e orgulho dentro do seu grupo. Visto que a identidade dos homossexuais é estigmatizada na nossa cultura, o pertencimento a um grupo que rejeita os valores heterossexuais permite a afirmação de sua individualidade e normalidade perante uma sociedade que os condena (NUNAN, 2003, p. 141).

É em meio a situação de existir em crise de identidade que arrolamos as trajetórias dos homens gays que pesquisamos.

A comunidade LGBTQIA+ e, especificamente, nessa pesquisa, sujeitos homens gays, tem sua história atravessada por marginalizações que deslegitimam seus corpos (COSTA, 1992; BUTLER, 2017; 2018a). Diante da marginalização dos próprios corpos, as identidades gays são constantemente postas em crise não só pela possibilidade de não



identificação com o grupo gay, mas também pela possibilidade de marginalização por não se encaixar no enquadramento das identidades heteronormativas (BUTLER, 2018a).

Léo<sup>5</sup>, um dos homens gays que contribuiu para a pesquisa de Nogueira (2019) inscreve sua trajetória na quizila das identidades e enfatiza a importância de algumas referências para o seu autoconhecimento e “aceitação” enquanto homossexual:

**Léo:** Tudo isso que tá acontecendo é muito importante... Eu acredito que os adolescentes que se entendem gays hoje vão ter mais facilidade que a gente, entendeu? É tão importante ter a Pablló<sup>6</sup>, a Linn<sup>7</sup>. Essas pessoas ocupam espaços muito importantes, mostram que tem gente igual a gente alcançando coisas importantes, mostrando que a gente existe, dando a cara a tapa para o preconceito.

Arrolado no problema da identidade, Léo tem esperança que futuramente outros gays tenham mais liberdade para ser quem são, para fazerem a assunção da própria identidade, do próprio corpo. As cantoras e compositoras brasileiras citadas pelo entrevistado, Linn da Quebrada e Pablló Vittar ocupam espaços de importância que outros corpos desviantes não conseguem ocupar porque não se enquadram na normatividade, o que os expulsa desses espaços. Mas porque Linn e Pablló são referências? Pessoas LGBTQIA+ que estão longe da cidade em que Léo vive? A importância não é que esses corpos ocupem as ruas de Campos dos Goytacazes, apenas, mas que ocupem quantas ruas puderem, para que façam da sua mobilidade a possibilidade de transitar entre espaços que pessoas LGBTQIA+ sem fama não conseguem. Ocupar as ruas pelos outros é o suprasumo dos corpos em aliança que se propõem a fazer a política nas ruas, como indicou Butler (2018b).

Matheus é um outro homem gay também arrolado pela querela dos estereótipos:

**Matheus:** Eu concordo que é importante a gente ter uma Pablló Vittar, sabe? Mas isso também é ruim. Você fala que é gay e automaticamente te associam a glitter, música pop, coreografia. Pode ser isso, mas, não é só isso. Tem gente que nem gosta dessas coisas e não vai ser menos gay por isso. Às vezes, isso mais separa a gente do resto das pessoas do que qualquer outra coisa.

<sup>5</sup> Os nomes dos entrevistados foram alterados para proteção da identidade dos mesmos.

<sup>6</sup> Phabullo Rodrigues da Silva, conhecido por seu nome artístico Pablló Vittar, é uma cantora e drag queen brasileira.

<sup>7</sup> Lina Pereira dos Santos, mais conhecida como Linn da Quebrada, é uma cantora, compositora, atriz e ativista social brasileira.



A trajetória de Matheus também é inscrita na querela da identidade, principalmente no que tange aos estereótipos. Matheus reconhece o corpo de Pablllo Vittar como legítimo e como representativo, mas ressalta a necessidade de outros corpos representarem os homens gays. A questão para Matheus não é ser inscrito na identidade de Pablllo Vittar, pelo contrário, mas ter suas identidades de gênero e sexualidade reduzidas a essa única representação. O estereótipo, nesse caso, impede que a sexualidade-em-situação seja experienciada em abertura e possibilidade (MOREIRA, 2021), cristalizando-a novamente em um novo enquadramento (BUTLER, 2018b), mesmo que não seja o da performatividade normativa. O estereótipo impede Matheus de ser como ele quer ser, como se estivesse novamente excluindo seu corpo da vida, re-marginalizando-o.

Contudo, ver pessoas LGBTQIA+ ocupando espaços que lhes foram negados é reconfortante mesmo que o estereótipo sirva de incômodo. Como dissemos nos parágrafos anteriores, as identidades são, sobretudo, “identidades de resistência”. Essa seria uma resistência aos padrões, regras e estereótipos que aparecem não só nas entrevistas, mas em nossas conversas informais e vivências. A quizila, portanto, não é somente se reconhecer em meio a diferença ou se diferenciar em meio aos semelhantes, mas conseguir negociar tantas identidades de modo que nenhuma delas seja deslegitimada, pois geralmente já são marginalizadas na família, na escola e também pelo Estado.

Inscritos nesse imbróglio, os corpos gays reivindicam suas identidades para pertencer a algum grupo ou lugar, arrolam outras histórias para compor as suas, engajam-se em histórias maiores para proteger seu próprio corpo, geram pertencimento para si mesmos e seus outros (WEEKS, 2000, p. 90).

Vejo que é exatamente isso que nos coloca o entrevistado Matheus quando relembra a figura de Linn da Quebrada como ruptura de uma identidade gay que é constantemente reforçada pelos meios de comunicação de massa. A cantora representa um corpo que além de transgênero é preto, pobre e afeminado, como canta em uma de suas canções. Linn representa o que é ser muitas identidades em um corpo, mas que mesmo assim, é símbolo que representa e é representada por uma comunidade, assim também como os sujeitos de pesquisa. Entendê-los é fazer o exercício de entender como são lidos seus corpos, e ao mesmo tempo ter a responsabilidade de não os ancorar a um conceito fixo e fechado de identidade.

A identidade enquanto refúgio, reconhecimento e pertencimento é necessária para



a resistência desses corpos porque o desconforto de não caber na norma padrão é posto desde a infância, muitas vezes pela própria família, como nos contou Matheus:

**Matheus:** [...] minha família é muito machista, homofóbica e violenta, e aí eu sempre ganhei playboy desde os 13 anos de idade pra poder me botarem mais no universo masculino, me colocaram no jiu jitsu...

**Fernanda:** Então eles já observavam que você era mais “feminino”?

**Matheus:** Me consideram gay, só que não falavam, nem comigo e nem entre eles e aí essa porra toda foi acontecendo, foram querendo me enfiar um monte de coisa, querendo me levar pra puteiro, me enfiar isso e ficar cobrando uma namorada, uma namorada o tempo todo.

A família forçava Matheus a caber no enquadramento da norma, forçando-o a ter hábitos masculinizados, práticas consideradas dignas dos homens, antes mesmo dele próprio se compreender enquanto homem gay. Nesse contexto, as identidades enquanto resistência surgem como possibilidade de reinterpretção do passado, para então, possibilitar que os gays façam as pazes com o próprio presente e não se sujeitem mais aos enquadramentos nos quais eles foram forçosamente encaixados quando crianças, quando vulneráveis às identidades normativas.

Diante desses conflitos, os corpos gays se especializam na cidade de Campos dos Goytacazes de acordo com a liberdade que sentem para exercer sua sexualidade, como nos contou Roberto, outro participante da pesquisa. A trajetória vivida por Roberto na cidade é completamente atravessada pela possível descoberta de seus familiares ao verem-no em algum lugar e isso o gerar problemas. Apesar de seu pai, pessoa com quem ele ainda mora, ter conhecimento sobre sua sexualidade, ele não aceita sua orientação sexual. Aliás, a condição de que Roberto possa continuar morando com o pai é que ninguém do ciclo social da família tome conhecimento da homossexualidade de Roberto. Assim sendo, são muitos os lugares da cidade de Campos em que Roberto é “proibido” de estar ou, pelo menos, de ser quem ele realmente queria ser.

Apesar de Roberto ter sido o único homem gay com quem conservamos que relatou questões familiares que interferem em sua ocupação dos lugares da cidade, os outros participantes da pesquisa declararam que a ocupação que fazem das ruas é pautada na violência e no medo que sofrem em alguns lugares. Na maioria das vezes, essa violência é feita de forma verbal e/ou psicológica, por pessoas desconhecidas que os encontram nas ruas de Campos dos Goytacazes.

Essas trajetórias remontam a como as identidades e seus conflitos se lugarizam na

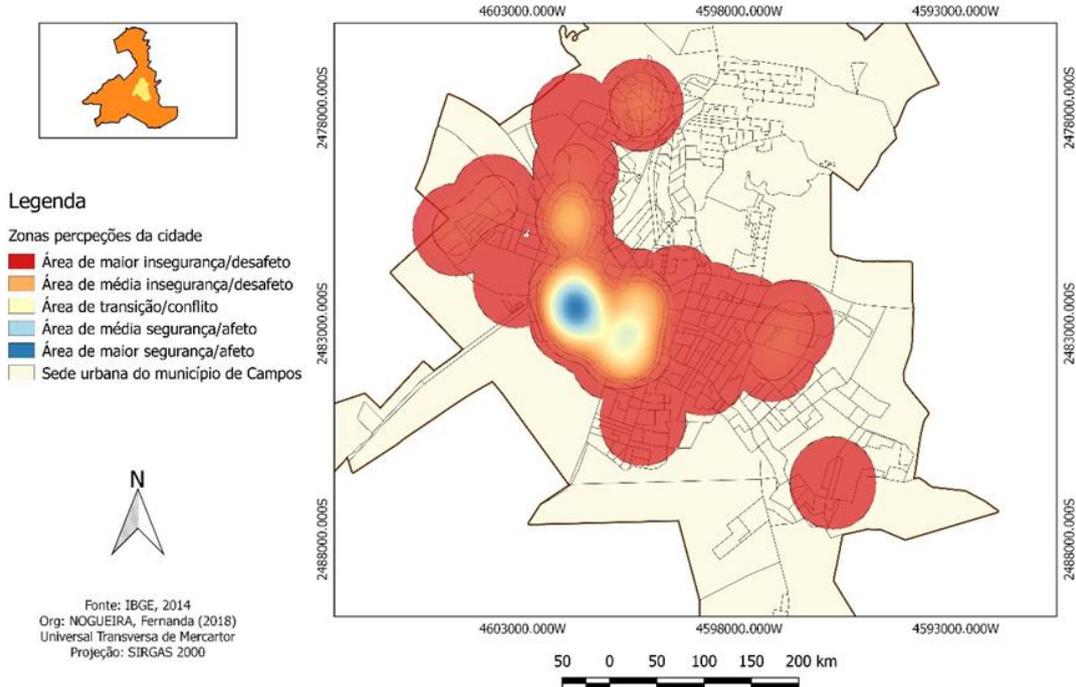


cidade de Campos, porque toda trajetória contada diz respeito aos lugares percorridos durante o trajeto. É impossível expor uma trajetória sem coadunar nela tudo que foi vivido durante o trajeto, por mais que ao narrá-la alguns lugares sejam escondidos e outros exacerbados. Nesse frenesi, os lugares aqui têm sentido de representação, identidade e sentimentos, mas, também, do não-encontro, das desconexões e, mais ainda, de abertura ao que está “fora” dos seus “limites”.

O mapa exibido na Figura 2 foi elaborado com o objetivo de entrecruzar as trajetórias de Matheus, Léo e os outros homens gays participantes da pesquisa. As áreas em vermelho marcam os espaços da cidade em que os participantes da pesquisa disseram se sentir inseguros por já terem vivido, pessoalmente ou através de informações de amigos e colegas, algum tipo de violência, o que gerou um desconforto nesse espaço. Já as áreas em azul representam os espaços em que eles se sentem seguros.

No entanto, assim como as identidades culturais são instáveis, as identidades dos lugares também o são, ou seja, essa dicotomia de lugares de segurança e insegurança é extremamente questionável, como a fenomenologia dessas trajetórias demonstrou. A possibilidade dessa multiplicidade de experiências da sexualidade gay é o que constitui a sexualidade-em-situação como cunhada por Moreira (2021). Ao abordar a ambiguidade da sexualidade o autor explanou que em um certo momento de sua trajetória “percebia a sexualidade-em-situação, como possibilidade de manifestação ambígua da própria existência” (MOREIRA, 2021, p. 20). Essa ambiguidade é também espacializada no mapa que representa as percepções dos participantes ao exercerem a sua sexualidade na situação da cidade de Campos.

**FIGURA 2 - Mapa de sobreposição de percepções dos sujeitos**



Notamos que as trajetórias dos homens gays que participaram da pesquisa remontam a dois bairros da área urbana de Campos: Pelinca e Centro. O bairro Pelinca é onde se localizam a maioria dos bares e boates consumidos pelos participantes da pesquisa. O mapa representa essas áreas com uma mistura das cores azul e vermelho, pois os relatos demonstram que em lugares da Pelinca os homens gays percebem-se seguros, mas também inseguros. Como já apontado em Nogueira (2019), essa dualidade de segurança e insegurança é representada pelo conflito gerado por esses lugares serem os favoritos de muitos colaboradores da pesquisa, mas também serem os lugares nos quais eles se sentem vulneráveis à homofobia.

Essa percepção é compreensível pois, no bairro Pelinca, próximo aos lugares em que os homens gays sentem-se mais livres e seguros, há lugares notadamente heteronormativos. Nesses lugares, a sexualidade gay é experienciada pelo escondimento de si. Caso contrário, os participantes podem se colocar em risco nesses lugares, pois estariam espacializando identidades que questionam o enquadramento da normatividade compulsória, desviando-se da norma Butler (2017; 2018a; 2019a) argumenta nos trabalhos citados.



A ambiguidade entre sentir-se seguro e inseguro também emerge na representação do bairro Centro. Enquanto alguns participantes da pesquisa o consideram um lugar interessante a ser explorado, outros participantes relatam que sentem muito medo de frequentar esses lugares devido eles geralmente serem movimentados e frequentados por muitas pessoas. Inclusive, alguns colaboradores da pesquisa dizem não saber constituir bem como percebem o bairro do Centro da cidade, por serem tomados por sentimentos de segurança e insegurança nas mesmas proporções.

As trajetórias arroladas na pesquisa apontam também outra questão: as identidades de classe e o consumo. A classe social dos entrevistados não pode ser dissociada das suas trajetórias, até porque, é a partir dela que os participantes aprenderam a frequentar certos lugares da cidade da forma como fazem hoje, e também é devido à classe social que conseguem acessar alguns serviços com maior ou menor intensidade.

Ao todo, trabalhamos com dez homens gays de classe média - e a maioria deles tem acesso ao Ensino Superior. Isso retrata uma comunidade em suas trajetórias, que pode ser vista no mapa, vide a intensidade e com que frequentam o bairro Centro. Nesse sentido, cabe uma observação nossa, o fato de os participantes da pesquisa viverem o lazer noturno nesses lugares mais caros e centrais não lhes garante segurança. Os enquadramentos das identidades normativas são tão danosos que, o dinheiro e conhecimento acadêmico que podem garantir aos colaboradores conforto em segurança em certos lugares, não lhe garantem proteção nenhuma quando experienciam a sexualidade gay. Porque, a sexualidade gay quando posta em situação, quando exposta espacialmente, é sempre uma ameaça à normatividade compulsória. Quando ameaçada pela afronta da diferença em se espacializar, as identidades normativas precisam combatê-la, devolvê-la ao seu lugar de origem, expulsá-la dos lugares que desde sempre ou quase sempre são lugares para heterossexuais.

Se homens gays de outras classes sociais não podem frequentar esses lugares os que podem não conseguem escapar da coerção dos corpos, que se dá no sentido de limitar os corpos gays a certos espaços e tempos específicos. É como se houvesse lugar e hora definidos para os corpos gays existirem livremente.

### **O sonho de trajetórias possíveis**

As ruas falam e, mais ainda, os corpos falam. Antes mesmo dos sujeitos



verbalizarem algo as roupas, suas companhias e as formas como se comportam, até mesmo como andam, falam. Nesse falar, tudo que se aproxima minimamente de um comportamento “feminino” é motivo de violência. Violar para excluir, excluir para indicar que certos lugares não são para os desviados (COSTA, 2010).

Com isso, a questão não é só se corpos gays podem existir, mas onde na cidade de Campos os gays podem existir? Mas que existir seria esse? Como Butler (2019b) argumentou, carecem de uma vida legítima, que não seja precária e nem precarizada. Em nosso contexto de pesquisa: quais lugares da cidade de Campos consideram as vidas gays dignas de viver? Com isso queremos dizer que a questão agora não é uma pergunta, mas sim um problema. Que problema seria esse? Existir livremente. Alegamos que isso é um problema, pois problema não só exige solução, mas convoca alguém a solucioná-lo. Esse problema é de todos, não só de homens gays ou de outras minorias que estão à margem da norma. Para existir livremente a sexualidade precisa ser experienciada fora do armário, e não mais pelas frestas da porta, como Moreira (2021) escreveu.

O problema que alegamos existir não é uma questão dos lugares, da cidade ou das pessoas. Essa é uma questão de vida e morte. Morte, porque as vidas gays e desviantes não são dignas de luto, não devem ser charadas. Vida, porque enquanto mortes inelutáveis elas representam vidas não humanas, que não merecem ser cuidadas (BUTLER, 2019b). Portanto, a sexualidade-em-situação, no caso dos desviantes da heteronormatividade compulsória, é uma questão de urgência pois arrola vidas que estão em jogo, lutando para existir e ter prazer enquanto são expulsas de certos lugares e, mesmo nos lugares onde são aceitas, são tomadas pela nocividade do enquadramento, pela penosidade de ser quem são, pelo medo do que pode acontecer caso saiam do armário, por mais que estejam pagando para ter lazer.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. 17 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018a.



BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e Políticas da Rua**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018b.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. São Paulo: N-1, 2019a.

BUTLER, Judith. **Vida Precária**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019b.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992;

COSTA, Benhur Pinós da. Geografias das representações sobre homoerotismo. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.1, p. 21-38, 2010.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: era da informação**. vol. 2, São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOREIRA, Tiago Rodrigues. **Lavrando a existência gay: ontofenomenologia da sexualidade-em-situação**. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho – Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

NOGUEIRA, Fernanda de Faria Viana. **As redes de consumo e seus rizomas: comércio e vida noturna em Campos dos Goytacazes – RJ**. Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia apresentado na Universidade Federal Fluminense, 2017.

NOGUEIRA, Fernanda de Faria Viana. **De quem são os lugares na cidade? Entendendo trajetórias gays em Campos dos Goytacazes - RJ**. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes -RJ, 2019.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

SANTOS, Rafael França Gonçalves. **Visibilidades LGBTs na “Terra da TFP”**:



**lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais na imprensa campista (1975-2015).**  
Encontro Nacional de História da Anpuh – Rio, 2016.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade, In: LOURO, G. L. (org) **O corpo Educado: Pedagogias da sexualidade.** 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.



## A MULHER LÉSBICA E O HABITAR EM RISCO NA FICÇÃO PÓS-PANDEMIA DE “A EXTINÇÃO DAS ABELHAS”

*The lesbian woman and living at risk in the post-pandemic fiction on  
“The extinction of bees”*

Taís Alves Teixeira<sup>1</sup>

### RESUMO

A emergência climática e o possível colapso político, ambiental e social que se avizinha nos convida a pensar em futuros possíveis, haja vista que habitar o planeta Terra tem se caracterizado pelo risco constante de catástrofes. Com isso, este artigo visa mergulhar na obra “A extinção das abelhas” de Natalia Borges Polesso, para que possamos compreender o antropoceno como o tempo da perturbação humana.

**Palavras chaves:** colapso, antropoceno, fabulação feminista, literatura, situação.

### ABSTRACT

The climate emergency and the possible political, environmental and social collapse that is approaching invite us to think about possible futures, given that inhabiting planet earth has been characterized by the constant risk of catastrophes. With this, this article aims to delve into the work: The extinction of bees by Natalia Borges Polesso so that we can understand the Anthropocene, as the time of human disturbance.

**Keywords:** collapse, anthropocene, feminist fabulation, literature, situation

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas Sociais Aplicadas (ICHSA) da Unicamp. E-mail: t235001@dac.unicamp.br  
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



## **Habitar o planeta terra tem se caracterizado nos últimos séculos pelo risco eminente de catástrofes**

O mundo está em colapso. Frequentemente somos advertidos sobre o aumento da temperatura do planeta, o aumento de poluentes na atmosfera, o índice de elevação dos mares e o surgimento de novas doenças decorrentes dos impactos ambientais e sociais. A pandemia de COVID-19 se caracteriza como um exemplo neste sentido. Ela é evento traumático na história recente da humanidade, devido ao seu alto índice de letalidade somado às alterações nas formas de sociabilidade. Isso provocou o crescimento de quadros de ansiedade, insônia e depressão conforme aponta matéria publicada no jornal da USP, intitulada ‘Ansiedade, insônia, estresse, depressão: estudo mostra como saúde mental evoluiu na pandemia’ (2022). Ao mesmo tempo que assistimos em transmissões televisivas valas comuns sendo abertas, e o então presidente da república minimizando a situação das pessoas que sofriam com a ausência de oxigênio nos hospitais públicos. As mudanças bruscas no cotidiano, o crescimento das mortes somado ao descaso da gestão federal em vigor no período de 2019-2022 intensificou e agravou o quadro de desamparo social e a percepção de que estamos cada vez mais próximos de um colapso social e ambiental.

Em poucos meses o vírus SARS-CoV-2 assolou milhares de pessoas ao redor do planeta Terra. Seu contágio iniciou-se a princípio em território chinês e, paulatinamente, com o deslocamento constante de pessoas pelo globo, logo estava presente em uma quantidade significativa de países. Apesar da humanidade já ter vivenciado recentemente outros contágios como a H1N1 em 2009, a disseminação internacional do poliovírus em 2014, o surto de Ebola no continente africano na porção ocidental em 2014, o zika vírus em 2016 e o Ebola em 2018 na República Democrática do Congo. A COVID-19 teve um alcance mundial e impactou diversos setores produtivos e sociais.

Em um mundo globalizado tal qual vivemos, a forma de organização econômica, política e social está baseada na dependência de produtos e mercadorias externas. Ao passo que, no contexto pandêmico houve um grande impacto nessa forma de organização. Com a redução e restrição de mobilidade, toda a fluidez defendida pela globalização que se consolidou a partir da década de 80 com o fim da bipolarização advinda da Guerra Fria,



passou a sofrer as consequências das mudanças advindas da pandemia. O contexto pandêmico se caracterizava como um obstáculo para a fluidez e mobilidade sobretudo para as mercadorias. Haja vista que o fluxo, quando se trata de pessoas sobretudo de migrantes e refugiados oriundos de países pobres e em guerra para países ricos são compreendidos/as como invasores, sofrendo com todo tipo de xenofobia e violência. Além do acirramento das desigualdades econômicas e sociais causado pela pandemia, temos convivido com as consequências provenientes do aquecimento global, tais como, aumento da temperatura do planeta que leva a incêndios, secas prolongadas, chuvas torrenciais que causam mudanças geomorfológicas, como: escorregamento e deslizamento de encostas impactando tanto a vida humana como as de outras espécies. O que conseqüentemente causa mortes, perdas de habitações, refúgios e equipamentos públicos.

Habitar o planeta terra tem se caracterizado nos últimos séculos pelo risco eminente de catástrofes. Esta palavra, tem sido usada com certa frequência pelos meios de comunicação e quase sempre vem acompanhada do adjetivo, natural. A natureza nesse sentido aparece desassociada do ser humano e da sociedade. O que nos remete ao pensamento de Félix Guattari em *As três ecologias* (2001).

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política — a que chamo ecosofia — entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões. O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta (GUATTARI, 2001, p. 7)

Se concordamos com esta proposição filosófica da ecosofia, as catástrofes são nada mais nada menos do que, o resultado das relações sociais que atuam sobre o meio. Por isso se faz necessário observar como as catástrofes são resultado da soma de relações. Basta como os biomas estão sendo gradativamente alterados pelos incêndios e desmatamentos ostensivos para o plantio de *comodities*, o que provoca grande impacto na fauna e flora, assim como, a contaminação dos recursos hídricos que também tem sido um agravante para a sobrevivência das espécies animais aquíferas e protista, assim como para as coletividades indígenas, ribeirinhas e quilombolas que tem como base para a



sustentação a atividade da pesca. Outro aspecto agravante é o contato de trabalhadoras/es do setor agrícola com agrotóxicos na pulverização, o que tem causado o crescimento de casos de câncer e a extinção de insetos como as abelhas.

Ao passo que, o aumento da incidência de adoecimento por contato e ingestão de agrotóxico no Brasil foi tema da pesquisa de BOMBANI (2017)<sup>2</sup> que, ao estudar o uso de agrotóxico no Brasil evidenciou o aumento de casos de câncer relacionados a pessoas que trabalham com a pulverização de agrotóxicos. Sua pesquisa também comprovou o aumento no uso de agrotóxico nos períodos entre os anos 2000 e 2010 em 200% apenas no Brasil, sendo que as regiões com maior incidência do uso de agrotóxicos no território nacional no período de 2012-2014 foram: Centro-Oeste, seguido do Sul, Sudeste, Nordeste e Norte e os biomas mais afetados foram a Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado. Todo este cenário catastrófico nos remete às obras literárias de ficção científica e aos filmes hollywoodianos que abordam a vida no planeta Terra após grandes inundações ou epidemias.

De acordo com a datação do tempo geológico o ser humano apareceu recentemente, e há estudos no campo da Geologia que demonstram que em outras eras geológicas as mudanças ocorriam devido a ações tectônicas ou provenientes dos impactos de meteoros. Contudo, a ação antrópica nos dois últimos séculos tem propiciado transformações agudas no planeta. Os impactos das revoluções industriais e das modificações na forma de viver com a intensificação da ocupação urbana, provocou mudanças significativas com o aumento de poluentes na atmosfera e o crescimento da produção de lixo. As alterações no clima e consequentemente nas paisagens demonstram cada vez mais o impacto da ação antrópica sobre a Terra, por isso o termo antropoceno tem ganhado cada vez mais espaço nas discussões sobre a história geológica. Haraway<sup>3</sup> (2016) nos diz que a ação antrópica pode ser renomeada de muitas formas, tanto como Antropoceno, quando a ação do ser humano provoca mudanças na história geológica; quanto por Capitaloceno, quando evidenciamos o impacto sobre a Terra por conta da organização política, econômica, social e cultural capitalista; assim como Plantatioceno, quando se observa o impacto do plantio extensivo de *commodities* com o uso de

---

<sup>2</sup> Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia (2017)

<sup>3</sup> Donna Haraway, bióloga, feminista e filósofa estadunidense no artigo: Antropoceno, Capitaloceno, Plantatioceno, Chthuluceno: fazendo parentes, 2016.



agrotóxicos. Já o Chthuluceno é a maneira de viver com seres mortais neste contexto de colapso reunindo forças para reconstruir refúgios.

Todo este contexto permeado por eventos catastróficos foi apresentado para evidenciar que estamos vivendo um momento *sui generis* na história da humanidade, apesar da história geológica já ter nos mostrado que grandes mudanças já aconteceram nos mais diferentes períodos, como no Cretáceo há milhares de anos, quando a inundação dos mares eliminou muitas pontes terrestres entre continentes, e os seres vivos se viram confinados em colossais e reservas naturais distintas e com isso desenvolveram novas espécies (CARSON, 2010, p. 26), ou seja, o planeta Terra já passou por mudanças que forçaram novos arranjos entre as espécies. Quando Rachel Carson bióloga, ecologista estadunidense escreveu a obra “A primavera silenciosa”, em 1962, já demonstrava como é preciso somar aos eventos tectônicos a ação antrópica, já na década de 1960 a autora observava o crescimento de casos de câncer e morte de insetos em decorrência da ingestão de agrotóxicos.

A partir disso, precisamos pensar outros futuros possíveis afinal, já estamos vivendo em meio ao tão falado colapso. Por isso, é preciso pensar na fabulação científica feminista como uma aposta para vivermos com seres mortais, buscando encontrar ou reconstruir refúgios.

...não estamos no comando do mundo. Nós apenas vivemos aqui e tentamos estabelecer conversas não inocentes através de nossas próteses, incluídas aí nossas tecnologias de visualização. Não é de admirar que a ficção científica tenha sido uma prática de escrita tão rica na teoria feminista recente. (HARAWAY, 1995, p.38)

Quando Donna Haraway aposta na escrita ficcional para pensar outras possibilidades de fazer ciência partindo da defesa da situacionalidade, nos convida a fabular futuros. É por meio dessa perspectiva que este artigo buscará demonstrar como a literatura ficcional feminista tem nos proporcionado ver o mundo em colapso, ao mesmo tempo em que pensamos em possíveis futuros que podemos construir. Com isso, este artigo pretende realizar um exercício de análise de conteúdo por meio de uma abordagem metodológica interdisciplinar, para observar como a proposição do romance brasileiro “A extinção das abelhas” (2021), de autoria da escritora gaúcha Natalia Borges Polezzo nos ajuda a encontrar possíveis respostas para a pergunta inevitável: como viver em um mundo em colapso?



## Poeira de desejo

Regina vive as sequências dos muitos colapsos que perpassam sua vida. Uma mulher brasileira, situada na porção sul do território nacional, lésbica, diabética, solitária e de meia idade. O contexto político, econômico, social e ambiental é o de um Brasil pós-pandemia da COVID-19, que está sob a gestão presidencial de um ex- apresentador de televisão que fomenta ideais empreendedores em sua administração pública, o que alimenta nas pessoas simpáticas à sua administração a mentalidade meritocrática.

O fato é que era melhor ter aquele apresentador de televisão como presidente do que o presidente anterior. Eu nunca pensei que fosse ficar feliz com uma coisa dessas. Eu nem pensava muito nisso, porque me dava um nó. (POLESSO, 2021, p.41)

A vida de Regina, portanto, é permeada de eventos traumáticos como o abandono materno, a morte do pai, a conturbada vida afetiva com uma namorada fria e distante e o eminente colapso político, ambiental e social que se aproxima. De modo que, ao longo da obra, somos apresentados ao monumento denominado colapsômetro, uma espécie de contador gigante que diz quanto por cento cada país tem contribuído para o colapso. A ausência da presença de Guadalupe, a mãe de Regina, é fundamental para que possamos compreender diversos aspectos sobre a negação da maternidade e da imanência. Ao longo da obra problemas de saúde, ausência de segurança pública, estupro, lgbtfobia e acesso a alimentos contaminados por agrotóxicos compõem o drama vivido por Regina. As demais personagens são majoritariamente mulheres das mais variadas faixas etárias, sexualidade e classe social, que também lidam com a precariedade da vida e a violência. De modo que, a partir da leitura de "Extinção das abelhas" (2021) é possível pensar em como um romance ficcional pode nos fazer friccionar o ser mulher em situação (BEAUVOIR, 2016). Afinal, Regina foge ao destino comum pensado para as mulheres cis, com a perpetuação da espécie e a manutenção do lar e consequentemente a imanência, tal qual fez sua mãe. A personagem nos convida a refletir sobre a sexualidade lésbica e sua potencialidade de instabilidade das normas de gênero na sociedade tal como propõe Preciado (2014). Ao mesmo tempo em que outras duas personagens, Eugênia e Denise, o casal que cuidou de Regina após a morte de seu pai emerge como a representação do conservadorismo e isso complexifica a ideia de ser mulher lésbica. Ao mesmo tempo que acompanhamos as



reflexões de Regina sobre a finitude e o colapso iminente, o casal Eugênia e Denise surge como uma lembrança constante da resistência da lógica neoliberal e heteropatriarcal presente no mundo e também em relações homoafetivas.

- Tudo é dinheiro sim. E oportunidade! A vida é um bufê, quer alguma coisa? Vai lá e pega! Levanta a bunda e pega! Não dá para ficar esperando alguém te servir, entende? A tua geração ficou mal-acostumada, filha, com tanta abundância à disposição. Eu e a Denise tivemos que lutar muito para chegar aqui, nada nos foi dado de mão beijada...

Denise continuou a palestrar sobre mercados, as commodities, as negociações, os empreendedorismos, e tudo para mim soava nojento e desconectado. E eu comia mais para empurrar aquele gosto ruim. A família que tinha me sobrado. A família que eu amava era aquela. Não tinham feito arminha de dedo na nossa cara ainda, mas com certeza já tinham atirado pelas costas. (POLESSO, 2021, p. 43)

Eugênia e Denise, por acreditarem na lógica neoliberal e possuírem uma mentalidade meritocrática pareciam não viver as mesmas angústias de Regina e Aline, a outra filha do casal. Regina vivia constantemente ciente do impacto ambiental provocado pela AGROTEC com o uso intensivo de agrotóxico nos alimentos, do aumento do desemprego, da crise imobiliária, do surgimento de seguranças particulares nas ruas, do intenso processo de extermínio de migrantes e refugiados, assim como o crescimento de milícias de extermínio de integrantes da comunidade LGBTQIAPN+. A finitude da vida caminha ao lado de Regina. “As pessoas vão embora, e isso é uma realidade” (POLESSO, 2021, p.11), esta frase abre o romance como se estivesse alertando aos leitores/as da finitude das relações humanas e de outras espécies, como das abelhas. “Sabia que não tem mais abelha agora por aqui? Quer dizer, tem mas é raro, que quase não se vê. Não pode matar em hipótese alguma.” (POLESSO, 2021, p.17). Ou seja, viver em meio ao colapso é estar cada vez mais próximo da finitude da vida e das consequências das mudanças ambientais e sociais.

Ao longo da primeira parte do livro acompanhamos Regina sobrevivendo dentro da lógica neoliberal onde o tempo é celularizado (BERARDI, 2019) e o único trabalho que encontra responde aos anseios da rede digital. Ser *camgirl* evidencia a lógica da venda do prazer *online* no tempo da ausência de desejo.

Depois da morte das abelhas, colmeias artificiais foram criadas. Elas têm o formato clássico por motivos comerciais afetivos. O mel produzido



com a glicose do açúcar de cana é colorido artificialmente. Dizem que o zumbido constante atravessa os campos-fábricas e que os funcionários colhem o mel com roupa apropriada, telas no rosto, respiradores e luvas, isso para não contaminarem o néctar com o choro da ausência e do arrependimento. E para não se contaminarem com o veneno do ar. Depois da morte das abelhas, os homens ficaram mais sensíveis e começaram a tomar probióticos para aliviar os sintomas gastrointestinal, mas morrem do mesmo jeito. As mulheres começaram a procurar cavidades, construções abandonadas, cavernas e árvores para restabelecer suas famílias, as mulheres ficam suspensas, à espera de um zumbido. (POLESSO, 2021, p. 195)

O trecho acima compõe a segunda parte da obra de Natalia Borges Polezzo, quando ela retrata o contexto social vivido por Regina nas catástrofes que em muito se assemelham com algumas que acompanhamos nos noticiários. O que nos faz pensar nas frequentes manchetes sobre a morte das abelhas na contemporaneidade. As abelhas são importantes polinizadoras, responsáveis pela transferência dos grãos de pólen que proporcionam a origem de muitas sementes e frutos. Mas, no contexto contemporâneo, elas têm sofrido constantes ondas de morte devido ao uso intensivo de agrotóxicos, como demonstra a matéria publicada no portal de notícias G1 no dia 19/07/2023, “Mais de 100 milhões de abelhas são mortas no Mato Grosso devido aplicação errada de agrotóxico.” Desse modo, é possível perceber que o risco de extinção das abelhas não é uma mera ficção. Por isso, acompanhar Regina vivendo no antropoceno é angustiante, pois reflete em muitos os aspectos da nossa realidade.

Quantos mundos já colapsaram antes deste? Quantos cataclismos? Invasões que significam o fim para uns e o começo para outros? Para outras, nunca. Modos de ser, modos de fazer, modos de usar, invenções impostas. Uns chamam de colonialidade, outros chamam de a destruição dos mundos possíveis. Outros chamam de começo. Nascer morrer nascer morrer e tudo o que existe nesses verbos. (POLESSO, 2021, p. 200)

As questões postas nos fazem refletir sobre os muitos colapsos sofridos pelas mais diversas coletividades e que, por muito tempo foram nomeadas de descoberta, ocupação, conquista etc... O que Natalia Borges Polezzo nos faz refletir na segunda parte de sua obra é por assim dizer as consequências advindas da forma de viver e ocupar o planeta Terra partindo da lógica colonial, capitalista e neoliberal. Ao passo que se estivermos de acordo com Dardel (2011), foi pela relação de Regina com a terra se reconhecendo como ser



telúrico que as paisagens em “A extinção das abelhas” nos revelam o percurso que caminhamos para fim do mundo.

### **Quando o segundo sol chegar**

Na terceira e última parte de “A extinção das abelhas” (2021), somos levados a pensar no que Donna Haraway chamou de Chthuluceno, ao passo que a sobrevivência de Regina pode ser compreendida como resultado dessa noção. Ou seja, é pela reconstrução de refúgios e o convívio com outros seres mortais que o presente mesmo em ruínas tornou-se possível. O que nos remete às formulações de Ting (2019),<sup>4</sup> Quando esta afirma que o nosso tempo é o antropoceno, ou seja, a era da perturbação humana, onde a extinção em massa é mais do que nunca uma possibilidade. Contudo, é nessa nova era geológica que emerge o que Anna Lowenhaupt Tsing chama de diversidade contaminada.

Diversidade contaminada é adaptação colaborativa a ecossistemas de perturbação humana. Emerge como os detritos da destruição ambiental, da conquista imperial, dos fins lucrativos, do racismo e da norma autoritária — assim como do devir criativo. Nem sempre é bonita, mas é quem somos e o que temos disponível como parceria para uma terra habitável. (TSING, 2019, p. 23)

A obra de Natalia Borges Polesso, portanto, nos faz mergulhar no tempo presente dos desastres e na possível extinção em massa que se avizinha, além das diversas catástrofes descritas no livro que já foram vivenciadas por nós enquanto espécie humana. A pandemia de COVID-19, os muitos incêndios como aquele que casou a mudança na coloração do céu na cidade de São Paulo, as constantes mortes de abelhas, as crises humanitárias dos/as refugiados/as, o crescimento acentuado de casos de câncer devido ao contato e ingestão de agrotóxicos, são muitas as catástrofes retratadas ao longo do livro. O que nos faz refletir sobre o presente, alimentando utopias de um futuro ao apostar no que Tsing (2019) chama de diversidade contaminada.

---

<sup>4</sup> Antropóloga Anna Lowenhaupt Tsing. Viver nas ruínas: Paisagens multiespécies no antropoceno, 2019  
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



## REFERÊNCIAS

BERNARDES, Julio. **Ansiedade, insônia, estresse, depressão: estudo mostra como saúde mental evoluiu na pandemia.** Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ansiedade-insomnia-estresse-depressao-estudo-mostra-como-saude-mental-evoluiu-na-pandemia/> Acesso em: 02/05/2023.

BOMBARDI, Mies Larissa. **Geografia do uso de agrotóxicos no brasil e conexões com a união europeia.** São Paulo: FFLCH - USP, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo: fatos e mitos.** Vol. I, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CARSON, Rachel. **A primavera silenciosa.** São Paulo: ed. Gaia, 2010.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

FRANCO, Berardi. **Depois do futuro.** São Paulo: Ubu, 2019.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. São Paulo: Papirus, 1990.

**Mais de 100 milhões de abelhas são mortas em MT devido aplicação errada de agrotóxico.** Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2023/07/19/cerca-de-600-colmeias-sao-intoxicadas-em-mt-apos-aplicacao-errada-de-agrotoxico.ghtml> 19/07/2023.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In **Cadernos Pagu**, 5. Campinas, Ed. Unicamp, vol 5, pp. 07- 41, 1995.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. In **ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte** I Ano 3 - N. 5 / Abril de 2016.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana.** São Paulo: Blucher, 2014.

POLESSO, Natalia. **A extinção das abelhas.** São Paulo: Companhia das letras, 2021.

TSING. Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno.** Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.



## O CAMINHO DEPOIS DO DEPOIS: DESORIENTAÇÕES DA CISGENERIDADE EM DUAS AUTOBIOGRAFIAS ESTADUNIDENSES<sup>1</sup>

### THE WAY AFTER THE WAY: DISORIENTATIONS OF CISGENDER IN TWO AMERICAN AUTOBIOGRAPHIES

Lux Ferreira Lima<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este artigo se debruça sobre o estranhamento de expectativas cisnormativas de transição de gênero e temporalidade de existência trans empreendido por duas pessoas consideradas bem sucedidas e abraçadas pela mídia hegemônica no processo de escrita da própria vida: Janet Mock em “Surpassing certainty” (2017) e Thomas Page McBee em “Amateur” (2018). Através da etnografia de tais obras, analiso os movimentos realizados na escrita de alterar e questionar o sentido de conquista e estabilidade conferido ao fim de sua transição. Investigo os modos distintos como o lugar de chegada atribuído pelo regime discursivo cisnormativo contemporâneo – por exemplo, a assimilação a um pressuposto de permanência identitária e apagamento da trajetória, e a adesão a modelos unívocos de hombridade e mulheridade “de verdade” – é transformado em um dispositivo de desorientação acionado de modo a desafiar a cisnorma e seus padrões estabelecidos de trajetória de vida. Nessa costura, categorias específicas são examinadas por autôries, e tal exame conduz seus argumentos: passabilidade; transição; homem/mulher “de verdade” (e os papéis sociais que cada um deles abrange).

**Palavras-chave:** Autobiografia; Transgeneridade; Cisgeneridade; Transição; Estudos Trans

#### ABSTRACT

This paper focuses on the estrangement of cisnormative expectations of gender transition, and the temporality of trans existence undertaken by two people considered to be successful and welcome by hegemonic media in the process of narrating their own life: Janet Mock in “Surpassing certainty” (2017), and Thomas Page McBee in “Amateur” (2018). Through the ethnography of these works, I analyze the movements, conducted in writing, of othering and questioning the sense of achievement and stability given to the end of transition. I investigate the distinct ways in which the place of arrival attributed by

---

<sup>1</sup>Uma versão deste texto foi elaborada em minha tese de doutorado Trânsitos em texto: uma análise comparada de biografias e autobiografias de pessoas trans no Brasil e nos Estados Unidos.

<sup>2</sup> Doutorado em Antropologia pela USP. E-mail: lux.f.lima@gmail.com



the contemporary cisnormative discursive regime – for example, the assimilation to an assumption of identity permanence and trajectory erasure, and the adherence to univocal models of “real” manhood and womanhood – is transformed into a disorientation device, activated in order to challenge the cisnorm and its established patterns of lifepath. In this weaving, specific categories are examined by the authors, and such exams conduct their arguments: passing; transition; “real” man/woman (and the social roles each one of them encompasses).

**Keywords:** Autobiography; Transgender; Cisgender; Transition; Trans Studies

### **Ponto de partida: o movimento de desvio**

No ensaio “Time is the thing a body moves through” (2019)<sup>3</sup>, T. Fleischmann articula arte, comunidade e ativismo, desejo e amor enquanto reflete sobre si. Nunca há fixidez e univocidade, seja na elaboração acerca do próprio passado e do campo de possibilidades apresentado a si ao redesenhar sua existência generificada, seja na reflexão recorrente em torno tanto da insuficiência quanto da potência da arte em fazer real.

Fleischmann descreve e comenta com fascínio a obra de Félix Gonzalez-Torres<sup>4</sup>, e a partir dela medita sobre representação convencional e a própria escrita. Ele se vale da própria forma expressiva e da de Gonzalez-Torres como espaço de realização de formas de entender e ser que enquadramentos hegemônicos não permitem que se estabeleça – torna-o habitável. Respectivamente se refere da seguinte forma: a seu processo criativo e de atribuição de sentido a si; a instalações de González-Torres; e à limitação representacional que tornou certas subjetividades inimagináveis ao longo da vida.

[...] quero deixar meu gênero e vida sexual não inscritos – me levou anos para considerar o fato de que não tinha que nomear meu gênero e sexualidade, de modo que agora tenho sempre que dizer às pessoas que não sou algo. Insisto nessa ausência mais do que costumava insistir em minhas identidades [...]. O não inscrito, como Gonzalez-Torres diz, é lugar de mudança, onde posso entender meu contexto atual e fazer algo a respeito, em vez de me emaranhar em um jogo de palavras, e é a isso que gostaria de dar enfoque. Estou evidentemente inscrito em toda essa estrutura, e não posso escapar da linguagem, mas isso não vai me

---

<sup>3</sup> FLEISCHMANN, T. *Time is the thing a body moves through*. Coffee House Press, 2019. Edição digital.

<sup>4</sup> Félix González-Torres era um artista visual cubano radicado nos Estados Unidos conhecido por suas obras minimalistas que tratavam, direta ou indiretamente, de temas relacionados ao homoerotismo. González-Torres faleceu aos 38 anos em 1996, em virtude de complicações decorrentes da AIDS.



impedir de recusá-la, e de acreditar que um papel em branco pode me transportar para outro lugar. (Fleischmann, 2019, n.p.)

Seu trabalho se move entre fato e imaginação, objeto e memória, para abrir um novo espaço: de mim a algo que existe para além desse limite. Como se eu fosse uma fronteira antes, e agora posso me mover de novo – atravessando a multidão até que emergja do outro lado, o ar se abra e eu respire. (Fleischmann, 2019, n.p.)

Meu eu jovem sabia que nenhum daqueles homens ou mulheres na televisão era eu, mesmo conforme eu formava uma identificação fraturada com eles – uma identificação que me permitia verbalizar parte de mim enquanto negava algo mais. (...) Eu não sei o que significa nomear a si quando jovem, ou buscar, da sala da minha mãe, corpos em cidades vizinhas com um clique, clique. Mas eu sei o que significa ser desenraizade da narrativa, um desenraizamento que senti como reivindicar poder. Sou grate a isso, na verdade. Significou que eu viajei pelo espaço enquanto o hotel queimava. (Fleischmann, 2019, n.p.)

Os três excertos a partir de diferentes temas falam sobre o encontro entre modos de atribuição de inteligibilidade e o que isso faz com a gente – nossos empreendimentos de saber, nossas formas de estar no mundo e no próprio corpo, nossos modos de tornarmos-nos apreensíveis reconhecíveis a outres. Adicionalmente, expressam recusa à contenção, à circunscrição estável seja da experiência subjetiva, seja de sua nomeação e qualificação, seja de modos de representá-la. “Não inscrição”, campo outro ainda não elaborado, atravessamento que abandona a delimitação que nos contém, novo espaço em que se move, desenraizamento da narrativa: o horizonte desejável é o da desorientação.

Uso “desorientação” nos termos de Sara Ahmed (2006a<sup>5</sup>; 2006b<sup>6</sup>), e sua proposta de fenomenologia *queer*. Em diálogo com clássicos da fenomenologia, Ahmed atribui foco à “orientação” como mecanismo social e historicamente produzido de constituição de um campo de objetos aos quais atribuímos atenção (em detrimento de outros relegados ao plano de fundo), com os quais nos alinhamos e que fazem parte da moldagem dos nossos corpos, ponto de partida da percepção. A orientação tem um aspecto temporal: o plano de fundo corresponde às condições de emergência de um dado estado de coisas, à sedimentação no e pelo corpo a partir da repetição ao longo da história de modos de perceber, agir, relacionar-se com a matéria. O processo de direcionamento em relação a

---

<sup>5</sup> AHMED, Sara. “Orientations: Toward a Queer Phenomenology”. In: *GLQ – A Journal of Gay and Lesbian Studies* 12:4, 2006. Pp. 543-574.

<sup>6</sup> AHMED, Sara. *Phenomenology: Orientations, objects, others*. Durham and London: Duke University Press, 2006.



objetos (materiais, mas também objetos de pensamento – objetivos, aspirações, emoções) atingíveis afeta futuros possíveis: de que forma a relação com eles e o modo como os percorremos desenha trajetórias e tendências.

A heterossexualidade, argumenta, é uma forma de orientação: refere-se não só a um desejo direcionado a um tipo de pessoas, mas à constituição de um campo. A cultura heterossexual desenha uma configuração de objetos aos quais nos atentamos e com os quais podemos interagir que constituem um caminho de vida linear – *straight*, termo usado como sinônimo de “heterossexual” em inglês, significa “reto” e a autora joga com esse sentido. Ela mobiliza o estudo da percepção e da consciência para refletir sobre a constituição performativa de linhas de pensamento e de movimento cuja composição se dá por meio de formas de orientação de desejo consideradas possíveis e aceitáveis.

Tais formas de orientação de desejo afetam estruturalmente essas linhas: costumam junto passado e futuro possíveis (herança e linhagem familiar, reprodução de seus modelos no seguimento da mesma trajetória dos pais), sexo, gênero e sexualidade possíveis, formas de domesticidade e vida pública etc. Trata-se da produção de um campo obrigatório de objetos acessíveis e das relações entre eles, bem como de caminhos de vida possíveis e aceitáveis, que se dão pela repetição de seu caráter inexorável. A orientação a objetos de desejo afeta outras coisas que fazemos:

Mover a orientação sexual de alguém de heterossexual para lésbica, por exemplo, requer reabitar o corpo, dado que o corpo da pessoa não mais se estende no espaço e na pele do social. Dado isso, o sexo da escolha de objeto de alguém não é algo apenas sobre o objeto mesmo quando o desejo é dirigido em direção ao objeto: afeta o que podemos fazer, onde podemos ir, como somos percebidos (...). Essas diferenças quanto a como uma pessoa direciona o desejo, e como é encarada por outros, pode nos mover e assim afetar mesmo os padrões mais profundamente entranhados de se relacionar. (...) Esse contato implica seguir diferentes linhas de conexão, associação e até troca, linhas usualmente invisíveis a outros. Não é surpreendente que se tornar uma lésbica pode ser algo sentido como um novo mundo se abrindo (Ahmed, 2006a, 563-564).

Nesse aspecto, *queer* é o efeito de perturbação nessa orientação: a falha em segui-la, o distúrbio que relações entre corpos, entre corpos e objetos, entre corpos e espaço produzem no campo e nas linhas de orientação hétero. Trata-se de uma sensação de deformação que modos de agir e se relacionar com corpos e objetos engendram nos



contornos de um espaço habitável e de uma vida vivível de acordo com a heteronorma. E se *queer* é entendido em dois sentidos pela autora, tanto como práticas sexuais não heterossexuais que produzem efeitos no contato social, quanto como, seguindo a raiz da palavra, o que é deformado, oblíquo (Ahmed, 2006a, 565), então pode ser mobilizado como desorientação. Desorientação, assim, é o efeito extraordinário de um jeito de agir e ocupar o mundo que provoca desvios no alinhamento familiar do campo compulsório – que tem expectativas de orientação sexual como definidoras de um registro social mais amplo de organização do tempo, do espaço e da existência.

É essa perspectiva *queer*, desorientadora, interessada no movimento que é estranho, que confunde regimes estabelecidos de existência, relação e categorização do mundo, que atravessa campos de possível que me inspira ao analisar as seguintes autobiografias: “*Man alive*” e “*Amateur*”, de Thomas Page McBee (2014<sup>7</sup>; 2018<sup>8</sup>), e “*Redefining realness*” e “*Surpassing certainty*”, de Janet Mock (2014<sup>9</sup>; 2017<sup>10</sup>)<sup>11</sup>. Pertencentes a uma geração recente de autobiografias e imersas em um contexto intenso de hipervisibilidade trans, produção artística e participação política (Lima, 2022)<sup>12</sup>, esses autores são figuras públicas que circulam entre o ativismo e a indústria cultural.

Mock e McBee constroem um estranhamento do campo de orientação cisnormativo e convidam leitôries a estranhá-lo também. Fazem-no reconfigurando os princípios de estruturação da subjetividade generificada, e questionando o alinhamento convencional de sua narrativa a histórias sobre transexualidade e transgeneridade. Desenraizam-se de tal alinhamento. Relocalizam o olhar e, obliquamente, desviam-se dos campos cisnormativo e transnormativo, permitindo encará-los de frente, estranhar sua familiaridade e desenhar outras formas de habitar o mundo.

<sup>7</sup> MCBEE, Thomas Page. *Man alive: a true story of violence, forgiveness and becoming a man*. San Francisco: City Lights Books, 2014.

<sup>8</sup> MCBEE, Thomas Page. *Amateur: A true story about what makes a man*. New York: Scribner, 2018.

<sup>9</sup> MOCK, Janet. *Redefining realness: my path to womanhood, identity, love & so much more*. New York: Atria, 2014.

<sup>10</sup> MOCK, Janet. *Surpassing certainty: what my twenties taught me*. New York: Atria, 2017.

<sup>11</sup> Como forma de evitar repetições, as autobiografias aqui analisadas são citadas ao longo do texto a partir das seguintes abreviaturas: Man alive – MA; Amateur – AM; Redefining realness – RR; Surpassing certainty – SC.

<sup>12</sup> LIMA, Luiza Ferreira. *Trânsitos em texto: uma análise comparada de biografias e autobiografias de pessoas trans no Brasil e nos Estados Unidos*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022.

### **Transição, passabilidade e ser “de verdade”: duas perspectivas**

McBee e Mock lançaram suas primeiras autobiografias em 2014 – obras com repercussão considerável em termos de vendas<sup>13</sup> e atenção da mídia<sup>14</sup>. Ambes já possuíam uma carreira vinculada à imprensa: McBee escrevia ensaios para sites de notícias como The Rumpus e The Atlantic, e Mock era editora do website da People Magazine.

“Redefining Realness” segue, em parte, um modelo mais aproximado do cânone: tem estruturação cronológica; acompanha a protagonista desde a infância no Havaí até a realização de vaginoplastia; destaca tensões envolvidas no processo de tornar a própria identidade reconhecível no âmbito familiar, na escola, etc.; e realiza um afastamento, por parte da voz narradora, da ambientação dos eventos e estados subjetivos narrados para sublinhar a ausência de entendimento à época, de modo que não os compreendia pelo que “verdadeiramente” eram quando de sua ocorrência. Contudo, salienta Vipond (2018)<sup>15</sup>, distingue-se ao ser um dos primeiros livros a tematizar, nos Estados Unidos, uma trajetória marcada por desigualdade racial, vulnerabilidade socioeconômica e rede de cuidado familiar fragilizada. A limitação de seus pais em fornecer tanto reconhecimento e acolhimento diante da manifestação de sua feminilidade quanto suporte material a necessidades básicas e a suas modificações corporais produz experiências de sofrimento até então raramente retratadas em obras estadunidenses – em sua maioria, escritas por pessoas brancas de classe média e alta.

Trazendo esses temas para o centro da narrativa, Mock desafia a estruturação da inteligibilidade trans ao revelar o modo como o cânone se constitui a partir da marcação racial branca e de classe média da transfeminilidade e leva à pressuposição de tais experiências marcadas em termos de classe e raça como eminentemente trans. Ademais, a autora se recusa a obedecer ao regime de moralidade tácito que condena o trabalho sexual e impõe silêncio sobre ele: ela salienta sua importância como forma de sustento e de

---

<sup>13</sup> “Redefining realness” entrou para a lista de mais vendidos do jornal New York Times logo ao ser lançada.

<sup>14</sup> McBee atraiu a atenção de veículos mais independentes, como Kirkus Reviews e Guernica; já Mock e sua obra foram retratados em veículos de maior circulação, como Washington Post e Guardian. Ela também chegou a ser entrevistada em programas de grande audiência, como “Oprah’s SuperSoul Conversations”.

<sup>15</sup> VIPOND, Evan. “Becoming Culturally (Un)Intelligible: Exploring the Terrain of Trans Life Writing”. In: *a/b: Auto/Biography Studies*, 2018.



acesso a uma rede de sociabilidade trans e a técnicas de produção de si (ibid.: 16).

A obra também se destaca do usual pelo modo como elabora o tratamento desses temas. A recorrência com que se refere a escritoras feministas negras como Audre Lorde, bell hooks, Toni Morrison e Zora Neale Hurston sinaliza a leitórias o que a narrativa executa: não está interessada em produzir um estatuto de vítima para si, ou vilanizar seus pais. Pretende, a partir da trajetória pessoal, desvelar como a articulação de desigualdades de gênero, raça e classe produziram um arsenal reduzido de acesso à informação, expectativas de desenvolvimento, formas de cuidado e projetos de futuro. Tecendo uma relação nuançada, tensa e irredutível entre agência e assimetrias estruturais, responsabiliza os pais por modos negligentes e violentos de criação, mas também sublinha a ausência de referências deles para lidar com a sua transgeneridade.

Também sublinha suas escolhas (o trabalho sexual e a transição ainda adolescente) não como coragem diante de riscos de perda – por exemplo, a estigmatização social – mas como ausência de privilégios que poderiam ser perdidos. Por fim, inicia e conclui o livro salientando que sua ascensão social (ao lançá-lo era editora da People) não se deu por conta de uma habilidade individual nem era prova do mito meritocrático estadunidense: tratava-se de uma convergência de processos subjetivos e conjuntos de oportunidades que se desenharam a ela e que não se apresentaram a outras como ela<sup>16</sup>.

“*Man alive*”, de McBee, destacou-se por outros motivos. O livro parte de dois pontos traumáticos para narrar processos contrastivos de estabelecimento de relação consigo mesmo: o abuso sexual cometido pelo pai e sofrido dos 4 aos 10 anos; e o roubo que o vitimou e sua então namorada e quase acarretou seu assassinato. As experiências se articulam narrativamente como eventos de perda de controle e consciência sobre o próprio corpo que desencadearam efeitos opostos, conforme o autor nos mostrará ao longo do texto: a violação sofrida no espaço doméstico levou ao alheamento entre sua subjetividade

---

<sup>16</sup> “Essas garotas e mulheres não receberam as mesmas oportunidades (...) com que fui agraciada. Foram rejeitadas e desumanizadas, o que tornou a maioria esmagadora delas vulnerável (...) a exclusão, discriminação e violência. (...) A despeito de minha tentativa de ser exceção, a realidade é que eu era uma dessas mulheres. (...) Se sou a exceção, o pretensão padrão de sucesso, então onde se situam as irmãs com quem cresci nas ruas de Honolulu que não ‘conseguiram’? Ser excepcional não é revolucionário; é solitário. Separa você da sua comunidade. Quem é você, realmente, sem comunidade? Tenho sido constantemente erigida como token, como o tipo ‘certo’ de mulher trans (educada, sem deficiências, atraente, articulada, heteronormativa). Isso promove a ilusão de que porque eu ‘consegui’, esse nível de sucesso é facilmente acessível a todas as mulheres trans jovens. Sejamos claros: não é. (RR, xv-xvii)



e sua forma corporal, relegando à matéria o mundo social, das interações, enquanto sua subjetividade, sua consciência de si e sua vontade se invisibilizavam e se protegiam do mundo. É como se tivesse abandonado seu corpo às ameaças e ações do mundo, escondendo sua subjetividade em algum canto de si mesmo<sup>17</sup>.

O crime violento que ameaçou a continuidade de sua vida, por sua vez, provocou a reconexão entre essas duas dimensões cindidas (subjetividade e matéria) e o permitiu exercer agência sobre si. Esse evento foi propulsor da sua transição de gênero. Esta se conecta a uma marcha de conhecimento e reflexão sobre a história do pai – McBee viaja ao estado de origem do pai e entrevista familiares – e suas implicações na própria trajetória de vida, bem como à reorganização de seu relacionamento amoroso com a companheira após o trauma do roubo e a assunção da transgeneridade.

A ordem de apresentação dos eventos ao longo de boa parte do livro não é cronológica; a estruturação temporal parte de dois contextos intercalados e cria bruscas pontes de conexão entre eles em momentos de vida muito distintos. Tal movimento também se manifesta no ritmo: os capítulos são curtos, breves descrições de eventos ou estados subjetivos que produzem a sensação de acelerações e freadas súbitas. No final da obra uma ordem cronológica é instituída: McBee se engaja na assunção da identidade de gênero masculina (por exemplo, testa e escolhe um novo nome) e em fechamentos de certos ciclos – deixa a cidade em que morou por anos e se encontra com o pai. Na conclusão do livro sinaliza novos começos: a mudança para outro estado; o surgimento de novos conflitos e necessidade de reajustes em seu relacionamento amoroso; e a surpresa diante dos efeitos da testosterona.

Ao optar por assumir uma ordem cronológica quando a transição se concretiza, McBee parece criar uma lógica estável e gradual de reconstituição de si e do próprio corpo, de reclame de poder sobre a disposição da existência que nas partes anteriores apenas se apresentava como ensaio. Há estabilização de um processo de subjetivação até então tateante: experimenta as promessas que se apresentam ao corpo e o torna parte de sua experiência como sujeito no mundo. Mas se aparta da narrativa convencional não apenas pela estruturação temporal e por elaborar a história de sua vida como história de

---

<sup>17</sup> Dois excertos são bastante eloquentes: “O que ele fez não doeu. Desconectou, fez dois de mim como havia dois dele. Me fez um estranho para mim mesmo” (MA, 22-23); e “Porque eu contei para mim mesmo essa história: eu sei como ser invisível, intocável. Eu podia colocar meu corpo para dormir, membro a membro. Eu podia esperar uma vida inteira, se necessário, para acordar” (ibid.: 36).



reapropriação subjetiva, agentiva, da materialidade corporal em seu engajamento com o mundo. A distinção se dá, ademais, pelo que desenha como motor de realização tanto da apartação quanto do impulso de retorno à materialidade, e pelas articulações que a estruturação temporal produz: trata-se de uma meditação sobre masculinidades.

A feitura desta ordem de tempo inaugura e refaz modelos de homem possíveis experimentados pelo autor, e engendra a potência de uma identidade masculina não interligada a toxicidade. O abuso marcou uma primeira significação, vinculando violência, controle e misoginia ao gênero. Mas conhecer a trajetória pobre da família do pai, a infância deste e a provável experiência de abuso que o vitimou por um lado, bem como, por outro, acompanhar o julgamento do homem que o roubou e ameaçou, e testemunhar fragilidade e desespero do acusado, permitiram que McBee revisse dita dignificação e a associação necessária entre homem e monstro. As experiências mostraram que homens violentos podem ter facetas marcadas por vulnerabilidade e violações sofridas. Ademais, o domínio sobre o próprio corpo e o novo vínculo de identificação com ele permitiram construir uma masculinidade outra, multifacetada – que submete a crítica performances de gênero violentas, refuta sua naturalidade e inescapabilidade, visibiliza-a para enfrentar seus efeitos e evitar sua reprodução.

Embora “*Redefining realness*” e “*Man alive*” sejam boas para pensar, neste artigo me detenho nas segundas obras de Mock e McBee: “*Surpassing certainty*” (2017) e “*Amateur*” (2018). São livros escritos quando ambos já haviam alcançado notoriedade e reconhecimento na grande mídia: Mock iniciava mais constantemente sua carreira em emissoras de TV<sup>18</sup> e McBee expandia sua escrita para outros veículos, como *Buzzfeed*, e GQ; no mesmo período de publicação de “*Amateur*”, ele passa a integrar a equipe de roteiristas das séries “*Tales of the city*” e “*The L word generation Q*”. Não obstante a qualidade inquestionável do trabalho de McBee e Mock, especula-se que parte de sua inserção se dá pelo aparente alinhamento a padrões cisheteronormativos de beleza e afetividade: sua configuração corporal e expressão de gênero são convencionalmente masculinas e femininas (respectivamente), e ambos ao longo dos anos se envolveram em relações longas com pessoas do gênero oposto. Um lugar estável, portanto, sob o olhar

---

<sup>18</sup> Cita como uma de suas primeiras experiências no ramo a produção o documentário “*The trans list*”, exibido pela HBO. Posteriormente, ela atuou na produção, direção e roteiro da série *Pose*, e em 2019 assinou contrato de 3 anos com a plataforma de streaming Netflix que lhe dava poder de criação e produção de conteúdo. Ver: <https://variety.com/2019/tv/features/janet-mock-netflix-deal-pose-1203246917/>



público; o que ambos os livros fazem é perturbar essa estabilidade.

Em “*Surpassing certainty*”, acompanhamos o tempo vivido por Mock entre o seguimento dos procedimentos cirúrgicos de modificação corporal, ao começar a graduação na Universidade do Havaí e continuar o próprio sustento como stripper, até a consolidação de sua carreira como editora do website da *People Magazine*, em Nova Iorque. A descrição da trajetória que abarca parte de seus 20 anos poderia ser tomada, em um primeiro momento, como uma história de superação e ascensão social heróica – mas Mock rapidamente afasta essa leitura. Já na introdução, ela nos avisa de que se trata de uma história de enfrentamento de expectativas de sucesso e aceitação que se fundam em silêncio, esquecimento, apagamento e assimilação, e de como esse enfrentamento reorganizou a concepção de verdade sobre si e sua relação com o tempo.

Já em “*Amateur*” acompanhamos o período de menos de um ano levado pelo autor para treinar e participar de um campeonato de boxe amador. O engajamento com o esporte fez parte de uma reflexão mais ampla sobre seu processo de constituição de uma identidade masculina habitável em meio a uma cultura de masculinidade hegemônica permeada por violência – diante da expectativa generalizada de seu ajuste a tal cultura. A obra se mostra como um projeto dual: de exposição e investigação do que se considera ser “homem de verdade” nos Estados Unidos; e de enfrentamento de seus próprios pressupostos, desejos e incômodos até então não analisados sobre ocupar essa categoria.

Os dois livros recusam a fixidez e a aura de conquista que envolvem a percepção de sucesso de sua transição. Também exploram o que vem depois do que convencionalmente se entende, num enquadramento cisnormativo, como o ponto de chegada desse processo: a realização dos procedimentos de modificação corporal que permitam ser lide conforme o gênero com que se identifica, e a assunção e exercício dos papéis sociais esperados – ambos entendidos como correspondendo à tradução em linguagem material e social de uma verdade identitária interna e substantiva de homem ou mulher “de verdade”. Eles nos desafiam: há um problema grave nessa matriz de legibilidade. O gesto dessa proposta pode ser notado já na introdução de “*Amateur*”:

Histórias sobre pessoas trans, quando sequer as ouvimos, usualmente terminam com tal simbolismo radiante, voltado a indicar que o homem ou mulher em questão teve sucesso, na transição, na grande missão de finalmente ser eles mesmos. Embora isso seja adorável, e até um pouco



verdade, do mesmo modo que uma gravidez ou uma experiência de quase-morte podem agir sobre um corpo como gravidade, remoldando nossos dias e memórias e até o tempo em torno desse impacto – não é onde a história acaba. Nem de perto. Eu sou um iniciante, um homem nascido aos 30 anos, com um corpo que revela uma realidade sobre ser humano que é raramente examinada. A maioria de nós vivencia o condicionamento de gênero tão jovens (...) que acabamos entendendo mal o relacionamento entre natureza e criação, cultura e biologia, caber nos moldes e ser você mesmo (AM, 4-5).

Sigo aqui o modo como Mock e McBee articularam transição, passabilidade e “ser de verdade” em suas obras, como a desorientação dessa articulação afetou sua perspectiva, e como esse processo permitiu uma crítica ao enquadramento cisnormativo.

De início, ambos salientam encanto e euforia com materialização em signos físicos de gênero que suas corporalidades passam a carregar e com a apreensão generalizada e inequívoca de sua identidade como respectivamente homem e mulher. McBee afirma que notava isso “principalmente em termos estéticos: a camiseta que agora me servia, a curva graciosa do meu bíceps, o glorioso salpicado de uma barba” (AM, 3). A abertura de Mock se dá tingida do medo da descoberta, e da imprescindibilidade do segredo sobre a transgeneridade. Ao narrar nas primeiras páginas sua entrada no clube de strip-tease e o encontro, lá, com uma conhecida trans, é notável como sua beleza e corpo alinhados a padrões de cisfeminilidade não afastavam o medo da revelação do passado ou de algum sinal de não naturalidade que poderia vir a ser percebido por mulheres cis:

Sabia que Cassie estava cansada de ser a única no espaço, ainda que ela fosse a única que soubesse. Cassie era uma daquelas mulheres trans que conseguiam acessar espaços sem ser lidas como trans (...). Mas não importa o quão não percebida uma garota fosse, não importa o quão bem conseguisse se misturar, ainda carregava aquela semente de medo de ser descoberta. A semente tinha sido plantada em nós anos atrás, e sabíamos que quanto mais longamente uma pessoa se isolasse, mais amplamente esses ramos cresceriam. (...). Eu ainda era tímida com meu corpo, em especial na companhia de mulheres. Sentia que eu não estava à altura, e esse fracasso me fazia sentir ilegítima. Contudo, na companhia de homens com suas mãos ásperas, ombros largos e bíceps protetores, era generosa com minha nudez (SC, 11-13).

Dançar no clube me deu uma confiança maior em meu corpo, particularmente me permitindo apreciar a estética da minha vagina. Temia há muito tempo que a minha não parecesse “normal”, como se houvesse uma aparência padrão para todas as vaginas (...). Comparar minha vagina de garota trans com imagens retocadas [de revistas masculinas] apenas aumentava minha insegurança. Perdi tanto da minha



juventude me medindo contra coisas fora de mim. Foi no Club Nu que fui exposta a vaginas de todos os tipos. Duas não eram idênticas, mas todas pertenciam a mulheres (SC, 17).

A insegurança quanto a quão “real”/ “de verdade”<sup>19</sup> é o próprio gênero em comparação com corpos de pessoas cis também afeta McBee, e também vemos uma trajetória de questionamento de univocidade desse modelo. Mas embora a questão acerca da adequação de suas formas físicas se manifeste, o que compõe a categoria ganha mais dimensões. No primeiro capítulo do livro, intitulado “Sou um homem de verdade?”, relata a consciência aguda de homens mais altos e fortes da academia, “carregando em seus corpos o potencial de meu fracasso espetacular” (AM, 33). Mas em vez de respondê-la, ele torce a pergunta: quanto mais se preocupa em parecer “de verdade”, mais o que “de verdade” significa se torna o ponto crucial a merecer atenção. Entremeando fontes da história, da sociologia e da psicologia com dados autobiográficos, arrola aspectos normativos da formação da masculinidade verdadeira que se instituem pela repetição:

*Não se deixe dominar. Não peça desculpas quando você é quem está sendo incomodado. Não faça seu corpo diminuir. Não sorria para estranhos. Não demonstre fraqueza. (...) Demonstre poder e controle. Não seja “como uma mulher”. Não seja “como um homem gay”. (...) “Homens tendem a lutar quando se sentem humilhados, envergonhados”, o sociólogo Michael Kimmel me disse. (...) Supus que lutar pelo meu direito como homem trans de ser visto como “de verdade” tomaria grande parte dessa história: mas rapidamente ficou claro que todos os homens provando sua “verdade” o faziam através da luta contra o policiamento e a humilhação exercidos por outros homens, com triste recorrência os humilhando e policiando de volta. (...) Eu me sentia real quando pedia ajuda, quando fracassava, quando era eu mesmo. Eu não queria me tornar um homem real, percebi. Eu estava lutando por algo melhor (AM: 42-44).*

A apreensão do caráter problemático do que se considera “homem de verdade” torna inócuo o questionamento quanto a sê-lo; mais importante é entender o processo de fabricação social desse modelo, o que o constitui (nos termos de Ahmed, o campo de objetos em relação que faz emergir esse estado de ser) e seus efeitos. Um dos aspectos que participam do tensionamento do modelo é o caráter temporal de sua feitura: Mock e McBee exploram o lugar da transição nesse regime de verdade, mas também da instituição

<sup>19</sup> Aproximo os dois termos como traduções parciais do “Real man” usado por McBee ao longo do capítulo.  
CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880



de padrões de gênero fundados na cisnorma.

Em Mock, a tentativa de cabimento em seus moldes e a posterior interrogação de seu sentido se dão partindo do desejo de silêncio e apagamento da transição, principalmente quanto mais se distancia do Havaí, de familiares e conhecidas, ao fazer cursos na costa leste e depois se mudar para Nova Iorque. Embora logo entenda que revelar ou não tal informação é direito de escolha seu<sup>20</sup>, o medo de esse compartilhamento fazê-la indesejável ou alvo de agressão se perpetua na narrativa e se fundamenta na consciência de que, socialmente, a transgeneridade e a transição eram vistas como anomalias e tentativas de ocultação da verdade da identidade sexuada. Isso fazia com que ansiasse por se afastar da imagem convencional de transgeneridade, um projeto de si em que “se misturava. Esse era meu sonho adolescente: ser vista e aceita como qualquer garota. Com minha não-conformidade de gênero aparentemente se desvanecendo” (SC, 38).

Isso faz com que a revelação se dê a partir de lacunas e não-ditos. Vejamos como fala sobre sua trajetória pela primeira vez a seu primeiro marido, Troy, quando ainda namoravam no Havaí. Ela não usa “transgeneridade”; descreve o processo como “quando jovem, lutei contra algo para o qual não tinha palavras. (...) um médico me ajudou. Me deu palavras para me identificar e descrever meus sentimentos. (...) fiz uma cirurgia que me deixou realmente confortável em meu corpo” (SC, 45). A imprecisão é deliberada:

Meu relato vago sobre minha jornada transexual o forçava a preencher os vazios sem colocar um rótulo na coisa. Percebo hoje que eu me recusei a dar um nome a minha experiência. Rejeitei me rotular em sua presença, porque não queria que ele me visse como qualquer coisa além da mulher pela qual havia se apaixonado. (...) dizer que era transexual teria qualificado meu estatuto de mulher. Pensei que deliberadamente constatar que era uma mulher trans – uma mulher que nem sempre foi vista como garota ou mulher (...) – apenas me juntaria às trannies trágicas que consistentemente passavam na tela da minha tv como shows de aberração modernos; à prostituta hipervisível silenciosa ou atrevida; (...) ao corpo mutilado não reclamado. Essas imagens distorcidas apenas elevavam a vergonha que eu sentia sobre ser trans. Eu desejava me separar desses retratos difundidos, ausentes de qualquer afirmação ou celebração. Eu queria escapar do estigma, e que Troy me visse como exceção. (...) Eu não tinha tido distância suficiente pra me reconciliar

<sup>20</sup> “Conforme eu me tornava mais confiante em meu corpo, ganhava mais experiência com encontros, e passei por cirurgia, comecei a ver a revelação não como obrigação, e sim como um presente. Minha história era minha, e sentia que a pessoa tinha que merecer o privilégio de ouvi-la. Pretendentes aleatórios e casos passageiros não eram merecedores de mim e de minha história. Mas Troy se provou merecedor” (SC, 39).



com meu passado. Não tinha viajado longe o suficiente para me apropriar de quem era (...). Ele não demandou [saber] mais, e isso foi um presente (SC, 46).

A conjunção entre desejo de distanciamento de imagens estabelecidas de transgeneridade e a ausência de perguntas da parte de Troy sobre seu passado deram a ela a “aparência de normalidade” (SC, 55) que pensava desejar – aparência que, por sua vez, produzia o efeito de uma feminilidade sempre presente, sempre evidente a quem a lesse. Mas o que fundava tal ausência de perguntas e a subjetividade generificada engendrada pelo silêncio que compartilhavam produziu um efeito perturbador, de redução de si: a sua inscrição em um alinhamento cisnormativo de trajetória, uma história de vida coerente (gênero que deriva do sexo assignado ao feminino) remove a complexidade do passado de reflexão sobre a própria feminilidade, de sua materialização, e da reivindicação de seu reconhecimento. A alocação no alinhamento cisnormativo empobrece o caminho de sua subjetivação e a sensação negativa que isso causa a surpreende.

Ao verem um filme sobre a vida de uma mulher trans (interpretada por um homem cis), Mock diz a Troy “ela é uma garota como eu”. Ele responde “Vocês duas são completamente diferentes. Eu nunca namoraria alguém assim” (SC, 54). A primeira desorientação se dá: ao notar que Troy a distanciava da personagem por ver nesta resquícios de masculinidade – sem considerar sua legibilidade “antes” e o trabalho do tempo realizado. Esse afastamento parecia ser importante para sustentar tanto a imagem de “mulher de verdade” dela, em que “verdade” se apoiava em permanência no tempo, quanto a masculinidade dele – que, reflete Mock, “ditava que ‘homens de verdade’ namoravam ‘mulheres de verdade’”. Se aventurar para além desses limites – desejar uma mulher que nem sempre se apresentou e era vista como tal – era estilhaçar as regras que ele aprendeu a seguir” (SC, 54). Embora fosse o que supostamente desejava, vê-se diante de uma descoberta surpreendente: a exigência de omissão do passado para pertencimento ao mundo cis e à categoria “mulher de verdade” a incomodava.

(...) eu descobri que queria que ele me fizesse perguntas, ouvisse mais sobre tudo que eu havia passado. Eu tinha um conjunto único de experiências que diferiam daquelas das mulheres que Troy havia namorado antes, e isso não me fazia menos mulher. (...) não conseguia articular isso na época (SC, 55).



E essa dificuldade de elaborar o incômodo do silêncio a levará a sustentar a tentativa de abandono do próprio passado ao longo dos anos, insistindo na realização de um presente e futuro de “mulher de verdade”. Ao realizar um intercâmbio curto em *Rhode Island*, um dos motivos de felicidade com a experiência é estar entre pessoas que não sabiam que ela era trans: “Isso era libertador, me permitindo ser apenas mais uma garota na multidão” (SC, 60). Trata-se do modo como era lida socialmente, mas também do projeto de si que construía – e ao longo dos anos, Mock relata almejar ser outra pessoa que não ela, com sua trajetória e seus vínculos. É recorrente lermos ao longo da obra afirmações como “eu não queria voltar para mim mesma” ao se referir a seu período em *Rhode Island* (SC, 73), e “eu poderia me apagar e desenhar uma nova existência” quando conhece Nova Iorque e cogita se mudar para lá (SC, 81). Enquanto narra sua chegada à cidade para cursar o mestrado na *New York University*, pontua ter sido fortalecida pela imagem da garota que “abandonou sua cidade pequena, família e marido e se desfez do seu passado e de seus eus anteriores para recriar a si mesma do zero” (SC, 116).

Ao mesmo tempo, satura a escrita o anseio pelo passado e a percepção de que o conhecimento partilhado do passado a deixava menos solitária, fortalecia vínculos e a tornava mais inteiramente conhecida. Ela lembra que “me sentia sozinha e sentia falta de conexão genuína (...), de estar com quem eu partilhava continuidade. (...) todos ansiamos espaços em que história compartilhada age como um fio nos vinculando e responsabilizando nossos eus anteriores e uns a outres” (SC, 80). Ao se assumir trans a uma amiga, afirma certeza de que “dizer a ela iria na verdade nos aproximar” (ibid. 102).

Nas primeiras 100 páginas do livro, Mock descreve preponderantemente esse projeto de ruptura com o passado na fabricação de uma nova personitude que a inserisse no campo de “mulheres de verdade.” As 100 páginas seguintes que a acompanham em Nova Iorque, porém, operam uma perturbação em sua perspectiva sobre a temporalidade da própria existência e, de um modo mais amplo, sobre a estruturação temporal da subjetividade generificada que organiza pertencimento e exclusão a tal campo.

Isso significou reconhecer, paulatinamente, o caráter infrutífero de sua orientação para o futuro – ser uma nova pessoa, sem história – e encarar a si e a própria história. Mas esse não foi um processo só interno. Revelar sua transgeneridade para amigas se tornou mecanismo de libertação e de solidificação de vínculos afetivos: “podia ser eu mesma (...), permitia que me visse em minha totalidade” (ibid.: 148). Avalia a intensidade de seu



envolvimento afetivo com amigas e amoroso com homens pelo desejo de contar.

O encarar a si e a própria história empreendem perturbação de sentido e de valor, um repensar a valoração negativa atribuída à transgeneridade. Mas também a meditação sobre vínculos com pessoas do passado a leva a notar que não há mesmidade na conformação de si ao longo dos anos. Ao reatar com Troy após um ano separados, e meses depois se separar definitivamente, Mock assume o motivo do prolongamento da relação amorosa: “Troy sabia tudo sobre mim. (...) Estava muito assustada em encarar a mim mesma e ficar só. (...) Acreditava que ninguém nunca me amaria como ele. Ninguém iria aceitar as coisas que eu tinha contado a ele e continuar do meu lado” (SC, 181).

Com o passar dos meses e com a psicoterapia, se dá conta de que a tentativa de estar juntos era apego ao que não existia mais: “ao que lembrávamos que tivemos no passado juntos. (...) Não somos mais quem éramos um para o outro” (SC, 208). Subjacente à infelicidade que sentia, há dois aspectos conectados: ambos haviam mudado muito desde o início do relacionamento, e o vínculo não mudou junto – continuavam se apegando a versões do passado um do outro; e Troy era mais uma dimensão de sua vida de onde extraía a própria imagem e valor.

Com os anos, a transição havia sido tomada como uma trajetória de composição de feminilidade que mais eficazmente fosse tomada como “igual a qualquer outra” – produzindo um efeito cisnormativo, não marcado de mulher. Para preservar esse efeito, era necessário se desfazer do passado, das discrepâncias de legibilidade que vigoraram antes e durante a transição, e orientar personitude em direção ao futuro: ser outra coisa que não quem era, ser mais e mais “igual a qualquer outra.” Fugir de um “si mesma.”

Ao mesmo tempo, nota que essa fuga é impossível – há algo de si do qual não pode se desfazer, e o reconhecimento e validação desse algo é tão fundamental quanto o efeito de “pessoa nova” que ela tenta produzir. Perturba-a, no entanto, notar que ambos os movimentos de vida são insatisfatórios: baseiam-se na outorga externa de sentido e valor de personitude generificada, em que afasta o entendimento de si. O olhar para o passado corresponde ao momento em que tenta reestabelecer uma relação consigo, não como projeto novo a ser inaugurado e aprovado por outres, e não como substância identitária considerada indesejável pela maioria – mas como uma constituição subjetiva que se organiza no tempo e precisa ser conhecida por si mesma.



A desorientação é evidente. O que se consideraria como ponto de chegada satisfatório – a inserção no âmbito da mulheridade comum – se torna lugar de estranhamento. Incômodo pelo preço que cobra, pelos aspectos da subjetividade que exige fiquem do lado de fora do campo do possível e do aceitável. O alinhamento cisnormativo sofre um desvio ao Mock recusar seu trajeto, seu ponto de chegada pensado como ideal, a demanda por estabilização e corte com o caminho percorrido. Mock engendra uma nova linha oblíqua ao direcionar o olhar para dentro e para trás.

O conhecer a si envolve de certo modo ser um agente fronteiriço (Nascimento, 2019a)<sup>21</sup>: se ver recorrentemente na iminência de ser qualificada como estranha pela descoberta da transgeneridade por outres, mas também ter acesso a inserção e circulação em espaços não autorizados a pessoas como ela – pessoas trans com trajetórias similares, mas não facilmente assimiláveis por não passarem por cis. Também permite que conheça os pressupostos cisnormativos de entendimento da transgeneridade e notar sua distorção, sua desconexão com as vidas reais de mulheres trans – decorrência de sua perspectiva singular advinda de seu estatuto de estrangeira no campo social autorizado da cisnorma.

Essa perspectiva torna possível que note o regime regulador que vincula atribuição ao sexo feminino e mulheridade verdadeira, que desafie a inscrição de um modelo único de feminilidade, que empreenda torção no pressuposto de transição bem sucedida como o “se tornar outra” e alhear-se de quem foi. Mock então recusa a assimilação e redireciona sua relação com objetos de pensamento: não mais apreender a verdade de si como indesejável, mas expor os dispositivos que instituem essa indesejabilidade. Não mais reproduzir uma configuração binária de feminilidade verdadeira ou falsa, mas apontar o aspecto ficcional do engendramento dessa configuração, que invisibiliza e exclui uma imensidão de formas reais de ser mulher. Não mais atentar para um presente e futuro de conquista da aparência de linearidade sexo-gênero, mas evidenciar, ao atentar para o próprio passado, o processo de moldagem da personitude generificada que articula modalidades mutáveis e heterogêneas ao longo do tempo de percepção de si, legibilidade social e reconhecimento. O atravessamento de campos sociais de legitimidade torna possível rever não só o entendimento da transição, mas também empreender outra, não linear, e não pautada em categorias discretas: de um

---

<sup>21</sup> NASCIMENTO, Silvana. “Fugas e contrapontos na fronteira: reflexões etnográficas sobre transitividades corporais e de gênero no Alto Solimões/AM”. In: *Revista de Antropologia da UFSCar* 11 (1), jan./jun. 2019: 524-551.



desejo de pertencimento ao enquadramento hegemônico a um desejo de remoldagem do mundo habitável e de processos de subjetivação possíveis para além da cisnorma.

Com McBee, o processo é distinto porque o olhar para dentro – seu encanto com aspectos do mundo convencional dos homens e o comprometimento em “enfrentar verdades, mesmo as feias” (AM, 49) – faz parte do projeto que ensejou a escrita do livro. Além de mais de 10 anos mais velho do que Mock ao assumir a identidade masculina, vinha de um engajamento com debates sobre gênero e sexualidade que já questionavam a masculinidade hegemônica. Também, aqui, o que se considera “lugar de chegada” é menos visto como vitória, como território de estabilização e de completude de si; provoca estranhamento e outridade. Isso se condensa de modo mais evidente em dois capítulos – um no início e um mais ao fim: “sou machista?” e “por que ninguém me toca?”.

Em “sou machista?”, nota que tal encanto com o mundo convencional dos homens faz parte de um desejo por formas e movimentos corporais e comportamentos lidos como masculinos e, portanto, negados a ele ou vistos com maus olhos ao exercê-los enquanto era assignado ao sexo feminino. Enquanto qualificado como mulher masculina, tratavam-no com estranhamento em ambientes de trabalho – a apresentação de si era questionada como antiprofissional, sua conduta incisiva era vista como agressiva. No que designa como “Antes”, havia uma série de assimetrias que partilhava com mulheres cis convencionalmente femininas. Quando procedimentos cirúrgicos e terapia hormonal levaram a sua legibilidade como homem cis, no entanto, o valor atribuído a modos de agir foi invertido: passou a ser ouvido, levado a sério, parabenizado.

A fricção entre meu corpo e o mundo a meu redor havia desaparecido. Me tornar um homem era fácil exatamente nos lugares em que não ser um havia sido difícil. Todos os dias, eu era premiado por um comportamento pelo qual antes era punido, como defender meus ideais, pressionar alguém, (...) e estrategicamente – e visivelmente – receber crédito. Quando provava minha habilidade, apenas uma vez, ela tendia a se perpetuar (AM, 52)

Neste lugar de autoridade sedutora, passou a reproduzir posturas sexistas: não consultar mulheres que sabiam mais sobre determinados temas do que ele e se irritar quando era corrigido por elas, ser mais atento e solícito na interação com homens, etc. Essa tomada de consciência o desestabiliza porque, novamente, torce a pergunta a partir



da reorientação da perspectiva: não se trata de ser ou não machista, ou da possibilidade de sê-lo tendo em vista seu passado de experiências em que sofreu discriminação de gênero compartilhadas com mulheres. Trata-se de se perguntar de que forma modos de ler diferentes subjetividades generificadas suscitam diferentes cumplicidades com o poder ou fragilizações por ele, engendram diferentes campos de possibilidade de relação com outros e o mundo e diferentes dinâmicas de assimetria de gênero.

O autor se compromete a investigar o modo como sua legibilidade como homem cis reconfigurou a atribuição de sentido a seu comportamento e o modo como isso o faz se beneficiar de tal assimetria. Também o interessa de que modo a sedução da masculinidade habitada envolve, também, a sedução dos privilégios da masculinidade. Tenciona desmontar a estabilidade dessa posição de sujeito; para isso, se vale do caráter de novidade em habitá-la, do processo de comparação entre esta posição e a que ocupava anteriormente, e, principalmente, do modo como essa posição implica a reorientação de uma rede de relações a seu redor: como é visto, tratado, classificado, valorizado.

Uma perturbação oposta, que gera estranhamento, é descrita no capítulo “por que ninguém me toca?”. Aqui, transformações corporais levaram outra reestruturação de comportamento a seu redor: a redução drástica do contato físico em quase todas as dimensões de sua vida, com exceção da academia de boxe – onde homens desconhecidos davam tapas na sua bunda e o abraçavam com frequência. Fora desse espaço, suspeitava que homens e mulheres evitavam proximidade física por medo de que sugerisse interesse afetivo-sexual – medo fundado em homofobia, no primeiro caso, e na desconfiança socialmente dirigida em torno de amizades entre homens e mulheres, no segundo.

Logo ele nota que a reestruturação da leitura de seu corpo era acompanhada por expectativas de ação e por regras de interação entre pessoas. A evitação do contato físico é parte de uma configuração de modelo de masculinidade mais ampla: a interdição de vulnerabilidade a ele, e expectativas de que essa ausência apenas assumisse duas formas – a positiva, como poder; e a negativa, como ameaça. Isso se explicita, por exemplo, nas dissonâncias com mulheres em uma série de primeiros encontros logo após a transição:

Agora eu me fazia menor, com medo de assustar meus matches do Tinder, sempre fazendo a coisa errada, (...) perplexo com a etiqueta que nunca aprendi, tudo um campo minado. (...) Depois de alguns meses dessa nova vida de encontros, uma amiga bem intencionada (...) me aconselhou que eu estava sendo “muito vulnerável” com as mulheres



com quem saía. (...) “Não é sexy”, ela simplesmente disse. Meu eu de Antes nos estados iniciais de encontros amorosos – direto, confiante, romântico – parecia predatório agora. A vulnerabilidade que minha amiga notou em mim era apenas meu desejo por conexão, despido de qualquer fingimento (AM, 125-126).

As regras de interação são confusas porque padrões de comportamento aceitáveis a sua assiguação de gênero anterior tomam outro sentido ao ser lido como homem – mas de modo geral, o imperativo é o de fechamento ao toque e à ação do outro, e, portanto, afastamento de um lugar de suscetibilidade. Para o bem (“ser sexy”) e para o mal (“ser predatório”), da masculinidade convencional se espera uma autonomia que se constitui pelo estabelecimento de barreiras de circunscrição e contenção. Elas o tornam inacessível ao toque de outre – e de modo opositivo, tornam-no o agente que toca, que afeta.

Esse processo o leva a refletir sobre modos sócio-históricos de constituição de normas de masculinidade em oposição à feminilidade, de aspectos emocionais esperados a uma subjetividade generificada e negados a outra. Se sensibilidade, empatia, cuidado e vulnerabilidade são entendidos como qualidades femininas, são interditas a homens e ameaçam sua masculinidade<sup>22</sup>. Um dos poucos espaços em que se expor ao toque de outre e se engajar em interação física são autorizados é o de esportes de combate como o boxe: uma dinâmica contida de intimidade e nudez. Tais regras não faziam sentido – não apenas porque implicavam a demanda de reestruturação de modos de interação que havia aprendido e seguido ao longo de sua vida “antes”, mas também porque expressavam mecanismos violentos de instituição de um modelo único de masculinidade pautado no banimento da interdependência. Como conciliar ditas expectativas e sua trajetória?

Me chocou que homens tinham que aprender como ser tocados (...), e como tocar uns aos outros. (...) Crescentemente, eu via minha esperança em construir uma ponte entre meus Antes e Depois como um tipo de binário próprio. Não tinha cruzado uma linha mágica, tratava-se mais de explodir minha vida, criando mudança do modo desordenado que a maioria das pessoas faz. (...) Eu tinha mudado, e tinha continuado o mesmo, e cabia a mim aprender como construir meu novo eu com os materiais que estavam diante de mim. “Tivemos a mesma socialização”, eu apelava a Jess. “Não sou tão diferente de você”. Sabíamos que isso era verdade, mas ainda assim – não era mais verdade, exatamente. (...)

<sup>22</sup> “Homens estadunidenses disseram que ‘ser homem’ significa não ser uma mulher. (...) Se ser ‘feminino’ é o oposto de ser um homem, então muitas qualidades que estadunidenses associam a mulheres (...) não são só reprovadas em rapazes, mas destruídas enquanto são jovens” (AM, 127).



meu corpo presente para todos os corpos ao meu redor e todos os corpos que eu havia sido e conhecido, e finalmente encontrei uma paz rara e perfeita ali. (...) A música [tocando na academia] me levou de volta ao ensino médio. (...) na academia eu podia sentir dentro de mim tanto um homem exausto batendo em um saco de pancadas quanto uma pessoa adolescente em fervor suado [na boate queer], se fundindo em uma massa com queens cheias de glitter e butches de cáqui e twinks e daddies de couro. (AM: 135-136)

A transição se distancia da figura linear convencional em representações da transgeneridade – não se trata da passagem de um lugar a outro, de uma categoria discreta unívoca a outra ao cruzar uma fronteira; ocupar o novo lugar significa levar consigo as experiências, a educação emocional, os modos de entendimento de gênero e sexualidade que afetaram a sua conformação enquanto sujeito – não abandoná-los. Significa permitir que esses elementos que faziam parte de um *self* do passado permaneçam compondo a outra pessoa generificada que se tornou, apenas requerendo novas relações entre eles. Essa sobreposição de personitades que habitaram diferentes tempos desestabiliza o dispositivo de orientação que insta ao abandono do *self* do passado. Significa recusar que a única masculinidade aceitável possível seja a que se opõe à feminilidade.

Significa, ademais, questionar o pressuposto de relação opositiva entre verdadeiro e falso, e da associação entre verdade e permanência. E isso se manifesta em seu entendimento da categoria passabilidade – envolvendo um processo de desorientação pessoal seguido de um projeto de desorientação amplo que os autores propõem enquanto argumento de suas obras. Em *Mock*, o debate é posto logo na introdução:

Gerações de garotas ouvem que o único modo de sobreviver é permanecer em silêncio, não ser notada, se misturar. Se é capaz de caber nos limites restritos, quase inalcançáveis do que a sociedade demanda que mulheres pareçam, espera-se que se mantenha quieta sobre seu passado e apenas passe. Não abandona nunca a minha mente que algumas, não tão afortunadas como eu, são frequentemente ridicularizadas, humilhadas, feridas ou atacadas quando fracassam em testes arbitrários em que pareço ser aprovada. Sempre me incomodou o termo “passar”. Ele promove a impressão falsa de que mulheres trans se engajam em um processo através do qual estamos passando por mulheres cisgênero – e não estamos. (...) Não estamos (...) fingindo ser mulheres. Somos mulheres, e pessoas cis não são mais válidas, legítimas e reais. (...) me benefício diariamente do privilégio de me misturar e não ser vista como trans. Meu status de mulher não é conferido e questionado nos espaços que adentro (...) e esse é um privilégio que muitas não têm. Elas enfrentam diariamente o peso da ignorância e da intolerância (...) (SC, xix-xx).



A crítica da passabilidade marca o pressuposto de que a cisgeneridade é a referência esperada, o padrão de normalidade, e que qualquer desvio desse campo orientacional precisa ser dito senão demarcaria engano e falsidade: fazer as pessoas presumirem que você é algo que não é. Mock convida ao rompimento do silêncio, mas não porque o dizer seria um imperativo moral a pessoas trans – mas porque ao fazê-lo, expõe-se a arbitrariedade do pressuposto e da norma, demonstra-se o caráter de verdade de transfeminilidade que recusa a oposição atemporal e unívoca verdadeiro-falso. O dizer atenta para o caráter processual de realização da verdade e para o aspecto multifacetado da identificação. Manifestar aspectos lidos como masculinos no passado (ser lida como menino na infância, por exemplo) ou no presente (não ser passável) não nega a feminilidade. O pressuposto de univocidade perpétua é praticamente inalcançável.

Em McBee, o debate sobre passabilidade ocupa um capítulo inteiro, intitulado “Estou passando?”. De modo condensado, apresenta o medo das implicações da descoberta de sua transgeneridade em um espaço tão densamente cismasculino como a academia de boxe, o desejo de cabimento no modelo cisnormativo de gênero e a descoberta perturbadora de suas limitações. Havia medo de violência, e o resgate da história trágica do boxeador Emile Griffith ilustra sua razoabilidade<sup>23</sup>. Mas havia também a ideia de que “o oposto de passar era fracassar” (AM, 62) – fracassar no atingimento de um padrão reconhecível, validado por outros homens. O que significaria esse fracasso? E quais mecanismos subjazem o sucesso da passabilidade?

Isso faz com que mergulhe em estudos sociológicos e históricos sobre passabilidade racial, salientando, na análise desses materiais, como intelectuais destacam binários sociais na organização de sentido de marcadores sociais da diferença tais quais classe, raça e gênero. O “passar por” corresponderia ao trânsito para a outra categoria do binário, a criar a aparência de pertencimento a uma categoria de identificação da qual não faz parte visando escapar de discriminações e acessar privilégios econômicos e sociais vedados ao pertencimento de origem (AM: 59-60). Mas essa qualificação precisa ser

---

<sup>23</sup> Emile Griffith foi um pugilista estadunidense atuante principalmente nos anos 1960. McBee relata no livro que, anteriormente a uma de suas lutas com o rival Benny Paret, foi alvo de comentários homofóbicos por parte deste. A luta foi traumática: Griffith bateu tanto em Paret que este perdeu a consciência, entrou em coma e faleceu poucos dias depois. Segundo McBee, o desejo de provar a própria masculinidade pode ser notado subjacente à desmedida brutalidade. Por anos Griffith refutou rumores sobre sua orientação sexual; em 1992, após sobreviver a um linchamento na saída de um bar gay, assumiu-se bissexual.



tensionada no que tange a sua aplicação a pessoas trans, afirma.

Isso se dá porque o sentido convencional atribuído, destaca, é o de que pessoas trans estariam fingindo fazer parte de um gênero oposto a seu “verdadeiro”: em seu caso, como se sua designação quando do nascimento fosse a verdade de si ocultada. McBee nega esse empreendimento de sentido, redimensionando a perspectiva não apenas em outros termos que não masculinidade e feminilidade, verdade e mentira, mas provocando perturbações de legibilidade social e temporalidade – assim como Mock.

Legibilidade social porque “passar por” envolve lentes que organizam signos expressados conforme um repertório compartilhado, situado de classificação. Não corresponde só ao processo de atribuição de sentido a si, de realização da subjetividade generificada; trata-se do modo como esse processo de realização, diante de olhos de outros, é apreendido. McBee destaca que a constituição de uma expressão de gênero unívoca (em seu caso, inteiramente formada por signos sociais de masculinidade) é lida socialmente como um sinal de que sempre foi um sujeito assignado ao sexo masculino – ou seja, de que é cis. E de que qualquer coisa que não a cisgeneridade é uma mentira.

A sinalização da expectativa generalizada de cisgeneridade a sujeitos que apresentam certa coesão em sua expressão de gênero é relevante porque desorienta o debate e o rearranja. Não se trata mais de sujeitos fingindo serem o que não são, mas de um regime de suposição e atribuição de sentido a esses sujeitos sem sequer perguntá-los. Opera-se a partir de mecanismos de significação que são aproximados mas distintos. Se o oposto da cisgeneridade é mentira, tratar-se ia apenas de ser verdadeiramente homem ou mulher, ou fingir pertencer a um sendo sujeito essencialmente outro; McBee nos alerta que essa lente não imagina a possibilidade de um corpo univocamente de um gênero ser uma conquista, produto de um processo de constituição enquanto tal. Essa lente não prevê que corpos carreguem uma trajetória de experimentação e de materialização de gênero complexa e fluida. Isso, defende McBee, não demonstra má-fé de pessoas trans – demonstra a pobreza imaginativa de mecanismos de legibilidade cisonormativos.

Deixar-se ser lido como cis é uma estratégia usual a pessoas trans que cabem em padrões cisonormativos de gênero, afirma McBee, como uma estratégia de segurança<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> Algo também notado por Duque (2019) no contexto brasileiro, a partir do que acontece quando a pessoa não passa: “também pude ouvir sobre vários acontecimentos violentos ou vexatórios. Eles sempre estavam relacionados com a não passabilidade, ou com aqueles passáveis, mas que não deixaram, propositalmente, sob segredo os processos que os tornaram ‘tão femininos’ ou ‘tão masculinos.’ (...) os interlocutores estão CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880



Assim como a categorização por ele citada da passabilidade define, há efetivamente acessos negados a sujeitos que pertencem a categorias sociais estigmatizadas. Todavia, ressalta, seu processo de ocupação da expectativa de cisgeneridade assim como em Mock levou a uma redução da complexidade do arranjo temporal de sua personitude:

Eu sou um homem, então não estava passando como alguém que não era (...) mas entendia. Eu não conseguia telegrafar a realidade que tinha vivido: os anos como tomboy ou os bares queer que se seguiram. A testosterona me fazia reconhecível, mas o preço era um efeito de achatamento. (...) Entendi que estava finalmente sendo visto. Mas sendo visto como o quê? (...) me mover pelo mundo com meu corpo de Antes havia entalhado meu cérebro, e operar como se isso não tivesse acontecido (...) parecia tão dissonante como me olhar no espelho antes havia sido. Não havia linguagem para descrever meu eu inteiro que não me pusesse em perigo. Eu passava à medida que permitia que outros acreditassem que eu havia surgido, inteiramente formado, como o homem que estava diante deles. (...) eu passava quando outros prescreviam a mim uma infância como rapaz que nunca tive. Eu passava como o homem que outros viam, e eu não es dissuadia dessa visão de mim. Eu estava, assim como todo mundo, passando como minha tradução mais coerente (AM: 60-61).

Esse efeito de achatamento que a “tradução mais coerente” engendrava implica apagamento de uma série de aspectos de configuração temporal da subjetividade generificada. O “sucesso” da passabilidade correspondia a uma visão normativa, redutora, de identidade e expressão de gênero como formadora da personitude. Correspondia, ademais, ao abandono de memórias e jeitos de agir – algo que compara, mobilizando pesquisas de historiadoras, à história de assimilação racial à branquitude nos Estados Unidos, empreendimento que levou ao silenciamento da complexidade de pertencimentos étnico-raciais diversos à categoria “branco” em oposição aos inassimiláveis – pessoas “de cor”. Da mesma forma, atenta para os distintos prejuízos, em termos de gênero, do sucesso da passabilidade (empobrecimento de uma jornada de aprendizado, realização e codificação do gênero) em oposição a seu fracasso (a expressão de signos lidos como masculinos e femininos, e a ameaça à integridade física que essa expressão traz).

É importante notar o efeito *queer* desse processo levado a cabo por McBee e

---

expostos a violências, ou ao risco de sofrê-las, quando as expectativas sob as quais a identificação desses como sendo homens ou sendo mulheres não são atingidas.” (ibid.: 154)

DUQUE, Tiago. *Gêneros incríveis*: um estudo sócio-antropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher. 2ª ed. Salvador, BA: Editora Devires, 2019.



Mock: a perturbação do estado de constituição da existência depois da transição, da conquista de um lugar de aceitação e validação hegemônica do gênero. Uma perturbação que se motiva principalmente a partir do analisado por Nascimento (2019b)<sup>25</sup> ao se referir ao trabalho etnográfico, mas que pode ser desencadeado em circunstâncias outras: o estranhamento engendrado pela classificação de corpos – corpo como sujeito da cultura, como estar-no-mundo, ela define a partir de Thomas Csordas e Tim Ingold – em variações inimaginadas que extrapolam expectativas. A multiplicidade de sentidos se transforma em lugar produtivo de reflexão não só sobre estes, mas sobre o empreendimento localizado de sua feitura: lugar de fronteira que permite o encontro dessas perspectivas e a produção de conhecimento sobre elas. Mas não é só algo bom para pensar.

Como Nascimento reflete a partir do pensamento de Patricia Hill Collins e de Glória Anzaldúa, divisões sociais são organizadas a partir de uma lógica de centro e margem, identidade e alteridade, qualificadas de modo binário, imiscível e hierárquico – pensadas em categorias discretas separadas por muros. O processo de reflexão sobre e a partir da fronteira, por sua vez, deve se dar tomando como objetivo a atenção, exposição e desestabilização daquele empreendimento cognitivo assimétrico, aproveitando-se da fluidez que transposições parciais permitem, que estar entre dois mundos permite:

São momentos e experiências instáveis (...) provocam um descentramento. Estar na fronteira significa deslocar a perspectiva antropológica para os processos pelos quais diferenças são construídas e mover-se entre muros, atravessá-los e olhar através deles. Isso sugere que a pesquisa possa incorporar(...) como e quais lugares e experiências possibilitam formas de opressão, discriminação e desigualdade (Nascimento, 2019b, 465)

Nas obras, trata-se de comprometimento analítico e político que tem um efeito *queer* ao perturbar os pressupostos da passabilidade e, com ela, o regime regulatório cisnormativo que sustenta mecanismos de demarcação de reconhecimento e aceitabilidade, e de exclusão e estigmatização, fundando-se em coerência e permanência de identidades como categorias discretas. Nesse aspecto, a articulação entre passabilidade e *queeridade* elaborada por Judith Butler é particularmente produtiva: em seu ensaio

---

<sup>25</sup> NASCIMENTO, Silvana. “O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima”. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP V. 62 n. 2: 459-484. 2019.



“*Passing, queering*” (2008[1993])<sup>26</sup>, a filósofa analisa o romance “Identidade”, de Nella Larsen, para investigar o modo como esta a partir do desenrolar narrativo das personagens (o casal negro Irene e Brian, cujo encantamento por Claire, que se passa por branca, desencadeia o conflito que estrutura a obra) tanto expõe regulações articuladas de gênero, sexualidade e raça como sublinha suas tensões e fragilidades.

A passabilidade, analisa Butler, não é mera estratégia tornada possível e operada pela organização do visível. Claire efetivamente tem pele clara. Mas a passabilidade, para operar enquanto tal, depende da instituição de distância de relações que podem evidenciar a marcação da diferença – estar perto de outras pessoas negras, reestruturando a legibilidade de sua qualificação racial, como se “o signo de negritude se contraísse (...) por proximidade, que a ‘raça’ mesma fosse um contágio que se transmite por proximidade” (ibid.: 246) – e do silêncio. Silêncio sobre trajetórias, relações, qualquer coisa que pudesse desestabilizar o pressuposto normativo, não marcado, de branquitude. Falar, perturbar o silêncio é adjetivado recorrentemente por Larsen como algo “*queer*”, nota Butler: dizer algo estranho (como falar sobre sexualidade em uma sociedade que cala sobre desejo e prática sexual), expressar uma emoção não convencional (como a ira, sendo que de mulheres se espera docilidade), trazer o inesperado a uma conversa que tem padrões tácitos de aceitabilidade do que dizer e do que calar:

Como palavra que evidencia o que deveria permanecer oculto, “*queering*” cumpre a função de exposição dentro da linguagem – uma exposição que quebra a superfície repressora da linguagem – da sexualidade e da raça. (...) Em última instância, *queering* é o que desequilibra e expõe o que se finge; é o ato mediante o qual a ira, a sexualidade e a insistência na cor detonam a superfície racial e sexualmente repressora da conversação (Butler, 2008 254-255).

A queerização que se dá pela perturbação do silêncio da passabilidade e pela revelação da produção ritualizada da configuração regulatória que cria circunscrições de dominação e exclusão ganha metáforas espaciais: a perturbação, a fissura da superfície. Da mesma forma, a perturbação como empreendimento analítico e político pensada por Nascimento, a partir da fronteira – atravessar e ocupar diferentes formas corporais,

<sup>26</sup> BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del sexo*. 2ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.



imaginários, projetos, enquadramentos, e fazê-los produtivos em seu encontro e fricção.

Mock e McBee, ao recusarem a omissão e o misturar-se, ao recusarem a ojeriza ao próprio passado e ao recusarem o lugar de chegada da transição passável como sucesso, revelam não só o atravessamento de posicionalidades. Esse revelar reinstitui a ambas es autores no campo de objetos de atenção que formam sua subjetivação e assim deforma o campo cishetero – organizado por muros intransponíveis, silêncio e permanência. Permite a defesa de enquadramento fundado na composição de uma personitude a partir de diferentes temporalidades e subjetividades, linha de fuga do modelo de pessoa unívoca tanto em termos de entendimento de si quanto de percepção social.

### **Considerações finais: movimentos sutis de recusa**

Janet Mock e Thomas Page McBee perturbaram e abandonaram o ponto de chegada considerado a partir do enquadramento cisnormativo como sinal de sucesso: o atingimento de legibilidade como pessoa cis. No processo, perturbaram o próprio enquadramento. Seus modos se dão afetados por: diferentes saberes e engajamentos; atravessamentos de marcadores sociais de diferença articulados a gênero (raça, classe, sexualidade e geração em especial); e diferentes conduções discursivas.

Os empreendimentos tem propostas e desenrolares consideravelmente variados: Mock, na faixa dos 30 anos, narra o processo de tomada de consciência da indesejabilidade do que ao longo de sua vida considerou objetivos a se almejar. McBee, um homem branco jovem alçado à posição de considerável privilégio, tem como ponto de partida a realização de uma experiência de investigação sobre fantasias pessoais e disseminadas acerca de ser “homem de verdade”. Meu argumento é que suas obras apresentam modalidades variadas de reconfiguração de campos de atenção: o campo de movimento narrativo esperado como cânone auto/biográfico trans; e o campo de enquadramento cisheteronormativo. Diante do que deveria ser o fim – “alcancei o fim da transição e o reconhecimento de gênero, me sinto completo” – demarcam um novo começo: e se esse lugar de chegada de aceitabilidade e pertencimento à cisgeneridade é inabitável? E se o silêncio é uma autoviolência e o regime regulatório de subjetividades cisnormativo é empobrecedor, em vez de território de completude? Mock e McBee desenham o movimento estranho, *queer*, do que vem depois desse ponto.

Lembremos que Ahmed reflete sobre *queer* como efeito de desalinhamento de



campos de organização desenhados pela cisheteronorma; a espacialidade é menos uma metáfora e mais um ponto de partida fenomenológico que orienta a inteligibilidade e as formas de organização social disponíveis, instituídas ao longo do tempo. A *queerização* é a perturbação de tal inteligibilidade e formas de organização: Mock e McBee fazem isso desmontando o mito da passabilidade.

Essa dimensão perceptual, espacial da *queerização* da passabilidade é explorada também por Jack Halberstam<sup>27</sup> em sua obra seminal sobre experiências *queer* de masculinidade exercidas por corpos assignados ao sexo feminino:

Para muitos desviantes de gênero, a noção de passar é singularmente inútil. Passar como narrativa parte do pressuposto de que há um self que se mascara como outro tipo de self e faz isso com sucesso; em vários momentos, o passar bem sucedido pode consistir em algo semelhante a identidade. (...) E a pessoa biologicamente feminina que se apresenta como butch, passa por homem em algumas circunstâncias e é lida como butch em outras, e considera a si mesma não como mulher mas mantém distância da categoria “homem”? Para tal sujeito, **identidade talvez seja mais bem descrita como processo com múltiplos sítios de devir e ser. Para entender tal processo, nós precisaríamos fazer mais do que mapear jornadas psíquicas e físicas entre masculino e feminino e no seio do espaço queer e hetero; precisaríamos, na verdade, pensar em termos fractais e sobre geometrias de gênero.** (Halberstam, 1998: 21 – grifo meu)

É importante pontuar que embora o autor se refira ao que considera desviantes, é importante pensar na *queerização*, como ele mesmo elabora, menos em termos de identidades particulares e mais em termos dos efeitos de práticas fazedoras de modos de existir que não cabem na norma. É desse modo, assim, que personagens tão atentas ao cumprimento de normas como Irene em “Identidade” são *queer*, nos dirá Butler. É desse modo que mesmo pessoas que tentam se enquadrar em modelos liberais de subjetividade cisheteronormativa produzem perturbações na cisheteronormatividade, dirá Ahmed:

(...) dificilmente tentativas de seguir uma linha hetero como gays e lésbicas vão te fazer ganhar pontos. Apontar essa rejeição não é dizer que homonormatividade é condição de emergência de uma nova via de política queer (embora pudesse ser). É dizer que habitar formas que não estendem seu molde pode produzir efeitos queer, mesmo quando você

<sup>27</sup> HALBERSTAM, Jack. *Female masculinity*. Durham and London: Duke University Press, 1998.



acredita estar se “alinhando”. (...) Desorientação não pode ser uma política da vontade, mas um efeito de como fazemos política, o que por sua vez é marcado por uma questão anterior – simplesmente, como vivemos (Ahmed, 2006a, 569).

E isso nos ajuda a pensar em Mock e McBee. Enquanto pessoas que encarnam signos de beleza cisnormativos, em relações heterossexuais, com carreiras profissionais bem sucedidas no campo do entretenimento e das artes e com aceitação entre o público cis, não são exatamente os desviantes imaginados por Halberstam. Mas as recusas que fazem ao enquadramento cisnormativo da subjetividade generificada e a expectativas de narrar trajetórias de transgeneridade em obras publicadas e celebrizadas no seio da indústria de entretenimento produzem o efeito fractal, de geometria de gênero, defendido pelo autor. Distorcem o molde pelo simples modo de apresentá-lo como insuficiente por quem foi bem sucedido em alcançá-lo.



## (GEO)EXPERIÊNCIAS FEMININAS NA LITERATURA

*Female (Geo)experiences in Literature*

Beatriz Santos de Souza<sup>1</sup>

### RESUMO

A narrativa da existência feminina ao longo do tempo foi sendo traçada, majoritariamente, por mãos masculinas. Entretanto, é necessário que elas sejam as autoras e não meras personagens representadas segundo uma visão do outro. Virgínia Woolf em *Um Teto Todo Seu* e Hélène Cixous em *O Riso da Medusa*, fazem uma espécie de chamado para que as mulheres reconquistem o protagonismo de sua narrativa. Sendo uma das várias expressões, a Literatura permitiu essa autonomia. Reforça sua (geo)experiência. O *I Colóquio Palavra-mulher: de uma escrita feita por mulheres* realizado no Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará – UECE em 2022 proporcionou uma imersão literária feminina em evidência: mulheres, em sua maioria da periferia da cidade de Fortaleza – CE, que produzem uma literatura fora do cânone repleta de geografias e uma reafirmação de si enquanto mulheres. Entre as várias convidadas do evento, a coletiva BaRRósas poesia, através de sua mais recente coletânea de poesias *baRRósas: memória e poesia* (2021) permitiu ir a fundo em uma escrita contemporânea feminina. Trazer essas mulheres, seus corpos e sua escrita é mostrar que podemos chegar até elas e dar espaço para as suas (geo)experiências.

**Palavras-chave:** (geo)experiência. Geografia literária. BaRRósas.

### ABSTRACT

The narrative of female existence over time was mostly traced by male hands. However, it is necessary that they are the authors and not mere characters represented according to a vision of the other. Virgínia Woolf in *Um Teto Todo Seu* and Hélène Cixous in *O Riso da Medusa*, make a kind of call for women to regain the protagonism of their narrative. As one of several expressions, Literature allowed this autonomy. It reinforces your (geo)experience. The 1st *Colóquio Palavra-mulher: de uma escrita feita por mulheres* held at the Humanities Center of the Universidade Estadual do Ceará – UECE in 2022 provided a female literary immersion in evidence: women, mostly from the outskirts of the city of Fortaleza - CE, who produce literature outside the canon full of geographies and a reaffirmation of themselves as women. Among the various guests at the event, the BaRRósas poetry collective, through its most recent collection of poetry *baRRósas: memória e poesia* (2021), allowed us to delve deeper into contemporary female writing. Bringing these women, their bodies and their writing is to show that we can reach them and make room for their (geo)experiences.

**Key-words:** (geo)experience. Literary geography. BaRRósas.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: beamgsouza@gmail.com  
CADERNOS PET, V. 14 , N. 27



### Por uma escrita de mulheres

É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com o mesmo objetivo mortal. É preciso que a mulher se coloque no texto – como no mundo e na história –, por seu próprio movimento. (CIXOUS, 2022, p. 41)

Partindo do incômodo da ausência de vozes femininas na literatura, Hélène Cixous tece uma obra ensaísta referencial sobre o protagonismo das mulheres na escrita. A epígrafe que inicia este trabalho de reflexão é o primeiro contato do leitor com a obra de Cixous e concordamos com ela quando convida as mulheres a se escreverem e se tornem parte da palavra.

A narrativa da existência feminina foi sendo traçada por mãos masculinas, no qual elas eram representadas por “Uma história repleta de estórias, cujas narrativas sempre nos colocam como um mal, um defeito, um Ser para fora do bem maior, do sublime” (AMITRANO, 2020, p.13). O que sabíamos da existência das mulheres era fruto de uma tradição construída por homens:

Porque sobre as mulheres muito pouco se sabe. [...] De nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. Eles foram soldados ou foram marinheiros; ocuparam tal cargo ou fizeram tal lei. Mas de nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que resta? Nada além de uma tradição. Uma era linda; outra era ruiva; uma terceira foi beijada pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos que tiveram. (WOOLF, 2019, p.09-10)

É necessário que as mulheres sejam as autoras de suas narrativas e não meras personagens representadas segundo uma visão do outro. Apesar dos rastros deixados, capazes de compor a trajetória da sua existência, elas foram “confinadas no silêncio de um mar abissal” (PERROT, 2019, p. 16). Esse silêncio não envolve apenas as mulheres como também “o continente perdido de vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade” (PERROT, 2019, p. 16) Mas, é nelas que recai o peso maior da obscuridade. Há casos onde a omissão surge da própria fonte, pois como aponta Perrot:

Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra. (PERROT, 2019, p. 17).



Mas, lembremos das palavras de Virgínia Woolf em *Um Teto Todo Seu*:

Contanto que você escreva o que tiver vontade de escrever, isso é tudo o que importa; e se isso importará por eras ou horas, ninguém pode afirmar. Mas sacrificar uma ínfima parte de sua visão, uma só de suas nuances, em deferência a um diretor qualquer com um troféu prateado nas mãos ou a um professor qualquer com uma fita métrica na manga é a mais abjeta das traições; e o sacrifício de riqueza e castidade que era tido como o maior dos desastres humanos é um nada em comparação. (WOOLF, 2014, p.149).

Podemos resumir esse alerta de Virgínia Woolf em: Escrevam! Independente do que digam, do que questionem, do que apontem, apenas escrevam. Se ponham nas palavras escritas. Tanto Virgínia Woolf como Hélène Cixous, usaram seus textos para instigar uma escrita sobre mulheres feita por mulheres. Escrita essa fundada partir de suas geografias, aqui nos referimos a com g minúsculo, constituída todos os dias enquanto seres no mundo.

Mas, voltemos brevemente à um questionamento feito pela própria Virgínia Woolf em seu ensaio *Profissão para mulheres*: “De fora, quais os obstáculos para uma mulher, e não para o homem? Por dentro, penso eu, a questão é muito diferente; ela ainda tem muitos fantasmas a combater, muitos preconceitos a vencer” (WOOLF, 2020, p. 17). Compartilhamos dessa reflexão pois, apesar dos avanços obtidos na condição feminina em alguns lugares do mundo – aqui listamos: direito a estudar, direito a trabalhar, direito a votar, direito a decidir as coisas para si – ainda vagam fantasmas que dificultam a ascensão total das mulheres enquanto indivíduos autônomos.

Algumas conseguiram ultrapassar os obstáculos postos por esses fantasmas e fizeram da Literatura uma ferramenta de denúncia e voz em meio a um silenciamento forçado. No Brasil, tivemos Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), com seu livro *Direitos das Mulheres e injustiças dos homens* (1832); Maria Firmina dos Reis (1822-1917) a primeira romancista negra, com seu livro *Úrsula* (1859); Cora Coralina (1889-1985), poetisa que escrevia desde a adolescência, mas apenas aos 76 anos, publicou o primeiro livro, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965); Patrícia Galvão (1910-1962), que foi militante política e, em 1933, publica *Parque Industrial*, além de várias outras mulheres que poderíamos preencher inúmeras páginas com seus feitos literários.

Elas escrevem e pela escrita reafirmam sua existência. Porém, ainda vaga um alerta de que “É fatal para uma mulher dedicar o mínimo esforço a qualquer luto, defender mesmo que com justiça a causa que for falar conscientemente como mulher em qualquer



situação” (WOOLF, 2014, 146).

As mulheres tiveram a coragem de transformar em palavras as suas geograficidades, mesmo sabendo dos riscos em tornar público a sua condição de existência. E como já nos disse Jorge Larrosa: “As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras” (BONDÍA, 2002, p.21). A palavra reforça a existência da mulher no espaço.

Essa existência é “[...] simultaneamente corporificada e espacial e isso pressupõe considerar as diferenças dos corpos que são componentes do processo” (CAMPOS; SILVA; SILVA, 2020, p.104). Habitamos um mundo de diferentes corpos femininos: cis, trans, brancos, negros, indígenas... E todos eles são:

[...] capazes de criar as condições de sua existência cotidiana, de reproduzir outros corpos e vivenciar estágios corporais como a juventude, velhice, saúde, doença e deficiência que instituem, por sua vez, distintas espacialidades (CAMPOS; SILVA; SILVA, 2020, p.105)

Essa existência não se limita às espacialidades, ela também envolve as geograficidades; conceito concebido pelo geógrafo Eric Dardel (2015, p. 01), que significa o “Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta que liga o homem à terra [...]”. Enquanto uma experiência de diferentes corpos no espaço, podemos então nos referir a isso como (geo)experiência. O corpo é o nosso primeiro e mais íntimo lugar no mundo.

Como tornar visível essas (geo)experiências? Para buscar uma resposta, concordamos com Dozena (2020, p. 286) ao afirmar que as artes como um todo possibilitam a formação de uma geografia existencial e subjetiva e os artistas “[...] fazem arte com o espaço e não só no espaço, apreendendo-o subjetivamente”. A Geografia, agora tratando da com G maiúsculo, a enquanto ciência, pode se aproximar ainda mais das artes e das geografias traçadas cotidianamente, pois o olhar do artista pode avivar o olhar do geógrafo.

Afunilando o leque de manifestações artísticas, a Literatura, como fonte de estudos geográficos, pode nos proporcionar uma avaliação da originalidade e personalidade dos lugares, sempre associada ao espaço vivido. No momento em que unimos a Geografia e a Literatura, nos é possibilitada a compreensão material e simbólica



dos lugares (MARANDOLA JR. e OLIVEIRA, 2009), como também dos próprios corpos, cada qual com sua linguagem própria e visão de mundo específica.

Não devemos esquecer que o texto literário nos diz muito mais do que está escrito, as entrelinhas guardam mensagens maiores. Ler é um ato complexo e exige uma imersão profunda. No vasto campo da Geografia e Literatura existem *terrae incognitae* a serem exploradas, como bem nos instigou John Wright. Existem outros corpos femininos compondo suas (geo)experiências.

Hoje, presenciamos movimentos de mulheres que fazem da Literatura ferramenta de trabalho e afirmação de existência. Poemas, contos, crônicas e outros gêneros literários evocam narrativas de corpos diversos. Se anteriormente eram confinadas no esquecimento ou suas produções eram restritas, agora às vemos se colocando nos textos. São elas quem escrevem sobre e com seus corpos, deixando de ser outro para tornar-se Ser.

### **Imergindo nas (geo)experiências de mulheres**

Em março de 2022, a Universidade Estadual do Ceará - UECE realizou o *I Colóquio Palavra-Mulher: de uma escrita feita por mulheres* e no decorrer de um dia imergimos no cenário literário feminino cearense. As convidadas trouxeram falas pertinentes que colocaram em voga o protagonismo das escritoras e o quanto a literatura às afirma enquanto Ser.

Estruturado em quatro mesas temáticas: 1) Periferia mulher: iniciativas protagonizadas por mulheres nas periferias de Fortaleza - CE; 2) Escritas emergentes: o protagonismo das coletivas de mulheres na cena cultural cearense; 3) Autoras independentes: onde chega a sua literatura? E 4) Qual literatura-mundial? Teoria a contrapelo de uma poética de resistência; O *I Colóquio Palavra-mulher: de uma escrita feita por mulheres* explorou o leque variado de escritoras atuantes em Fortaleza. Cada mesa abriu caminhos de discussões e relatos pertinentes acerca do papel das mulheres na Literatura.

Jose Honorato Batista Neta, poeta da coletiva Elas Poemas, educadora popular e social, poeta e performer nas áreas de teatro e dança, foi uma das convidadas da mesa intitulada *Escritas emergentes: o protagonismo das coletivas na cena cultural cearense*.



Em um dado momento da fala, ela afirma que quando alguém as enxergam os caminhos se abrem. Isso soou como um chamado, uma convocação para enxergar aqueles diversos corpos e suas geografias.

Raíssa Éris Grimm, poeta, baixista, psicoterapeuta, autora do livro *Sapa Profana* publicado em 2018 pela Padê Editorial, esteve na mesa *Autoras Independentes: onde chega a sua literatura?* No momento em que ela alega que a poesia lhe nomeia, novamente enxergamos a capacidade da palavra em sustentar a existência das mulheres.

A Literatura não se resume ao livro impresso. Ela envolve existências. Podendo nomear e dar voz aos que foram silenciados. Tanto Raíssa como Neta enxergaram na poesia, o gênero literário explorado por elas, um caminho para Ser.

O evento enfatizou que a Literatura saiu do centro canônico e chegou até a periferia. As coletivas de escritoras possuem papel importante nesse fenômeno. Buscando espaço na cena literária, diferentes mulheres enxergaram na coletividade a força necessária. Um exemplo de coletiva atuante na cidade de Fortaleza, e que esteve presente no colóquio, é a Coletiva baRRósas.

Movidas pela inquietação da ausência de mulheres no Slam Violeta – batalha de poesia do Conjunto Violeta (localizado no Bairro Barroso em Fortaleza-CE) – um grupo de escritoras decidiu que era o momento de criar um sarau no bairro formado apenas por mulheres. Com o decreto da pandemia da COVID-19 a ideia teve de ser adiada, mas outros caminhos foram pensados e assim surgiu o perfil baRRósas poesia na rede social *Instagram*. Um detalhe interessante diz respeito ao nome da coletiva que se trata do bairro Barroso no feminino (SONAST; TEIXEIRA, 2021).

Composto atualmente por 11 mulheres: Anna Silva, Bruna Sonast, Fernanda Teixeira, Gessica Gomes, Hevila Coelho, Karyla Freitas, Lais Eutália, Lúcia Viana, Ruth Lima, Sablina Cavalcante e Syna; a coletiva baRRósas tem como objetivos:

[...] trazer visibilidade para a(s) literatura(s) e demais práticas feitas por mulheres, que se reconhecem sob a perspectiva de representatividade “mulher”. Buscamos incentivar/valorizar as práticas artísticas de mulheres em todas as nossas vivências enquanto coletiva. Somos uma coletiva autônoma, que (re) existe, possibilitando momentos de união e de fortalecimento para todas nós que a compomos, além de também buscar possibilitar espaços de liberdade e de esperança para outras mulheres. Agenciamos, assim, vivências que buscam contribuir, cada vez mais, no que diz respeito, principalmente, ao enfrentamento de problemáticas estruturais que perpassam nossas realidades, como o machismo, o racismo, a transfobia, entre outras (SONAST; TEIXEIRA, 2021, p. 05-06).



Os objetivos da coletiva reforçam o que colocamos anteriormente sobre a Literatura reafirmar a existência das mulheres. Em 2021, pela Selo Mirada, a arte literária produzida pelas poetisas da baRRósas foi compilada na coletânea *BaRRósas: memória e poesia*. Os escritos apresentam uma Literatura onde as mulheres evocam seus corpos e experiências reais. Indo desde a visão negativa do ser mulher, construída pelas narrativas de outros, transitando pela exaltação de si, as poetisas se colocam nos textos e permitem que outras se identifiquem com os versos.

Para esse escrito foram escolhidos quatro poemas da coletânea que evidenciam essa corporeidade feminina na literatura e a escrita de si. O primeiro, titulado *Bixa de 7 cabeça*, foi criado pela poeta Sablina Cavalcante:

Pode ser por ela ser mulher demais  
menina demais  
gostosa demais  
mãe demais  
trabalhadora demais  
gorda demais  
magra demais  
bonita demais  
feia demais  
preta demais  
trans demais  
sapatão demais

O bicho de 7 cabeças pode ser tudo  
e nada.  
Por isso, se refaz,  
revira-se.

Nós não decapitamos cabeças,  
ressignificamos!  
Para não deixar de existir!  
Para reexistir!

Pois bem,  
o bicho de 7 cabeças torna-se a bixa de 7 cabeças,  
que doma a sua sina,  
que grita a sua palavra,  
que erra a sua vírgula,  
que dança com a sua insegurança,  
que desfaz a métrica,  
que erra,  
que acerta,  
que escreve,  
poesia ou não  
diários ou não.  
Que escreve!



A bixa de 7 cabeças  
colocou o bicho de 7 cabeças para dormir,  
o sono profundo  
das coisas que não precisa estarem acordadas.

A bixa de 7 cabeças  
não precisa estar pronta para tudo,  
porque o excesso de prontidão  
mata o mínimo de humanidade  
que respira em cada uma de nós.

E o medo também pode ser amigo...  
Quando a gente escreve sobre ele!

Não se cale! (SONAST; TEIXEIRA, 2021, p. 19-20).

Nesse poema, interpretamos que Sablina Cavalcante trata do significado dado à mulher. Enxergadas antes como seres difíceis de lidar, temperamentais, enigmas sem solução, as mulheres tornaram-se bixas de sete cabeças, como lido no poema. O começo nos lembra o que foi apontado por Amitrano (2020) no que diz respeito às narrativas sobre as mulheres enfatizarem o mal que circunda esse Ser. Porém, as palavras da poeta invertem a situação quando colocam tal figura como um indivíduo de carne que vive, erra, acerta e escreve.

Acreditamos também que o poema vem quebrando o mito da mulher guerreira construído sobre a figura da feminina. Quando lemos “A bixa de 7 cabeças /não precisa estar pronta para tudo, /porque o excesso de prontidão /mata o mínimo de humanidade que respira em cada uma de nós”, ela afirma ao leitor que a mulher é um ser que sente medo, raiva, que possui vulnerabilidades, mas sem deixar esquecer que ela não se define a somente isso. Como a própria Sablina Cavalcante escreve, “Nós não decapitamos cabeças, /ressignificamos! /Para não deixar de existir! /Para reexistir!”. As mulheres mutam-se para permanecer em existência.

Amitrano (2020) frisa que o corpo feminino, que desde sua maternidade é visto como divindade e pecado, se apresenta enquanto outridade absoluta diante do corpo masculino. Por se mostrar dessa maneira, esse Ser está passível às diferentes mutilações e violações. Isso nos leva ao poema de Gessica Gomes, *Moldes Coloniais*:

me despir das vestes nunca foi fácil,  
quando me já foi tirada a inocência  
em silêncio sutilmente violada  
esperei a cura com o tempo  
e me entreguei aos amores como antídoto



o efeito se transformou em dor  
me despir das vestes nunca foi fácil,  
quando o meu corpo era abominado  
hipossexualizado  
rechaçado em meio à canalhices  
criadas pela minha própria concepção de beleza  
me despir das vestes nunca foi fácil  
quando o meu corpo é  
admirado  
hiperssexualizado  
penetrado de forma invisível por olhos e  
gestos  
sujo por gozo inconveniente provindo da condição em  
privilégio (SONAST; TEIXEIRA, 2021, p. 41).

Quando não lidas pelo seu temperamento, as mulheres são definidas pela carne que as reveste. O corpo é o primeiro e mais íntimo lugar no mundo, mas no momento em que “Este espaço que é considerado próprio, quando violado, é narrado como perda do controle de algo importante [...]” (CAMPOS; SILVA; SILVA, 2020, p.109). Esse sentimento é percebido nas palavras da poeta. Seu corpo, seu lugar íntimo, foi invadido. Lê-se ao longo do poema que toda a particularidade que havia na sua carne foi perdida.

Ainda sobre o texto de Gessica Gomes, vemos que a violação ao corpo não está restrita à atos físicos. Apenas um olhar se faz necessário para que haja o desconforto. O poema reforça a afirmativa de Amitrano (2020) de que ser mulher já implica violação e não apenas ao corpo como em sua existência. *Moldes Coloniais* e *Bixa de 7 cabeça*, são poemas que narram a vivência de um corpo exposto a mutilações constantes. Exibem o lado de dor e medo que envolvem a existência feminina, sem eufemismos para encobrir os sentimentos reais.

A figura feminina é sábia e isso assusta o indivíduo masculino (AMITRANO, 2020). Essa sabedoria se transforma em força quando confrontadas e o poema *Outra História*, da poeta Syna, trata esse lado destemido da mulher:

O que fazer quando tudo só piora?  
Se mesmo que a literatura me tire do tiro da viatura  
Pra onde eu corro se o tiro da ditadura me fuzila com a  
milícia  
E nem se dá ao trabalho de pedir desculpa... pelas  
incontáveis mortes nas ruas  
Onde tá a cura?  
E o nosso dinheiro?  
Roubando mesmo numa hora dessas



Nunca tiveram respeito  
 Não sabem o que é desespero  
 Nunca viram uma mãe rezando e chorando de joelhos  
 Mas vocês são só sujeitos  
 Não pensem que muitos vão chorar nos seus leitos  
 E quando tudo isso acabar  
 É aí que o jogo vai virar  
 As guilhotinas já foram afiadas  
 a cada propina repassada  
 a Bastilha já está tremendo  
 as mulheres já estão armadas  
 o conto de fadas de vocês acabou  
 agora um jovem negro da periferia é o novo narrador  
 desde sempre brancos como vocês se diziam nossos  
 [reis]

mas vou perguntar só uma vez  
 esse castelo foi você quem fez? (SONAST; TEIXEIRA, 2021, p. 59-60).

O poema de Syna evoca o lado de força que o feminino possui. Quando ela proclama “a Bastilha já está tremendo /as mulheres já estão armadas /o conto de fadas de vocês acabou”, entendemos que há um rompimento da ideia de mulher na passividade e ela agora se encontra no meio do confronto. A periferia, lugar de onde ecoa a voz dessas poetisas, agora possui uma nova narradora.

A energia transmitida pelas palavras de Syna nos lembra a mulher na forma da deusa Oxum, “[...] aquela que não se submete. E se tem ardis, os usa são para provar ao mundo masculino que sem sua capacidade de pensar e gerar, nada será possível” (AMITRANO, 2020, p.141). *Outra História* é um poema onde se percebe a saída da figura feminina do lugar de submissão, o conto de fadas.

À medida que as mulheres foram conquistando o teto somente seu, parafraseando aqui Virgínia Woolf, sua escrita foi avançando de modo a trazer narrativas de denúncia, com uma aspereza de palavras necessárias para romper com a imagem de que a escrita de mulheres é somente doce, serena e romântica. Além disso, há o desejo basilar de que tais palavras sejam lidas e difundidas. A poeta reflete isso com o poema citado. Ela manifesta seu descontentamento através da escrita.

Escrever pode ser um ato íntimo como também libertador. As poetisas da coletiva baRRósas exprimem ambos os sentimentos. À medida que suas produções perpassam o sentimento de liberdade e autonomia, elas também são frutos de reflexões íntimas. O poema *Anotações de um velho caderninho* da poeta Lais Eutália exemplifica o que estamos tratando:



**anotações de um velho caderninho.**

fortaleza, 25 de junho de 2016.

estou lendo um diário.

é o diário de maura lopes, que viveu internada no hospício de engenho de dentro por longos anos. confesso que é uma leitura instigante.

talvez eu comece a escrever um diário também.

quem sabe daqui pra quando eu morrer seja publicado e vire livro.

pretendo me eternizar nesse mundo de algum jeito.

escrever é bom. liberta. mesmo que canse os dedos.

tento entender o que me transtorna.

até tenho vaga noção a respeito, mas e aí?

o que fazer diante disso?

\*

quero escrever,

ser som que finca

feito tatuagem

na carne dos que me lêem

\*

em 2021: quem diria que a escrita sem futuro regada a

vinho barato daria frutos, né?! (SONAST; TEIXEIRA, 2021, p. 76-77).

Como discutido no começo, as mulheres não deixavam resquícios de sua narrativa de vida sendo, em alguns casos, elas mesmas a apagarem os rastros. Virgínia Woolf em seu *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* (2020) comenta que por muito tempo as mulheres foram espelho entre o artista e o que era desconhecido, servindo de musa inspiradora e criatura. Para que se tornasse a criadora ela precisaria matar o “anjo do lar”, a criatura doce que está diante dela segurando o espelho, para bater de frente com a sombra, o outro lado anjo, o da rebeldia e desobediência.

Essa reflexão de Woolf (2020), nos leva ao que discute Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (2016) sobre a experiência vivida da mulher casada e da mãe. Casamento e maternidade são destinos impostos às mulheres. Confinadas no ambiente doméstico, sob a vigilância do tal “anjo do lar” de Virgínia Woolf, “[...] o casamento tradicional não convida a mulher a transcender com ele [o homem]; confina-a na imanência” (BEAUVOIR, 2016, p. 217). O lar se torna o seu lugar na terra e o trabalho doméstico a sua realização e justificativa social. Atrelada à maternidade, sua existência se justifica na gestação de um outro. Ela não é tida como ser importante.

Essa breve explanação do anjo do lar e a função da mulher no casamento e na maternidade é para que entendamos a relevância no ato de escrever. Lais Eutália exprime essa libertação e o desejo em se fazer voz que fica. Ler palavras como a da poeta, expõe



uma nova situação onde as mulheres podem encontrar a realização em outros atos que não sejam matrimônio e maternidade.

Um teto seu, um papel e uma caneta, foram os materiais que Laís Eutália precisou. A insegurança no que se faz ainda paira no cotidiano de mulheres, tanto que a própria autora encerra o poema com: “em 2021: quem diria que a escrita sem futuro regada a /vinho barato daria frutos, né?!” Podemos deduzir que Laís Eutália ultrapassou os limites do “anjo do lar”. Enquanto mulher, é esperado dela um curso de vida. Entretanto, ela buscou o outro lado do anjo e, como um de ato de rebeldia, ela escreveu.

### **Hoje elas são as criadoras**

Vimos que fazer Literatura pode ser um ato revolucionário na existência de uma mulher. Com a escrita lhes pertencendo, elas podem ser as narradoras de suas histórias. Antes, criaturas e musas inspiradoras e hoje, criadoras. Com feitos individuais e/ou coletivos, elas vão conquistando espaços que outrora não ocupavam. O *I Colóquio Palavra-Mulher: de uma escrita feita por mulheres* reuniu parte dessa geração de mulheres que almejam na Literatura o caminho para eternizar suas geografias.

As poetas da coletiva baRRósas estão tecendo sua própria narrativa. A coletânea *BaRRósas: memória e poesia* reúne as espacialidades e geograficidades presentes na vida de cada uma delas. Seus poemas fortalecem a existência de seus corpos, e lhes dão autonomia para contar sua própria existência. Enquanto corpos que habitam lugares, e neste caso os lugares periféricos da cidade de Fortaleza, elas constroem suas (geo)experiências e as transformam em palavra.

Estando fora do cânone e do radar grandes editoras, essas escritoras necessitam de um esforço maior para publicar e difundir a Literatura que produzem. A coletividade, nesse momento, se torna fundamental para garantir a permanência delas nessa arte; buscar apoio independente para a publicação das obras e fortalecer a produção de mulheres nas periferias.

Portanto, é nessa Literatura que a Geografia também deve chegar. Nessas escritoras que buscam alguma eternidade por meio da palavra escrita. Evidenciar essas mulheres, seus corpos e sua escrita é dar espaço para as suas (geo)experiências pois, são essas geografias a margem que vão revigorar o centro da Geografia com G maiúsculo.



## REFERÊNCIAS

AMITRANO, Georgia. **Querendo ou podendo ser Lilith**: mulher um ser-outro. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020. *E-Book*.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.

CAMPOS, Mayã. Polo. de; SILVA, Joseli. Maria.; SILVA, Edson. Armando. 'Teu corpo é o espaço mais teu possível': Construindo a análise do corpo como espaço geográfico. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 101–114, 2021. DOI: 10.5418/ra2020.v16i31.10750. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/10750>. Acesso em: 15 jun. 2023.

CIXOUS, Hélène. **O riso da medusa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DOZENA, Alessandro. Horizontes geográfico-artísticos entre o passado e o futuro. In: DOZENA, Alessandro (org.). **Geografia e arte**. Natal: Caule de Papiro, 2020. p. 375-396. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31287>. Acesso em: 14 jun. 2023.

MARANDOLA JR, Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 3, n. 34, p. 487-508, dez. 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

SONAST, Bruna; TEIXEIRA, Fernanda (org.). **BaRRósas**: memória e poesia. Recife: Selo Mirada, 2021. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1OmZOk7LkmmuRyhya2QBZUncThh1iHto\\_/view](https://drive.google.com/file/d/1OmZOk7LkmmuRyhya2QBZUncThh1iHto_/view). Acesso em: 20 jun. 2023.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOOLF, Virginia. **Mulheres e Ficção**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&M Pocket, 2020.



## UM ESTUDO DE GÊNERO SOBRE A TETRALOGIA NAPOLITANA

*A gender study on Neapolitan Tetralogy*

Kamila Carino Machado<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo desenvolve um diálogo entre a teoria de gênero e a literatura feminina. Para tanto, utiliza-se a *Tetralogia napolitana*, obra da autora italiana Elena Ferrante, como objeto de análise. Busca-se fazer uma relação entre a vida privada das personagens e seus dilemas com casamento, família, maternidade, trabalho e de teorias a respeito da divisão sexual do trabalho, da dominação masculina e do cuidado. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de tipo exploratório, levando como base de análise o material bibliográfico e documental referentes ao problema em questão. Verifica-se como a divisão sexual do trabalho, a dominação masculina e a ética do cuidado estabeleceram condições desfavoráveis para as personagens ao longo de suas vidas. Concluindo que o campo literário é um cenário importante para estudos relacionados às temáticas de gênero e feminismo, seja por sua demonstração detalhada do cotidiano feminino, seja pela escrita feminina.

**Palavras-chave:** feminismo; gênero; literatura.

### ABSTRACT

This article develops a dialogue between gender theory and women's literature. Therefore, the Neapolitan tetralogy, work of the Italian author Elena Ferrante, is used as an object of analysis. It seeks to make a connection between the private life of the characters and their dilemmas with marriage, family, motherhood, work and theories about the sexual division of labor, male domination and care. This is an exploratory qualitative research, based on bibliographic and documental material regarding the problem in question. It is verified how the sexual division of labor, male domination and the ethics of care established unfavorable conditions for the characters throughout their lives. Concluding that the literary field is an important scenario for studies related to gender and feminism themes, either for its detailed demonstration of the female daily life, or for the female writing

**Key words:** feminism; gender; literature.

### Introdução

Existem diversos estudos que apoiam à pesquisa de gênero na literatura. As obras literárias, sobretudo as escritas por mulheres, abrem espaço para a ciência social buscar entender não só como essas autoras interiorizam as perspectivas de gênero em seus textos,

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Política da UENF. E-mail: kamila.carino.kc@gmail.com

mas também sob qual representação repousam os aspectos emocionais e sociais de seus personagens. De acordo com Duarte (2003), a literatura é uma fonte de recursos importante para se entender o feminismo. As primeiras reivindicações feministas estamparam manifestos, artigos de jornais e peças públicas escritas por mulheres com o objetivo de democratizar o conhecimento sobre suas pautas. A educação e o domínio da escrita foram condições indispensáveis para emancipação feminina.<sup>2</sup>

O estudo de gênero nas ciências sociais acrescenta não só novos temas de estudos à ciência, mas também permite uma análise crítica de trabalhos que se orientam pelo campo da ficção. Segundo Scott (2019), “o modo como essa nova história iria simultaneamente incluir e apresentar a experiência das mulheres dependeria da maneira como o gênero fosse desenvolvido como categoria de análise.” Ou seja, existe a necessidade de se pensar textos que versam sobre o universo feminino, principalmente os escritos por mulheres, incluindo a categoria de gênero em suas análises.<sup>3</sup>

A obra literária de Elena Ferrante, pseudônimo de uma escritora italiana cuja verdadeira identidade é desconhecida, é, frequentemente, utilizada como objeto de estudos de gênero, porque a autora traz em seus escritos temas ligados às relações sociais de gênero. Nos seus livros observa-se a forte presença do protagonismo feminino, da maternidade, da busca pela linguagem feminina e as construções familiares em torno de suas vivências. Ferrante descreve a órbita do pensamento e das ações femininas com riqueza de detalhes e particularidades que ordenam o pensamento do leitor a respeito da vida privada das mulheres e seus dilemas.

Apesar da vasta produção literária de Elena Ferrante, no artigo em questão, utiliza-se apenas a tetralogia napolitana como objeto de análise. A tetralogia é composta pelos romances: “A amiga genial” (2015), “História do novo sobrenome” (2016), “História de quem foge e de quem fica” (2016) e “História da menina perdida” (2017). Essa obra aborda a amizade e a vida privada de duas mulheres que nasceram na cidade de Nápoles, na Itália, no ano de 1945. Rafaela Cerullo (Lila) e Elena Greco (Lenu) são amigas desde a infância e buscam sobrepor-se ao destino de exclusão e ausência de escolhas que as

<sup>2</sup> DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura: discurso e história*. <https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/?lang=pt>. (último acesso em: 15 mar. 2023).

<sup>3</sup> SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil para análise histórica.” In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar boitempo, 2019, p. 51.



rodeia. Vê-se, nesse romance de formação, a possibilidade de concentrar o debate na estruturação da identidade das protagonistas, nas suas etapas de desenvolvimento e na construção de suas identidades de gênero, ou seja, na formação e construção do feminino de cada personagem. Além disso, Ferrante é uma autora atenta às temáticas de gênero para além do campo da literatura. A autora, que possui uma coluna semanal no *The Guardian*, já escreveu textos sobre feminismo e a vida das mulheres. No texto intitulado: “Ainda hoje, depois de um século de feminismo, não podemos ser nós mesmas”, a escritora pontua que:

Por princípio, recuso-me a falar mal de outra mulher, mesmo que ela tenha me ofendido intoleravelmente. É uma posição que me sinto obrigada a assumir precisamente porque conheço bem a situação da mulher: é a minha, observo-a nas outras, e sei não haver mulher que não faça um esforço enorme e exasperante para conseguir até o final do dia. Pobres ou abastados, ignorantes ou educados, bonitos ou feios, famosos ou desconhecidos, casados ou solteiros, trabalhadores ou desempregados, com filhos ou sem, rebeldes ou obedientes, todos somos profundamente marcados por uma forma de estar no mundo que, mesmo quando nós a reivindicamos como nossa, está envenenada desde a raiz por milênios de dominação masculina.<sup>4</sup>

É possível perceber, a partir desse pequeno trecho, não só a genialidade da autora, mas sua relação com questões de gênero. Nota-se que ela faz uma relação entre a opressão das mulheres e a dominação masculina. Em vista disso, pode-se interpretar que essas insinuações margeiam suas obras e o sentido de construção de suas personagens. Por isso, uma abordagem da teoria de gênero em seus romances é uma tarefa que pode trazer vasta contribuição para o campo das ciências sociais.

Cada volume da tetralogia napolitana traz uma fase de vida das personagens Elena e Rafaela. O primeiro volume fala da infância e o fim dela. O segundo, sobre a juventude e o terceiro e o quarto volume, narram o tempo intermediário e a velhice das personagens. O livro é inteiramente narrado pela Elena, mas traz, com riqueza de detalhes, cada momento importante da vida da Rafaela. A narrativa evidencia as escolhas tomadas pelas personagens e os dilemas morais enfrentados a partir destas escolhas. Também traz fatos importantes a respeito da divisão sexual do trabalho na vida de mulheres pobres no cenário pós-Segunda Guerra Mundial em uma Itália ainda em reconstrução política.

---

<sup>4</sup> FERRANTE, Elena. ‘*Even today, after a century of feminism, we can’t fully be ourselves*’. <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2018/mar/17/elena-ferrante-even-after-century-of-feminism-cant-be-ourselves>. (último acesso em: 31 mar. 2023).

Assim, o presente artigo tem por objetivo investigar como a trajetória das personagens criadas por Ferrante podem trazer narrativas que possam contribuir para o pensamento de gênero e da teoria feminista. Além disso, busca evidenciar como a divisão sexual do trabalho afetou suas escolhas privadas e suas carreiras e como o papel de cuidado e a ética a respeito das decisões foram guiados pela perspectiva do outro. O artigo traz uma seção onde são analisados os elementos de gênero presentes na trajetória das mulheres personagens do livro e uma conclusão. Trata-se de uma pesquisa exploratória, dando ênfase à análise dos dados evidenciados nos textos literários que compõem a tetralogia napolitana, com materiais bibliográficos e periódicos da teoria feminista. A análise dos resultados será feita à luz dos conceitos de dominação masculina, divisão sexual do trabalho e da ética do cuidado, e de como essas categorias abstratas impactam na vida das personagens do livro.

#### **“Não sucumbir, eu dizia. Combater.”**

A frase que dá título a presente seção está escrita em um dos livros da autora italiana Elena Ferrante: “Dias de Abandono.”<sup>5</sup> A Autora explora em suas obras o universo feminino de mulheres, majoritariamente brancas, mas com um laço em comum fundado no apagamento, na ausência e na resistência. As histórias trazidas a partir da leitura de Ferrante permitem perceber processos de opressões cotidianas, muitas vezes não descritos em textos acadêmicos de forma tão clara. A história das mulheres é uma história muitas vezes não contada. Durante muito tempo, houve pouco ou nenhum interesse em descrever o cotidiano feminino como um lugar de análises e representação de um problema social.

Apesar disso, não se pode deixar de dizer que a literatura já se ocupa, há um tempo, de trazer luz aos ideais femininos e repousar a escrita no cotidiano privado das mulheres e na ambiguidade de seus pensamentos. Em 1856, Gustave Flaubert lançou a primeira edição do clássico “Madame Bovary”. O livro é considerado pioneiro dentre os romances realistas e aborda a história de Emma, uma jovem descrita no livro como bonita, requintada e muito sonhadora. Emma se casa com Charles, um médico do interior e sem muitas ambições. Porém, pouco tempo depois do casamento ela começa a se sentir entediada, dando-se conta de que a vida de casada não era bem o que ela pensava. Mesmo

---

<sup>5</sup> FERRANTE, E. *Dias de abandono*. São Paulo: Biblioteca azul, 2016.  
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



após o nascimento da filha, Emma continua frustrada. Cansada de sua realidade, triste e angustiada, ela avista no adultério a possibilidade de obter liberdade. Como essa tentativa de felicidade e liberdade também não a preenche, ela resolve por fim a própria vida.<sup>6</sup>

A existência dessa narrativa sugere um interesse da literatura em desnudar a vida privada das mulheres e estabelecer que casar, ter filhos, criá-los e cuidar da casa pode não ser o destino ideal para muitas delas. Apesar disso, a história das mulheres é corrompida pela dificuldade de ser contada. O próprio Flaubert foi levado a julgamento em razão da escrita da obra. O autor foi acusado de ofensa à moral e a religião. Segundo Perrot, “A dificuldade da história das mulheres deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto públicos quanto privados”.<sup>7</sup> Essa afirmação surge na parte inicial de seu livro: “As mulheres ou o silêncio da história”. Para a autora, o silêncio original das mulheres é originado pela sua posição secundária e pela relação estabelecida sempre em segundo plano. Essa frase, no entanto, também serve para uma analogia interessante. A tetralogia napolitana é uma escrita voltada para marcar a presença dos traços da personagem Lila, que desaparece sem deixar vestígios:

Faz pelo menos trinta anos que ela me diz que quer sumir sem deixar rastro, e só eu sei o que isso quer dizer. Nunca teve em mente uma fuga, uma mudança de identidade, o sonho de refazer a vida noutro lugar. E jamais pensou em suicídio, incomodada com a ideia de que Rino tivesse que lidar com seu corpo, cuidar dele. Seu objetivo sempre foi outro: queria volatilizar-se, queria dissipar-se em cada célula, e que ninguém encontrasse o menor vestígio seu. E, como a conheço bem – ou pelo menos acho que conheço – tenho certeza de que encontrou o meio de não deixar sequer um fio de cabelo neste mundo, em lugar nenhum.<sup>8</sup>

No início da história, vê-se que a personagem Lila tem uma forma peculiar de lidar com os acontecimentos da vida. A sombra do que pode ser lido como um exagero há algo de incompreendido ou não comunicado. A personagem Elena, chamada no romance também por Lenúcia ou Lenu, escreve a história de Lila como uma forma de evitar o seu apagamento premeditado. Segundo Freud, “a escrita é em sua origem, a voz de uma pessoa ausente.”<sup>9</sup> Dessa suposta ausência, caminham as origens dessa narrativa.

Nascidas em uma periferia de Nápoles, Lila e Lenu foram crianças pobres, com

<sup>6</sup> FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2009.

<sup>7</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou o silêncio da história*. Bauru/SP: Edusc, 2005, p. 29.

<sup>8</sup> FERRANTE, Elena. *A amiga genial: Infância, adolescência*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015, p. 15.

<sup>9</sup> SIGMUND Freud. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

uma infância difícil. Apesar das duas terem grande destaque na escola e serem apaixonadas por livros, somente Lenu conseguiu prosseguir com um caminho de estudos. Formou-se e tornou-se uma escritora de sucesso. Já Lila foi impedida de estudar pelo pai, sob o argumento de que a mesma precisava dedicar-se ao cuidado da casa e ajudar no sustento familiar. Nem mesmo o brilhantismo da filha, atestado pela professora, pôde fazê-lo mudar de ideia. Essa é a primeira divisão da vida das personagens, enquanto uma tem o apoio familiar para continuar estudando, a outra é terminantemente impedida. Sabe-se que a educação das mulheres não foi, durante muito tempo, uma prioridade. Segundo Rousseau (1979), as mulheres não deveriam receber a mesma educação dos homens. Para ele, um homem deveria ser ativo e forte e a mulher, passiva e fraca. A educação de homens e mulheres não deveria se sobrepor a essa premissa, então, enquanto homens deveriam ser educados para assumir seu papel público, a mulher deveria se manter presa ao lar.<sup>10</sup>

Entretanto, no contexto em que o livro é escrito, o papel da mulher na sociedade já é visto em outros formatos e, apesar da opressão masculina ainda persistir, não há no livro nenhum recorte claro de gênero que justifique a impossibilidade de continuar os estudos de Lila. Ao impedir o seu estudo, seu pai o fez por acreditar que a educação não traria valor monetário à sua família. Nesse momento, pode-se dizer que ocorre uma dominação de gênero como resultado sem que haja um processo orientado pelo gênero. Allison Daminger (2020) descreve esse processo em seu estudo sobre a divisão sexual do trabalho com casais que possuem pensamentos igualitários e práticas não igualitárias. O seu estudo demonstra que, apesar de existir um discurso que endossa a importância da igualdade de gênero, na prática isso não acontece e as mulheres continuam responsáveis pelo cuidado com o lar. Isso pode ser explicado pelo conjunto de fatores ligados ao passado de cada um. Muitas vezes, no discurso, é possível estabelecer um pensamento sobre igualdade, mas as vivências são fruto de decisões tomadas ao longo da vida:

No entanto, quando expandimos a abertura para incluir o passado de cada casal ao lado de seu presente e para comparar as experiências de casais que enfrentam circunstâncias semelhantes, o gênero volta à tona. Os entrevistados tratam as linhas gerais de sua vida como dados, mas suas circunstâncias atuais são o produto de uma longa linha de escolhas sobre o que estudar, onde morar, que trabalho fazer e qual opção de creche seguir. Intencionalmente ou não, essas

<sup>10</sup> ROUSSEAU, J.J. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Diffel. 1979, p.305/306.  
CADERNOS PET, V. 14 , N. 27



escolhas prévias tendem a tornar as rotinas tradicionais de gênero as mais confortáveis e eficientes.<sup>11</sup>

A forma de compreender determinadas escolhas e restrições impede que algumas experiências sejam vistas, a primeiro momento, sob as lentes de gênero. O estudo e a educação eram vistos, pelo pai de Lila, como uma perda de tempo, um investimento sem retorno para uma mulher. Um bom casamento garantiria muito mais sucesso a ela e sua família. Lila é compelida pelo pai a casar-se, aos 16 anos, com um jovem rapaz do bairro. A razão para insistência do pai nesse relacionamento tinha a ver com os bens materiais do qual o rapaz dispunha: era filho de um comerciante importante do bairro, considerado um homem rico. Apesar da juventude da filha, a família se alegra com a situação, porque, em virtude daquele casamento, poderiam mudar de classe social e seriam uma família respeitada no bairro.

A própria Lila parece, por algum tempo, acreditar que o casamento poderia lhe trazer um destino melhor, admitindo que para ela a escolha de um marido ou de um homem que a protegesse era um empreendimento importante. Ela que já havia tentado mudar sua realidade pela educação e foi ceifada pelas razões sociais já explicadas; Ela que tentou desenhar modelos de sapatos femininos na esperança de vendê-los na sapataria do pai e “enriquecer”, teve todos esses caminhos frustrados pelo comando ativo do provedor da família, seu pai, que achava todas as suas iniciativas absurdas. Viu no casamento uma saída digna à sua realidade. Pelas palavras de Beauvoir (1980): “Ela se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa e sim se entregando, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor.”<sup>12</sup>

O casamento de Lila é marcado por inúmeras violências, sendo elas físicas, verbais e sexuais. A sua família, realmente, goza de privilégios sociais na dinâmica da periferia onde viviam, entretanto, esses privilégios são oriundos do sacrifício pessoal de Lila que viveu uma relação em ruínas em troca de conforto para sua família. Segundo Federici, não existe naturalidade no papel estabelecido a mulher como dona de casa:

---

<sup>11</sup> DAMINGER, Allison. *De-gendered Processes, Gendered Outcomes: How Egalitarian Couples Make Sense of Non-egalitarian Household Practices*. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0003122420950208?journalCode=asra>. (último acesso em: 19 jun. 2023).

<sup>12</sup> BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980, p 67.



Não existe nada natural em ser dona de casa, tanto que são necessários pelo menos vinte anos de socialização e treinamento diários, realizados por uma mãe não remunerada, para preparar a mulher para esse papel, para convencê-la de que crianças e marido são o melhor que ela pode esperar da vida. Mesmo assim, dificilmente se tem êxito. Não importa o quanto sejamos bem treinadas, poucas mulheres não se sentem enganadas quando o “dia de noiva” acaba e elas se encontram diante da pia suja. Muitas mulheres possuem a ilusão de que casamos por amor. Grande parte de nós reconhece que nos casamos por dinheiro e segurança; mas é o momento de reconhecer que, enquanto há pouco amor ou dinheiro envolvidos, o trabalho que nos aguarda é excessivo. É por isso que as mulheres mais velhas sempre nos dizem: “aproveite sua liberdade enquanto você pode, compre o que você quiser agora”. Mas, infelizmente, é quase impossível aproveitar qualquer liberdade se, desde os primeiros anos de vida, você é treinada para ser dócil, subserviente, dependente e, o mais importante, para se sacrificar e até mesmo sentir prazer com isso. Se você não gosta, o problema é seu, o fracasso é seu, a culpa e a anormalidade são suas.<sup>13</sup>

Apesar de ter seguido um caminho diferente, Lila e Lenu vivem os mesmos dilemas. Elena conseguiu terminar a escola, fez uma prova para faculdade e graduou-se. Casou-se com um colega da mesma universidade. Um homem considerado importante, filho de pessoas que tinham boa reputação na Itália. Com a ajuda e intermédio de seus sogros, conseguiu publicar seu primeiro romance. O livro foi um verdadeiro sucesso, traduzido, inclusive, para outros países. Com os recursos da venda dos livros, pôde aumentar a qualidade de vida de seus pais e a reputação de que havia se casado com um homem rico e de boa família a tornaram uma pessoa importante no bairro onde foi criada.

Entretanto, a personagem logo se viu presa aos caminhos tortuosos da maternidade. Apesar de não desejar ter filhos, não tinha conhecimento o suficiente para usar um método contraceptivo e a gravidez veio no início do casamento. Além disso, o marido deseja filhos. As filhas a impediam de gozar da liberdade necessária para continuar sua escrita. O marido se mantinha fiel ao trabalho, ministrando aulas em uma universidade durante o dia e escrevendo seu livro durante a noite. Segundo o próprio, não lhe sobrava tempo para cumprir funções na casa com filhos. Para ele, essa responsabilidade precisava ser gerenciada pela esposa. Se necessário, poderia ser terceirizada ou dividida com uma empregada, mas em nenhum momento, assumida de igual modo pelo casal.

Essa diferença pode ser explicada porque a identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída por meio da atribuição de papéis distintos. A sociedade

---

<sup>13</sup> FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução*. São Paulo: Elefante, 2019, p. 43-44.



delimita os campos de atuação feminino e masculino. A socialização dos filhos, por exemplo, é uma tarefa atribuída as mulheres. Mesmo quando elas desempenham uma função fora do lar, quando possuem uma carreira, são responsáveis pela manutenção da educação e do cuidado com os filhos.<sup>14</sup> Nesse ponto, apesar de seguirem caminhos diametralmente opostos, Lila e Lenu colidem com o mesmo destino. A responsabilidade pela criação e cuidado com os filhos recai inteiramente sobre elas.

Nesse ínterim, ambas deixam os maridos por uma nova paixão. Primeiro Lila, que se casou muito mais cedo que Lenu, deixa o marido por uma paixão por Geovanni Sarratore, chamado de Nino. Filho de um escritor sem sucesso do bairro onde foram criadas, seu pai era considerado um conquistador. Um homem capaz de “enlouquecer mulheres”. Depois, Lenu, deixou o marido, anos depois, por uma paixão pelo mesmo homem. Apesar da descrição infeliz de seu casamento, nenhuma das duas deixou a condição de esposa e dona de casa por uma conjuntura lógica, apesar de já haver a possibilidade do divórcio legal, mas sim, originada e justificada pela força da paixão. Somente o sentimento conseguiu trazer uma justificativa eticamente aceitável para a renúncia daquele destino de riqueza. Ambas possuíam casamentos considerados socialmente de sucesso. O status social de esposa de um homem que tinha poder e dinheiro era considerado uma vitória.

Carol Gilligan (1985) afirma que a construção da moralidade feminina é baseada na ética do cuidado. As mulheres fazem escolhas morais traduzidas no dever de pensar no próximo e de obter a sua aprovação. Em seus estudos, Gilligan investiga como esse papel de pensar no outro antes de pensar em si já pode ser visto nas mulheres desde a infância. Ela verifica que as mulheres se norteiam por um valor moral distinto e que vai muito além da ética da justiça, porque as mulheres focalizam o cuidado antes da justiça. Essa abordagem é importante na perspectiva de formação das personagens, de suas escolhas ao longo da vida.<sup>15</sup>

Segundo Gilligan, os estereótipos ajustados socialmente para o feminino e masculino sugerem uma divisão entre amor e trabalho que insinua que as mulheres possuem uma condição natural para amar e os homens para trabalhar. Para ela, esses papéis estereotipados traduzem um desequilíbrio entre a vida adulta de homens e

<sup>14</sup> SAFFIOTI, Heleith. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987, p. 8.

<sup>15</sup> GILLIGAN, Carol. *In a different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. <https://sfonline.barnard.edu/sfxxx/documents/gilligan.pdf>. (último acesso em: 15 fev. 2023).

mulheres, isso traz outra voz para as mulheres na resolução de problemas de cunho moral. Ao invés de reagirem à ausência de estímulos sociais lógicos e habilidades instrumentais com uma falta ou uma deficiência, as mulheres compensam essa ausência como uma concepção moral diferente da dos homens. Os homens possuem uma lógica ética ligada à justiça e as mulheres ao cuidado. Ou seja, as mulheres compensam essa falta de atributos lógicos com condições afetivas. Por isso, muitas vezes são classificadas socialmente como ajustadas para trabalhos relacionados ao cuidado e a sensibilidade. Enquanto os homens são classificados como ideias para profissões ligadas a lógica.<sup>16</sup>

O divórcio trouxe a ambas um destino muito semelhante. Lila deixa o bairro após a separação e vai morar em outro bairro de Nápoles, porém, em virtude das dificuldades enfrentadas com a criação do filho e com a sua sobrevivência, retorna ao bairro onde nasceu. Lenu deixa a cidade onde vivia com o marido e também retorna à Nápoles. Esse retorno foi justificado pelas personagens diversamente: Lila quer o retorno como uma forma de trazer mudanças a si e ao bairro, mudar o destino da sua família e amigos. Lenu retorna para estar perto de seus afetos: Lila e Nino. Apesar de evitar o contato com amiga em muitos momentos, há na narrativa uma necessidade da personagem em se satisfazer a partir daquela relação de amizade. Há uma relação cercada de amor e ódio, onde uma precisa da outra para continuar existindo. Isso fica claro já no início do primeiro livro, como dito anteriormente, Lenu escreve porque Lila não pode ousar desaparecer.

O retorno de Lila ao bairro é descrito por Ferreira como uma necessidade de mudança:

Já Lila, como essa personagem feminina subversiva das amenidades desde criança, expurga cedo a sua sede de mudança. De quê? Nem ela mesmo sabe exatamente, mas ela quer ser diferente. De quem? De todas elas. O que importa é que ela quer mudar, e quer que todo mundo mude junto. E justamente Lila, na sua ânsia por rebeldia e renovação, é também a mais ingênua nas atitudes. Ao se agarrar a necessidade de um mundo (bairro) melhor, ela escolhe ter a vida que seus pais e irmão têm, mesmo descobrindo depois (tarde demais?) que essa também não é a vida que ela deseja. A personagem rechaça a sua realidade não por ser divergente do seu mundo original, mas por conter padrões muito semelhantes. Talvez com uma nova pintura, um pouco mais de dinheiro, uns quarteirões de distância, mas ainda assim semelhante; não na superfície, na estrutura.<sup>17</sup>

<sup>16</sup> GILLIGAN, Carol. *In a different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. <https://sfonline.barnard.edu/sfxxx/documents/gilligan.pdf>. (último acesso em: 15 fev. 2023).

<sup>17</sup> FERREIRA, Camila Daltro. *O feminismo (in)evitável na literatura de Elena Ferrante: Diálogos entre lutas reais e fictícias*. <https://revistas.ufrj.br/article/download/pdf>. (último acesso em: 15 mar. 2023).



Concorda-se em partes com a percepção da autora com a necessidade de mudança atribuída a Lila. Primeiro, porque se acredita que essa necessidade de mudança não se encontra no desejo de diferir, mas sim, no medo de ser igual. Lila parece, desde muito cedo e muito antes de Lenu, entender que o destino das mulheres daquele bairro era somente um: casar e criar filhos. Com sorte, não enlouquecer. No livro, grande parte das personagens femininas é descrita como ranzinzas, tristes, cansadas, amarguradas e até mesmo, loucas.

Lila descreve um fenômeno, do qual não sabe o nome e nem a origem, mas chamou de desmarginação. Segundo ela, esse fenômeno a faz perder as margens e os contornos da vida. Nada é igual e tudo parece em desconstrução, porém, essa desconstrução é ambientada somente dentro de sua cabeça. Não há nada acontecendo para além dos limites de sua imaginação. Esse fenômeno é concebido por Lila na infância, mas persiste em sua vida adulta. Essa perda de sentidos exposta pela personagem demonstra que Lila tem conhecimento a respeito da condição “*sinequa non*” para opressão de gênero: as mulheres precisam ser colocadas à margem. Como disse Gilligan (1985), na ausência de uma voz social que fosse sua, a mulher criou para si outra.<sup>18</sup> Não obstante, Beauvoir (1980) afirmou que a mulher é o outro sexo, o sexo que resta ser: “Ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil.”<sup>19</sup>

Em sua obra: “A mística feminina”, Betty Friedan investigou, justamente, a história de opressão e liberdade feminina no cenário após a segunda guerra mundial. A autora identificou um problema considerado “problema sem nome” que afligiu muitas donas de casas estadunidenses. Embora tivessem tudo que “uma mulher pode considerar ideal para ser feliz”, elas sentiam um vazio e um sentimento de impotência e fracasso constante. Tinham a vida que as disseram que deveriam ter e, ainda sim, não se sentiam plenamente felizes. Para a autora, as mulheres possuíam mais poder de escolha do que no passado, no entanto, nenhum objetivo de realização pessoal lhes era oferecido além do cuidado com a casa e com os filhos. Não eram fornecidas opções que pudessem tornar a maternidade e a família um destino traçado pela própria mulher. Elas acabavam sendo

---

<sup>18</sup> GILLIGAN, Carol. *In a Different Voice: Women's Conceptions of Self and of Morality*. <https://sfonline.barnard.edu/sfxxx/documents/gilligan.pdf>. (último acesso em: 15 fev. 2023).

<sup>19</sup> BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980, p. 73.

reféns de um destino antigo, apesar da existência de uma falsa sensação de escolha.<sup>20</sup>

Nesse sentido, entende-se a dificuldade de mudança da lógica social, porque ela se encontra associada a uma linguagem social que se aprende desde o nascimento. Wittgenstein (1975) tentou compreender em seus escritos: “investigações filosóficas” o que chamou de jogos de linguagem. Segundo o autor, o significado de determinada palavra não é o resultado de uma simples tradução, mas sim o produto das regras que se utiliza para inserir aquela palavra socialmente. É o que se faz com as palavras e não o que ela significa que dá sentido a ela. Para ele, não existe uma linguagem pessoal, toda linguagem seria coletiva. Partindo dessa perspectiva, a dominação masculina que se impõe ao feminino desde o nascimento é uma inscrição de linguagem. É um jogo de linguagem que não se vence a partir de uma lógica individual, mas sim, de uma instrumentalização coletiva. Como, por exemplo, com políticas públicas que busquem estabelecer uma maior isonomia entre homens e mulheres.

A regra pode ser um auxílio no ensino do jogo. É comunicada àquele que aprende e sua aplicação é exercida. Ou é uma ferramenta do próprio jogo. Ou: uma regra não encontra emprego nem no ensino nem no próprio jogo, nem está indicada num catálogo das regras. Aprende-se o jogo observando como os outros jogam. Mas dizemos que se joga segundo esta ou aquela regra, porque um observador pode ler essas regras na práxis do jogo, como uma lei natural que as jogadas seguem. – Mas como o observador distingue, nesse caso, entre erro de quem joga e uma jogada certa? Há para isso indícios no comportamento dos jogadores. Pense no comportamento característico daquele que corrige um lapso. Seria possível reconhecer que alguém faça isso, mesmo que não compreendamos sua linguagem.<sup>21</sup>

Um fator que corrobora essa percepção se encontra amparado nas vivências de Lenu. A personagem não detém a mesma sede de mudança que Lila, para ela, basta não ser como a mãe foi, porém, mesmo possuindo um caminho que pode ser considerado muito diferente das mulheres da vizinhança, teve a vida marcada por outras experiências de violência. Foi, entre as mulheres de sua geração no bairro, a que conquistou maiores títulos acadêmicos, a que conseguiu um maior prestígio social e a que obteve o que pode ser descrito como uma maior “elegância”. Entretanto, foi responsabilizada pela criação dos filhos, se viu aterrorizada com as imposições da maternidade e com os afazeres domésticos, apanhou de alguns homens, foi enganada e traída pelos mesmos. Esses fatores

<sup>20</sup> FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020

<sup>21</sup> WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril S.A, 1975, p.38.



foram impostos pela divisão sexual do trabalho que condiciona às mulheres a responsabilidade total com os afazeres domésticos e com o cuidado com os filhos.

Segundo Hirata e Kergoat, a divisão sexual do trabalho é: “Em primeiro lugar a imputação aos homens do trabalho produtivo – e a dispensa do trabalho doméstico – e a atribuição do trabalho doméstico às mulheres.”<sup>22</sup> É certo que muitas mulheres ocupam o mercado de trabalho em funções produtivas, como as próprias personagens do livro, entretanto, essa divisão do trabalho culmina em distinguir o valor do trabalho realizado por homens e por mulheres: o trabalho de um homem pesa mais que o trabalho de uma mulher. Nesse contexto, os homens são mais valorizados socialmente e conseguem uma maior dedicação ao trabalho produtivo por não terem que lidar com os afazeres do lar. No livro Lenu e seu marido possuíam a mesma profissão: eram acadêmicos e escritores. Apesar disso, durante muito tempo, ela precisou abdicar de suas atividades produtivas para realizar as atribuições de mãe e esposa.

Além disso, esses fatores demonstram que somente a alteração do fator classe social não pode amparar a transformação da realidade de vida das mulheres, muito menos a dominação masculina. Nesse ponto, a crítica ao feminismo marxista pode ser explorada no sentido que considera a superação do capitalismo como uma condição para o fim da violência de gênero. Todavia, subestima-se a forma de violência estabelecida fora do ambiente familiar, onde mulheres são ainda mais exploradas no mercado de trabalho e ainda continuam responsáveis pelo cuidado da casa e a criação dos filhos.

Ambas as personagens se orientam pela possibilidade de transformação da própria realidade. Apesar de todas as dificuldades vividas, sempre buscam uma forma de não sucumbir às durezas do cotidiano feminino. Durante toda a sua vida como escritora, Lenu deixa claro que a trajetória pela sua emancipação e pela construção de uma carreira de sucesso cedeu lugar à culpa pela maternidade que não poderia ser exercida conforme as regras sociais impostas, ou seja, com dedicação e doação do tempo e dos próprios planos individuais. O sacrifício de ser uma mulher que se dedica somente a criação dos filhos também não é uma escolha pessoal de Lila. A personagem precisa, após seu divórcio, buscar trabalho em uma fábrica a fim de garantir a sua própria independência financeira.

O trabalho desgastante que Lila viveu na fábrica ilustra bem o cotidiano das

---

<sup>22</sup> HIRATA, Helena; DANIÈLE, Kergoat. “A divisão sexual do trabalho revisitada.” In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena. *As novas fronteiras da desigualdade*. São Paulo: Senac, 2003, p. 113

mulheres operárias. Ela passou por assédios físicos, morais e sexuais durante seu tempo de trabalho. Além disso, sofreu um forte adoecimento físico em virtude das jornadas de trabalhos longas e da exigência dos trabalhos domésticos, que continuaram a ser realizados somente por ela, e o cuidado com o filho. Durante esse tempo, Lila era uma mulher odiada pelos homens ao seu redor. Odiada por não ceder às investidas sexuais do chefe, por não sorrir demais ao porteiro, por não estabelecer uma posição hierárquica com os homens; porém, mais que isso, por não se preocupar em agradá-los. Como sugere Federici (2019), uma mulher pode até não servir a um homem específico, porém toda mulher vive uma servidão no tocante ao universo masculino. Por isso que ser chamada de “mulher” é muitas vezes uma piada dentro de ambientes de trabalho. Ser mulher é considerado algo degradante, inferior.<sup>23</sup>

Conclui-se que as vidas das personagens criadas pela autora Elena Ferrante representam uma vida comum à muitas mulheres. Apesar de serem mulheres brancas e de terem ascendido à classe média, demonstra-se nos livros que os valores morais cobrados para as mulheres são diferentes dos cobrados aos homens. Além disso, o trabalho fora do lar muitas vezes assume uma disputa com a dedicação ao casamento e aos filhos. É difícil para as personagens darem conta de suas vidas profissionais com a gama de responsabilidades domésticas que as sufocam cotidianamente. Entretanto, precisa-se estabelecer que, diferente de muitas mulheres de sua época, Lila e Lenu tentam driblar o destino sem, sequer, se darem conta.

Importa dizer também que nenhuma escrita é lúcida. Nem o autor sabe tudo o que queria dizer no momento que criou a sua obra e nem o leitor pode, subitamente, entender tudo o que traz uma narrativa literária. Com certeza os textos de Elena Ferrante passam por um processo de descrição sincera sobre o lado amargo e solitário da realidade feminina, mas também passaram pelo crivo de interpretações sugerido para a escrita desse estudo a partir de leituras sobre gênero e feminismo. Ambas as personagens terminam na velhice expostas a solidão. Com filhos já crescidos e sem maridos elas são a sua própria companhia. Talvez isso se deva aos caminhos escolhidos por elas durante a vida. Talvez se deva a capacidade combativa e teimosa que acompanha as personagens desde a infância e, talvez, a nada se deva, porque uma leitura acaba e algo ainda resta sobre o argumento

---

<sup>23</sup> FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução*. São Paulo: Elefante, 2019, p. 46.



de fazer o leitor pensar.

### **Considerações finais**

O objetivo do presente estudo foi entender como a divisão sexual do trabalho e a dominação masculina e ética do cuidado (BEAUVOIR, 1980); (FEDERICI, 2019); (SAFIOTTI, 1987); (GILLIGAN, 1985) e (PERROT, 2005) se colocam dentro da dinâmica privada da vida de duas personagens ficcionais, criadas pela autora Elena Ferrante. A utilização de um romance de formação foi essencial para compreender que a presença da divisão sexual do trabalho, resultante da dominação masculina é uma construção que permeia a vida das mulheres desde a infância como um jogo de linguagem (WITTGENSTEIN, 2019). Além disso, verificou-se como a educação feminina possui um grande poder de transformação de sua realidade social. Viu-se, a partir da teoria da ética do cuidado que as mulheres possuem uma posição diferente das dos homens no momento de refletirem a respeito da tomada de uma decisão de cunho moral.

Buscou-se compreender as questões que cercam a vida das personagens à luz da teoria de gênero, verificando que a construção da mulher como a única responsável pelo cuidado da casa e dos filhos constrói uma barreira para sua emancipação social. Muitas mulheres, como as próprias personagens, veem no casamento a sua única forma de ascensão e mudança de realidade. Além disso, vê-se a força do capital na construção de uma barreira social ainda maior. Ao saírem do lar e desejarem obter uma carreira e possuir um nome, as mulheres são assoladas pelo acúmulo de trabalho, pela ausência de divisão junto a seus parceiros e pela culpa socialmente imposta por uma suposta negligência com o cuidado e criação dos filhos.

Enfim, o estudo demonstrou que a utilização da literatura como objeto de análise traz um olhar importante para dentro das ciências sociais, mais precisamente, aos estudos de gênero. A literatura escrita por mulheres relata, muitas vezes, o universo feminino com detalhes e sentimentos capazes de permitir conhecer camadas da vida particular das mulheres que, muitas vezes, não são trazidas à tona. Ora por falta de interesse nas vivências femininas, ora por falta de oportunidade de mulheres poderem falar sobre suas próprias opressões sem serem ridicularizadas. Os estudos de gênero são uma construção recente dentro do campo da sociologia e muitas vezes precisam brigar para obter seu espaço e demonstrar a sua importância dentro dos estudos sociológicos. Entretanto, a



temática do gênero ou da história das mulheres demonstra-se uma condição indispensável para se pensar a ciência nos dias atuais.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.

DAMINGER, Allison. *De-gendered Processes, Gendered Outcomes: How Egalitarian Couples Make Sense of Non-egalitarian Household Practices*. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0003122420950208?journalCode=asra>. (último acesso em: 19 jun. 2023).

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura: discurso e história**. <https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/?lang=pt>. (último acesso em: 15 mar. 2023).

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**. São Paulo: Elefante, 2019.

FERRANTE, E. **Dias de abandono**. São Paulo: Biblioteca azul, 2016.

FERRANTE, Elena. 'Even today, after a century of feminism, we can't fully be ourselves'. <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2018/mar/17/elena-ferrante-even-after-century-of-feminism-cant-be-ourselves>. (último acesso em: 31 mar. 2023).

FERRANTE, Elena. **A amiga genial: Infância, adolescência**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

FERRANTE, Elena. **História da menina perdida**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

FERRANTE, Elena. **História de quem foge e de quem fica**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

FERRANTE, Elena. **História de um novo sobrenome**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016, p.

FERREIRA, Camila Daltro. **O feminismo (in)evitável na literatura de Elena Ferrante: Diálogos entre lutas reais e fictícias**. <https://revistas.ufrj.br/article/download> pdf.(último acesso em: 15 mar. 2023).

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2009.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HIRATA, Helena; DANIÈLE, Kergoat. "A divisão sexual do trabalho revisitada." In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena. **As novas fronteiras da desigualdade**. São



Paulo: Senac, 2003.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GILLIGAN, Carol. **In a Different Voice: Women's Conceptions of Self and of Morality**. <https://sfoonline.barnard.edu/sfxxx/documents/gilligan.pdf>. (último acesso em: 15 fev. 2023).

GILLIGAN, Carol. *In a different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. <https://sfoonline.barnard.edu/sfxxx/documents/gilligan.pdf>. (último acesso em: 15 fev. 2023).

PERROT, Michelle. **As mulheres ou o silêncio da história**. Bauru/SP: Edusc, 2005.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Difel. 1979.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil para análise histórica." In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar boitempo, 2019.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril S.A, 1975.



**"LEVAR A VIDA NORMAL COMO TODO MUNDO":  
A DÍVIDA ENTRE FILHAS E MÃES**

*"Lead a normal life like everyone": the debt between daughters and mothers*

Laura Arruda de Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente ensaio tem como objetivo expandir reflexões sobre a relação entre mães e filhas, especialmente a rejeição a partir da quebra de expectativa perante a sexualidade da filha. A partir de exemplos de obras da literatura contemporânea e da análise do discurso de linha francesa, argumenta-se sobre como a construção do discurso do "amor materno incondicional" e como algumas das expectativas maternas são consoantes ao patriarcalismo e capitalismo.

**Palavras-chave:** sexualidade, maternidade, amor, patriarcalismo, capitalismo.

**ABSTRACT**

This essay aims to expand reflections on the relationship between mothers and daughters, especially the rejection based on the breach of expectations regarding the daughter's sexuality. Based on examples of works of contemporary literature and the analysis of the French line of discourse, it is argued about how the construction of the discourse of "unconditional maternal love" and how some of the maternal expectations are consonant with patriarchy and capitalism.

**Key-words:** sexuality, maternity, love, patriarchy, capitalism.

*Tenho certeza de que existe um espesso muro invisível entre nós duas. Deve ser por isso que, por mais que eu grite, minha voz não chega ao outro lado. (Sobre minha filha, HYE- JIN, Kim, 2022)*

Enquanto sociedade ocidental, estamos impregnados de moralismos quando o assunto é maternidade. Entre todos os assuntos polêmicos possíveis, o amor e o instinto

---

<sup>1</sup> UNICAMP. E-mail: lauraarrudadeoliveira@gmail.com  
CADERNOS PET, V. 14 , N. 27



materno mantêm-se intocáveis como instituições inquestionáveis coletivamente, porém em não todas as circunstâncias individuais. Casos de mães que abandonam seus filhos são noticiados num tom sensacionalista, como se a única explicação plausível para tal comportamento fosse o diagnóstico de alguma patologia. Quase como um consenso, replicado exaustivamente, toda mãe ama seus filhos incondicionalmente e faz tudo por eles sem esperar nada em retorno. Porém, repetir esta máxima mil vezes não a torna uma verdade.

Há extensa bibliografia que explica como o cuidado com os filhos não era instintivo para seres humanos. Iaconelli (2012)<sup>2</sup> traça uma linha do tempo com exemplos em diferentes etnias e épocas sobre como lidamos com crianças e comprova que ter um filho passa por uma reflexão racional e inserida em um determinado contexto, pode tornar uma mulher mais ou menos inclinada à ideia. Badinter (1985)<sup>3</sup>, em *O mito do amor materno* já questionava o instinto materno apoiando-se em documentos históricos que comprovam uma conduta radicalmente diferente da atual no cuidado com crianças. A ausência da categoria de infância durante o medievo, por exemplo, demonstra que as crianças eram vistas como "pequenos adultos" depois do desmame (se chegassem vivas até esta fase, visto que muitas morriam quando eram entregues a amas de leite e estavam sujeitas a diversas doenças). Com a ascensão da burguesia e o desenvolvimento do capitalismo já na Idade Moderna, iniciou-se uma campanha para que as mães amamentassem seus filhos e cuidassem de forma mais próxima, transformando paulatinamente o discurso para o que vigora fortemente hoje. A campanha médica iniciada em 1760 (BADINTER, 1985) foi eficaz ao ponto de transformar a rejeição materna durante a infância em uma patologia, uma exceção.

Porém, a rejeição materna não precisa ser escrachada em um caso de abandono infantil, muito menos estar relacionada a um tipo de transtorno psicológico para justificar a ausência emocional. Cada história é única, mas o que há de fio comum em várias narrativas sobre rejeição é a quebra de expectativas. No caso da maternidade, é interessante olhar sobre como o abandono opera demonstrando a inexistência do instinto

---

<sup>2</sup> IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. 2012. 130 f. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.. São Paulo, 2012.

<sup>3</sup> BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.



materno e lidamos com o que é uma mãe ideal na sociedade capitalista atual e o que se espera dela e de seus filhos.

No que tange pessoas dentro da comunidade LGBTQIA +, encontrar histórias de desacolhimento familiar não é difícil. Dentro da literatura, autoras como Lygia F. Telles (1995)<sup>4</sup> no conto "Uma branca sombra pálida" e Fatima Daas (2022<sup>5</sup>) com o livro *A última filha* lidam com a dificuldade que mães e pais encontram em aceitar seus filhos, o que leva a um desgaste e/ou rompimento da relação. O recorte que gostaria de me debruçar nos próximos parágrafos é como esse tipo de rejeição permeia, especificamente, mães e filhas, um tema ainda pouco explorado. Fazer uma distinção entre filhas e filhos se torna importante pois as expectativas maternas são diferentes para cada gênero. O que é convencionalizado como sucesso para uma mulher é diferente do que é o sucesso esperado para um homem e fazer essa distinção é importante para compreender como a rejeição materna opera.

Afinal, o que é uma mãe bem sucedida atualmente? Não deixarei de apontar que sucesso é um conceito que depende da subjetividade de quem fala, mas aqui, refiro-me à memória discursiva como conceituada por Pêcheux (2014) sobre o sucesso dentro de uma sociedade capitalista e em um país do Sul Global. O reforço cultural, as perguntas e expectativas pairam em torno de casamento, filhos e um trabalho estável. Já sabemos que a ênfase no trabalho de criação dos filhos costuma ser atribuído à mãe. Atrrelado ao escopo em que deve criar uma criança para um mundo em que ela poderá estudar, trabalhar, casar e ter filhos. É essa a memória discursiva sobre sucesso, é isso que somos ensinados a almejar ter. A mãe bem sucedida é, então, quem os filhos têm esse destino.

No caso de filhas, ser mãe é um imperativo. Nós ganhamos bonecas, fomos postas ao lado de meninos inquietos durante as aulas para acalmá-los, fomos ensinadas a servir, limpar e cozinhar. Existe uma cartilha repleta de exemplos sobre como a expectativa da maternidade permeia a vida de mulheres. Para ser mãe, dentro de uma cultura fortemente influenciada pelo catolicismo e capitalista, é preciso casar. Com um homem. E isso é percebido socialmente como bem sucedido (BEAUVOIR, 2016; MENDES, 2017, FARIAS, 2021).

---

<sup>4</sup> TELLES, Lygia Fagundes. **A noite escura e mais eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>5</sup> DAAS, Fatima. **A última filha**. Tradução: Cecilia Schuback. 1º. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.



Ser bem visto socialmente é algo que oportuniza algumas coisas dentro da sociedade: contatos, trabalho, que por sua vez é um passo importante em direção a uma vida financeira estável. Isso não seria tão importante se não estivéssemos falando de um país em que o rendimento médio mensal da população, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios feita pelo IBGE<sup>6</sup> em 2022, era R\$2.533,00. A ascensão e o respeito dentro da sociedade estão intimamente ligados ao capital acumulado. É essencial para a maior parte da população, garantir que seus filhos então sejam bem sucedidos para que sobrevivam no futuro.

Então, se é preciso casar, ter filhos e estabilizar-se financeiramente (não necessariamente nesta ordem) para *ter sucesso* na vida, ter qualquer relacionamento estável com outra mulher é algo que, dentro da sociedade brasileira atual, supostamente inviabilizaria o sucesso. É óbvio que existem inúmeras alternativas para um casal de mulheres (e homens) terem filhos, casarem-se e terem um emprego, mas isso ainda não está inscrito na memória discursiva quando pensamos em pessoas LGTQIA+.

Focando nas mulheres cis, não se casar ou não se relacionar com homens seria então fechar a porta para o dever familiar de cuidado (e porque não para a maternidade?), como se fora da configuração idealizada e heterossexual de vida, nada disso fosse possível. Aqui, penso em qual medida os discursos sobre maternidade ideal permeiam o pensamento das mães e como ter uma filha em um relacionamento com uma mulher pode desmontar a idealização construída. Os efeitos de frustrar essa idealização variam de acordo com a história de cada um, do contexto sociocultural que isso ocorre. No Brasil, onde ainda a cultura patriarcal impera fortemente, as implicações dessa quebra podem ser percebidas como um tipo de falha materna. Essa mãe, por sua vez, tanto se dedicou para criar e cuidar de uma filha que, por fim, viverá fora do espectro heteronormativo.

Para discorrer sobre isso, meu ponto de partida é o livro *Sobre minha filha*, de Kim Hye-jin, publicado originalmente em 2017 e no Brasil em 2022. A autora nos apresenta o ponto de vista de uma mãe sobre sua relação com sua filha lésbica.<sup>7</sup> Apesar

---

<sup>6</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Rendimento de todas as fontes.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

<sup>7</sup> Ainda que haja diversas nuances e violências sofridas por outras pessoas e, especialmente, mulheres que se identifiquem de outra forma dentro da comunidade LGTQIA+, o recorte analisado aqui considera mulheres em um relacionamento com outra mulher e como estão sujeitas a serem lidas socialmente.

No caso de mulheres lésbicas, não há espaço para corresponder a heteronormatividade de forma alguma forma, visto que não se relacionam com homens. Acerca de mulheres bissexuais, ainda que sofram com

CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880



da história do livro se passar na Coreia do Sul e de ser uma ficção, o que está relatado corresponde a um discurso que encontra-se fora das páginas. A obra literária é produto também de um determinado contexto cultural, que neste caso extrapola a ideia de nação, e busca representar uma situação que carece de espaço.

O livro traz a angústia de uma mãe sexagenária em relação ao seu trabalho e sua filha lésbica, que volta a casa de infância com uma namorada e sem dinheiro para pagar o próprio aluguel. Os custos de vida cada vez mais altos e a desvalorização profissional são pontos que assombram ambas, além da própria relação das duas. A intimidade caseira desvela diálogos cruéis entre ambas, onde a mãe revela sua insatisfação com a situação da filha, além de pensamentos íntimos sobre sentir-se culpada por ter deixado a filha estudar demais, se perguntar em que pode ter errado para que a filha tenha seguido um caminho diferente aos seus olhos, e a raiva por sentir que seu esforço materno em vão.

Não desejo simplificar as diferenças culturais entre dois países, mas chamar atenção para como algumas angústias nessa situação são parecidas. Dois recortes estão operando para construir esse raciocínio: o gênero (mães e filhas) e a classe trabalhadora que pertencem e por isso suas subjetividades são permeadas mais fortemente pelo discurso capitalista sobre sucesso. “Estou cansada de ouvir suas besteiras. Não sei o que você ainda tem a dizer para me machucar, mas eu também tenho direitos. Tenho o direito de ver minha filha, que criei com tanto sacrifício, viver normalmente, levar uma vida normal como todo mundo”. (HYE-JIN, Kim, 2022, p. 48)<sup>8</sup>.

No trecho, as personagens discutem o envolvimento da filha em manifestações contra a demissão de um professor gay em uma das universidades de Seoul. Do trecho, gostaria de destacar as palavras *direito* e *vida normal*.

É interessante pensar no quanto o uso da palavra *direito* exprime como o amor materno não é incondicional, é esperado que a filha retorne em algo para essa mãe. Essa dívida é a que é impossível de ser paga, visto que estamos falando de algo difícil de mensurar. A dedicação pode ser percebida de formas diferentes e em medidas diferentes, sem uma régua classificatória. O que a mãe cobra da filha, no livro, é que a faça sentir

---

opressões variadas, apagamentos e estereótipos, é justamente a partir do apagamento e a invalidação sofrida que se abre a possibilidade de uma "aceitação arbitrária" quando estão se relacionando com homens, o que implica em uma validação social maior a partir dessa configuração.

<sup>8</sup> HYE-JIN, Kim. **Sobre minha filha**. Tradução: Hyo Jeong Sung. 1º. ed. São Paulo: Fósforo, 2022.



orgulho, algo impossível ao levar em conta sua sexualidade, além da falta de trabalho estável, situando-se fora da *normalidade*.

A partir dessas falas e da própria rejeição à filha, a mãe tenta imputar uma culpa por ela ser como é, assim como demonstra investigar constantemente se é culpada por sua filha ser lésbica como no trecho a seguir: “Por um lado penso que os erros da minha filha são meus. Por outro, que são decisões tomadas por uma adulta de mais de trinta anos. Todos esses pensamentos se chocam, trincando e fazendo muito barulho”.(HYE-JIN, Kim, 2022, p. 33)

Destrinchar a culpa na maternidade é um tema interessante, mas aqui me concentro em como essa culpa é partilhada pelas duas. A faca de dois gumes é que a mãe se amarga pela distância, sente-se culpada por supostamente ter falhado como mãe, enquanto a filha sofre com o afastamento emocional e com a pressão imputada por sua mãe.

É preciso direcionar o olhar para o lugar de onde essa culpa vem, buscando entender o porquê mães e filhas têm um relacionamento tão estreito com o sentimento. Para Simone de Beauvoir (2016), a mãe projeta a si mesma em sua filha e no momento que a filha se afirma como outra pessoa que há o conflito. Mais do que identificar a filha com alteridade, que é um processo vivenciado por mães e suas filhas em geral, vale lembrar que, no caso em questão neste ensaio, essa diferença implica em uma diferenciação mais aguda, que não dará espaço para que a filha repita as experiências de sua mãe como cuidadora, esposa com o mesmo status social, o que causa um rompimento ainda maior.

Como, então, ¿que as filhas poderiam “pagar” as suas mães? Eliminar essa dívida? Para responder a isso, torno a olhar para a memória discursiva sobre maternidade e sucesso sob a ótica de Adrienne Rich (1986) quando diz que

Toda mãe deve entregar seus filhos nos primeiros anos de vida para o sistema patriarcal de educação, da lei, da religião, de códigos sexuais; De fato, espera-se dela prepara-los para entrar nesse sistema [...] O patriarcado depende que a maternidade aja enquanto uma influência conservadora, que imprima futuros adultos com valores patriarcais ainda nos primeiros anos quando a relação mãe-filho anda parece individual e privada [...] Certamente, isso criou um arquétipo Mãe, que reforça o conservadorismo da maternidade e convertem-na a uma energia que renova o poder masculino<sup>9</sup>(RICH, 1986, P. 61 apud FARIAS, 2021 p. 28, tradução da autora<sup>10</sup>).

<sup>9</sup> Every mother must deliver her children over within a few years of their birth to the patriarchal system of education, of law, of religion, of sexual codes; she is, in fact, expected to prepare them to enter that system.  
 CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880

Para aproximar-se do pagamento dessa dívida abstrata, seria necessário que a filha tomasse para si o papel de agente na perpetuação da visão hegemônica patriarcal, tornando-se como sua mãe. É lógico que não é esse o caminho tomado por todas as mulheres heterossexuais, o que não quer dizer que não exista uma cobrança social pelo casamento, por filhos. Por existir essa expectativa, a boa mãe para a sociedade patriarcal não pode aceitar que sua filha esteja fora desse sistema ao não se relacionar com homens, pois isso denota seu "fracasso" enquanto mãe, levando a uma perda de status. Isso fica claro quando a personagem da mãe, em *Sobre Minha Filha*, realça seu ressentimento e vergonha da filha, seu débito, afinal, não foi paga. O conseqüente embate e afastamento, por sua vez, rompe com o imaginário de incondicionalidade do amor que também foi construído discursivamente durante séculos.

Entendo que instigar algumas reflexões sobre o tema é essencial para construção de uma alteridade enquanto *filha*. As perguntas não se esgotam aqui, ao contrário, crescem e seguram o chão no lugar como raízes. Serão elas que sustentarão a dor de rompimentos, do processo de afirmar autonomia e desfazer-se da expectativa do amor irrestrito. Como seria bonito se ele existisse como prometeram. Não é este o caso, mas também não é a única via e nem a mais bonita. Bell Hooks (2020)<sup>11</sup> já sublinha o quanto o amor é uma ação, não está dado. Assumir essa máxima dentro do seio familiar, desde o colo materno, é um convite também para internalizar o questionamento do quanto o capitalismo interfere no amor, nas máximas sobre o sentimento e na condução das relações como um caminho.

Ao final de *Sobre minha filha*, mãe e filha encontram alguma cumplicidade na partilha de tarefas diárias, reconhecendo-se uma na outra novamente. Não é uma solução para os conflitos, muito menos uma aceitação, que ocorre, mas sim uma nova forma de estabelecer *alguma* relação. Ao mesmo tempo que é necessário que a filha se imponha, ela

---

[...] Patriarchy depends on motherhood to act as a conservative influence, imprinting future adults with patriarchal values even in those early years when the mother-child relationship might seem most individual and private. [...] Certainly it has created images of the archetypal Mother which reinforce the conservatism of motherhood and convert it to an energy for the renewal of male power. (RICH, 1986, P. 61 apud FARIAS, 2021 p. 28)

<sup>10</sup> FARIAS, Ariane Avila Neto de. **Nada é natural na natureza: a construção narrativa do sujeito-mãe na Literatura Brasileira Contemporânea escrita por mulheres**. 2021 .232 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS, 2021.

<sup>11</sup> HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2021. 272 p.



não deixa de buscar a mãe e vice versa. Entre o corte do contato e a aceitação completa, existem outras formas de caminhar. A esperança da compreensão funciona como um fio condutor para as relações entre mãe e filha que mantêm ambas ali. Explicar o que move a esperança é uma tarefa ambiciosa demais para este texto, mas acredito que sua resposta está no amor que foi construído pela intenção. Não desejo prescrever como deve ser o amor materno, mas sublinhar que nenhum sentimento, especialmente esse, deve ser regido por um discurso que seja um obstáculo aos laços que foram erguidos e transmitido como uma herança dolorosa para uma filha.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 268 p.
- DAAS, Fatima. **A última filha**. Tradução: Cecília Schuback. 1º. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. 192 p.
- FARIAS, Ariane Avila Neto de. **Nada é natural na natureza: a construção narrativa do sujeito-mãe na Literatura Brasileira Contemporânea escrita por mulheres**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS, 2021, 232 f. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/10400> (Último acesso em: 01/07/2022).
- HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- HYE-JIN, Kim. **Sobre minha filha**. Tradução: Hyo Jeong Sung. 1º. ed. São Paulo: Fósforo, 2022.
- IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.. São Paulo, 2012. 130 f. Disponível em: <https://institutogerar.com.br/wp-content/uploads/2017/02/mal-estar-na-maternidade-do-infanticidio-a-funcao-materna.pdf> (Último acesso em: 01/07/2022).



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Rendimento de todas as fontes.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=36796> (Último acesso em: 01/07/2022).

MENDES, Andréa Peres. **Labirinto de cristal: mulheres, carreira e maternidade: uma conciliação possível.** Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. 91 f. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/20561/2/Andr%C3%A9a%20Peres%20Mendes.pdf>.(Último acesso em: 01/07/2022).

TELLES, Lygia Fagundes. **A noite escura e mais eu.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



## MEU CORPO, MEU TERRITÓRIO

*My body, my territory*

Marta J. Zapata Chavarría<sup>1</sup>

### RESUMO

Num espaço acadêmico dominado por formalismos textuais, a arte constitui se numa revolução, assim a presente expressão artística se ergue como uma forma de diálogo entre o que pode ser entendido como fazer ciência e o lugar que as artes cênicas e performáticas podem gerar quando são colocadas em jogo no corpo de uma mulher que faz perguntas incômodas, que faz uso de um discurso que poderia parecer ininteligível e que qual borboleta, faz uma metamorfose que até chega a gerar surpresa e espanto nela mesma e no público.

**Palavras-chave:** Mulher, corpo, território, decolonialidade.

### ABSTRACT

In an academic space dominated by textual formalisms, art constitutes a revolution, so the present artistic expression stands as a form of dialogue between what can be understood as doing science and the place that the performing and performing arts can generate when they are placed at play in the body of a woman who asks uncomfortable questions, who makes use of a speech that could seem unintelligible and which, like a butterfly, undergoes a metamorphosis that even generates surprise and astonishment in herself and in the audience.

**Keywords:** Woman, body, territory, decoloniality.

*“No quiero odiar lo humano,  
si la música se ha creado,  
si existe la poesía,  
si mis sueños son inspirados,  
y por otros humanxs acompañados”  
Giovana Pidone*

---

<sup>1</sup> UNICAMP. E-mail: m204105@dac.unicamp.br  
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



## Introdução

Qual é o lugar da mulher no mundo?

O conhecimento do sul global tem validade?

As mulheres, os povos indígenas, negros e quilombolas tem pensamento?

A quem pertencem os nossos corpos?

Este texto nasceu a partir de uma peça teatral<sup>2</sup> apresentada nos seminários da disciplina Ciências Sociais e Humanas como Conhecimento Interdisciplinar do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas, no percurso do primeiro semestre de 2022 baseada nos textos de Walter Mignolo, Franz Fanon, Grada Kilomba, Donna Haraway e as músicas de Natalia Lafourcade. Assim por meio de uma série de enunciações e fotografias<sup>3</sup> pretendo ilustrar o acontecido numa tarde de estudos de mestrado.

A ideia central da peça teatral, foi trazer um diálogo com as ideias das autoras e autores mencionados partindo de uma perspectiva artística de provocação e de colocar ao público um lugar de incomodidade, movimentada no primeiro lugar pela noção de desobediência epistêmica do Walter Mignolo (2008) quem afirma que “permaneceremos no domínio da oposição interna aos conceitos modernos e eurocentrados”, e ficamos numa identidade branca, heterossexual e masculina (Mignolo, 2008). Desta forma a mulher personificada no ato teatral, como um ser de classe alta, imersa nos ideais heteronormativos: casada com um homem branco europeu, e com um visível medo dele. Além disso, esta mulher se caracteriza por não acreditar no conhecimento científico produzido no sul global, por fazer comentários racistas, que ilustram as incomodidades que o Franz Fanon e a Grada Kilomba retratam nas suas obras, afirmando por exemplo “como mulher, eu sou discriminada, assim como pessoas negra são” (Kilomba, 2021) visibilizando as práticas do feminismo branco que coloca as mulheres negras num lugar

---

<sup>2</sup> Ideia, atuação e direção: Marta J. Zapata Chavarria. Maquiagem e acompanhamento logístico: Mayara Sebinelli Martins, Yumi Wada Rodrigues e Renato Baeninger Grego.

<sup>3</sup> Fotografias: Raissa Jordão de Carvalho, Marcos Machado e Marta J. Zapata Chavarria.

de invisibilidade e de subalternidade.

### O preconceito

Uma mulher desprovida de conhecimento acadêmico e com abundância de dinheiro, com sede de capitalismo, de experiências mundanas, de uma vida na qual a aparência física e o status social são as prioridades; irrompe numa sala de aula de pós graduação, sem pedir licença para ninguém, falando forte e impetuosamente sobre esse local que para a sua compreensão é um hospital, porque para ela um lugar de paredes



brancas, pessoas silenciosas e espaços pouco arborizados é claramente um hospital.

Imagem 1: Mulher irrompendo numa sala de aula perguntando se esse lugar é um hospital (Foto: Marcos Machado)

## Encontros/desencontros

Alguém fala para ela num tom de irônico que tem um doutor na sala, e ela se encanta, chama as pessoas para sair e mostrar ideia de projeto que fará o seu marido, um arquiteto famoso de origem europeu que está de comissão na Alemanha, “*um país verdadeiramente importante*”. Ela aproveitou para sair da sua casa já que o marido não está na cidade para controlar ela.



Imagem 2: percorrido pelo campus da Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp (Foto: Raissa Jordão de Carvalho)

A Donna Haraway no seu Manifesto das espécies companheiras traz reiteradamente a ideia da convivência entre natureza e cultura (HARAWAY, 2021) como uma crítica ao antropoceno, assim como uma forma de contrariar este tipo de pensamento, a seguinte parte da peça teatral foi desenvolvida fora da sala de aula, provocando que as pessoas que se encontravam naquele ambiente se viram na tarefa de percorrer vários espaços da Faculdade de Ciências Aplicadas, enquanto a mulher que personifiquei afirma que o projeto do seu marido contém a ideia de se fazer uma parede alta e assim as pessoas que ocupam o espaço não se aborreceram com a paisagem de fundo e nem com as situações climáticas, já que ele barrará o vento.

### Terra ou asfalto?

Continuando a sua caminhada até chegar num gramado onde vai ser colocado cimento para que as pessoas não tenham que pisar em terras nem ervas daninhas. Começa a caminhar no gramado e os seus sapatos de salto alto começam a apresentar dificuldades, ela faz esforços para continuar, agora com um caminhar cada vez mais lento e atrapalhado.



Imagem 3: ocupação de um espaço vegetal (Foto: Raissa Jordão de Carvalho)

O público, que ainda não entende o que está acontecendo com esta mulher, entra no gramado, começa a perceber a diferença entre caminhar sobre o asfalto e caminhar sobre a vegetação.

### Discurso próprio ou de quem?

Numa sorte de estado de embriaguez esta mulher descobre o que o público já tinha falado “*ah isso aqui é uma universidade*”. Fazendo assim um diálogo com o Franz Fanon quando afirma que os estudantes da África negra que estudam nos colégios do norte do Sahara são interpelados pelos seus colegas com perguntas de se no seu país tem eletricidade, casas ou se são antopofagos (FANON, 1961). Assim a mulher que personifico fica surpresa com a ideia de que esse lugar seja uma universidade, pois para

ela as únicas universidades do mundo estão na Europa e nos Estados Unidos.



Imagem 4: a natureza começa se manifestar (Foto: Raissa Jordão de Carvalho)

*Para que uma universidade no Brasil?*

*vocês acham que estão fazendo ciência?*

*a ciência de verdade é produzida nos idiomas importantes*

*alemão, inglês e francês*

*vocês fazem algumas coisas lindas que eu já vi nos museus da Europa”.*

**“Que pena que a gente não pode comprar eles” ou a noção de pessoa**

O quê pode se esperar de uma mulher que afirma que as pessoas são pobres porque querem? Que as mulheres têm filhos para obter benefícios financeiros do governo, e que quando olha para uma pessoa negra se lembra de ter visto um negro nas ruas da França e ficado com a vontade de comprar ele para levar na sua casa (FANNON, 1961).



Imagem 5: um olhar que discrimina e um dedo que sinala (Foto: Marcos Machado)

### **Metamorfose**

A mãe terra não descansa até levar as suas filhas e filhos de novo no seu ventre, e foi assim como uma mulher que em aparência estava distante, terminou no chão reverenciando a *pacha mama*, as suas roupas finas começaram a lhe incomodar e quando reconheceu o seu próprio corpo viu nele a marca da ancestralidade, grafismos indígenas que representavam a força feminina nos seus braços se escuta uma música ao fundo<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> “Voy a crear un canto para poder existir  
Para mover la tierra a los hombres y sobrevivir  
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



Imagem 6: A volta para a terra (Foto: Raissa Jordão de Carvalho)

O público não consegue entender o que está acontecendo enquanto esta mulher vai ficando sensibilizada e com outras roupas deitada no chão os seus olhos enchem de lágrimas.

## Comunidade

---

Para curar mi corazón, a la mente dejarla fluir  
Para el espíritu elevar y dejarlo llegar al fin  
Yo no nací sin causa  
Yo no nací sin fe  
Mi corazón pega fuerte  
Para gritar a los que no sienten  
Así perseguir a la felicidad” (LAFOURCADE, 2018)

Uma árvore de manga continha no seu centro flores silvestres de várias cores que foram chegando de uma em uma nas pessoas de um público que se tornou parte da performance de forma ativa, e folhas com canetas de cores para que as pessoas pudessem plasmar em elas o que a peça teatral movimentou em elas.



Imagem 7: uma flor como demonstração de afeto. (Foto: Raissa Jordão de Carvalho)



### **Poder da recordação com o corpo**

Assim, aconteceu que o grupo de participantes -professor e estudantes- que estavam acostumados a ficar em sala de aula não conseguia sair da sombra do pé de manga, foi numa tarde de julho de 2022 na Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas. Hoje, após passados dois semestres desde aquele dia, ainda algumas pessoas comentam que todas as vezes que caminham perto de aquele pé de manga, se lembram do dia da peça de teatro e ficam com vontade de participar novamente de alguma intervenção artística naquele local aconchegante.



Imagem 10: o espaço para a recordação (Foto: Marta J. Zapata Chavarria)

### **REFERÊNCIAS**

FANON, Frantz. **Los condenados de la tierra**. Fondo de Cultura Económica. 1961.

FANON, Frantz. **Piel negra máscaras blancas**. Editorial Abraxas. 1973

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o



privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, N. 5, p. 07-41. 1995.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras -Cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Tradução: Pê Moreira. Bazar do tempo. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação, episódios de racismo cotidiano**. Editora de livros Cobogó. 2021

LAFOURCADE, Natalia. **Derecho de nacimiento**. Musas Vol.2. 2018

MIGNOLO, Walter. Epistemic Disobedience, Independent Thought and Decolonial Freedom. **Theory, Culture & Society**, v. 26, n.7-8, p. 159-181. 2019



## FEMINISMOS MÚLTIPLOS: UM VIR-A-SER DE POSSIBILIDADES

*Multiple Feminisms: a come-to-being of possibilities*

Cíntia Lisboa<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste artigo apresento como objetivo a divulgação de um conjunto de debates que se cruzam nos feminismos, evidenciando, neste caso, a multiplicidade de formas de entender o feminismo e o ser feminista. Parto da ideia de um mundo em transformação pautado em um contexto de rupturas de pensamentos e modelos universais. Sendo assim, quatro críticas ao movimento feminista são apresentadas em diálogo com uma autocrítica que transforma o feminismo universal em feminismos múltiplos, com características mais humanas, de equidade e de inclusão. Por fim, o texto leva a crer na importância do reconhecimento do lugar de fala para todas as pessoas, diferenciando-se em lugares de falas de privilégios ou lugares de falas marginalizados, sendo que tais lugares são flexíveis a partir da espacialidade e das identidades.

**Palavras-chave:** Interseccionalidade. Complexidade social. Diversidade. Feminista.

### RÉSUMÉ

Dans cet article, je présente comme objectif la divulgation d'un ensemble de débats qui se croisent dans les féminismes, mettant en évidence, dans ce cas, la multiplicité des façons de comprendre le féminisme et d'être féministe. Je pars de l'idée d'un monde en transformation dans un contexte de ruptures de pensées et de modèles universels. Ainsi, quatre critiques du mouvement féministe sont présentées en dialogue avec une autocritique qui transforme le féminisme universel en féminismes multiples, avec des caractéristiques plus humaines, d'équité et d'inclusion. Enfin, le texte fait croire à l'importance de la reconnaissance du lieu de parole pour toutes les personnes, en se différenciant dans les lieux de discours de privilèges ou de lieux de discours marginalisés, ces lieux étant flexibles à partir de la spatialité et des identités.

**Mots-clés:** Intersectionnalité. Complexité sociale. Diversité. Féministe.

### Significando nosso diálogo

Este artigo surge da oportunidade dada pelo Grupo NOMEAR - Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia da Unicamp/FCA, ao apresentar ao mundo a proposta de um dossiê aberto às diversas discussões que abarcam o gênero, seja como conceito ou como modo concreto de experimentar a vida, bem como as questões que dialogam com os feminismos e a multiplicidade do ser mulher.

A oportunidade oferecida através da chamada deste dossiê é mais do que a publicação de uma obra para quem o escreve e para quem o lê. Na verdade, esse momento

<sup>1</sup> Doutoranda em Geografia pela UEPG. E-mail: cintia.slisboa@gmail.com  
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



simboliza um ato de resistência e fortalecimento pessoal, mas também coletivo, ao garantir a promoção do pensamento crítico e feminista no Brasil.

Estamos nas fronteiras de um tempo sombrio almejado pelo fascismo, prezar pela democracia e pelo direito à liberdade de expressão que não machuque nada e ninguém é um dever de todas as pessoas que almejam uma construção sócioespacial mais humana, igualitária e incluyente, seja nos espaços ‘reais’ ou ‘virtuais’, a exemplo deste dossiê.

O objetivo que aqui desenvolvo diz respeito à divulgação de um conjunto de debates que se cruzam nos feminismos, evidenciando, neste caso, a multiplicidade de formas de entender o feminismo e o ser feminista. Tal forma de se entender o mundo se dá em um contexto de rupturas de pensamentos e modelos universais.

Ao compreender o feminismo enquanto um movimento político que luta por uma mudança social que combate as problemáticas que afetam a vida das mulheres, percebo que essas problemáticas perpassam por práticas racistas, machistas, misóginas, sexistas, capacitistas, geracionais e capitalistas, que por sua vez afetam a vida de todas as pessoas, sejam mulheres, homens, idosas/os, crianças, etc.

Dessa forma o que é entendido enquanto “luta das mulheres” se torna muito mais amplo, primeiro ao reconhecer que essas mulheres são realmente diversas, e o que afeta um conjunto de mulheres em determinado tempo e espaço pode ser diferente das demandas de outro grupo de mulheres, do mesmo modo ao entender que todos esses problemas já mencionados (e outros mais) também afetam a vida de outras pessoas, que não apenas se identificam enquanto mulheres, pois reconheço que o machismo, o sexismo, não afetam apenas o ‘ser mulher’, também são questões que perpassam por pessoas não binárias e por homens, pontos esses que vem sendo discutidos em especial pelos movimentos e pelas teorias sobre as masculinidades e *queer*. Assim como o racismo não afeta apenas as pessoas não brancas, e assim por diante.

Enxergando o feminismo transpassado por diversas questões é que proponho neste artigo, assim como nos lembra a célebre Bell Hooks (2018 [2000])<sup>2</sup>, que o feminismo é para todo mundo. Entretanto, também entendo quando as críticas ao feminismo aparecem, a exemplo de frases como: “esse feminismo não me representa”, “as minhas dores nunca são prioridades nesse movimento”, “o feminismo só se preocupa com a mulher branca que

---

<sup>2</sup> HOOKS, Bell. (Org.). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018 [2000]. 134p.



tem dinheiro”.

Essas são algumas das muitas frases e críticas que já ouvi sobre o feminismo, e em um primeiro momento eu realmente entendo. Porém, eu também busco e espero o meu momento para falar, e quando ele chega eu não consigo não falar o quanto o feminismo é importante e salva vidas. Ao dizer isso eu também estou de acordo com as frases acima que versam críticas a um feminismo liberal, que não necessariamente se propõe a mudança social que buscamos através da ética feminista, e sim a uma comercialização da pauta com um esvaziamento da sua luta política.

Me sinto livre em apontar tais críticas ao mesmo tempo que sinto a necessidade de defender os movimentos feministas, sendo eu, uma pesquisadora em formação institucionalizada, representando a materialidade de um sonho ancestral e herdeira de uma trajetória que poderia ter sido, ou não, de mais fortalecimento de ser humana, digo isso, pois uma das primeiras experiências que me fizeram pensar o lugar social da mulher foi aos meus 12 anos, quando minha mãe, uma estudante de história da Universidade Federal do Pará, foi assassinada por um crime reconhecido hoje em dia como o feminicídio.

Tal experiência, enquanto uma menina órfã do feminicídio me fez pensar em quem lutava pela mulheres que sofriam violência doméstica. O primeiro contato que tive com a luta das mulheres pelas mulheres foi com um feminismo midiático e liberal, que por algum tempo supria minha necessidade, mas que rapidamente apresentou tensões que minhas outras vivências não reconheciam. Foi neste momento que críticas iniciais foram formuladas ao feminismo que até então eu conhecia, foi essa experiência incompleta que novamente me movimentou em busca do que hoje reconheço como os feminismos múltiplos, fazendo com que me sinta confortável em pontuar momentos de críticas e de defesa aos feminismos.

Enquanto uma geógrafa feminista, tendo a buscar as relações espaciais que muitas vezes são invisibilizadas de pesquisas sociais e humanas, trabalhando sobretudo com geógrafas e geógrafos do Sul global, em especial da América Latina, ao almejar uma geografia humana encarnada que não ignore parte da humanidade, contudo, neste artigo em si, me permito dialogar, mas não centralizar as contribuições geográficas, trazendo em especial, experiências vividas e encarnadas que me permitem exprimir em um formato acadêmico e científico, o que tenho vivenciado desde o início da minha adolescência junto ao movimento social, em especial os movimentos feministas e indígenas, contribuindo por



sua vez a um feminismo múltiplo que não secundariza aspectos de classe, de origem espacial, e de geração, em especial, questões essas que são fundamentais em minha vida acadêmica, mas também fora dela.

E para mim esse é o momento de virada do feminismo. Quando ele não mais é entendido enquanto “um único feminismo”, e sim um movimento tão múltiplo, assim como quem com ele se identifica. É aqui que o feminismo se transforma em feminismos, não apenas a partir de epistemologias, mas reconhecendo e valorizando práticas outras de um feminismo não mais hegemônico, a exemplo do reconhecimento e da legitimidade de fontes e experiências que não são as clássicas no meio científico, como a proposta de um saber encarnado, e não apenas teórico metodológico.

Sendo assim, parte das ideias, conversas, trocas e experiências que eu tenho com pessoas próximas a mim, eu tento traduzir por meio das palavras que aqui apresento. O que objetivamente quero com este artigo é mostrar o quanto os feminismos são múltiplos, e o quanto isso tem relação, sobretudo, com a intenção e com aquilo que mais nos move, direcionando a prioridade da nossa fala, do nosso debate, da nossa luta, conforme o que nos é exigido em dado momento.

Eu, enquanto mulher nortista, latina, com ascendência indígena, buscando me tornar uma cientista em um país que muitas vezes se nega a ouvir vozes como a minha, tenho total compreensão de que não serei livre enquanto existir um imaginário social sobre qual deve ser o destino das mulheres.

Sei que não serei livre enquanto indígenas, travestis, mulheres trans e mulheres negras fizerem parte de grandes índices de estatísticas negativas<sup>3</sup>. Assim como muito me

---

<sup>3</sup> As estatísticas negativas ao qual me refiro dizem respeito as mulheres, sejam elas indígenas, negras, trans e travestis, mãos solas e periféricas, ainda que tais adjetivos concedam a elas (e no meu caso, a nós) outras experiências, os exemplos a seguir referem-se as desigualdades de gênero (que são binárias em feminino X masculino) que todas sofreremos pelo simples fato de sermos mulheres. Alguns desses infelizes exemplos são: Segundo o Fórum Econômico Mundial, de 2019, a mulher segue ganhando menos que os homens, quando comparados os cargos e escolaridade, além disso, ocupam menos cargos de liderança e de perfis gerenciais; já em relação ao imaginário do ‘ser mulher’, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNDU, em 2020, cerca de 90% de homens e mulheres tem visões negativas sobre a atuação de outras mulheres na política e no mercado de trabalho; em relação ao esporte, o estudo desenvolvido pela ONG Britânica Women in Sport, em 2018, revelou que 40% das entrevistadas sofreram discriminação de gênero em suas práticas desportivas; a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA indicou que no ano de 2020 houve um aumento de 41% de assassinatos em relação ao ano anterior, e em uma perspectiva interseccional, complementa que 78% delas eram mulheres trans e travestis negras; em relação as mulheres indígenas, uma pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, apresenta que as mulheres indígenas sofrem com baixos percentuais de assistência pré-natal, representando não só uma



toca quando ouço sobre a violência contra as mulheres, seja no meio rural ou urbano, sobre o quanto as mulheres avançam – ou não - profissionalmente, sobre o quanto não temos autonomia sobre nossos corpos, do mesmo modo que me dói quando ouço relatos sobre violência obstétrica em um momento tão importante na vida de muitas mulheres, e isso sendo que eu nem sou mãe, mas entendo como cada identidade influencia nas nossas demandas que não são fixas, mas se dão a partir das experiências sócioespaciais.

Deste modo, espero que o conjunto de diálogos feministas apresentados a seguir possam reforçar o quanto o feminismo é um movimento importante e deve ser abraçado por todas, todos e todes. As seções deste trabalho apresentam algumas, dentre inúmeras, temáticas plurais associadas aos feminismos, para que possamos identificar os múltiplos feminismos (e ainda assim não todos!) e as mais diversas frentes de atuação dos movimentos feministas brasileiros.

O intuito é apresentar algumas das muitas possibilidades de discussões e práticas feministas, identificadas aqui como: 1 – Teorias críticas do feminismo, onde espero apresentar alguns apontamentos e comentários críticos que a sociedade (em alguns momentos conservadora e em outros momentos as pessoas não representadas pelo feminismo liberal) faz sobre o feminismo; 2 – Feminismos múltiplos, já aqui, pretendo abordar o entendimento e as teorias que apontam as diversas possibilidades de pensamentos e ações feministas, rompendo com um feminismo que se diz universal; 3 – e por fim, Feminismos e lugar de fala, indico nesta seção algo que aprendi e mudou a forma como sou e estou no mundo. Aprendi que: todo mundo tem lugar de fala! E apresento um panorama do conceito e algumas interpretações que dele derivam.

Para tanto, a metodologia utilizada aqui se dá via escrituras (EVARISTO, 2020)<sup>4</sup> em diálogo com o levantamento teórico sobre os debates e movimentações teóricas mais recentes em relação ao feminismo no processo de transformação para os feminismos múltiplos. Este levantamento teórico versou sobre temas como: feminismo, críticas ao

---

violação ao seu corpo, mas também a vida de alguém que nem saiu do ventre da sua mãe; por fim, no caso das mulheres negras, o Sistema de Informação sobre Mortalidades, vinculado ao Ministério da Saúde, indica que até o final do ano de 2020, a maioria dos casos de falecimento reportados eram de mulheres negras, inclusive a primeira morte confirmada por Covid-19 no Brasil foi uma empregada doméstica negra, que se contaminou após retorno de uma viagem internacional de seus patrões, o que já nos diz muita coisa.

4 EVARISTO, Conceição. *Conferência de abertura do XI COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadoras/es Negras/os: Negras Escrituras*. 2020. Curitiba – Paraná. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=biBn732cI5E&ab\\_channel=ABPN](https://www.youtube.com/watch?v=biBn732cI5E&ab_channel=ABPN)>. Acesso em: junho de 2021.



feminismo e lugar de fala.

Vale ressaltar que a escrita aqui apresentada se dá em primeira pessoa do singular e primeira pessoa do plural, justamente por reconhecer a necessidade da posicionalidade e dos saberes encarnados, como apresentado por Donna Haraway (1995)<sup>5</sup> e Joseli Silva (2009)<sup>6</sup>. Quando a escrita aparece em primeira pessoa do singular estou me referindo a proposições e experiências particulares, já quando a escrita aparece em primeira pessoa do plural a ideia a ser passada diz respeito a uma coletividade política, em especial a partir de experiências feministas e femininas.

### **Teorias críticas do feminismo**

Certamente você já ouviu alguma crítica ao feminismo. Muitas dessas críticas vêm das próprias mulheres que por tanto tempo não se sentiram representadas por um movimento que se intitula enquanto feminista e apresenta o objetivo de lutar pelos direitos das mulheres, mas, na prática não representa uma parcela muito grande do diverso mundo do que é ser mulher. O que me faz assumir que boa parte dessas críticas estão corretas.

Ora, mas por que um movimento político que luta pelos direitos das mulheres recebe críticas que em grande parte estão corretas? Lutar pelo direito das mulheres não é algo bom que deve ser assumido por toda a humanidade?! Afinal, o benefício é coletivo. Sempre que avançamos na garantia e promoção do direito para uma pessoa, estamos avançando enquanto humanidade.

Entretanto, por muito tempo o que foi apresentando enquanto feminismo não passava de uma movimentação política que não almejava uma mudança estrutural real, e sim conquistas pontuais que se destinavam apenas a algumas poucas mulheres, sobretudo as mais favorecidas economicamente, o que também significa assumir que se tratava de uma parcela de mulheres brancas, tendo em vista que o capital é concentrado na

---

5 HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, s/v. n. 5, p. 7 - 41, 1995.

6 SILVA, Joseli Maria. Fazendo Geografia: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, Joseli Maria: *Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todopalavra, 2009, p. 25 – 54.



branquitude<sup>7</sup> em nossa sociedade capitalista colonial<sup>8</sup>.

As críticas ao feminismo, movimento que tem diversas histórias, dependendo do seu espaço de origem, de quem as conta e da sua intencionalidade, não se resumem às conversas cotidianas e à questão da falta de representatividade. São críticas sérias, com desenvolvimento teórico, que contribuem cada vez mais para o avanço do movimento. Esse pensamento também se estendeu às universidades, grupos de estudos, núcleos de formação e às teorias críticas que se preocupam com uma posição de identidade, para além de uma discussão apenas de classe, renda e ideologia.

Podemos identificar alguns desses exemplos através do feminismo negro, do feminismo de terceiro mundo, do feminismo trans, das mulheres latino americanas e caribenhas, do movimento de mulheres indígenas, do movimento *queer*<sup>9</sup>, das mulheres lésbicas, de mães, de mulheres mais idosas, entre outras, que não só pontuam contundentes críticas no seu dia a dia, mas passam a tecer reflexões teóricas sobre a problemática de um feminismo universal.

Desta forma, apresentarei quatro críticas que estão em pauta tanto na prática cotidiana dos movimentos de resistência, quanto no debate acadêmico. A proposta é apresentar um pouco sobre cada crítica e toda a sua legitimidade, entretanto, também defendo a necessidade de se ressignificar, como fazemos com nós mesmas a cada dia, o que se entende e vivencia enquanto feminismo.

Essa mudança na interpretação do feminismo se dá quando há o entendimento que não mais podemos permitir que o mesmo seja visto como um debate e luta de uma parcela de mulheres, mas que precisa ser múltiplo, acolhedor, multifacetado, diversificado, pois só

7 Branquitude é aqui entendida como um processo social e psíquico de construção da/o 'outra/o' não branca/o, sejam pessoas negras, indígenas, amarelas, etc, em oposição ao 'ser' naturalizado como 'branco' e referente universal de classificação hierarquizada da realidade.

8 Esta ideia advém do pensamento que o colonialismo não acabou com a colonização, necessariamente. Se fazendo presente hoje por meio das colonialidades. As colonialidades dizem respeito a um conjunto de fenômenos nas esferas econômicas, políticas, culturais, psicológicas, e do saber. Essa defesa advém em especial do que é identificado enquanto teoria descolonial ou decolonial.

9 De acordo com Helena Vieira (2015), o Movimento Queer propõe o questionamento às epistemes (pressupostos de saber), ao que entendemos como verdade, às noções de uma essência do masculino, de uma essência do feminino, de uma essência do desejo. Para o Movimento Queer é preciso olhar para esses conceitos e tentar perceber que não se tratam, de forma alguma de uma essência, ou mesmo, que não há uma ontologia do todo, mas, no máximo, uma relação de mediação cultural dos marcadores biológicos.

10 VIEIRA, Helena. Afinal, o que é a teoria queer? O que fala Judith Butler? *Diálogos do Sul - UOL*. São Paulo - SP, 25 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/cultura/51728/afinal-o-que-e-a-teoria-queer-o-que-fala-judith-butler>>. Acesso em: junho de 2021.



assim será um reflexo da sociedade. As críticas não representam o fim, a estagnação, e sim a indispensabilidade de se refletir, de ter a autocrítica como uma aliada positiva, para que sempre possamos melhorar.

É assim que devemos ser com relação ao feminismo. Afinal, devemos crer que quando lutamos em defesa dos direitos de uma pessoa, isso mesmo que localmente, já significa um avanço para nós enquanto sociedade. Se por um tempo o feminismo foi excludente e silenciou diversas vozes isso ocorreu como reflexo de crenças de determinadas pessoas (em especial, de mulheres brancas e ricas) em específico tempo e espaço, e que detinham maiores poderes sociais de visibilidade, reconhecimento, legitimação e fala. Cabe a nós a defesa e ressignificação do termo.

Cláudia Cardoso (2014)<sup>11</sup>, ao fazer uma leitura sobre Lélia Gonzalez e sua trajetória com o debate feminista, indica que a autora apesar de pontuar críticas ao feminismo hegemônico e propor uma mudança na prática feminista tradicional, também reconhece que é inegável o papel desempenhado nas lutas e conquistas feministas, tendo um papel crucial para o encaminhamento de diversas conquistas<sup>12</sup>, além do fortalecimento de outros grupos sociais, como o fortalecimento do movimento de mulheres negras e indígenas, o fortalecimento da luta anticapitalista, anticapacitista, e assim por diante.

Entendo que esses silenciamentos e não representatividade podem significar dor para muitas pessoas, mas, por outro lado, a chance de mudança e de se melhorar com as críticas estão aí, assim como veremos nas próximas seções. Por enquanto vamos começar a entender por onde essas críticas se deram.

---

11 CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 965 - 986, 2014.

12 O movimento feminista segue sendo um mobilizador de conquistas sociais e de direitos em inúmeros países e há muito tempo. Para nos atermos em conquistas guiadas pelo movimento feminista brasileiro, trago alguns exemplos como: o direito de meninas e mulheres frequentarem as escolas, em 1827, tendo em vista que até tal ano, apenas meninos e homens podiam ter acesso a educação primária, mais uma vez, em especial a população branca; a conquista pelo direito ao voto feminino, em 1932; a criação do Estatuto da Mulher Casada, que em 1962 revogou a obrigação da mulher casada precisar de autorização do marido para trabalhar, bem como permitiu o acesso à herança e ao pedido da guarda dos filhos e filhas em casos de separação; a conquista ao direito de poder jogar futebol, que até o ano de 1979 era um esporte que oficialmente podia ser praticado apenas por meninos e homens; e mais recentemente, em 2006 foi sancionada a Lei Maria da Penha, importante instrumento para a manutenção da vida das mulheres; já em 2015 a Lei do Feminicídio foi aprovada; bem como, em 2018 a importunação sexual feminina passou a ser considerada crime. Estes são alguns dos exemplos possíveis quando falamos em conquistas capitaneadas por mulheres e pelo movimento feminista do Brasil. Ao pensarmos em uma escala internacional, diversos outros exemplos também se apresentam, contudo, a intenção aqui é fortalecer a perspectiva nacional do movimento feminista.



Mabel Campagnoli (2018)<sup>13</sup> apresenta um panorama geral desde o surgimento das primeiras críticas ao feminismo, no final da década de 1960 e início dos anos 1970, até as críticas mais recentes. Mas, para que possamos entender essa leitura histórica do feminismo é preciso partir da historicização, ou seja, da narrativa histórica, apresentada por um pensamento eurocêntrico e norte americano.

Para a autora, as primeiras críticas surgem na segunda onda do feminismo. Entretanto antes de começarmos a falar sobre as críticas, vamos compreender rapidamente o que foram as “ondas do feminismo”. O que entendo por esse termo é a narrativa do feminismo hegemônico (ou feminismo universal) que se inicia no início do século XX. Vale destacar que este feminismo universal correspondia nitidamente às características de pessoas de grande porte econômico, do norte global, cristãs, brancas e héterocisnormativas. Notadamente mulheres com visões e práticas feministas sempre existiram na história, contudo, a história do feminismo hegemônico começa a ser contada neste ponto. Vale ressaltar que em diferentes períodos históricos e em diferentes contextos espaciais as mulheres também tinham demandas distintas, todavia, para pensarmos em termos de “ondas feministas” se faz um agrupamento histórico de reivindicações que de alguma forma culminam em uma verdadeira sequência de lutas, o que nos faz pensar na ideia das ondas.

A primeira onda do feminismo nos é apresentada por meio das sufragistas na Europa, nas primeiras décadas do século XX, que lutavam por direito ao voto, a participação política e a vida pública. Notadamente o seu marco se dá em uma perspectiva liberal e universal, através do discurso que homens e mulheres são iguais (moral e intelectualmente), logo podem e devem ter os mesmos direitos garantidos, sobretudo no que diz respeito ao espaço público, que só era permitido ser acessado pelo homem, enquanto a mulher deveria ficar em casa, no espaço privado, além de ser um debate pautado na branquitude.

Contudo, é na segunda onda do feminismo, que se inicia em meados do século XX, no início da década de 1960, que as condições das mulheres enquanto exploradas pelo seu sexo e capacidade reprodutiva começam a caracterizar esse momento histórico na luta das mulheres. Essa discussão é então inserida nos debates acadêmicos, realizados nas

---

13 CAMPAGNOLI, Mabel Alicia. Epistemologías críticas feministas: Aproximaciones actuales. *Descentrada - Revista interdisciplinaria de feminismos y género*, v. 2, n. 2, p. 1 – 10, 2018.  
CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880



universidades, que nesse período começavam a receber um grande número de mulheres.

Quando as teorias se preocupam em caracterizar e explorar as condições das mulheres, um discurso proferido por mulheres marginalizadas no então movimento feminista começa a ganhar voz. Essas mulheres, que em comum têm o fato de não serem brancas, ricas e héteros, questionam e indicam que suas demandas e condições são diferentes do que o feminismo indica enquanto condições das mulheres. Elas apontam que o discurso publicizado diz respeito apenas às condições das mulheres brancas héteros.

Retornando à Mabel Campagnoli (2018)<sup>14</sup>, a autora nos fala que nesse momento, entre as décadas de 1960 e 1970, se começa a desconstruir um imaginário único de ser mulher. A primeira crítica então se dá na necessidade de visibilizar que diferentes mulheres existem e resistem no mundo, sendo a experiência do ser mulher uma experiência marcada pela complexidade.

Aqui vemos que o feminismo que tenta universalizar a mulher é posto em xeque, quando contradições racistas, classistas, heterocisnormativas, capacitistas, etc, se encontram na sua prática. Em destaque as mulheres negras, latinas, caribenhas e lésbicas são as que reconhecidamente assumiram essas críticas.

Deste modo nos encaminhamos para a segunda crítica, que surge em detrimento do desenvolvimento teórico do que imaginamos tradicionalmente enquanto gênero. Essa crítica se dá especialmente pelo desenvolvimento científico elaborado pelos Estados Unidos, que pensa o gênero enquanto uma maneira de igualar homens e mulheres, assim como nos estudos europeus, que desenvolvem o imaginário do gênero a partir da diferença entre homens e mulheres, logo, necessitando de um tratamento social que leve em conta tais aspectos distintos.

No meio tempo em que a discussão feminista desenvolvida nas universidades do Norte global se preocupava com o desenvolvimento epistêmico do quem vem a ser o gênero, esse termo foi captado por organismos institucionais. A segunda crítica aqui apresentada refere-se à forma que essas instituições tratam a abordagem de gênero, reduzindo-o a sinônimo de mulher ou de feminismo.

Um desdobramento positivo desta segunda crítica ao feminismo e a forma que ele se desenvolvia cientificamente foi a abertura de espaço para os estudos de masculinidades

---

14 *Id. Ibid.* p. 4.



via abordagem de gênero. Entendendo em um primeiro momento uma construção binária entre o ser homem e o ser mulher, onde um não existe sem o outro, nem que seja para enxergar o seu oposto e a partir daí se diferenciar como sujeita/o.

Já a terceira crítica vem dos denominados feminismos do Sul global, ou de terceiro mundo. Seu debate parte da crítica que as pessoas em condição de subalternidade, em especial as mulheres subalternizadas, levantam a partir de suas experiências locais, reverberando em identidades territoriais. Críticas essas que se dão em relação à universalidade da/o sujeita/o eurocêntrica/o. Temos neste movimento um caráter forte de espacialidade, de origem geográfica.

O que entendo enquanto caráter forte de espacialidade, de origem geográfica, se dá nos e pelos espaços que majoritariamente originam tais discussões. Como o próprio nome já diz, é um feminismo localizado no Sul global, tendo como expoente críticas que tensionam o caráter anglófono e eurocêntrico. Continentes como o africano e a parte sul da América (que abarca as divisões da América do Sul e da América Latina), trazem grandes contribuições ao racializar e espacializar o debate que até então era promovido de forma universal pelo feminismo do Norte global.

Vale ressaltar que os feminismos do Sul global são não produzidos apenas abaixo da Linha do Equador, devemos reconhecer a existência de pessoas aliadas que estão em espaços colonizadores do Norte global, além de também reconhecermos as pessoas que transitam entre as fronteiras globais, a exemplo de muitas e muitos imigrantes que vão para a América do Norte ou para a Europa em busca de outras oportunidades de trabalho e de estudo e que contribuem para a luta feminista ao indicarem o quanto a origem espacial complexifica as colonialidades.

Uma associação é feita a denúncia proposta pelas colonialidades, desenvolvidas na América Latina e Caribe. O que as autoras feministas latino americanas apontam, influenciadas pelo feminismo comunitário ou indígena e pelo feminismo negro, versa sobre a colonialidade de gênero. A colonialidade de gênero, para autoras como María Lugones (2014)<sup>15</sup> e Rita Laura Segato (2012)<sup>16</sup> se dá a partir das relações de poder nas

---

15 LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 935 - 952, 2014.

16 SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-Cadernos Ces [online], Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical*, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: junho de 2021.



dimensões materiais, ou seja, literalmente do que podemos visualizar em termos de gênero pensando em homem e mulher cisgêneros e heterossexuais, e na construção subjetivas desses imaginários. Esta representação é resultado de um patriarcado colonial moderno para Segato (2012)<sup>17</sup>. Mesmo com o fim das colônias ainda resta um controle subjetivo das normas e relações entre gênero e sexualidade.

Tendo em vista um feminismo geopoliticamente situado, o feminismo descolonial (latino americano e caribenho), como um representante dos feminismos do Sul global, irá desenvolver nas universidades subalternizadas, encontradas nos também chamados “países de terceiro mundo, ou em fase de desenvolvimento”, uma crítica epistemológica ao feminismo desenvolvido nos países do Norte global, ou majoritariamente atrelados ao feminismo universal.

Essa crítica se dá conforme a prática científica que reduz as experiências e vozes de mulheres latinas e caribenhas a objetos de análise ou a tradutoras de teorias e conhecimentos do Norte global. Este momento da terceira crítica ao feminismo hegemônico se dá na virada dos anos 2000, sendo apresentado como passagem da segunda para a terceira onda do feminismo universal.

Oyèrónké Oyěwùmí (2004)<sup>18</sup> indica o privilégio racial e de gênero como uma parte essencial do *ethos* europeu, que está consagrado na cultura naturalizada da modernidade. Segundo a intelectual, talvez a crítica mais importante de articulações feministas, tanto no Norte quanto no Sul global, é a compreensão da análise inseparável de gênero, raça e classe. Tendo em vista que mesmo que se faça uma pesquisa ligada às mulheres brancas, é necessário racializá-las e identificar que suas experiências se dão dentro de um privilégio, ainda que não em relação ao gênero, mas em relação a sua raça.

Esta noção visibiliza as diferenças entre as mulheres e a necessidade de teorizar múltiplas formas de opressão, que ocorrem simultaneamente, sendo possível de visualizar a partir do contexto interseccional de um fenômeno. Porém, segundo a autora, é necessário um rompimento com a forma de leitura do mundo proposta na ciência ocidental, pois as teorias eurocêntricas, sendo universalistas, se desdobram em conceitos, temáticas, metodologias, etc.

---

17 *Id. Ibid. online.*

18 OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. *CODESRIA: Gender Series*, v. 1, p. 1 – 8, 2004.



Uma alusão é apresentada pela intelectual ao pensar gênero atrelado às feminilidades de forma eurocêntrica, onde metodologicamente, grande parte das análises que levam em conta as mulheres são direcionadas ao lar da família nuclear, com uma visão binária entre espaços públicos e privados, o que reduz a mulher a condição de mãe e esposa, ignorando a relação com raça, sexualidade, capacidade, idade, religião, etc, que constituem as mulheres. Vale lembrar que a autora está fazendo tal apontamento no início da virada do século XXI, tendo em vista que hoje já existem mais trabalhos interseccionais que naquela época.

Na virada dos anos 2000 os feminismos múltiplos ganham força, em relação ao diálogo das lutas anticapacitistas com os movimentos feministas, o debate e a valoração do corpo é central, tendo em vista que ambos movimentos, ainda de que modos diferentes, lutam pela autonomia e a não fetichização de seus corpos, outros dois aspectos podem ser pensados quando falamos de mulheres com deficiência, que vivenciam o machismo e o capacitismo, bem quando falando sobre as pessoas que majoritariamente praticam o ato de cuidar, sendo muitas vezes uma atribuição destinadas as mulheres mães, avós, tias e irmãs.

Já no que tange a relação racial e étnica com os movimentos feministas, temos o exemplo do movimento de mulheres negras, que interseccionam o debate racial e generificado, tendo em vista um feminismo que não pontuava questões raciais, do mesmo modo que o movimento negro por muito tempo não pautou as questões de gênero, cabendo as mulheres negras levantar inicialmente tal reflexão em seus meios de resistência e atuação.

Outra prática comum nos feminismos múltiplos do Sul global, refere-se ao olhar generificado dos espaços, sejam em territórios vivos corporificados ligados as populações indígenas, seja em relação as cidades, na busca pela democratização do espaço urbano, indicando o quanto diferentes pessoas vivenciam a cidade também de modos diferentes, a exemplo das mulheres, que normalmente sente medos e insegurança ao utilizarem os espaços públicos. Tais reflexões são desenvolvidas em sua maior complexidade com o auxílio das críticas ao feminismo liberal advindas em especial do Sul global.

A quarta crítica é um debate bem atual, datando de discussões que ganham força já no século XXI, ao mostrarem a reprovação do reducionismo binário que o sexo e o gênero naturalizam. O que se pretende agora é ser mais amplo, reconhecendo a possibilidade de



existência para além dessa dualidade heterocisnormativa do ser mulher e homem.

O indicativo sobre a necessidade de refletirmos sobre as dualidades, tão presentes em nosso cotidiano, extrapola a discussão da corporeidade se aproximando de aspectos religiosos, jurídicos e médicos, como apresentado por Judith Butler (2007)<sup>19</sup> e por Lélia Gonzalez (1988)<sup>20</sup>, que entende que o sexo, assim como a noção de sexismo e de racismo, se baseiam em argumentos tidos como biológicos, identificados através da “natureza do corpo”, quando até o que entendemos enquanto biológico ou natural também são resultados sociais e culturais e afetam o imaginário das feminilidades e masculinidades.

Esta compreensão nos permite avançar na luta pelos direitos das travestis, de pessoas trans e de pessoas não binárias, questionando as ordens morais e institucionais, o que vem contribuindo para o que pode ser reconhecido enquanto manifesto das epistemologias *queers* e trans, conforme Campagnoli (2018)<sup>21</sup>.

### **Feminismos múltiplos**

São das críticas já apresentadas e de outras concepções imaginadas que a defesa dos múltiplos feminismos surgem. Outra influência se dá no aumento de universidades, onde a abertura de vários cursos de especialização e pós-graduações representam campos específicos dos conhecimentos que vão sendo criados, entre esses campos, os dos estudos feministas.

Como alguns exemplos dentro de um crescente leque, tem-se o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos, vinculado à Universidade Federal da Bahia, a Especialização em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, junto à Universidade de Passo Fundo e o Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, dentre outros.

Nessa linha, pesquisas e teorias específicas são formuladas levando em conta a necessidade de se atentar às demandas que estavam sendo silenciadas e marginalizadas no debate que vinha sendo produzido até então. É quando começamos a observar as

19 BUTLER, Judith. Sujetos de sexo/género/deseo. In: BUTLER, Judith. *El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad*. Paidós, p. 45 – 100, 2007.

20 GONZALEZ, Lélia. “Por um feminismo afrolatinoamericano”. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133 - 141, 1988.

21 CAMPAGNOLI, Mabel Alicia. Epistemologías críticas feministas: Aproximaciones actuales. *Descentrada - Revista interdisciplinaria de feminismos y género*, v. 2, n. 2, p. 1 – 10, 2018.



adjetivações que vão sendo somadas ao feminismo, onde temos como alguns exemplos: feminismo negro, feminismo descolonial, feminismo indígena ou comunitário, feminismo lésbico, feminismo trans, feminismo interseccional, feminismos plurais, feminismo e maternidade, feminismo marxista, ecofeminismo, dentre outros.

Algumas terminologias vão surgindo, sendo posteriormente desenvolvidas em prática e teoria. O que acontece nesse movimento é uma autocrítica, onde a defesa pelo feminismo é apresentada do mesmo modo que o reconhecimento sobre a necessidade do diálogo do feminismo com outras pautas. E quando observamos essas terminologias podemos identificar qual será a direção do diálogo naquele momento.

De acordo com Joana d’Arc Pupo (2019)<sup>22</sup> o feminismo desdobrou-se em diversas perspectivas, relevantes e politicamente complementares. O cerne comum se dá na convicção e comprometimento de atuação pelas diferenças e singularidades da sua comunidade. Ou seja, existe a singularidade que une o ‘ser mulher’ em torno do feminismo, mas também existe a diferença que é separada pela adjetivação que se segue, o que não significa dizer que a atuação conjunta não exista. Deste modo podemos dizer que a singularidade une as pessoas que se identificam e vivenciam o ser mulher, enquanto a diferença agrega as complexidades do ‘ser mulher’, bem como pessoas que não vivenciam e se identificam com as feminilidades, mas que são parceiras na luta feminista.

O movimento feminista como um todo só ganhou com a prática de autocrítica. Novas abordagens, metodologias de pesquisa, atuação e respostas a problemáticas sociais são incorporadas na discussão feminista que agora dialoga com diferentes sistemas de opressão, como sexualidades, raça/etnia, classe, geração, identidades, territorialidades nacionais (PUPO, 2019)<sup>23</sup>, capacitismo, discussões sobre violência, planejamento e acesso a cidade, educação, etc.

Novamente, tais empenhos se dão na concepção de um movimento não mais universalista, onde as experiências individuais e coletivas unem-se para a construção de políticas emancipatórias para grupos considerados minoritários. Uma pluralidade de possibilidades é permitida e estimulada com esse reconhecimento.

---

22 PUPO, Joana d’Arc Martins. Feminismos múltiplos – Teorias, pensamentos e autoria literária de mulheres. In: *III Congresso Internacional de Estudos da Linguagem: Descolonialidade e desobediência nos estudos das linguagens*. Ponta Grossa – Paraná, 2019, p.1. Disponível em: <[https://siseve.apps.uepg.br/storage/ciel2019simp/32\\_Joana\\_D\\_Arc\\_Martins\\_Pupo-155205694275362.pdf](https://siseve.apps.uepg.br/storage/ciel2019simp/32_Joana_D_Arc_Martins_Pupo-155205694275362.pdf)>. Acesso em: junho de 2021.

23 *Id. Ibid. online.*



Cristina Wolff, Jair Zandoná e Soraia Mello (2019)<sup>24</sup> chamam nossa atenção para outras relações de poder que aparecem quando mudamos o *lócus* das novas interpretações feministas, para além da dicotomia entre mulheres e homens e espaço público e privado, como normalmente os estudos das mulheres apresentavam, notadamente restritos a análise do lar como ambiente relacionado às mulheres.

Debates em torno do judiciário, da religiosidade, da participação no mercado de trabalho, de governos autoritários e de direita, da desigualdade de renda, ditaduras, do não acesso à terra, da violência sexual, entre outros, são alguns dos temas que Wolff, Zandoná e Mello (2019)<sup>25</sup> nos trazem como resultados ao pesquisarem a relação dos feminismos no Brasil e seus campos de atuação.

O que observamos é a pluralidade de espaços de atuação das lutas feministas, diferente do imaginário social que há sobre uma possível pauta do feminismo ser acabar com a família tradicional e com os casamentos, ou ainda se resumir aos interesses apenas das mulheres ou sobre as mulheres.

Ainda de acordo com a pesquisa mencionada anteriormente, o feminismo no Brasil se consolida com o apoio de mulheres da esquerda brasileira. E sob essa influência temos um feminismo múltiplo comprometido com uma leitura crítica das hierarquias de gênero, igualmente preocupado com exclusões articuladas aos marcadores das colonialidades que desenvolvem a sociedade brasileira, em especial as de classe.

Desta maneira duas perspectivas podem ser assumidas pelas correntes feministas. As lutas no âmbito cultural e as lutas do âmbito material, sobretudo no que diz respeito ao avanço na promoção dos direitos das mulheres que levam em conta outros aspectos além do gênero.

Ressalto que não estamos pensando em uma evolução linear ou em uma história que tenha apenas progressos e conquistas, os feminismos, assim como todo movimento social, possuem relação estreita com contextos políticos, econômicos, culturais e espaciais. E dependendo do momento há recuos e retiradas de direitos, como bem nos

---

24 WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de. *Feminismos Plurais, Mulheres de Luta*. In: (Orgs). WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de. *Mulheres de Luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)*. 1ª. ed. – Curitiba: Appris, p. 8 – 16, 2019.

25 *Id. Ibid.* p. 11.



lembra Manuela Tavares (2011)<sup>26</sup>.

Suely Costa (2004)<sup>27</sup> fala que apesar das diferentes trajetórias dos feminismos essa renovação “mostra a vitalidade e enorme força de propagação de ideia libertárias e igualitárias” (p. 23). A autora ainda ressalta que as diversas tendências feministas não são apenas contemporâneas, e apesar de não terem assumidamente tal identidade, o seu embrião já vem de lutas antigas das mulheres.

Outra característica da renovação do pensamento feminista é seu caráter internacional, a exemplo da Marcha Mundial das Mulheres que existe desde os anos 2000, e começou como uma grande mobilização que reuniu mulheres do mundo todo em torno da campanha contra a pobreza e a violência, mostrando como há uma reordenação das pautas neste século.

Neste momento, a noção de sororidade, onde há a homogeneização e ocultação das diferenças e desigualdades entre as mulheres-irmãs é substituída pela noção de dororidade, cunhada por Vilma Piedade e identificada como “a cumplicidade entre as mulheres negras, pois existe dor que só as mulheres negras reconhecem” (GELEDÉS, 2017)<sup>28</sup>.

Hoje reconhecemos que a dororidade se faz presente no cotidiano de outras mulheres que não apenas as negras, e por isso o termo se amplia mais ainda, abrangendo outras experiências e as conectando pela dor. As revisões e avanços em determinada área ou movimento sempre partem com a tomada de consciência que estamos sempre em movimento. Ao pararmos, estagnamos, e esse é o sentido contrário da vida.

Os estudos, debates e práticas feministas têm avançado ao se permitirem rever suas abordagens focadas apenas na dominação patriarcal economicista e universal. Quando outros aspectos complementam as vozes das mulheres, as tornando mais condizente com a realidade social, é que percebemos a força que os feminismos possuem, e é por isso que se tem tanto medo do feminismo, parece um bicho de vinte e duas cabeças!

---

26 TAVARES, Manuela. *Feminismos: Percursos e Desafios*. Alfragide – Portugal: Texto Editores, 2011. 746p.

27 COSTA, Suely Gomes. Movimentos feministas, feminismos. *Revista Estudos Feministas*, n. Edição Espacial, v. 12, p. 23 - 36, 2004.

28 GELEDÉS. *A dororidade e a dor que só as mulheres negras reconhecem*. 23 de dezembro de 2017. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/dororidade-e-dor-que-so-as-mulheres-negras-reconhecem/>>. Acesso em: julho de 2021.

### **Feminismos e lugar de fala**

Não é incomum vermos na internet, ou até mesmo presenciarmos, falas que almejam uma suposta isenção de opinião ao usarem de cartada o argumento de “não tenho opinião porque esse não é meu lugar de fala”. Há uma imaginação muito forte onde o lugar de fala é entendido como se fosse lugar de autoridade discursiva, onde uma pessoa fala e a outra apenas ouve. Contudo, isso é uma interpretação um tanto quanto equivocada do que vem a ser o lugar de fala realmente.

Pensando inicialmente na relação dos feminismos com o lugar de fala, a crítica surge primeiramente em relação a uma binaridade de gênero, a exemplo, homens e mulheres. Com esse imaginário dicotômico e sectário, a imagem passada é a que apenas mulheres possuem propriedade para falar no e sobre o feminismo, afinal, lembra daquela história do feminismo ser visto apenas como história das mulheres? Também pensam que ele só pode ser contado e praticado por mulheres.

Ao pensarmos dessa forma o que temos na prática é um lugar de autoridade de fala, e de acordo com essa autoridade, das duas, uma: você tem ou não tem autoridade para falar. Porém, esse é um pensamento que silencia, ausenta e marginaliza um conjunto muito grande de vozes, pois para o próprio funcionamento de uma sociedade hierárquica, apenas poucos podem ter autoridades e privilégios.

Quando as vozes que sempre foram ausentadas da centralidade do debate começam a tomar destaque é quando percebemos um deslocamento em um lugar de enunciação que sempre existiu, porém se apresenta como neutro, como universal, como o ponto de partida padrão. Mas, quando observamos criticamente essa voz que nos narra as histórias de nossas/os ancestrais, a voz que vemos no domínio da cultura, do cinema, e da arte, a voz que também está naturalizada em muitas instituições, nós percebemos que essa voz nada tem de neutra, universal e padrão.

Pensar nessa fala, entendida não como a fala individualizada de uma pessoa, mas enquanto um discurso social, nos remete a uma posição social, ou o então lugar social de onde parte a fala de uma pessoa. Não visto como a experiência e legitimação de quem fala, e sim visto como um conjunto de marcadores que vai além da/o indivíduo/a. Neste sentido, como nos fala Djamila Ribeiro (2017)<sup>29</sup>, é pensar no lugar que parte a fala de

---

29 RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte – MG: Editora Letramento, 2017, **CADERNOS PET**, V. 14 , N. 27 ISSN: 2176-5880



alguém dentro do jogo de relações de poder que ocorre em nossa sociedade.

Sendo assim, no livro *O que é o lugar de fala?*, a autora Djamila Ribeiro (2017)<sup>30</sup> nos convida a avançar no entendimento sobre o conceito quando deslocamos essa interpretação equivocada da associação do lugar de fala apenas a pessoa que está falando em si. É preciso pensar essa pessoa como pertencente a um grupo social, e identificar a partir desse grupo social qual sua condição.

Com as nossas estruturas coloniais, como o racismo, o capitalismo, o sexismo, o patriarcado, o capacitismo, a heterocisnormatividade, etc, qual seria o lugar social que parte uma fala? É um lugar de experiências privilegiadas ou marginais?

Obviamente cada pessoa é única, e não podemos acreditar no essencialismo das identidades. As condições materiais e subjetivas das pessoas não são iguais apenas por elas serem identificadas enquanto mulheres, como se todas as mulheres do mundo sofressem igualmente com o machismo, sexismo, ou o patriarcado. Não necessariamente.

Em uma narrativa que pouco nos é contada, as mulheres negras que foram forçadas através do Atlântico e ao chegarem no Brasil foram escravizadas não necessariamente se viam em condições de desigualdade diante de homens negros africanos. Algumas eram guerreiras, outras eram princesas e rainhas com uma vida pública e ativa politicamente, diferente das metanarrativas da história das mulheres em uma perspectiva eurocêntrica. Onde até o século XIX poucas podiam trabalhar fora de casa, poucas podiam transitar em vias públicas e seu espaço era entendido enquanto o espaço da casa, cuidando dos filhos e afazeres domésticos.

Do mesmo modo, ainda buscando acabar com os essencialismos das autoridades de fala por vivência e experiência, também podemos pensar no lugar de fala associado à discussão de racialidades. Uma pessoa ser negra não significa dizer que ela terá vivido todas as experiências de uma sociedade racista da mesma forma que todas as outras pessoas negras, e apenas por isso ela tem lugar de falar em discussões antirracistas.

Não, não! O que acontece nesse caso, é que a fala de uma pessoa negra, em uma sociedade racista, parte de um lugar, de pessoas negras como um grupo ou uma identidade social, que se encontram em condições desiguais em uma relação de poder onde a branquitude é privilegiada. A partir daí o seu lugar de fala é dessa experiência, que,

---

112p.

30 *Id. Ibid.*



novamente, não diz respeito apenas a sua experiência individual, e sim coletiva (ainda que dentro dessa coletividade exista a singularidade também).

Porém, uma pessoa branca também possui lugar de fala na discussão antirracista. Do mesmo modo que um homem possui lugar de fala no feminismo. A diferença, é que ambos (a pessoa branca, e o homem) partem de um lugar social de privilégios em uma sociedade racista e machista. Logo, sua fala pode ser de uma pessoa aliada à causa, que todo dia busca refletir sobre sua posição social, apenas será uma fala que tem como lugar de partida um lugar de privilégios socialmente.

Vale ressaltar que este lugar de privilégio também é um lugar flexível a depender das experiências sócioespaciais, por exemplo: um homem cis e branco pode ter seu privilégio racial e masculino negado ou questionado se sua sexualidade for dissidente, como a bissexualidade ou a homossexualidade.

Enxergando o lugar de fala como essa origem social da fala, observamos a refutação da ideia de universalidade, onde a essência de uma pessoa idealizada possui a autoridade sobre um discurso, sendo a única legitimada a falar sobre. É justamente o contrário. Novamente enxergo um avanço para o feminismo quando articulações são associadas à dimensão de gênero, fazendo com que novas vozes, corpos e histórias entrem em cena, conforme Mónica Fontana (2017)<sup>31</sup>.

A autora reforça que quando essas vozes e corpos silenciados do debate entram em cena, não são sujeitas/os individualizadas/os falando. Por mais que o “eu” esteja presente, o lugar de fala ali defendido diz respeito a um “eu ideológico”, onde experiências vindas das estruturas podem até ser semelhantes, ainda que também sejam particulares.

Camila Mendonça e Cíntia Albuquerque (2020)<sup>32</sup> indicam que um dos problemas dessa individualização ocorre pela confusão com o conceito de representatividade. Lugar de fala e representatividade são duas ideias diferentes, todavia, ambas são reduzidas, equivocadamente, a um corpo que se faz presente em determinado discurso.

Para as autoras, precisamos promover um debate acolhedor, inclusivo e honesto, sem enrolação e idas e vindas, pois é justamente isso que afasta essa discussão de uma

---

31 FONTANA, Mónica Graciela Zoppi. Lugar de fala: enunciação, subjetivação, resistência. *Conexão Letras*, v. 12, n. 18, p. 63 - 71, 2017.

32 MENDONÇA, Camila; ALBUQUERQUE, Cíntia. Sobre o lugar de fala: Localizações, silenciamentos e autorizações. *Revista ECO-Pós*, v. 23, n. 1, p. 561 - 567, 2020.



grande massa da sociedade. Achar que tal debate é muito difícil e deve ser consumido apenas por uma pequena elite intelectual é um pensamento predominante fora e dentro da academia.

O próprio lugar de fala já representaria uma saída para tal problemática, tendo em vista que diversos lugares de fala só complementam as temáticas e os diferentes pontos de vista sobre uma mesma perspectiva. Não é um “recorte” a mais que agora aparece, e sim a fala de alguém que sempre existiu, mas que só agora está sendo ouvida.

As histórias têm sempre, no mínimo, dois lados. Não existe uma fala única, uma narrativa única e nem tão pouco uma única verdade ou ponto de vista. Como argumenta Djamila Ribeiro (2017)<sup>33</sup> isso seria acabar com a ideia que apenas as pessoas que sofrem com determinada questão são as pessoas que podem falar sobre isso. Seria na verdade bem cômodo para quem está em um grupo que em determinada situação possui privilégios e é hegemônico, pois isso blindaria tais pessoas até mesmo de refletirem sobre, já que não tem lugar de fala mesmo.

É com este pensamento e concordando com a autora que digo: todas, todes e todos possuem lugar de fala, até porque, todos possuem uma posição social pois ninguém está flutuando pelo espaço e isolado da sociedade. O lugar de fala é apenas para entender de onde parte a sua posição social, mas, infelizmente o lugar de fala tem sido interpretado e reduzido à pessoa que profere um enunciado.

Foi quando entendi que todo mundo possui lugar de fala que realmente o mundo mudou para mim. Foi o que me permitiu romper com uma visão universal e essencialista das pessoas. Foi assim que pude perceber que se as pessoas são privilegiadas, elas podem pensar e refletir sobre as desigualdades sociais (seja o racismo, machismo, sexismo, capacitismo, etc) a partir da sua localização de privilégios, buscando relacionar sempre com as outras posições sociais ou os outros lugares de fala. É entender que se a pessoa vive uma posição privilegiada, outras pessoas, diferentes dela, irão viver uma condição marginalizada.

Nesta perspectiva, Naira Gomes (2021)<sup>34</sup> indica que um “diálogo social” passa a existir, pois através do rompimento do discurso único e universal outras vozes passam a

---

33 RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte – MG: Editora Letramento, 2017, 112p.

34 GOMES, Naira. Lugar de fala, lugar de insurgência. *Revista Coletivo SECONBA*, v. 5, n. 1, p. 79 - 81, 2021.



fazer parte do debate, sendo notadas, percebidas, escutadas, coisa que por muito tempo a nossa sociedade, pautada nas colonialidades, se esforça para abafar.

Em entrevista à Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde – RECIIS<sup>35</sup>, em 2019, o Professor Muniz Sodré ao ser questionado sobre a sua compreensão de lugar de fala, também diz que defende a ideia do deslocamento de lugares e que o diálogo real só é possível quando essa troca se dá sob lugares diferentes.

De acordo com o Professor, o diálogo é mais do que uma simples troca de palavras, isso até mesmo um papagaio consegue fazer, pois não há a necessidade de reflexão. Um diálogo ocorre entre duas ou mais pessoas quando uma se importa em interpretar a fala da outra, quando há a intenção de se atribuir significados a partir do outro e a partir de sua própria experiência. Para Sodré (2019)<sup>36</sup>, a principal característica do lugar seria a sua mobilidade, que inclusive pode ser observada no nosso cotidiano. Pare para pensar no seu dia de hoje, por quantos lugares diferentes (com visões diferentes) você passou hoje?

Assim é com o lugar de fala. Ao rompermos de vez com uma visão essencialista e universalista podemos reconhecer que existem características comuns que são vividas “através da acumulação de experiências similares (mas não idênticas) em diferentes contextos”, como nos indica Cláudia Cardoso (p. 972, 2014)<sup>37</sup>.

Entendo que as características comuns são frutos da estruturação que há nas relações de poder que hierarquiza e divide desigualmente a sociedade em diferentes grupos com acessos distintos a uma cidadania plena. A partir de uma real observação em nossa dinâmica sócioespacial, a exemplo de notarmos a população negra, as mulheres, imigrantes, etc, é que vamos notar que todo mundo possui uma fala a partir da sua experiência, que naquele momento não é apenas individual, mas enquanto um grupo social.

Quando eu estou falando “a partir do meu lugar de fala” no feminismo, não estou falando apenas das minhas experiências individuais enquanto mulher cis não branca, mas enquanto mulher em uma sociedade patriarcal, capitalista, misógina, etc. Uma outra

---

35 RECIIS. Entrevista com Muniz Sodré. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*. v. 13, n.4, p. 877 – 886, 2019.

36 *Id. Ibid.*

37 CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 965-986, 2014.



mulher branca travesti também deve falar através do seu lugar de fala no feminismo. Nós sofremos coisas parecidas em uma sociedade patriarcal, misógina e capitalista, mas nos diferenciamos em experiências no que diz respeito as nossas racialidades e vivências em uma sociedade transfóbica e brancocêntrica. E é por isso que todas, todes e todos têm lugar de fala!

### **Conjunções identificadas e convites para um caminhar coletivo futuro**

A partir do objetivo de divulgar um conjunto de debates que se cruzam nos feminismos, evidenciando, neste caso, a multiplicidade de formas de entender o feminismo e o ser feminista é que este artigo é idealizado. Para tanto, expressões coletivas e individuais foram acionadas justamente por entender que o mundo se dá em um contexto de rupturas de pensamentos e modelos universais.

Sendo assim, ao trazer críticas que sustentam transformações no feminismo, eu reconheço a necessidade de se transformar para evoluir, nada muito diferente do que já ocorre na natureza, a exemplo do processo de transformação de uma lagarta em borboleta. É dessa transformação que o mundo precisa, que nós precisamos.

O texto se estrutura em três seções, onde inicialmente apresento quatro críticas ao feminismo para explanar o processo de auto crítica deste movimento ao converter-se em feminismos, o que aqui apresento enquanto feminismos múltiplos, sendo esta a segunda seção que apresenta a diversidade e complexidade dos feminismos. Por fim, a terceira seção apresenta a relação dos feminismos com o lugar de fala, sendo esta uma possibilidade prática, teórica e metodológica de se possibilitar o reconhecimento de outras vozes dentro de uma pluralidade sócioespacial.

Deste modo, finalizo esta escrita reconhecendo a necessidade de sermos abertas ao que os outros e as outras nos dizem, muitas vezes o olhar de fora nos permite a compreensão de coisas que de tão naturalizadas se tornam difíceis de serem enxergadas. As críticas ao feminismo, em especial ao imaginário do feminismo universal, não são críticas vazias, elas servem para incomodar, e é só a partir deste incômodo que a movimentação acontece.

É neste momento que outras ações sociais e intelectuais ganham força dentro do feminismo enquanto movimento político. Nesta movimentação vozes de sujeitas/os marginalizadas/os emergem nos colocando em uma posição de tensão social, mas ao



mesmo tempo possibilitando a transformação tão necessária.

Dito isto, concluo que o caminho da vida é a mudança, e por isso não podemos nos permitir a estagnação. As críticas aqui apresentadas são respostas às demandas de uma sociedade que se abriu ao novo e ao complexo a partir da virada do século. As alteridades não deixarão de existir, cabe a nós nos permitirmos um constante processo de mutação para o acolhimento do desconhecido e do diferente. É isso que me enriquece, nos enriquece e também enriquece os movimentos sociais, aqui visto a exemplo da emergência de alguns dos feminismos múltiplos.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Sujetos de sexo/género/deseo. In: BUTLER, Judith. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Paidós, p. 45 – 100, 2007.

CAMPAGNOLI, Mabel Alicia. Epistemologías críticas feministas: Aproximaciones actuales. **Descentrada - Revista interdisciplinaria de feminismos y género**, v. 2, n. 2, p. 1 – 10, 2018.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 965 - 986, 2014.

COSTA, Suely Gomes. Movimentos feministas, feminismos. **Revista Estudos Feministas**, n. Edição Espacial, v. 12, p. 23-36, 2004.

EVARISTO, Conceição. **Conferência de abertura do XI COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadoras/es Negras/os: Negras Escrevivências**. 2020. Curitiba – Paraná. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=biBn732cI5E&ab\\_channel=ABPN](https://www.youtube.com/watch?v=biBn732cI5E&ab_channel=ABPN)>. Acesso em: junho de 2021.

FONTANA, Mónica Graciela Zoppi. Lugar de fala: enunciação, subjetivação, resistência. **Conexão Letras**, v. 12, n. 18, p. 63 - 71, 2017.



GELEDÉS. **A dororidade e a dor que só as mulheres negras reconhecem.** 23 de dezembro de 2017. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/dororidade-e-dor-que-so-as-mulheres-negras-reconhecem/>>. Acesso em: julho de 2021.

GOMES, Naira. Lugar de fala, lugar de insurgência. **Revista Coletivo SECONBA**, v. 5, n. 1, p. 79 - 81, 2021.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, s/v. n. 5, p. 7 - 41, 1995.

HOOKS, Bell. (Org.). **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018 [2000]. 134p.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MENDONÇA, Camila; ALBUQUERQUE, Cíntia. Sobre o lugar de fala: Localizações, silenciamentos e autorizações. **Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 1, p. 561 - 567, 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. **CODESRIA: Gender Series**, v. 1, p. 1 – 8, 2004.

PUPPO, Joana d'Arc Martins. Feminismos múltiplos – Teorias, pensamentos e autoria literária de mulheres. In: **III Congresso Internacional de Estudos da Linguagem: Descolonialidade e desobediência nos estudos das linguagens.** Ponta Grossa – Paraná, 2019, p.1. Disponível em: <[https://siseve.apps.uepg.br/storage/ciel2019simp/32\\_Joana\\_D\\_Arc\\_Martins\\_Puppo-55205694275362.pdf](https://siseve.apps.uepg.br/storage/ciel2019simp/32_Joana_D_Arc_Martins_Puppo-55205694275362.pdf)>. Acesso em: junho de 2021.

RECIIS. Entrevista com Muniz Sodré. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde.** v. 13, n.4, p. 877 – 886, 2019.



RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte – MG: Editora Letramento, 2017, 112p.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-Cadernos Ces [online], Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical**, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: junho de 2021.

SILVA, Joseli Maria. Fazendo Geografia: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, Joseli Maria: **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 25 – 54.

TAVARES, Manuela. **Feminismos: Percursos e Desafios**. Alfragide – Portugal: Texto Editores, 2011. 746p.

VIEIRA, Helena. Afinal, o que é a teoria queer? O que fala Judith Butler? **Diálogos do Sul - UOL**. São Paulo - SP, 25 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/cultura/51728/afinal-o-que-e-a-teoria-queer-o-que-fala-judith-butler>>. Acesso em: junho de 2021.

WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de. Feminismos Plurais, Mulheres de Luta. In: (Orgs). WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de. **Mulheres de Luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)**. 1ª. ed. – Curitiba: Appris, p. 8 – 16, 2019.



## MASCULINIDADES: NARRATIVAS EM VÍDEOS DE ALTA VISUALIZAÇÃO NA PLATAFORMA YOUTUBE

*Masculinities: narratives in high visualization on Youtube*

Frederico Rodrigues Gonzaga<sup>1</sup>

Tatiana Benevides Magalhães Braga<sup>2</sup>

Marciana Gonçalves Farinha<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo investigou os discursos sobre masculinidades proferidos por homens cisgêneros e heterossexuais na plataforma *youtube*. Para tanto, realizou uma busca, a partir das palavras-chave “ser homem” e “masculinidade”, dos vídeos mais visualizados, sendo os achados organizados em quatro categorias: orientação religiosa, afirmação da masculinidade tradicional com base no darwinismo social, desconstrução da masculinidade tradicional e crítica cultural. Os dados apontam maior público em vídeos voltados ao padrão tradicional de masculinidade e uma relação entre tal conteúdo e instituições religiosas ou de mercantilização de modelos de comportamento. Já vídeos sobre novos modelos de masculinidade aparecem mais ligados a produtos culturais. Todos os vídeos foram produzidos pela sociedade civil e alguns vídeos sobre masculinidade tradicional usam distorções relevantes de conhecimentos científicos. Conclui-se pelo impacto social dos discursos sobre masculinidade no contexto digital, sendo esse um campo de pesquisa relevante, bem como pela necessidade de se abordar relações de gênero em políticas públicas de campos como saúde, educação e justiça.

**Palavras-Chave:** masculinidades; internet; gênero.

### ABSTRACT

This article investigated the discourses about masculinities given by cisgender and heterosexual men in the digital platform Youtube. To this end, it carried out a search, based on the keywords “being a man” and “masculinity”, of the most viewed videos on the YouTube platform. Four categories of videos were organized: religious orientation, affirmation of traditional masculinity based on social Darwinism, deconstruction of traditional masculinity and cultural criticism. The data point to a greater audience for videos focused on the traditional pattern of masculinity and a relationship between such content and religious institutions or the commodification of behavior models. Videos about new models of masculinity appear more linked to cultural products. All videos were produced by civil society and some videos about traditional masculinity use relevant distortions of scientific knowledge. It concludes by the social impact of discourses on masculinity in the digital context, which is a relevant field of research, as well as the need to address gender relations in public policies in fields such as health, education and justice.

**Key Words:** masculinities; internet; gender.

<sup>1</sup> Instituto de Psicologia – UFU. E-mail: fred.rgonzaga@gmail.com

<sup>2</sup> Instituto de Psicologia – UFU. E-mail: tatibmb@gmail.com

<sup>3</sup> Instituto de Psicologia – UFU. E-mail: marciana@ufu.br



## Introdução

O tema das masculinidades integra os estudos de gênero e congrega estudos transdisciplinares, devido a seus desdobramentos nas relações humanas (BOTTON, 2007). A necessidade de ressignificar a masculinidade emergiu sob a influência de processos históricos e sociais, incluindo reestruturações do capitalismo em termos de distribuição laboral, de poder político e econômico, gerando novos arranjos dos papéis sociais, a ascensão do movimento feminista (MÉNDEZ, 2011) e, posteriormente, dos movimentos LGBTQIA+ (OLIVEIRA; PICHLER; CANABARRO, 2012).

O tema das masculinidades foi analisado de modo incipiente, nas décadas de 1950 e 1960 apenas sob o viés da crítica à ideia tradicional, patriarcal e machista de masculinidade, que tomava a natureza como justificativa para atribuir-lhe predicados como dominação, violência, racionalidade e autodeterminação (BOTTON, 2007). Tais estudos ganharam profusão nas décadas de 1970 e 1980, sobretudo em países anglo-saxões (BOTTON, 2007), ainda abordando as imagens do masculino e suas implicações nas desigualdades de gênero (MEDRADO; LYRA 2008). Com o aprofundamento das discussões sobre gênero e suas categorizações, sobretudo a partir da década de 1990, houve uma reformulação dos estudos que levou à construção do conceito de “masculinidades” como campo amplo e plural, em contraposição à categoria de homem no singular, que denotava um olhar mais essencialista (BATISTA; LIMA, 2017).

Assim, a análise das masculinidades vem considerando diversas outras dimensões, tais como condições sociais, históricas e políticas, levando a uma recente abordagem de sua formação multidimensional (BOTTON, 2007). Estudos e problematizações sobre a desigualdade de gênero vêm contribuindo para um cenário de mudanças nas narrativas sobre o masculino e levando os homens a se verem muitas vezes obrigados a reconstruir sua masculinidade e criar novos referenciais (GIDDENS, 1993). A produção no campo das masculinidades vem traçando nas últimas décadas alguns objetos específicos, destacando-se: organização social das masculinidades, expressão de identidades de gênero no âmbito das masculinidades, masculinidades compreendidas no âmbito das interações sociais que envolvem as relações de gênero e compreensão dos dispositivos institucionais em torno das masculinidades (MEDRADO; LYRA, 2008).

Na socialização ligada à produção das masculinidades, Bourdieu (2010) descreve



um esforço constante dos homens para performar o padrão de virilidade em aspectos físicos (altura, força) e atitudinais (violência, competitividade, rebaixamento das mulheres), num processo em que a pressão por adequar-se ao padrão de homem os torna “dominados por sua dominação”. Esse padrão não se pauta em um atributo intrínseco da masculinidade, mas em uma construção social de significados partilhados pelos indivíduos que exercem proeminência no padrão do masculino, criando hierarquias das masculinidades com categorias hegemônicas e subalternas conforme se adequem ao modelo dominante (WELZER-LANG, 2001). Este fenômeno se conecta ainda a processos históricos de colonização, que alçaram os homens no topo da ordem social ao ideal de masculinidade e hegemonia, tornando-os modelos de virilidade aos demais. Masculinidades negras, pobres e desempregados, por exemplo, ainda que tenham uma posição de dominação sobre as mulheres da mesma classe social, sofrem um processo de exclusão e precariedade nas relações sociais. Assim, na complexidade social, os lugares do feminino e do masculino não se mostram estanques, mas encontram interseccionalidades de classe, raça, nacionalidade, orientação sexual, etc.

Welzer-Lang (2001) e Bourdieu (2010) destacam rituais sociais de constituição do masculino. Welzer-Lang (2001) denomina “casa dos homens” os ambientes de homosociabilidade distantes do olhar da mulher, nos quais a cumplicidade entre homens cria dispositivos que perpetuam a dominação masculina via espaços, práticas e simbolizações exclusivamente masculinos, nos quais os homens são orientados sobre o agir social de modo a aproximar os ingressantes do ideal de masculinidade do grupo e repudiar o considerado feminino. Nesse cenário, há uma cumplicidade inerente ao grupo em que cada homem é, ao mesmo tempo, iniciado e iniciador e, condutas divergentes implicam retaliações em diferentes níveis, levando até mesmo à exclusão e equalização à condição da mulher, considerada inferior (WELZER-LANG, 2001). Entre tais práticas iniciáticas, há diversos rituais: metáforas e expressões pejorativas que insinuam um papel passivo, rompimento simbólico com a mãe, passagem para o mundo adulto pautada em provas de força e coragem, inscrição de ícones baseados na virilidade, lutas corporais e espaços esportivos e outras práticas associando competitividade, violência e negação da dor à masculinidade. Algum desses rituais na cultura contemporânea, podem gerar efeitos sobre questões como a violência urbana e a saúde como por exemplo a violência em competições esportivas e o consumo abusivo de álcool e os índices suicídio (ZANELLA,



2011).

Para Zanello (2018), a subjetivação da masculinidade brasileira é constituída no imperativo e no negativo. No aspecto imperativo, opera o dispositivo da eficácia, em que homens inseridos na casa dos homens ratificam a masculinidade buscando provar sua potência. No aspecto negativo, opera a negação de qualquer conduta atrelada ao feminino, implicando constante vigilância comportamental entre homens e objetificação sexual das mulheres. Um homem considerado mais afetivo ou que não imponha objetificação sexual é negado pelos demais, rebaixado à categoria da mulher, o que confere caráter misógeno à masculinidade cobrada (ZANELLO, 2018). Os dispositivos da masculinidade geram o embrutecimento (ZANELLO, 2018), pelo qual, no decurso das inscrições do padrão de masculinidade, o sujeito passa a não se permitir sofrimentos ou afetos mais elaborados, como modo de garantir a impenetrabilidade afetiva e sexual constituinte do masculino, relegando a passividade afetiva e sexual ao feminino. Atua ainda como dispositivo de eficácia a cumplicidade entre homens, seja pelo silenciamento sobre a dinâmica da dominação, seja pela ameaça velada de exclusão diante da aproximação de uma condição mais feminina de existência (ZANELLO, 2018).

Os estudos visam ainda compreender como operam na estruturação das relações de gênero os mecanismos institucionais, que são práticas sociais normatizadas como a melhor forma de viver em detrimento de outras, reproduzindo categorias de gênero engessadas, com base na matriz heterocisnormativa (BUTLER, 2003). A institucionalização do sexo biológico em esferas como sistema jurídico, educação, saúde, lazer, referências estéticas e midiáticas, organização urbana, etc, naturaliza processos sociais promotores da desigualdade de gênero, obrigando os sujeitos a performar comportamentos conforme a organização arquitetônica, jurídica, estética e outras predefinidas.

Por fim, o estudo das expressões de gênero na esfera das masculinidades se refere ao modo como homens compreendem e manifestam suas identidades de gênero. Em pesquisa de Goldenberg (2005), por exemplo, homens consideraram bons atributos masculinos aspectos como prestígio, inteligência, independência, poder, condição financeira, altura, corpo atlético, bem como mostraram preocupação com o tamanho do pênis como símbolo de potência e virilidade, referindo aspectos da masculinidade



hegemônica associados a campos importantes do adoecimento masculino, como em casos de vigorexia.

Assim, diversos estudos apontam padrões de masculinidade ligados ao exercício da dominação na organização social, abrangendo relações interpessoais, estruturas institucionais, práticas educacionais, discursos culturais e midiáticos, etc. (KIMMEL, 1998). Tais padrões implicam não apenas violência de gênero na relação entre homens e mulheres e entre masculinidades hegemônicas e subalternas, mas ainda desafios à saúde e à subjetividade dos próprios homens. Para Santos e Castejon (2016), o padrão tradicional da masculinidade implica silêncio e isolamento travestidos de autossuficiência, levando a sofrimento psíquico e condutas suicidas. Entre homens não heterocisnormativos, tal quadro é agravado pelo medo de retaliações a condutas não aceitas socialmente. A demonstração de força e competitividade também atua como preditor de sofrimento psíquico, associada à menor procura por cuidados em saúde e maior incidência de violência, alcoolismo, acidentes de trânsito e suicídio, com predileção por formas mais violentas, evitando fracasso na tentativa, para o qual seria atribuída falta de coragem e não virilidade (ZANELLO, 2018).

No processo histórico de transformação das relações de gênero emergiram a partir dos anos 60 os primeiros sinais dos novos homens no Movimento da Contracultura, em que os papéis ligados às identidades estavam sendo questionados (NOLASCO, 1995). O reposicionamento histórico do masculino e do feminino (GIDDENS, 1993) demandou dispositivos conceituais para a masculinidade dominante e para novas masculinidades. Carrigan, Connell e Lee (1985) elaboraram a noção de “masculinidade hegemônica”, englobando e sistematizando as relações de poder nos contatos entre homem e mulher, bem como entre masculinidades dominantes e subordinadas.

As mudanças sociais que colocam em xeque o modelo tradicional de masculinidade levam a reações contrárias, mas também abrem espaço para a criação de novas formas de ser masculino, compondo um campo complexo para os processos de subjetivação da masculinidade contemporânea. Apesar dos avanços, tal processo traz conflito identitário e sofrimento emocional, tanto pela falta de novas referências para “ser homem” (GIDDENS, 1993) quanto por reações de marginalização e retaliação sofridas na socialização masculina que problematiza a masculinidade hegemônica (ZANELLO, 2018). Nesse cenário, alguns homens buscaram se organizar com seus pares quando



confrontados com o questionamento sobre “o que é ser homem hoje”. Méndez (2001) define cinco categorias de movimentos protagonizados por homens, sendo dois voltados à problematização e três voltados à afirmação de papéis tradicionais de gênero e masculinidade.

O movimento de Direito dos Homens busca a manutenção do modelo tradicional de gênero e defende direitos igualitários de parentalidade, alistamento militar, aposentadoria, entre outros. Embora discuta aspectos da divisão do trabalho baseada em gênero, ele não aborda a influência do binômio cuidadora/provedor nestas pautas, que abarca aspectos como a dupla jornada feminina associada culturalmente ao papel da mãe e a produção histórica do lugar masculino no serviço militar (MÉNDEZ, 2001).

Já no movimento Mitopoético, homens mormente brancos e heterossexuais advogam pelo resgate de uma suposta “energia masculina” e da masculinidade baseada na figura do herói, pai provedor e líder/protetor dos grupos sociais, simbolizada em elementos mitológicos, culturais, religiosos, etc. Para Méndez (2001), tal vertente surge no conservadorismo estadunidense da década de 1980 como resposta a avanços dos movimentos feministas na década de 1970 e não se opõe a conquistas na esfera da igualdade civil, tal como o direito ao voto e ao trabalho, mas advoga por práticas tradicionais no campo simbólico e relacional, resistindo a mulheres em papéis de liderança e vida pública. Por fim, o Fundamentalismo Masculino (MÉNDEZ, 2001) pauta-se na masculinidade hegemônica, é ligado à direita ultraconservadora, perpetua a dominação e privilégios masculinos e rejeita o feminismo. Embora tal divisão auxilie para fins didáticos, pode haver traços de vertentes diversas na mesma experiência. Freitas, Oliveira-Machado e Scarparo (2012) apontam no grupo “Guerreiros do Coração” aspectos do Movimento Mitopoético e das Terapias da Masculinidade, pois tanto pautam a ideia de essência masculina quanto debatem rearranjos mais saudáveis para seus membros nas questões de gênero.

Para Soares, Chamusca e Ferreira, (2020), novas tecnologias de comunicação, especialmente mídias audiovisuais como o *YouTube*, têm um papel central nas novas configurações de subjetivação e construção identitária dos sujeitos, inclusive de novas masculinidades. Assim, é na perspectiva da dimensão alcançada pela disseminação dos discursos virtuais e pela atualidade da questão das novas masculinidades que o presente



trabalho investigou as narrativas espontâneas construídas em torno de novos modos de representação do masculino, buscando compreender suas potencialidades, dilemas, conflitos e processos de diferenciação/reprodução das representações tradicionais sobre o masculino.

### **Método**

Essa pesquisa investiga discursos de homens heterossexuais frente às representações sobre a masculinidade no contexto virtual. Adota metodologia qualitativa, tendo como campo de pesquisa a plataforma *Youtube*, na qual foram identificados conteúdos sobre representações da masculinidade no atual panorama de reconstrução das significações sobre o masculino. Silva (2015) apresenta como aspectos do ciberespaço como ambiente de pesquisa a utilização de novas linguagens, signos e códigos compartilhados pelos membros, demonstrando formas específicas de interação.

Ferro (2015) salienta que o estudo de comunidades culturais virtuais não possui local físico fixo, porém não despreza a basilar influência cultural e local na interação virtual das pessoas, presente nos modos de agir e pensar. Por outro lado, os próprios ambientes virtuais são também diversos, havendo espaços nos quais um grupo relativamente seleto de membros está em interação, tais como comunidades de participação restrita, espaços abertos frequentados por grupos específicos, tais como fóruns de discussão temáticos e espaços abertos cuja manifestação é pública e visível a todos os que encontram o conteúdo, tais como comentários em notícias de jornal ou plataformas de vídeo. Na presente pesquisa, os dados foram colhidos em ambientes virtuais de interação pública.

Existem diversas metodologias de pesquisa voltadas à cibercultura, que analisam dados visando assimilar e representar um fenômeno observado em redes virtuais, em estudos sobre fóruns, plataformas de vídeo, sites, *blogs*, etc (SILVA, 2015). Silva (2015) relata três tipos de dados virtualmente produzidos: arquivais, que caracterizam material pronto produzido por sujeitos, dados oriundos da interação on-line entre pesquisadores e participantes, como em um fórum, e por fim dados produzidos em anotações e análises do pesquisador, como um diário de campo de interações virtuais. Optamos por tratamento de dados arquivais, previamente veiculados de maneira espontânea pelos produtores de conteúdo da plataforma social.



Como material de pesquisa, foi utilizado um computador conectado à internet, com navegador *Google Chrome*, versão 86.0.4240.183, acessado via aba anônima em setembro de 2020, sem o login de nenhuma conta, para que qualquer informação outrora pesquisada fosse desconsiderada por mecanismos de busca. Foram utilizadas as palavras-chave “ser homem” e “masculinidade”, como expressões generalistas que descrevessem representações sobre a masculinidade, sendo desprezadas propagandas. Utilizou-se a plataforma *YouTube*, que não mostra o número de respostas encontradas, porém possui a ferramenta “Filtro”, que oferece as seguintes opções: “Data do *Upload*”, “Tipo” (Canal, filme, programa), “Duração” (em minutos), “Características” (técnicas, como qualidade de resolução) e por fim “Classificar por”, em que temos as opções “Relevância”, “Data de Envio”, “Contagem de Visualizações” e “Classificação”. Ao realizar uma busca, o *YouTube* considera os termos usados, o histórico de pesquisa, os vídeos mais acessados com conteúdo relacionado às palavras-chave, os mais relevantes (em número de comentários), melhor avaliação e perfis próximos ao usuário (CREATORS, 2017), buscando fornecer um conteúdo alinhado aos interesses do usuário e com isso engajá-lo cada vez mais.

Para a presente pesquisa optamos por considerar como critério o alcance efetivo de um conteúdo em relação ao público. Desse modo, foi selecionado o número de visualizações nas configurações de pesquisa, considerando que vídeos com maior alcance ilustrariam uma representatividade maior do interesse dos usuários. Como mecanismo de pesquisa do *YouTube* não oferece o número de vídeos em cada palavra-chave, optamos por utilizar como primeiro filtro o mínimo de 90.000 visualizações alcançadas e, a partir desse critério, encontramos 70 vídeos para a palavra-chave “ser homem” e 76 vídeos para “masculinidade”.

Na etapa seguinte da pesquisa, foram analisados os cinco vídeos de maior visualização para cada palavra-chave, com intuito de verificar significações e representações do masculino mais veiculadas no *YouTube*. Foram excluídos vídeos apresentados por mulheres, cujos apresentadores se declarassem homossexuais ou transexuais ou que mostrassem expressão de gênero claramente ligada a aspectos considerados femininos. Foram também excluídos vídeos com conteúdo humorístico e lúdico como principal teor, visando incluir vídeos em que a masculinidade fosse foco



importante e se observasse a proposta/defesa de uma performance de masculinidade, analisando-se aspectos e implicações das representações de masculinidade apresentadas.

O material então obtido foi analisado em perspectiva hermenêutica, buscando identificar possíveis representações de masculinidade presentes nos vídeos e suas articulações com discursos históricos e práticas sociais que atravessam a formação das masculinidades. Considerou-se aspectos como veiculador do vídeo, principais temas e diferenças do conteúdo em relação à palavra-chave buscada. A análise assim orientou-se pelo sentido dado ao masculino, sendo elaboradas quatro categorias: orientação religiosa, afirmação da masculinidade tradicional com base no darwinismo social, desconstrução da masculinidade tradicional e crítica cultural.

As categorias de orientação religiosa e crítica cultural tiveram como critério o fato de que a representação da masculinidade é construída a partir de um elemento cultural intermediário, o discurso religioso ou produto cultural comentado. A elaboração de tais categorias é reforçada pelo fato de que não houve, entre os vídeos analisados, outro tipo de elemento utilizado como veículo intermediário além do discurso religioso e de obras culturais. As duas outras categorias se referem a associações a elementos históricos conhecidos no campo de produção de discursos sobre o tema: a biologização de aspectos socialmente vinculados à masculinidade e as tentativas recentes de crítica aos discursos tradicionais sobre as masculinidades.

### **Resultados e Discussão**

Os vídeos de orientação religiosa incluíram duas produções que reforçam a masculinidade tradicional: “3 palavras que não devem ser ditas a um homem (Igreja Universal)” (2.751,971 visualizações, comentários desativados) e “Masculinidade: o que está acontecendo com os homens?” (canal Padre Paulo Ricardo, 509.965 visualizações, comentários desativados). Todos os vídeos do grupo são cristãos e nenhum questionou a masculinidade tradicional, corroborando a influência de religiões cristãs na produção desse padrão ao naturalizar valores na dicotomia masculino/feminino e vigiar práticas sexuais tidas como contrárias à vontade divina (BOURDIEU, 2010).

Na categoria darwinismo social, situam-se os vídeos “Aprenda a ser um Homem de Verdade” (1.444.307 visualizações, 1141 comentários, canal Fábrica de Motivação), “Como ser um macho Alpha” (436.047 visualizações, 536 comentários, canal Alphalife),



“É assim que Mulheres Inteligentes Ativam a Masculinidade de um Homem” (423.782 visualizações, 794 comentários, canal Ítalo Ventura). Todos reforçam a masculinidade tradicional e oferecem “dicas”, dois dizendo como homens devem agir e um dizendo como mulheres devem conquistar o amor de homens.

Na categoria desconstrução da masculinidade tradicional, dois vídeos do canal Manual do Homem Moderno apresentam “dicas” com viés humorístico: “Como ficar mais bonito (E ser um homem menos feio em 9 truques simples)” (680.135 visualizações; 2.379 comentários) e “Como deixar de ser infantil e se tornar um Homem Maduro” (649.057 visualizações, 1157 comentários). Ainda nesse grupo, o documentário “O silêncio dos homens” (1.171.175 visualizações, 4.320 comentários, canal PapodeHomem), aborda dificuldades relacionais de homens adultos socializados na masculinidade tradicional. Na categoria crítica cultural, os vídeos “A saudável masculinidade de Brooklyn Nine Nine” (519.447 visualizações, 4320 comentários, canal Entreplanos), e “A Masculinidade Subversiva de Solução em Como Treinar o seu Dragão” (433.918 pessoas e 2394 comentários, canal Leo Hwan) utilizam obras da indústria cultural para discutir padrões da masculinidade tradicional e novas masculinidades.

### **Discurso religioso**

No vídeo “3 palavras que não devem ser ditas a um homem (Igreja Universal)”, um pastor afirma a casais que mulheres nunca devem dizer “eu te avisei” a um homem, pois isso feriria o “entendimento de que ele sabe o que está fazendo”, já que “orgulho” e “liderança” integrariam uma suposta “essência” masculina. O vídeo indica o papel crucial de algumas igrejas neopentecostais na hegemonia da masculinidade tradicional nesse campo religioso, reforçando estereótipos mitopoéticos (MÉNDEZ, 2001), a despeito da complexa intersecção de vertentes evangélicas, em que novas agremiações advogam direitos LGBTQIA+ e permitem o protagonismo de mulheres pastoras (ALENCAR, 2019).

O vídeo “Masculinidade: o que está acontecendo com os homens?” integra o programa semanal do Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, figura pública influente no ambiente sociopolítico brasileiro, atuando na “Rádio Canção Nova”, na televisão, em redes sociais e conferências no Senado Federal, Câmara dos Deputados e Câmara



Municipal de São Paulo. Ele divulga doutrinas católicas e representa a direita conservadora, combatendo o casamento gay, uma suposta ideologia de gênero e defendendo a família tradicional. DiMuccio e Knowles (2020) apontam a conexão entre conservadorismo político e defesa da masculinidade tradicional em pautas como pena de morte, intervenção militar e outros modos de uso da força. O vídeo ilustra assim a aliança entre dominação de gênero, conservadorismo político, legitimação do autoritarismo e violência institucional e social.

Portando-se como figura de autoridade doutrinária, o padre inicia pedindo inspiração divina e diz que responderá se novas masculinidades são “naturais” e “desejadas por Deus”. Os comentários do vídeo estão desativados, reforçando o caráter de voz única do padre. A seguir, ele cita o versículo “Sê corajoso, porta-te como homem” (I Reis 2,1-2) colocando a coragem como ideal de masculinidade definido por Deus e transmitida naturalmente de pai para filho na educação, em falas como “Seja homem” e “Engole esse choro”. Para o padre, a masculinidade tradicional seria necessária, pois o homem não surgiria “naturalmente”, mas “como esforço”, biológico, psicológico e espiritual. O vídeo constrói um dogma de direito universal, interpretando a masculinidade como casta superior dada pelo esforço para superar um feminino que não precisa afirmar-se. Para o padre, a “ideologia de gênero” tem mitigado essa masculinidade, a mulher, a família tradicional e a religião, num suposto projeto de controle social que subverteria “a ordem natural e divina das coisas”.

O vídeo distorce conceitos da embriologia, biologia e psicologia, justapondo a eles preceitos religiosos. Assim, a menina nasceria de um desenvolvimento embrionário “linear” (passivo), sendo preciso uma “revolução química” no embrião e, assim, “fatores de atividade” para nascer um menino. O padre afirma que isso ocorre “também psicologicamente”, já que em “animais mamíferos (...) a prole (...) fica do lado da mãe” e “as meninas (...) continuam do lado da mãe” em caráter passivo, enquanto “o menino precisa se afastar do mundo da mãe” para se tornar homem, exercendo “um esforço”, para não se tornar “menininha, (...) efeminado”. Assim, o padre conecta masculinidade ao padrão ativo e a subjetivação feminina à maternidade, dizendo que essa diferença é “desejada por Deus” e está no livro Gênesis.

O binômio passivo-feminino/ativo-masculino remete à constituição da subjetivação masculina brasileira no imperativo “ser homem é ser potente e eficaz” e no



negativo “ser homem é não ser uma mulherzinha” (Zanello, 2018). A ideia – sem nenhum embasamento científico – de que a masculinidade exige esforço de superação do feminino abrange tanto o elemento imperativo quanto o negativo: o “esforço” seria prova de potência e eficácia do masculino e, simultaneamente, negação de um feminino inferior porque carente de esforço. Assim, o discurso do padre legitima a altivez, historicamente atribuída aos homens (ZANELLO, 2018) e a dicotomia atividade/passividade como legitimadora de subalternidade feminina nas esferas sexual, social e política.

O padre também ataca novas masculinidades, que agiriam “contra a natureza” dos homens, abeirando-os do feminino no gosto por filmes românticos, contato com sentimentos e admissão de agravos de saúde mental, casos nos quais a virilidade correria “um sério risco”. A dicotomia ativo/passivo reincide no cuidado estético, colocando as mulheres como objeto do desejo masculino e privadas do próprio desejo. Segundo o padre, “a mulher quer ser desejada enquanto o homem deseja” e o metrosssexual opera a “destruição da masculinidade enquanto realidade” porque “quer ser desejado também”. Tal trecho remete à subjetivação amorosa na “prateleira do amor” (ZANELLO, 2018) pela qual as mulheres são socialmente levadas a viver em função do desejo masculino, numa dinâmica promotora de dominação. O padre enxerga feminilização e patologização em outras formas de masculinidade: “ao invés de fazer um esporte competitivo típico do sacrifício masculino”, metrosssexuais montam “músculos inúteis” para venerar-se no espelho e ser cortejados “por rapazinhos efeminados (...) que acham ele é fortão e bonitão”, pois “as mulheres não expressam o desejo” como ele gostaria.

Para Bourdieu (2010), a dicotomia masculino-ativo/feminino-passivo simboliza e produz a divisão dos papéis sociais para legitimar a dominação de gênero. Nessa ótica, o cunho misógino de desprezo a traços atribuídos ao feminino e a privação simbólica de ação para as mulheres reforça a representação da masculinidade em termos de altivez e escolha e de negação do feminino (BOURDIEU, 2010; ZANELLO, 2018). A defesa desta dicotomia em termos de sujeito/objeto do desejo leva o padre não apenas a condenar como “destruição da masculinidade” qualquer atitude masculina distante do padrão tradicional como também a insinuar nelas homossexualidade, reproduzindo processos de retaliação e silenciamento típicos da socialização na casa dos homens (WELZER-LANG 2001; ZANELLO, 2018).



Em outro trecho, o padre relaciona armas de brinquedo e exercício da masculinidade, e atribui à campanha de desarmamento um objetivo governamental de dominar e feminilizar a população, já que os homens não poderiam proteger a família. Ele afirma a ideia de “mulher indefesa” a ser protegida pelo homem e cita heróis históricos com atributos da masculinidade tradicional, como força, coragem e violência (KIMMEL 1998), em uma colaboração com pautas políticas conservadoras (DIMUCCIO; KNOWLES, 2020) no campo dos costumes e da segurança pública.

Pode-se considerar o vídeo como representante mitopoético (MÉNDEZ, 2001), com um teor conservador voltado à valorização de heróis e à defesa de um caráter natural à masculinidade. Há também aspectos do Fundamentalismo Masculino, visto a proximidade com a ultradireita, o ativismo político do padre e o proselitismo de pautas conservadoras. Para Silva (2017), a influência de lideranças religiosas cristãs no Brasil é histórica e impacta na aprovação de leis e políticas públicas, já que representantes midiáticos religiosos apoiam pautas políticas em geral conservadoras, com representantes em esferas legislativas e executivas agindo conforme doutrinas religiosas. A grande disseminação desse vídeo indica a forte resistência social a novas masculinidades, assim como a força de dispositivos institucionais e midiáticos de divulgação de valores da masculinidade tradicional.

### **Darwinismo Social**

O vídeo “Aprenda a ser um Homem de Verdade - Evandro Guedes“ é uma palestra ministrada por um policial militar para concurseiros na área da segurança pública. O vídeo considera inerentes às polícias valores da masculinidade tradicional como virilidade, força e status social (KIMMEL, 1998). Afirma também a dominação masculina (BOURDIEU, 2010), reproduzindo seus elementos na conduta sexual dos homens, baseada na força e imposição física, na esfera financeira, negando dividir contas com mulheres e alegando que “direitos iguais não servem para nada” e na relação amorosa, cuja duração dependeria de que a mulher estivesse em posição inferior. O palestrante diz ainda ser preciso um desempenho inferior das mulheres entre casais, inclusive com boicote ao estudo das parceiras, para que o homem não fosse humilhado na formação policial. O vídeo sugere violência psicológica contra mulheres para garantir lugar na casa dos homens (WELZER-LANG, 2001), fomentando uma socialização pautada na dominação masculina no interior



das polícias.

Em outro trecho, o policial alega não ser machista por aplicar violência contra homens que batem em mulheres, desprezando o rito judicial adequado e ameaçando o infrator de inserir um dedo em seu ânus em caso de denúncia da conduta. Atua aqui o dispositivo da eficácia que nas masculinidades tradicionais pauta-se pela valorização da virilidade sexual compulsória, fundada na misoginia ao supor a objetificação sexual das mulheres (ZANELLO, 2018). Assim, a punição para questionamentos é a exposição do reclamante a uma posição de penetrabilidade, pondo-o na posição passiva e submissa associada às mulheres, atribuindo-lhe um lugar subalterno na casa dos homens e quebrando o código da virilidade tradicional, vista como inserção ativa (ZANELLO, 2018). O vídeo ilustra o fundamentalismo masculino e sua difusão alerta para os riscos da forte difusão do ideal masculinidade pautado na dominação, violência e competitividade entre forças policiais. Esse processo se dá num cenário alarmante sobre a violência, já que o Brasil tem a segunda polícia mais letal da América Latina (BUENO et al., 2019) e altos índices de violência por parceiro íntimo (ZANELLO, 2018), ensejando pesquisas sobre a relação entre masculinidade tradicional e violência policial.

O vídeo “Como ser um Macho Alfa” do canal de um *youtuber* que se autodenomina “coach de relacionamentos” e possui uma plataforma paga autointitulada “a maior escola de desenvolvimento pessoal da América Latina”, baseia-se na masculinidade como performance do “macho alpha”. O vídeo imputa a origem do termo à biologia, usa um discurso pseudo científico de dominação de certos indivíduos da espécie e interpreta como aparato biológico das espécies fenótipos como juba do leão e aspectos sociais como status e dinheiro. Descreve supostos atributos de um macho alpha enquanto elementos de atração sexual biologicamente determinados, incluindo liderança, cuidado/controle do grupo, barba e altura. O vídeo se apoia na biologia para advogar por uma dominação masculina, sem qualquer consideração sobre fatores sociais ou sobre estudos recentes da própria etologia que questionam tal lógica ao identificar indivíduos homossexuais em várias espécies e revisar relações de cooperação, competição e o papel da paternidade em sociedades animais (RAMOS; LENCASTRE, 2013).

O vídeo situa-se tanto no fundamentalismo masculino quanto no viés mitopoético (MÉNDEZ, 2001) e aponta o risco de comercialização da masculinidade tradicional ao



cruzar duas dimensões sociais: a autorrealização individualista de cunho neoliberal e a reprodução do modelo tradicional de gênero articulada à noção de darwinismo social. A ideia de liberdade e autorrealização entendida de modo utilitarista e individualista é um advento do neoliberalismo que capitalizou o sofrimento individualizando incertezas e anomias sociais, responsabilizando os sujeitos por seus destinos e criando uma indústria de modelos de vida e comportamento vendidos como fórmulas de sucesso na tentativa de resolver angústias de abandono social (BAUMAN, 2001). Para Bauman (2001), esse fenômeno se origina na desestruturação das redes de apoio social do Estado e na desarticulação neoliberal entre capital e território, que fragilizou vínculos relacionais e garantias sociais.

Já a relação entre estereótipo tradicional de gênero e darwinismo social é encontrada desde o século XIX, contemporânea à publicação de *A Origem das Espécies* (1826) de Darwin (BOLSANELLO, 1996). O darwinismo social inspirou a eugenia de Galton e difundiu-se por vários países, justificando e reproduzindo desigualdades de gênero, raça e classe, em campos como a exclusão escolar, a associação da raça negra ao alcoolismo (BOLSANELLO, 1996), o rechaço de estrangeiros, a esterilização em massa de condições indesejáveis, etc., tendo seu auge no holocausto nazista (GUERRA, 2006). Após a derrocada nazista, os termos eugenia e darwinismo social regrediram no campo científico, porém movimentos acadêmicos ainda propagam valores eugênicos travestidos de novos termos, influenciando políticas públicas (BOLSANELLO, 1996; GUERRA, 2006). Tal influxo abrange técnicas de seleção biológica e procura de doadores específicos para fertilização *in vitro* (GUERRA, 2006) e seleção de oportunidades sociais com base no preconceito (BOLSANELLO, 1996) fortalecendo formas mais sofisticadas de reprodução da exclusão social (GUERRA, 2006).

Tema principal do vídeo, a ideia de que as atitudes performadas pela masculinidade hegemônica são de origem biológica é abordada por Butler (2003), para quem argumentos biológicos buscam eliminar contestações à dominação social: uma vez introjetada a ideia de natural, o sujeito torna-se passivo frente às forças impulsivas da natureza. Discursos pautados em argumentos pseudocientíficos para manter as desigualdades de gênero figuram ainda como resposta aos avanços das pautas feministas (MÉNDEZ, 2001). Diante do risco de perder privilégios e da angústia gerada pela necessidade de ressignificação existencial, ocorre uma tentativa de impor e reafirmar



posturas que vêm sendo questionadas. Desse modo, o vídeo exemplifica os movimentos que muitos homens fazem à luz das críticas à masculinidade tradicional, colaborando na continuidade social do preconceito, tanto com mulheres quanto com homens de masculinidade não tradicional.

No último vídeo desta categoria, “É assim que Mulheres Inteligentes Ativam a Masculinidade de um Homem”, Ítalo Ventura, dono de canal homônimo no *youtube*, oferece dicas às mulheres para conquistar os homens com atitudes reforçadoras da masculinidade hegemônica. No site vinculado ao vídeo, Ítalo vende, entre outros itens, o “Método Mulheres de Alto Valor (MAV)”, afirmando que com ele as mulheres “passam a se conhecer melhor” e podem conquistar “a vida que sempre sonharam” junto de um homem que corresponda “a todas as suas expectativas”. O vídeo consiste numa espécie de *marketing* para venda de conteúdo, capitalizando o sofrimento das mulheres a partir de três dimensões sociais: as pressões vividas no mecanismo da “prateleira do amor” no dispositivo amoroso que encarrega as mulheres pelas relações e as coloca na necessidade de serem escolhidas por um homem (ZANELLO, 2018), os desencontros frente às transformações da intimidade com as recentes mudanças nos papéis de gênero (GIDDENS, 1993) e a lógica neoliberal de culpabilização do indivíduo por seu destino criada pela incerteza das relações líquidas em uma sociedade altamente instável (BAUMAN, 2001). O discurso de responsabilização individual na conquista amorosa como item vendável articula o dispositivo amoroso que encarrega as mulheres pelas relações (ZANELLO, 2018), a escolha do homem na “prateleira do amor” como base da valorização feminina (ZANELLO, 2018) e a lógica neoliberal de culpabilização do indivíduo por seu destino desconsiderando a influência das condições sociais (BAUMAN, 2001).

Nota-se no site e no vídeo a defesa acrítica do padrão de masculinidade tradicional, cabendo à mulher adequar-se, se instruir sobre os homens e utilizar isso para obter ganho próprio, apoiando condutas oriundas da masculinidade hegemônica. Ítalo afirma valores da masculinidade hegemônica como senso de rivalidade, competição, heroísmo, valor e virilidade (Kimmel, 1998), orientando as mulheres que “ativem” essa masculinidade “acariciando” o “ego masculino”, “colocando o desafio” como “estratégia de conquista”. Ao supostamente conquistar vencendo um adversário, o homem buscaria



ser reconhecido por outrem como temível e potente e, simultaneamente, reproduziria a posse da mulher pelo homem.

Embora o vídeo se volte a mulheres, usa a dicotomia passivo/ativo para naturalizar a construção social que atribui aos homens o aspecto ativo (BOURDIEU, 2010), cabendo à mulher a incitação sutil, pois uma atuação explícita poderia assustar o homem. Ítalo associa ainda a felicidade feminina à relação amorosa, afirmando que o encontro do parceiro amoroso seria crucial para a realização da mulher. Observa-se o “dispositivo amoroso” (ZANELLO, 2018), mecanismo social de subjetivação baseado na ideia de que a identidade e o valor da mulher seriam dados pelo parceiro amoroso e na imagem de conquistada e indefesa, gerando o que Zanello (2018) chama de vulnerabilização das mulheres. Deste modo, o vídeo perpetua valores da masculinidade tradicional numa construção ideológica de aceitação da dominação em troca de ganhos na conquista amorosa.

### **Desconstrução das masculinidades**

Na categoria de desconstrução das masculinidades, dois vídeos são do canal Manual do Homem Moderno. O primeiro, “Como ficar mais bonito (E ser um homem menos feio em 9 truques simples)” aconselha sobre cuidado com a aparência, higiene, problemas de saúde e abordagem de outras pessoas, a partir do que denomina princípios de comunicação não verbal, incluindo a distância interpessoal, os gestos de expressão, a atenção dada aos outros e entonação vocal. Embora o vídeo não aborde uma imagem específica de masculinidade, seus comentários remetem às mudanças recentes no padrão tradicional. A escolha temática do cuidado com a aparência e a saúde já alude à desconstrução da masculinidade, com uma mudança gradual da postura masculina quanto à vaidade, apesar da resistência de outros homens e eventual preconceito masculino quanto a ser visto como vaidoso (MAXIMO; LEITE, 2020). A linguagem adotada abrange falas de viés inclusivo de masculinidades divergentes e questionamentos à masculinidade tradicional, incluindo, por exemplo, possível interesse não heterossexual ao mencionar situações de paquera e conquista amorosa. No exemplo de um diálogo sobre tema sério, o vídeo tematiza o modo como a masculinidade tradicional impacta a saúde masculina pela ausência de autocuidado, remetendo à conhecida influência do ideal de masculinidade invulnerável como fator de afastamento dos homens do cuidado em saúde,



gerando menor expectativa de vida (OLIVEIRA et al, 2020). Assim, o exemplo permite discutir indiretamente preconceitos de gênero no campo das masculinidades.

O segundo vídeo, “Como deixar de ser infantil e se tornar um Homem Maduro: Dicas do Cachorrão Vol. 10” é antigo e na primeira parte considera como atitudes maduras: aceitação de limites, paciência, responsabilidade e senso do coletivo. O apresentador indica ações mais emocionalmente estáveis, como ouvir e refletir o conteúdo de uma discussão, reconhecer erros, o autocuidado, o respeito para com outras pessoas e manejo cuidadoso diante de pessoas agressivas. A defesa da escuta, do diálogo e da compreensão dos fatos legitima o exercício de masculinidades pautadas em atitudes cuidadosas, associando indiretamente imaturidade e violência e questionando indiretamente o lugar da violência e da autovalorização no padrão de masculinidade tradicional, em que a imposição como método de solução de conflitos se torna símbolo de virilidade e status frente aos pares (KIMMEL, 1998), havendo uma busca de ruptura com a masculinidade hegemônica, atribuindo ao homem “maduro” valores anteriormente ligados ao feminino, como calma e busca pelo diálogo.

Na última parte, o apresentador responde perguntas dos internautas, havendo discursos da masculinidade tradicional em alguns trechos. Por exemplo, ao responder sobre a melhor abordagem para lidar com uma garota legal, porém ciumenta, o vídeo compara a situação com uma aventura sexual arriscada. A subjetividade da mulher é definida pela avaliação masculina e a associação da mulher ciumenta a uma experiência transitória coloca-a no lugar de objeto sexual, remetendo a uma má escolha na prateleira do amor: ela seria boa para uma aventura, porém não digna de afeto. Zanello (2018) situa o ciúme feminino em duas esferas na prateleira do amor: a insegurança gerada pelo padrão infidelidade masculina/recato feminino e aquela ligada à competição feminina pela aprovação masculina, dada a força da avaliação masculina no dispositivo amoroso. Ambas convergem para a submissão à aprovação masculina, imputando o sentido de louca às mulheres ciumentas, como invejosas e desconfiadas dos homens, muitas vezes culpabilizando-as pela infidelidade masculina na relação heteronormativa. Como o vídeo não problematiza a descrição, seus detalhes e seu contexto, tampouco a construção relacional da insegurança, do medo e sentimento de posse, a resposta se reduz ao estereótipo de mulher ciumenta como um envolvimento a ser evitado.



Em outro trecho, um internauta negro envia uma foto e pergunta se ele era o “negão mais bonito” que o apresentador viu e este mostra dificuldade em ver beleza noutro homem, em especial negro, dizendo que “bonito é meu pai e George Clooney”. Destaca-se aqui tanto a afirmação sexual do internauta quanto a resolução do *youtuber* de afastar-se do contato sexual masculino. A escolha da palavra “negão” pode ser assimilada ao apetite sexual, porte físico e proeminência do pênis, num contexto em que atributos físicos e sexuais seriam dos poucos elementos de afirmação negra na casa dos homens, denotando um preditivo de construção do homem negro tanto entre homens como para mulheres (ZANELLO, 2018). Já a resolução do *youtuber* de não reconhecer beleza no internauta associa-se à aversão à homossexualidade e à preocupação de que tal reconhecimento seja visto como feminilização diante dos pares, levando a um lugar subalterno de passividade na casa dos homens (ZANELLO, 2018). A escolha de exemplos cujo contato afetivo é distanciado da sexualidade, seja pela relação filial, seja pela distância do ator famoso, atenua ameaças à heterossexualidade.

Embora critique o machismo, a misoginia e avante atitudes mais saudáveis, como autocuidado e combate ao preconceito, a canal Manual do Homem Moderno ostenta vários temas ligados à masculinidade tradicional, tais como dicas de sexualidade misógina, lista de atrizes pornô e conexão entre masculinidade e agressividade em temas esportivos (SOARES; CHAMUSCA; FERREIRA, 2020). Há tanto elementos ligados à produção tradicional da masculinidade e quanto aspectos de abertura, ainda que incipiente, a temas de desconstrução das masculinidades, como autocuidado e diversidade de orientação sexual. Nesse sentido, o canal é um testemunho do processo de transformação das masculinidades, já que a abordagem mais contestadora do padrão tradicional e inclusiva de públicos diversos vem se ampliando progressivamente. Porém, tal inserção não realiza uma crítica mais aprofundada ao modelo de masculinidade tradicional e por vezes seu conteúdo traz elementos desta masculinidade.

A seguir, o documentário “O Silêncio dos Homens” (2019) é um projeto do grupo PapodeHomem, oriundo do site homônimo fundado em 2006 com foco no público masculino, e do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento em Florescimento Humano (Instituto PDh), braço de pesquisa da instituição. O grupo foi aos poucos dirigindo a atuação para ressignificar as masculinidades, é vanguardista no Brasil nesse aspecto e possui mais de 2 milhões de visualizações mensais e perfis em redes sociais como *Twitter*,



*Facebook* e *Youtube*. O vídeo se baseia em pesquisas do Instituto PdH com mais de 40.000 pessoas que analisou os impactos da conduta dos homens e recebeu apoio da ONU Mulheres por meio da Campanha Eles por Elas, focada na igualdade de gênero. Visou “furar a bolha” da masculinidade tradicional e refletir sobre seus símbolos. Embora represente um avanço ao questionar a construção tradicional dos padrões de masculinidade e suas implicações em campos como a violência (KIMMEL, 1998), o vídeo foi criticado por não expor os privilégios advindos da construção da masculinidade tradicional sobre as mulheres (ZANELLO, 2018).

O título do vídeo aborda o silenciamento, desabono e retaliação de condutas contrárias ao padrão da masculinidade tradicional como elemento do processo de socialização da “casa dos homens” (WELZER-LANG, 2001; ZANELLO, 2018). Assim, pressões dos homens entre si para performar sua “ideia infantil de homem” afirmam o lugar de dominação, silenciam dissidências e geram um quadro de “dominados pela própria dominação” (BOURDIEU, 2010), reproduzindo a dinâmica de poder que impõe papéis pré-estabelecidos a dominados e dominadores. Nessa ótica, um integrante de grupo de homens denomina “broderagem tóxica” a exigência de virilidade e potência entre homens, criticando a depreciação e silenciamento de aspectos da subjetividade não condizentes ao ideal dominador. Tal grupo visa ressignificar a dinâmica da “broderagem” como troca de afetos e intimidade, criar laços mais saudáveis ao superar a dinâmica de dominação e desconstruir mecanismos geradores de laços opressores.

O vídeo tematiza grupos masculinos que debatem novas masculinidades e sua conexão com dispositivos de produção da masculinidade tradicional, entrecruzando dominação masculina e outras esferas sociais: violência contra mulher, saúde masculina, parentalidade, questões raciais e LGBTQIA+. Discute os aparatos da socialização masculina tradicional na casa dos homens (WELZER-LANG, 2001) e seus efeitos deletérios através dos entrevistados e suas histórias. Os grupos são apresentados como facilitadores de uma maior proximidade afetiva em relações de apoio entre homens. O vídeo apresenta traços tanto do movimento pró-feminista (MÉNDEZ, 2001), já que dialoga com pautas feministas, quanto do Movimento das Terapias da Masculinidade Méndez (2001), com grupos de apoio independentes.

Entre os grupos exibidos, há iniciativas individuais e os apoiados por empresas



privadas, alguns com suporte do Instituto PdH, dando diretrizes para formar grupos sobre masculinidade no Brasil, sendo possível a vinculação voluntária à Campanha Eles por Elas. Não há nenhum grupo com apoio ou vínculo a órgãos de políticas públicas, embora Freitas, Oliveira-Machado e Scarparo (2012) apontem a relevância do trabalho com grupos de homens em dispositivos estatais de saúde para que a ressignificação masculina contribua na saúde dos homens e das relações familiares, sobretudo ao reduzir a violência doméstica. Constam no vídeo os grupos: PrazerEle, trabalhando sexualidade e novas masculinidades; Workshop Plano de Menino, que conscientiza adolescentes sobre feminismo e masculinidades; Homens Possíveis, evento anual sobre ressignificação da masculinidade; Homens em Conexão, sobre empatia nas relações masculinas; Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA) que apoia agricultores em nível pessoal, socioeconômico e de papéis familiares; Podcast Afropai, Balaio de Pais e Projeto Homem Paterno, todos voltados à partilha e reflexão sobre paternidade; Lá da Favelinha, voltado a homens de populações comunitárias; Roda Sobre Masculinidades Negras oferecendo apoio para homens negros e Tempo de Despertar, realizado por uma promotora junto a homens autores de violência doméstica. A presente análise enfocará dois exemplos, considerando-se a extensão dos temas e os objetivos do trabalho.

No grupo Tempo de Despertar, realizado por uma promotora, a reincidência da violência contra a mulher caiu de 65% para 2% entre os homens que dele participam. Nesse trecho, o vídeo discute a construção social do masculino e seus impactos na violência pelas histórias desses homens. Um deles, usuário de drogas e praticante de violência de gênero, relata profundas mudanças no modo de viver a masculinidade e as relações com o debate do grupo, que integra após intimação judicial. A recusa inicial mostra a preocupação masculina com uma suposta invulnerabilidade, já que a receptividade seria considerada fraqueza. A promotora refere leniência institucional quanto à violência contra a mulher, pois a impunidade é recorrente e a reincidência é alta. O fato corrobora as análises (ZANELLO, 2018) que identificam influências da dominação de gênero nos modos de produção, leis, instituições e estruturas sociais em geral. No campo jurídico, a ideia historicamente presente da mulher como propriedade masculina justificou por vezes a violência e submissão feminina. Apesar de avanços em diversos campos, tais fatores ainda estão presentes, limitando a efetividade de ações contra a desigualdade de gênero.



O vídeo toma os aspectos de masculinidade hegemônica, suposta invulnerabilidade e aversão à demonstração de emoções como fortes preditores de sofrimento masculino, em situações como violência, suicídio e uso de álcool e drogas. Outro tema de discussão é a crítica à organização doméstica historicamente atribuída à mulher, substituindo falas como “eu tô ajudando ela” para “eu moro ali, a obrigação é minha também”. Nesses trechos, aborda-se a desconstrução do sentido linguístico da divisão sexual do trabalho (BOURDIEU, 2010) baseada em traços simbólicos legitimadores da dominação. Nesse sentido, o silêncio característico da masculinidade hegemônica ocorre em quatro esferas coexistentes: ausência de discussão sobre a construção social da masculinidade, invisibilização do afeto e foro íntimo, uso da violência e não do diálogo como forma de resolução de conflitos e ausência de questionamentos sobre o lugar subalterno dirigido às mulheres. Assim o documentário aborda experiências referentes a novas masculinidades articulando-as aos dados sobre os efeitos sociais da socialização na masculinidade tradicional. Todavia, não aborda a responsabilidade pela produção da dominação e violência de gênero, cuja cumplicidade entre homens é fator relevante em sua continuidade (KIMMEL, 1998).

### **Produtos culturais**

O vídeo “A Saudável Masculinidade de Brooklyn Nine-Nine” analisa os personagens masculinos da série homônima e o modo como sua construção choca-se com a masculinidade tradicional. O vídeo, do canal EntrePlanos, é apresentado, roteirizado e idealizado por Max Valarezo e voltado para a crítica de obras de mídia visual, sobretudo filmes, utilizando obras da cultura pop tanto para explicação didática do universo técnico audiovisual como para o debate, reflexão e educação de questões sociais, culturais e históricas abordadas no cinema.

Valarezo (2018) afirma que a série de comédia aborda o cotidiano de uma delegacia policial em Nova York e subverte “clichês sobre policiais, minorias raciais e mulheres”. Ele destaca como mérito da série a “mudança nas representações midiáticas sobre o que significa ser um homem” e aborda brevemente o termo masculinidade tóxica, ligando-o ao padrão masculino tradicional, que deve ser “dominador com as mulheres”, “competitivo com outros homens” e “jamais demonstrar sentimentos ou fraqueza”.



Associa então a masculinidade tóxica ao machismo e à homofobia, mostrando imagens de produções que perpetuam esse estereótipo. Valarezo afirma ainda que a série mostra, por meio de seus personagens masculinos, que “é possível ser homem” sem reproduzir tais condutas, analisando-os a seguir.

Valarezo (2018) analisa o protagonista, detetive Jake Peralta, afirmando que de início ele baseava sua masculinidade no “machão descolado que resolve todos os problemas sozinho”, porém a série desconstrói tal ideal no desenvolvimento do personagem. Por exemplo, ao apaixonar-se pela detetive Santiago, Peralta não busca vigiar, bajular ou pressioná-la a aceitá-lo, mas apenas diz a ela como se sente e respeita sua decisão. Assim, a conquista é baseada no diálogo, convívio e respeito, que se reapresenta quando ela decide prestar uma promoção para sargento e ele a ajuda a estudar, apoiando-a ainda quando ela se torna sua chefe. Na análise do personagem Terry Jeffords, sargento que nos primeiros capítulos teme voltar a campo após se tornar pai e realiza serviços administrativos, Valarezo afirma que apesar do porte físico próximo da figura do herói, o personagem tem como atributo principal a expressão de afeto às filhas, com várias cenas que o mostram como pai cuidadoso e dedicado à família, preocupado com a saúde, a vaidade e afetivamente próximo aos colegas, com gestos carinhosos.

Analisa-se a seguir o detetive Charles Boyle, compreendido como disruptivo dos papéis de gênero tradicionais ao performar expressões de gênero tidas como femininas: gosto por gastronomia, coreografia de músicas pop e apoio emocional ao filho. Segundo Valarezo, Boyle “não se importa com o que os outros pensam” ao exprimir com segurança tais gestos e interesses. Já o capitão Ray Holt é considerado mais um indício do cuidado da série ao representar a masculinidade, já que figura a maior autoridade da delegacia sendo negro e assumidamente homossexual. Para o autor, tanto homossexualidade quanto raça são aspectos importantes do personagem, integrando suas motivações na conquista do cargo. Valarezo afirma que o personagem é bastante racional e de difícil leitura emocional, o que considera uma abordagem “genial” por fugir de estereótipos e deixar claro que a homossexualidade não o desqualifica como homem. O vídeo destaca que nenhum protagonista masculino segue o estereótipo tradicional de masculinidade e por fim analisa a relação entre os personagens. Afirma que várias cenas expõem amizades entre homens e mulheres e situações de apoio mútuo, contrapondo-se a estereótipos de mídia que pautam a relação entre homens e mulheres no interesse sexual e a relação entre



homens na competitividade.

Para Valarezo, as personagens dialogam com a problematização da masculinidade hegemônica e seu modo de inserção na série permite abordar masculinidades alternativas como naturais e não apenas restritas a um grupo ou pauta política. Valarezo enaltece o que considera a assimilação das novas masculinidades como algo comum, já que a masculinidade não consiste no tema principal da série, podendo ser tematizada a partir das próprias atitudes dos personagens. Para ele, esse processo de naturalização das novas masculinidades permite ao público tomá-las como algo que deveria estar no cotidiano da sociedade.

A fidedignidade da análise de Valarezo sobre a série foge ao escopo deste trabalho, todavia observa-se que o vídeo construiu um discurso questionador das masculinidades tradicionais e apresenta alternativas a essas masculinidades, ressaltando a expressão afetiva e a construção de alternativas não violentas para as relações interpessoais masculinas. Nessa crítica cultural, destacam-se as atitudes de apoio mútuo, expressão de afeto e construção de relações saudáveis entre homens em contraposição a condutas de violência, imposição, competitividade e dominação associadas à masculinidade tradicional (KIMMEL, 1998). Nesse sentido, a análise dos personagens os antagoniza com a lógica da casa dos homens (WELZER-LANG, 2001), pois valoriza-os do personagem não pela aprovação de outros homens a performances ligadas à dominação, mas por sua sensibilidade e diálogo.

Sendo o canal EntrePlanos voltado a um público interessado em obras audiovisuais, a abordagem de questões de gênero sinaliza tanto uma escolha do autor quanto a divulgação do tema a pessoas que poderiam ter pouco contato com ele. Os discursos sobre a masculinidade, abordados via análise de uma série, são apoiados num debate sobre a relação entre cultura e comportamento. Nesse contexto, a breve introdução de conceitos ligados aos estudos da masculinidade articula análise social e indústria cultural, com um tom entre o didático e a crítica cultural e voltado ao público em geral. Nesta articulação, Valarezo busca evidenciar que a ressignificação dos papéis de gênero e da masculinidade trazida como pano de fundo de uma obra pode atuar positivamente na assimilação dessas novas referências.

O fato de o vídeo possuir quase 600.000 visualizações demonstra que obras



populares podem colaborar para o debate sobre questões de gênero. Nesse sentido, somente é possível desconstruir enquadres anteriores via novas performances de gênero que permitam superar a dicotomia excludente entre masculino e feminino (BUTLER, 2003). Porém, esse processo requer atenção ao risco de esvaziar aspectos de dominação e hierarquias de gênero ainda presentes (CASADEI, 2020). A série e o vídeo de Valarezo trazem ainda um tema emergente no estudo das transformações da masculinidade: sua relação com o consumo de mercado, que vem também criando produtos voltados a novas construções identitárias (CASADEI, 2020).

Outro vídeo desta categoria é “A Masculinidade Subversiva de Solução em Como Treinar o seu Dragão”, hospedado no canal Leo Hwan e apresentado por ele. O canal analisa obras da cultura pop articulando-as com temas sociais, como masculinidade, preconceito, racismo, entre outros, exibindo o slogan “Cultura pop, Representatividade Masculinidades” e a descrição “Porque não há problema em sentir coisas. E ser quem você é.” Há nele duas listas de conteúdo que abordam a masculinidade como foco principal: “Masculinidade: vamos redefinir a masculinidade!”, com 24 vídeos, e “Entendendo masculinidades, minissérie sobre a teoria por trás das masculinidades” com 4 vídeos. Ambas abordam aspectos das representações sobre as masculinidades, como interesse amoroso, paternidade, sofrimento, coragem, virilidade, raiva, etc, indicando uma atividade recorrente sobre o tema.

A obra analisada, “Como treinar seu Dragão”, é uma animação baseada na cultura viking, num local habitado por dragões tidos como inimigos dos humanos e é utilizada para refletir sobre a masculinidade tradicional num paralelo com a sociedade. Um garoto, Solução, deve enfrentar um dragão para ser reconhecido pelo clã, mas acaba se aproximando dele, compreendendo as razões pelas quais sua vila é atacada e auxiliando o dragão enquanto convence os habitantes da vila a aceitá-los. Leo Hwan começa discutindo como heróis da cultura pop são comumente atrelados à masculinidade tradicional e construídos associando coragem ao confronto, em geral violento, de um antagonista. A seguir, define o personagem Solução como tendo uma “masculinidade subversiva”.

Leo Hwan expõe um trecho inicial do filme, em Solução pensa que, ao matar o dragão, obteria uma namorada, respeito e admiração do pai e da tribo, reproduzindo traços de outros heróis e atributos da masculinidade tradicional. O autor apresenta a “jornada do herói”, em que aspectos de “coragem” e “aventura” atribuem ao homem o ambiente



externo em oposição ao doméstico e delegam-lhe o domínio sobre as adversidades, remetendo aos dispositivos de eficácia (ZANELLO, 2018), à divisão sexual do trabalho (BOURDIEU, 2010) e à descrição da masculinidade hegemônica Kimmel (1998). Hwan associa assim as imposições do ideal de conduta viking às imposições de conduta aos homens nas sociedades ocidentais. Todavia, Solução não derrota o antagonista dragão, mas o compreende e se alia a ele, mostrando-se contrário ao ideal viking e tentando instituir novas formas de ser *viking* (homem) junto a seu pai e aos habitantes da vila. Hwan salienta que tanto o diálogo com a aldeia quanto a solução criada por Solução exigem coragem para mudanças sociais e desconstrução da voz dominante, em detrimento da dominação do “vilão” pelos heróis usuais, constituindo uma masculinidade subversiva. Assim, Leo Hwan visa demonstrar como o personagem Solução apresenta sua coragem e masculinidade, não matando o dragão para provar que é *viking*, mas subvertendo as regras sociais para admitir seus medos, se tornar amigo de um dragão e superar conflitos.

A ideia de uma prova a ser cumprida para que Solução seja considerado viking remete às práticas ritualísticas de passagem da infância para o mundo adulto que reafirmam o poder masculino e seu papel ativo, segregando as mulheres (WELZER-LANG, 2001; BOURDIEU, 2010). Zanello (2018) discute a virilidade laborativa como aspecto do dispositivo da eficácia, em que status social e potência laboral tornam-se afirmações de masculinidade, ilustrada pela caça aos dragões delegada aos homens. O modo como são ensinados e cobrados os valores vikings pode ser comparado à dinâmica da casa dos homens (WELZER-LANG, 2001), com a cobrança e medo da exclusão por performances divergentes. Nesse sentido, a coragem de Solução concerne à disposição para quebrar o “verdadeiro silêncio dos homens” (ZANELLO, 2018): a omissão frente a uma produção identitária que privilegia um padrão e violenta divergências, no filme representadas pelos dragões. Seria, portanto, a coragem de renunciar o papel dominador em nome de relações igualitárias. Leo Hwan afirma que esta é mais ampla do que lidar fisicamente com o vilão e que podemos ser heróis em nosso contexto ao ter um comportamento empático, expressar sentimentos, companheirismo e diálogo com o diferente.

O foco de Hwan na expressão de afeto dialoga com o conceito de embrutecimento dos homens (ZANELLO, 2018) em que o silenciamento de sentimentos masculinos acaba



por valorizar a violência como forma de expressão. Ao defender expressões de afeto e empatia como atributos positivos aos homens, o apresentador apoia o rompimento, proposto no filme segundo sua análise, da lógica de desqualificação da afetividade dos homens com outras pessoas. Considerando as mais de 400 mil visualizações do vídeo analisado e a prolífera produção de vídeos sobre masculinidades do canal, pode-se considerá-los representantes de movimentos socioculturais que debatem novas masculinidades.

### **Considerações finais**

O panorama dos dados demonstra que a inserção dos discursos sobre masculinidade no *YouTube* é relevante e atinge um grande número de pessoas, já que na ocasião da coleta de dados havia 146 vídeos com mais de 90.000 visualizações e os dez vídeos analisados somam 8.819.804 visualizações. A grande repercussão de vídeos que afirmam a masculinidade tradicional pode apontar impactos ainda desconhecidos sobre a manutenção das relações tradicionais de gênero e dos problemas por ela acarretados, tais como desigualdades de acesso em áreas como trabalho e educação e reprodução da violência de gênero. Há assim um campo significativo de pesquisa sobre a reprodução das noções de gênero na cultura digital.

Encontramos quatro vídeos defensores da masculinidade tradicional, cinco críticos a ela e um intermediário, misturando traços de novas masculinidades e do padrão tradicional. Porém, a masculinidade tradicional possui público muito maior (5.566.072 visualizações) quase o dobro dos vídeos de crítica a essa masculinidade (2.804.675 visualizações). Os vídeos indicam a necessidade de atenção para a produção de discursos sobre gênero na cultura digital. Já os números expressivos de visualizações dos vídeos de cunho religioso reforçam a relevância de entidades religiosas tradicionais na formação histórica das masculinidades, bem como os comentários desativados de ambos reforçam seu caráter doutrinário.

Observa-se uma associação entre visões tradicionais de masculinidade e instituições nas quais essa imagem é importante, como denominações religiosas, instituições de segurança pública e mesmo campos ligados ao sucesso financeiro, enquanto o questionamento da masculinidade tradicional aparece em vídeos mais ligados à cultura. Nesse sentido, observa-se um “comércio de masculinidades”, seja através da



comercialização de cursos com a premissa de conquistas no âmbito social, laboral e amoroso, seja em produtos culturais como filmes e séries. Há também uma conexão relevante entre vídeos voltados à masculinidade tradicional e o campo político da direita e ultradireita, tanto nos costumes quanto nas políticas públicas.

Os vídeos foram produzidos por agentes da sociedade civil, o que aponta o pouco alcance do Estado no tema, dado relevante quando pensamos a importância das redes sociais e os dados brasileiros preocupantes sobre desigualdade de gênero em campos como violência doméstica, desigualdade salarial, suicídio masculino, precariedade do cuidado masculino em saúde, entre outros. Aponta-se assim a presença de políticas públicas voltadas às relações de gênero e seus impactos no desenvolvimento humano em áreas como educação e saúde.

No desenvolvimento de pesquisas, há que se compreender a influência dos algoritmos, que tendem a reproduzir conteúdos acessados pelo internauta, bem como a relação entre esses acessos e outros fatores sociais, como mobilização de instituições, empresas, outras mídias, aportes financeiros e o poder econômico de influenciadores importantes nas redes sociais. O papel relevante das redes sociais na criação e divulgação dos discursos contemporâneos mostra ainda a importância de se estudar a influência das redes sociais nos novos rearranjos sociais, seja para observar novas composições das masculinidades, seja para analisar respostas da masculinidade tradicional. Nesse sentido, o trabalho aponta a necessidade de aprofundar saberes sobre a divulgação de discursos de gênero na internet, bem como refletir e construir estratégias no manejo nas políticas públicas, ainda pouco presentes nesse campo.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, G. Grupos protestantes e engajamento social: uma análise dos discursos e ações de coletivos evangélicos progressistas. **Religião & Sociedade**, v. 39, n. 3, p. 173–196, set. 2019.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Schwarcz-Companhia das Letras, 2001.
- BOLSANELLO, M. A. "Darwinismo social, eugenia e racismo" científico": sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. **Educar**. n. 12, 153-165, 1996.
- BOTTON, F. B. As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. **Revista Vernáculo**, v. 1, n. 19 e 20, p. 109-120, 2007.
- CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880



<http://dx.doi.org/10.5380/rv.v1i19/20.20548>

- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria H. Kühner. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 8.
- CARRIGAN, T.; CONNELL, B.; LEE, J. Toward a New Sociology of Masculinity. **Theory and Society**, v. 14, n. 5, 551-604, 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/657315>. Acesso em: 01 jul., 2023.
- CASADEI, E. B. Novas masculinidades, afetos positivos e consumo. A reiteração da palavra masculinidade no Jornal do Brasil de 1970 a 2010. **Educação, Cultura e Comunicação ECCOM**, v. 11, n. 21, 2020.
- CREATORS, Y. **Como a pesquisa do YouTube funciona**, Youtube, 29 ago. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/gTrLniP5tSQ>. Acesso em 22 set. 2020.
- DIMUCCIO, S. H.; KNOWLES, E. D. The political significance of fragile masculinity. **Current Opinion in Behavioral Sciences**, n. 34, p. 25-28, 2020.
- FERRO, A. P. R. A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível. **Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós**, n. 5, 2179-9636, 2015.
- FREITAS, B. I.; OLIVEIRA-MACHADO, R.; SCARPARO, H. B.K. Masculinidade em xeque: reflexões sobre uma experiência em grupo de homens. **Diaphora Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul**, v. 1, n. 1, p. 114-120, 2012.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. M. Lopes, Trad. São Paulo: UNESP, 1993.
- GOLDENBERG, M. Dominação masculina e saúde: usos do corpo em jovens das camadas médias urbanas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, p. 91-96, 2005.
- GUEDES, E. **Aprenda a ser um Homem de Verdade - Evandro Guedes Motivação**, YouTube, 19 mar. 2019. Disponível em: [https://youtu.be/-c\\_OXwBZyhs](https://youtu.be/-c_OXwBZyhs). Acesso em: 01 jul., 2023.
- GUERRA, A. T. M. Do holocausto nazista à nova eugenia no século XXI. **Ciência e Cultura**, n. 58, v. 1, p. 4-5, 2006.
- HWAN, L. (ed.). **A Masculinidade Subversiva de Solução em Como Treinar o seu Dragão**, YouTube, 23 abr. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/f3TKQvpLysE>. Acesso em 04 out. 2020.



- IGREJA UNIVERSAL. I. **3 palavras que não devem ser ditas a um homem.** Igreja Universal. 2014. Disponível em: <https://youtu.be/Ag6VASid5Xo>. Acesso em: 24 ago. 2022.
- KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.
- MAXIMO, A. R.; LEITE, R. S. Sou homem com H! O movimento migratório do consumo de produtos de beleza. **Consumer Behavior Review**, v. 4, n. 1, p. 19-37, 2020.
- MEAD, M. **Sexo e Temperamento: em três sociedades primitivas.** Trad. Rosa Krausz. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Obra original publicada em 1935).
- MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008.
- MÉNDEZ, L. B. Los varones frente al cambio de las mujeres. **Lectora**, v. 4, 2001.
- MÉNDEZ, N. P. Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. **Mulher e trabalho**, n. 5, p. 51-63, 2011.
- MANUAL DO HOMEM MODERNO. **Como deixar de ser infantil e se tornar um Homem Maduro - Dicas do Cachorrão Vol. 10**, Youtube, 4 fev. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kb-kx93whSA>. Acesso em 30 de Setembro de 2020.
- MANUAL DO HOMEM MODERNO. **Como ficar mais bonito (E ser um homem menos feio em 9 truques simples)**, Youtube, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/ZLIJbs0g6QU>. Acesso em: 30 de set. 2020.
- MOTA, B. S.; BITTENCOURT, M.; VIANA, P. M. F. (2014). A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia. **E-Compós**, v. 17, n. 3, 2014.
- NOLASCO, S. **O Mito da Masculinidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- OLIVEIRA, R. T. V., et al., (2020). Prevenção do câncer de pênis e a valorização da saúde do homem. **Brazilian Journal of health Review**, v. 3, n. 2, p. 1527-1530, 2020.
- OLIVEIRA, C. R.; PICHLER, N. A.; CANABARRO, R. **Filosofia e homoafetividade.** Passo Fundo: Méritos Editora, 2012.



- PAPODEHOMEM. **O silêncio dos homens, Documentário completo**, YouTube, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/NRom49UVXCE>. Acesso em: 30 set. 2020.
- RAMOS, C. M.; LENCASTRE, M. P. A. O feminino e o masculino na etologia, sociobiologia e psicologia evolutiva: Revisão de alguns conceitos. **Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 33-61, 2013. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i2.421>
- RICARDO, P. P. **Masculinidade: o que está acontecendo com os homens?**, YouTube, 12 nov. 2012. Disponível em: <https://youtu.be/6WyVLNjNZy4>. Acesso em 4 out. 2020.
- SANTOS, W. B.; CASTEJON, M. Corpo e masculinidade: subjetivação, objetivação e risco de suicídio. In: PRATA, V.; MILANEZ, N. (orgs.). **Filosofias do suicídio: quando o corpo tem vez**. (Orgs.). Vitória da Conquista: Labedisco, p. 118-136, 2016.
- SILVA, L. G. T. Religião e política no Brasil. **Latinoamérica. Revista de Estudios Latinoamericanos**, n. 64, p. 223-256, 2017.
- SILVA, S. A. Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 38, n. 2, p. 339-342, 2015.
- SOARES, J., CHAMUSCA, T., & FERREIRA, T. Disputas no youtube: mapeando masculinidades através do canal manual do homem moderno. **Esferas**, n. 19, p. 54-62, 2020. <https://doi.org/10.31501/esf.v0i19.12372>
- VALAREZO, M. M. (ed.). **A Saudável Masculinidade de Brooklyn Nine-Nine**, YouTube, 13 dez. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/WILfDC3QaSc>. 25 set. 2020.
- VENTURA, Í. **É assim que Mulheres Inteligentes Ativam a Masculinidade de um Homem**. YouTube, 27 de dez. 2017. Acesso em 06 de Outubro de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/pwCqQNvhasg>. Acesso 06 dez. 2020.
- WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, p. 460-482, 2001.
- ZANELLA, E. D. Masculinidade e Consumo de Bebidas Alcoólicas: A Construção de Maneiras de Beber. **Ponto Urbe**, v. 9, 2011. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1820>.
- ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba. Editora Appris, 2018.



**DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS:  
ENTRE O CONTROLE E A LIBERDADE**

*Sexual and reproductive rights: between control and freedom*

Larissa Uceli<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este texto é uma expectativa de ensaio que suscitou dos incômodos gerados durante a trajetória da autora como ser mulher no mundo, incentivadas pelas experiências vividas nos tempos e espaços que esteve presente, inclusive no Grupo de Estudos de Gênero e Fenomenologia em que participa. O texto faz uma breve reflexão sobre o conceito de direitos sexuais e reprodutivos, associados à condição de falta de liberdade das mulheres e o controle institucional de seus corpos. A Declaração da Conferência do Ano Internacional da Mulher de 1975 entende que o respeito ao corpo humano é um requisito para a dignidade e a liberdade. O corpo, sendo integralmente compreendido, inclui as expressões de sexualidade, se essas são historicamente desrespeitadas, anuladas, e marginalizadas, como nós, mulheres, poderemos ser livres?

**Palavras-chave:** Direitos sexuais e reprodutivos; movimentos feministas; autonomia feminina

**ABSTRACT**

This text is an expectation of an essay that aroused the discomforts generated during the author's trajectory as a woman in the world, encouraged by the experiences lived in the times and spaces that were present, including in the Gender and Phenomenology Study Group in which she participates. The text makes a brief reflection on the concept of sexual and reproductive rights, associated with the condition of women's lack of freedom and the institutional control of their bodies. The Declaration of the 1975 International Women's Year Conference understands that respect for the human body is a requirement for possession and freedom. The body, being fully understood, includes expressions of sexuality, if these essays are historically disrespected, annulled and marginalized, how can we women be free?

**Palavras-chave:** Sexual and reproductive rights; feminist movements; female autonomy

*“Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome”*

*Clarice Lispector*

*“I’ll tell you what freedom is to me: no fear.*

*I mean, really no fear!*

*If I could have that half of my life... no fear.”*

*Nina Simone*

---

<sup>1</sup> FCA-Unicamp. E-mail: l200898@dac.unicamp.br  
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



## A plenitude da ser mulher como um sonho

Existe em nós a expectativa de ser livre, mas essa não alcançamos, o que muitas vezes substitui o seu lugar e o ilusório “controle”. As mulheres mães, filhas, avós, sobrinhas, vizinhas, professoras, precisam controlar, essa é a única forma de viabilizar uma suposta estabilidade na vida comandada pelo patriarcado. Os homens afirmam: “Mulheres são controladoras!”, mas não há possibilidade de mulheres serem livres, como os homens.

Na declaração “Estruturas e Estratégias Institucionais sobre Direitos Reprodutivos” (Fabros 1991 apud Corrêa;Rosalind 1996, p.153<sup>2</sup>) do Centro de Pesquisas e Recursos da Mulher (CPRM) das Filipinas: “autodeterminação e prazer sexual são alguns dos primeiros significados da ideia de ‘controle sobre o próprio corpo’ e uma razão primordial para o acesso ao aborto seguro e ao *controle* de natalidade”. A autonomia e a autodeterminação das mulheres são sustentadas pela ideia de controle, não é, portanto, pela ideia de escolha e muito menos pela ideia de liberdade. O verbo controlar é frio, ele prende, sufoca... é coercivo.

Controlar  
con.tro.lar

1. Exercer o controle de; submeter a controle: *Controlar os sentidos.*

2 Manter o autocontrole; conter(-se), dominar(-se), segurar(-se):

Controlar as emoções. *Não exagere, controle-se.*

3 Exercer autoridade sobre (alguém ou algo); comandar, dominar, mandar: *Se não consegue controlar os empregados, imagine como educa os filhos.* (Dicionário Online Michaelis<sup>3</sup>)

Não coincidentemente os exemplos do próprio dicionário parecem direcionar suas falas a mulheres: controlar “sentidos” (quem são as ‘dotadas de sexto sentido?’), as exageradas (historicamente as “histéricas”?), e as que chefiam as casas e educam os filhos? Os sujeitos das orações são indeterminados, mas facilmente identificáveis. A sociedade em uma tentativa de tornar-se um pouco mais democrática nos dá a oportunidade do controle, que às vezes só pode ser exercido de nós para nós mesmas. O controle submete, domina, segura, autoriza, mas não liberta. Talvez poderíamos incluir os direitos como instrumentos de controle, os direitos prometem liberdade, mas de fato a

<sup>2</sup>CORRÊA, Sonia; ROSALIND, Petchesky. Direitos sexuais e reprodutivos: uma perspectiva feminista. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, vol. 6, no 1–2, 1996, p. 147–77. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/K7L76NSSqymrLxfPz8y87F/abstract/?lang=pt>

<sup>3</sup><https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/controlar/>



possibilita?

Como consta da Declaração da Conferência do Ano Internacional da Mulher, ocorrida na Cidade do México em 1975, “o corpo humano, independentemente de ser o de um homem ou de uma mulher é inviolável e o respeito por ele é um elemento fundamental da dignidade e liberdade humanas (CORRÊA; ROSALIND, 1996, p. 153)

Corrêa e Rosalind (1996) afirmam que “o corpo existe em um universo socialmente mediado” (p.149). Se entendemos que a dignidade e liberdade humana só podem se concretizar através do respeito do corpo do outro, o que podemos nós, mulheres, sonhar em ser livres se nossos corpos são violados cotidianamente de incontáveis formas pela nossa sociedade? Quando a noção de corpo “como parte integral do eu” (Corrêa; Rosalind, 1996, p.153) é incorporada nos documentos norteadores, a experiência humana é ampliada e dentre tantos elementos externos essenciais à autodeterminação, a saúde e bem-estar do corpo, conseqüentemente o prazer sexual, são incluídos na “base necessária para a participação ativa na vida social” (Corrêa; Rosalind, 1996, p.153). Logo, compreendemos que a vivência plena da sexualidade é parte fundante das nossas condições essenciais para viver, tal percepção complexifica mais ainda a vivência das mulheres no mundo já que nossa sexualidade é historicamente marginalizada e comprometida.

A marginalização da sexualidade tem raízes firmadas na história. Segundo Góis (1991, p.119) “somos educadas por mulheres, numa sociedade onde a virilidade e o prestígio do macho estão longe de serem apagados”. A mesma autora afirma ainda que as mulheres são educadas para agirem como filhas e mães sem passar pelo estágio de mulher. (GOZZO et al., 2000, p.84)<sup>4</sup>

Segundo Diamantino et al (1993), sexualidade pode ser definida como “o impulso e a emoção que a proximidade do sexo pode produzir, transcende definições físicas e se coloca como algo mais difuso permeando todos os momentos da vida” (apud GOZZO et al., 2000, p.85). A sexualidade feminina é reprimida desde a infância, ou seja, a nós nos é negada a plenitude do ser desde crianças. “[...] a mulher, quando criança, deve ter bons modos e *controle* sobre sua vontade. Na adolescência, não é preparada para a vida, mas sim para negar o prazer, cheio de *culpa, censura e medo*.” (GOZZO et al., 2000, p.84) As

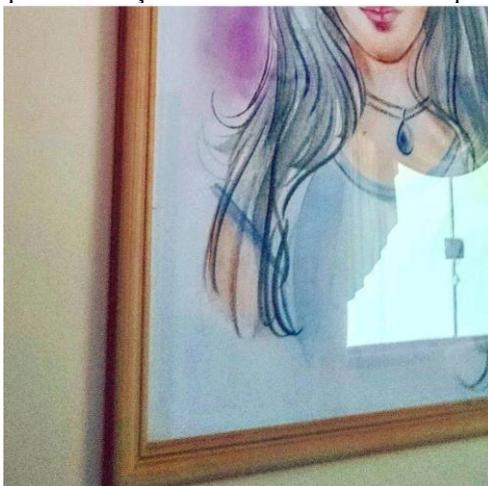
<sup>4</sup>GOZZO, Thaís De Oliveira, et al. “Sexualidade feminina: compreendendo seu significado”. Revista Latino-Americana de Enfermagem, vol. 8, no 3, julho de 2000, p. 84–90. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/9pcj3PJQJZyPzDtrHNRxKfd/?lang=pt>

expressões da sexualidade são constituídas para além das questões individuais, elas são influenciadas pelas externalidades do contexto cultural, por exemplo.

As dificuldades em exercer a sexualidade, vem das escolhas feitas pelos indivíduos, quando estes sacrificam aspectos próprios para atenderem as exigências da educação e da cultura, por exemplo a cultura brasileira cultua a figura masculina e educa a mulher para servir o homem sem preocupar-se consigo mesma. Por outro lado, pode significar busca de algo que não se realiza. (GOZZO et al., 2000, p.87)

Quando as questões da sexualidade afligem as mulheres, a primeira, e quase exclusiva, alternativa que parecemos encontrar é o controle, porém o controle nos faz tomar decisões que são prejudiciais a nossa própria experiência, e, independe de fazermos boas ou más escolhas, nunca conseguiremos atingir a satisfação que buscamos até inconscientemente... Porque nós queremos a liberdade e eles nos impedem de avistá-la, as vezes não sabemos nem por onde começar a traçar uma rota segura e ousada para alcançá-la.

**Figura 1** - No peito da moça o sonho de uma liberdade quase inalcançável



**Fonte:** Fotografia da autora, do desenho do artista Fabio Basso. Acervo pessoal.

A autonomia das mulheres em relação ao próprio corpo sempre foi cerceada, às vezes pelos pares amorosos, às vezes pela família, e muitas vezes pelo Estado (que legitima todas as outras imposições), principalmente em relação à decisão sobre ter filhos. Para Gozzo et al. (2000, p.84)

Isso ocorre tanto em razão dos limites impostos no que tange à opção pela prática do aborto e da necessidade de consentimento do cônjuge para cirurgia de esterilização, como pelo controle das escolhas em relação ao parto, o que vem acarretando diversas medidas para reverter esse quadro que configura uma verdadeira medicalização do processo de procriação humana e violência obstétrica.



E, mesmo assim, com todos esses atravessamentos, a única pessoa ou instituição que será responsabilizada pelos atos e suas consequências serão as mulheres. A nós é dado o dever de controlar.

Os direitos sexuais e reprodutivos representariam a possibilidade de controlar o que desejamos ou não expressar através de uma autonomia sexual e reprodutiva, eles são um indício de liberdade que não se realiza, mas que se pretende em certa medida. O respeito à autonomia precisa necessariamente estar acompanhado pelo acesso a opções saudáveis, à informação de qualidade e a subsídios governamentais, o respeito ao desejo, por isso ele se pretende, mas não se realiza (CORRÊA; ROSALIND, 1996). Com isso, o que podemos entender sobre a relação entre a liberdade e “a capacidade corporal para o prazer sexual e o direito de expressá-lo de formas diversificadas e não-estigmatizadas” (CORRÊA; ROSALIND, 1996, p.168) dentro da proposta dos direitos sexuais e reprodutivos, inseridos numa sociedade patriarcal, e a cada dia mais conservadora?

Em um cenário de hostilidade e fundamentalismo religioso a invisibilidade e o ataque aos direitos das mulheres é intensificado, mesmo os tendo protegidos pela Constituição, a sua frágil construção, a ausência de políticas públicas, e a misoginia da nossa sociedade impende com que eles sejam efetivamente acessados e vivenciados pelas mulheres. O direito à expressão da sexualidade sem medo ou culpa, o direito de escolher ter ou não ter filhos, o direito à informação de qualidade e à instrumentos que viabilizem decisões não se concretizam.

Os direitos sexuais e reprodutivos parecem apresentar uma perspectiva de liberdade, mas há liberdade sem dignidade, sem respeito? O que fazemos nós ao sermos submetidas às escolhas do outro se não controlarmos as nossas próprias? As subjetividades das mulheres são violentadas e impedidas de ser, nossas experiências cotidianas carregam o peso de sempre precisar controlar, e a leveza da liberdade continua sendo um desejo quase inatingível da alma.

### **Os direitos sexuais e reprodutivos**

Na Constituição da República de 1988 os direitos sexuais e reprodutivos são



direitos fundamentais, seu “substrato está no direito ao livre planejamento familiar, também um direito fundamental, contemplado no art. 226, §7º da Constituição e regulamentado pela Lei nº 9.263/1996.” (SOUZA, 2023, p.3)<sup>5</sup> Para o Ministério da Saúde (2009), direitos sexuais e reprodutivos compreendem, entre outros elementos:

Direito de viver e expressar livremente a sexualidade sem violência, discriminações e imposições e com respeito pleno pelo corpo do(a) parceiro(a); Direito de viver plenamente a sexualidade sem medo, vergonha, culpa e falsas crenças; Direito de viver a sexualidade independentemente de estado civil, idade ou condição física; Direito de escolher o(a) parceiro(a) sexual; Direito de escolher se quer ou não quer ter relação sexual; Direito de expressar livremente sua orientação sexual: heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, entre outras. Direito à informação e à educação sexual e reprodutiva; Direito das pessoas de decidirem, de forma livre e responsável, se querem ou não ter filhos, quantos filhos desejam ter e em que momento de suas vidas; Direito a informações, meios, métodos e técnicas para ter ou não ter filhos. (apud SOUZA, 2023, p.3).

O debate sobre os direitos reprodutivos remonta aos anos de 1830, articulados por grupos feministas ingleses e disseminado rapidamente pelo mundo no último século. As prioridades dos movimentos variavam dependendo do contexto geográfico em que as mulheres viviam, nos países ocidentais como América do Norte e Inglaterra a questão crucial era o controle de natalidade e satisfação sexual, enquanto na Europa, Ásia, África do Norte e América Latina a luta era pelo direito de negar tanto o sexo quanto a gravidez (SOUZA, 2023).

Na perspectiva de Corrêa e Rosalind (1996) “a integridade corporal, a autonomia pessoal, a igualdade e a diversidade” (p.150) são componentes fundamentais para os direitos sexuais e reprodutivos. Além disso, elas acreditam que esses direitos se viabilizam através de poder e de recurso, onde o poder tem relação com a capacidade de decidir, baseada em informações de qualidade, sobre si, suas expressões sexuais e a reprodução, e o recurso tem relação com os instrumentos possibilitadores de executar e manter as decisões tomadas. Logo, podemos entender que os direitos sexuais e reprodutivos dizem sobre a individualidade, mas talvez digam ainda mais sobre a coletividade.

A discussão sobre os direitos reprodutivos começa a ganhar outros contornos quando mulheres negras do Norte Global, concomitante com as mulheres do Sul Global,

<sup>5</sup>SOUZA, Iara Antunes de. Os direitos sexuais e reprodutivos da mulher no Brasil na perspectiva do feminismo decolonial. Cad. Ibero Am. Direito Sanit. [Internet]. 8º de março de 2023 [citado 13º de julho de 2023];12(1):81-9. Disponível em:

<https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/969>



“passaram a investir no desenvolvimento dos significados dos direitos sexuais e reprodutivos, estes significados se expandiram.” (CORRÊA; ROSALIND, 1996, p. 153).

A relação com as outras necessidades sociais foi estreitada e falar sobre direitos sexuais reprodutivos tornou-se também falar sobre tudo aquilo que conjuntamente impede a liberdade sexual e reprodutiva da maioria das mulheres do mundo, como

[...] mortalidade infantil e materna, infertilidade, esterilização indesejada, desnutrição de meninas e mulheres, [...] violência sexual [...] cortes nos investimentos sociais, falta de transporte, de água, estrutura sanitária, analfabetismo e pobreza (CORRÊA; ROSALIND, 1996, p.153).

Corrêa e Rosalind (1996) explicam que “essa estrutura dissolve as fronteiras entre sexualidade, direitos humanos e desenvolvimento.” (p. 153).

Assegurar a existência das mulheres parte por compreender que, além das mulheres serem diferentes dos homens, as mulheres são diferentes entre si: raça, classe, idade, nacionalidade. Uma implementação efetiva dos direitos sexuais e reprodutivos necessariamente deve respeitar as práticas culturais, os ritos, as crenças e todo o arcabouço subjetivo que compõe nosso ser.

### **Um constante navegar**

Entendemos que para que as mulheres pudessem de fato fazer suas próprias escolhas, todo o cenário social, necessariamente, deveria mudar. Nem mesmo a palavra “controle”, como tentaram, pode ser utilizada em relação às mulheres e seus corpos, muito menos liberdade. A base dos direitos sexuais e reprodutivos é necessariamente a autonomia, neste caso, feminina. Essa autonomia só pode florescer em um terreno fértil onde há transportes de qualidade, atendimentos hospitalares e de saúde humanizados, creches e escolas públicas bem equipados para todos, e informação, e, se pensarmos nas dimensões mais subjetivas, autonomia está intimamente ligada a autovalorização, autopercepção, autoconhecimento, vontade, desejo, autocompletude, autoamor. Talvez as questões do sentir sejam ainda mais difíceis de desenvolver, visto o cenário de extrema violência que se perpetua por toda nossa sociedade contra nós mulheres, uma história sem amor.

Para Nietzsche o amor depende primeiro de uma capacidade de autocompletude e autoafirmação: apenas indivíduos plenos de si podem amar. O amor não é outra coisa que um derramamento, uma espécie de luxo e de dádiva daquilo que cada indivíduo conquistou por e para si mesmo e quer partilhar, alegremente,



com um outro. Nesse caso, não há nada de carência, mas muito pelo contrário, de plenitude. Quanto mais pleno de si, mais capaz de amar será um indivíduo. (OLIVEIRA, 2020, p.82).

Eu não desejo concordar com o autor. A escolha de não acessar nossa plenitude de ser mulher foi feita por outros, não por nós. Se me impedem de ser plena, nunca serei livre e não terei a oportunidade de experimentar o que de fato é o amor? Compreendo que, ao tentar prender as mulheres na dimensão do controle, a sociedade é que se perde, se fragmenta e tira dela mesma a capacidade de amar. Quando eu excluo a possibilidade do outro de ser, eu me coloco no lugar de desamor. Não somos nós que não podemos amar, são eles que não nos amam. O pedaço que falta para eu ser plena é o reflexo do medo da sociedade em ver mulheres expressando verdadeiramente sua sexualidade e decisão.

Observamos nos últimos anos o aumento massivo de movimentos de oposição aos avanços dos direitos das mulheres, principalmente dos direitos sexuais e reprodutivos. Diria que este é o campo que a extrema direita escolheu para articular o seu “ativismo conservador” (VAGGIONE, 2009 apud RUIBAL, 2014<sup>6</sup>) Esse fenômeno vem se intensificando por toda a América Latina e é organizado a partir dos fundamentalismos religiosos, onde “setores católicos e evangélicos que têm se unido a setores não religiosos da direita para ‘bloquear avanços no campo dos direitos sexuais, redefinir o sentido dos direitos e das políticas públicas e, em alguns casos, legitimar a censura”(BIROLI et al., 2020, p. 22 apud RUIBAL, 2014, p.4).

Biroli et al (2020 apud RUIBAL, 2014) explicam que a identidade política desses movimentos conservadores (entendidos como uma reação aos avanços no campo de gênero nas últimas décadas), além da rejeição ao movimentos feministas e LGBTQIA+, possui cinco dimensões: “1) produz alianças e afinidades entre diferentes setores; 2) atua buscando acentuada juridificação da moralidade; 3) opera em contextos democráticos; 4) possui caráter transnacional; e 5) relaciona-se ao neoliberalismo” (p.4). Esse conjunto de ideologias e práticas faz o território latino-americano ser um dos mais misóginos, um dos menos dispostos e um dos mais violentos em relação aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. É importante compreender qual de fato é o cerne dos movimentos misóginos.

Vaggione aponta que essa reação não é exatamente às transformações nas

---

<sup>6</sup>RUIBAL, Alba M. “Feminismo frente a fundamentalismos religiosos: mobilização e contramobilização em torno dos direitos reprodutivos na América Latina”. Revista Brasileira de Ciência Política, no 14, agosto de 2014, p. 111–38. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/sMhqnm8cs9rBNPGjPSGQhNq/?lang=pt>  
CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880



práticas sexuais e reprodutivas, mas principalmente “ao reordenamento simbólico dessas práticas, às mudanças na hierarquia sexual” (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE, 2020, p. 58), donde podemos inferir que o foco da reação é a um estatuto legal que promove a igualdade de sujeitos, crenças, orientação sexual, direito de decidir. (RUIBAL, 2014, p. 111)

Esse contexto desfavorável à apropriação dos direitos sexuais e reprodutivos não é novo, ele se atualiza a cada novo período de conquista. Quando Corrêa e Rosalind (1996) escreveram seu texto o cenário era de intensa preocupação com as Infecções Sexualmente Transmissíveis, o que estigmatizava tanto o sexo quanto a reprodução, o preconceito e o medo indicavam a toada do momento, e não a preocupação com uma educação sexual concisa e eficiente. Hoje, o fundamentalismo religioso resgata e intensifica os postulados violentos e conservadores referente aos direitos das mulheres sobre os seus próprios corpos. Em relação à luta pelos direitos sexuais e reprodutivos não há trégua.

No Brasil, a autonomia sexual e reprodutiva, a experiência de viver e expressar livremente sua sexualidade, assim como o direito de decidir sobre o desejo de ter ou não ter filhos e ser amparada por essa decisão, são constitucionalmente protegidos. Isso deveria ser o suficiente, mas não é. Os direitos sexuais e reprodutivos são como um sopro de liberdade que você pode sentir de longe dependendo de onde está, de quem se é, de quanto se ganha, com quem se parece. Mesmo assim, não se pode pegar o vento com a mão. Nossos direitos não se materializam, não se concretizam pela falta de acesso à informação de qualidade, pela ausência de investimento público, pela invisibilização da pauta, pelo ataque do conservadorismo. Continuamos em uma sociedade misógina e patriarcal que cerceia nossos desejos, direitos e necessidades.

Entre tudo aquilo que falta em relação ao poder e aos recursos - nossa autonomia, diversidade, integridade corporal e instrumentos que possibilitem a ação destes -, entendemos que as questões que cercam os direitos sexuais e reprodutivos pertencem ao campo público e coletivo mas também mobiliza individualidades e se constitui com as subjetividades. “[...] livres de costumes e de propósitos, podem elevar-se - como Ninon de Lenclos - à mais rara liberdade de espírito.” (BEAUVOIR<sup>7</sup>, 1967, p. 337). Mesmo em uma figura feminina representativa de liberdade, que só poderia ser a partir de uma

---

<sup>7</sup>BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo II: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.



permissão interna e de um conjunto de fatores externos que não fossem hostis e tornassem tal existência impossível, ainda sim, a trajetória das mulheres é contornada pelo medo e preenchida de controles.

Parece que essa ainda é a nossa única saída: controlar. Sem a possibilidade de caminhar livre, seguras, fora de olhares perseguidores nas ruas, controlamos a autenticidade da nossa aparência. Sem a possibilidade de livremente atuar no trabalho, controlamos nossa resposta a uma fala masculina assediadora. Sem a possibilidade de livremente ser atendida em um posto de saúde com segurança, controlamos a nossa dor. Arriscam a nos dar uma ideia de controle, mas nunca de liberdade. Muitas vezes, até o controle, não diz sobre o agir ao que está de fora, mas só sobre o que está dentro.

O que está fora continua ferindo a dignidade humana das mulheres e a ausência das vivências que se relacionam aos direitos sexuais e reprodutivos é instrumento fundamental para a perpetuação de um cenário onde mulheres não são livres. O exercício da sexualidade é vital. O direito de conhecer a capacidade reprodutiva do nosso corpo e, a partir de então, decidir quais as possibilidades que desejamos ou não cultivar, é vital. Os direitos sexuais e reprodutivos se parecem como uma encruzilhada, entre a liberdade e o controle, que já avistamos mas ainda não conseguimos alcançar e nem escolher por nós mesmas que direção tomar.



**A MULHER NEGRA NO BRASIL: ESTÉTICA COMO AGRAVADORA  
DO RACISMO E SEXISMO A PARTIR DA CONCEPÇÃO DE LÉLIA  
GONZALEZ**

*The Black Woman in Brazil: Aesthetics as Against Racism and Sexism from the Conception of  
Lélia Gonzalez*

Francisco Anderson de Castro<sup>1</sup>

Palloma Valéria Macedo de Miranda<sup>2</sup>

Fábio Abreu dos Passos<sup>3</sup>

**RESUMO**

Este estudo tem como objetivo geral discorrer de forma sucinta e crítica sobre os principais desafios enfrentados pelas pessoas negras, em especial as mulheres, na sociedade brasileira. E como objetivos específicos, analisar, a partir da concepção do feminismo, as problemáticas que englobam o racismo, sexismo, democracia racial, estética do racismo e como estes também acabam servindo de base para o justificar o epistemicídio da intelectualidade negra feminina, no qual esses desafios são herdados de opressões do colonialismo imposto ao território brasileiro. Com isso, dissertaremos também a respeito de diversas categorias dessas opressões, e como elas se relacionam ao cenário político cultural brasileiro e de que maneira essas opressões atingem, em específico, os corpos das mulheres negras, que sofrem um processo constante de epistemicídio e sexualização extrema. Por fim, este trabalho tem como apoio teórico o pensamento da filósofa Lélia Gonzalez, que percebe na criação de um espaço de beleza negra feminina, que suas vozes podem ser ouvidas e sua filosofia exaltada. Não obstante, o texto também contém como suporte teórico complementar análises de autoras como Bell Hooks, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo. Racismo. Sexismo. Democracia racial. Estética. Epistemicídio. Filosofia.

**ABSTRACT:**

This study aims to discourse succinctly and critically on the main challenges faced by black people, specially women, in Brazilian society. Also, this study aims to analyze, from the conception of feminism, the issues that involves racism, sexism, racial democracy, aesthetics of racism, and how all of this are used as excuses to justify the epistemicide of black female intellectuality, in which these challenges are inherited from oppression of colonialism imposed on the Brazilian territory. In the perspective, we will also dissected about several categories oppressions, and how they relate to the Brazilian cultural political scenario and how do these oppressions specific to the bodies off black women, who suffer a constant process of epistemicide

<sup>1</sup> Graduando de Filosofia da Universidade Federal do Piauí. E-mail: [andersoncastroacademic@gmail.com](mailto:andersoncastroacademic@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda de Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: [pallomavaleria10@hotmail.com](mailto:pallomavaleria10@hotmail.com)

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Filosofia da UFPI. E-mail: [fabiopassos@ufpi.edu.br](mailto:fabiopassos@ufpi.edu.br)



and extreme sexualization. Finally this work has a theoretical support in the studies of Lélia Gonzales, who perceives in the creation of a female black beauty space, where their voices can be heard and their philosophy can be praised. In addition, the text also contains a complementary theoretical support in Bell Hooks, Djamila Ribeiro and Sueli Carneiro.

**KEYWORDS:** Feminism. Racism. Sexism. Racial democracy. Aesthetics. Epistemicide. Philosophy.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo analisar o papel da mulher negra na sociedade brasileira e refletir sobre o conceito de estética racial a partir da perspectiva de Lélia Gonzalez. Assim, a análise busca também demonstrar que através do pensamento da filósofa é possível que o problema étnico-racial presente na sociedade seja analisado a partir de suas raízes filosóficas. Não apenas no Brasil, mas em diversos países que ainda possuem um sistema que privilegia certas etnias da mesma forma que traz opressão a outras, também se configura como um problema estético.

Para tal constatação, é necessário analisar seus escritos sobre cultura e sociedade brasileira, as quais são interpretadas como uma *América*, que se trata de uma junção do nome de dois continentes: a América. Na qual, grande parte da população negra se encontra, nos dias de hoje, e a África, lugar de origem dessa população e maior colaborador cultural para a formação da América Latina. Devido à significativa influência da cultura dos povos negros, que apesar de possuírem esse local de efetivador e criador de boa parte desses elementos culturais e tradições, se apresentam como um não significante na cultura brasileira. Com isso, será necessário traçar também as contribuições das mulheres negras para a cultura brasileira e, sobretudo, as formas de conhecimentos produzidos por elas desde a escravidão até os dias atuais, visto que suas formas de resistência contra a escravidão também tiveram um grande impacto no que diz respeito à formação dos valores e cultura do Brasil.

Diante disso, será travada ainda uma discussão sobre as principais consequências da escravidão para as mulheres negras, destacando as formas como as opressões sofridas no período colonial ainda permeiam nos dias atuais, ou seja, será refletido como as consequências da escravidão ainda reverberam na contemporaneidade. Destaca-se como as condições sociais, elementos da tradição filosófica e artística, levaram a uma desvalorização estética dos corpos negros e de seus elementos culturais com um teor negativo, o que traz uma criação racista e uma exclusão estética dos corpos negros da arte



e da sociedade.

Ademais, será necessário também trazer à tona conceitos como epistemicídio, ao passo que este atravessa a produção intelectual de mulheres negras como mais uma forma de violência contra o povo negro, em essencial, à figura feminina negra, em suma, o epistemicídio pode ser compreendido como uma violência epistêmica. Este conceito refere-se ao apagamento ou ocultação de saberes gerados por povos considerados estranhos pelo sistema hegemônico e tem como base de sustentação a hierarquização dos saberes, superiorizando uma minoria intelectual, em detrimento da inferiorização da intelectualidade de um povo que não se enquadra no padrão social branco e patriarcal (CARNEIRO, 2005).

Assim, será fundamental evidenciar as contribuições culturais e intelectuais das mulheres negras, para demonstrar que estas sempre produziram saberes ao longo da história e que estes conhecimentos estão intrinsicamente ligados à construção histórico-social do Brasil. No entanto, estes saberes foram invisibilizados ao longo da história, pois é possível dizer que, no Brasil, as formas de conhecimento que são consideradas válidas são aquelas que seguem o padrão branco, patriarcal e europeu, colocando as outras epistemes à margem, e isso ainda ocorre, essencialmente, pelo fato de o Brasil ser um país colonizado pelos portugueses. Não obstante, será importante fazer alusão também aos conceitos de democracia racial e estética do racismo, para demonstrar como se dá a distorção e a negatividade da imagem da mulher negra na sociedade brasileira. Deste modo, é essencial considerar que os termos racismo, sexismo, estética racial e epistemicídio se entrelaçam no decorrer do estudo.

Para uma tentativa de ressignificação dessas ideias é proposto uma valorização da estética negra que leve a um reconhecimento cultural que pode servir como primeiro passo. A exaltação desta cultura como um agente norteador se assemelha à postura do filósofo moderno alemão Friedrich Schiller. Devido à maneira abertamente descolonial de se abordar as temáticas de emancipação dos povos latinos, a mera citação a um pensador de cultura europeia pode causar as mentes mais desavisadas, ou que compreenderam o debate de maneira superficial, a apontar um nível de incoerência na argumentação aqui exposta. Tal visão se torna equivocada, pois a referência a um pensador base da filosofia não é tratada como um ato colonial, pois sempre foi buscada uma complementação e



adaptação do pensador ao contexto filosófico/social da América Latina e ao fato de em nenhum momento ser uma invalidação do pensamento de Lélia Gonzalez, mas sim uma mera complementação aos seus escritos.

### **O PAPEL DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA: DO COLONIALISMO À CONTEMPORANEIDADE**

De acordo com Gonzalez (2020), nos reinos e impérios africanos as mulheres eram tratadas com grande respeito e, com isso, em muitos dos territórios africanos de onde vieram chegavam até mesmo à participação política. Tal argumento pautado pela filósofa permite levantar os seguintes questionamentos: qual o papel da mulher negra na sociedade brasileira? A escravidão influenciou diretamente no posicionamento da mulher na família e na comunidade? Quais os obstáculos que elas enfrentaram e ainda enfrentam para se estabelecer tanto socialmente quanto no mercado de trabalho após a escravidão? Pois, ao serem retiradas de seu país de origem para serem escravizadas, deixaram de ser respeitadas como seres humanos, ficando reclusas a qualquer tipo de direito.

No que se refere ao papel das mulheres negras no Brasil, é possível dizer que estas, ainda nos dias atuais, enfrentam dificuldades para se estabelecer socialmente. Isso ainda ocorre devido a uma série de estereótipos que lhes são atribuídos, sejam estes em relação à imagem depreciativa que muitas vezes lhe é dada, seja pela superexploração ou alienação a que ela está submetida. Porém, é necessário ressaltar que a mulher negra, ainda no período colonial, teve uma fundamental contribuição para a formação dos valores e saberes da sociedade brasileira, sobretudo por meio de suas formas de resistência contra a opressão.

No entanto, este fato muitas vezes não é levado em consideração, porque pode-se afirmar que por muito tempo houve, e de certa forma ainda há, o epstemicídio<sup>4</sup> dos saberes e das contribuições sociais produzidos e gerados por povos tidos como “estranhos”, e com a mulher negra não foi diferente. Podem ser citadas como grandes exemplos de produções intelectuais e de resistência: Esperança Garcia, Conceição

---

<sup>4</sup> De acordo com Sueli Carneiro, o termo epstemicídio foi criado por Boa Ventura Sousa, para tratar do apagamento e invisibilização dos saberes “estranhos” produzidos por povos que também são considerados “estranhos” pelo restante da sociedade. Pois, os únicos tipos de saberes socialmente aceitos foram aqueles pautados no modelo eurocêntrico, branco e patriarcal (CARNEIRO, 2005).



Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro, etc.

A pensadora e feminista negra Lélia Gonzalez nos dá uma perspectiva muito interessante sobre esse tema, porque criticava a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população. Ou seja, reconhecendo a equação: quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica, conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e assim inviabilizando outras experiências do conhecimento (RIBEIRO, 2019, s.p.).

Nessa perspectiva, Ribeiro (2019) explicita que quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, na medida em que o conhecimento científico considerado válido é pautado na explicação epistemológica eurocêntrica, que legitimou a hierarquização dos saberes, estruturando o modelo eurocêntrico patriarcal como conhecimento dominante e invisibilizando outras experiências epistêmicas. Assim, é possível dizer que tal modelo constitui a base dos conhecimentos científicos-filosóficos que tomaram como sustentáculo, sobretudo, a concepção do pensamento dos filósofos da Grécia Antiga e moldando, com isso, toda a configuração de saberes. Dessa maneira, o modelo científico passou a valorizar a categoria epistêmica branca e patriarcal, constituindo-se a partir de bases excludentes, não apenas no que se refere ao gênero, mas também à raça, impregnando, por consequência, tanto uma dominação de saberes, quanto também de discursos, gerando, então, o epistemicídio.

Com isso, é possível ressaltar que na própria categoria epistêmica instalou-se relações de poder, em que os conhecimentos que não se enquadram em determinado padrão são apagados da história e os sujeitos responsáveis por “gerarem conhecimentos estranhos” são constantemente silenciados. E para se ter compreensão do quão este processo é profundamente enraizado, é cabível ressaltar que a filosofia africana é, até os dias presentes, constantemente diminuídas e invisibilizada, sendo que desde os primeiros tempos o Egito já compartilhava do conhecido “amor pela sabedoria”, então pode-se considerar que não cabe dizer que filosofia foi criada por um povo ou outro, por isso, segue-se que:

[...] O Livro dos Mortos era uma espécie de manual colocado junto das múmias com instruções e feitiços que os falecidos poderiam usar no mundo dos mortos. Por meio dele conhecemos coisas importantes da cultura kemética. Ideias originais que ainda não haviam sido exploradas por nenhum povo da humanidade. Entre elas: A preparação para a morte como a parte mais



importante da vida; A ideia da imortalidade da alma; A ideia de separação do corpo/mente; A classificação de vários tipos de mente em um mesmo indivíduo; Princípios éticos e morais; A ideia da correlação entre Justiça e Verdade. Além das obras religiosas, temos outra fonte poderosa de acesso ao pensamento egípcio. Está exposto da literatura sebayt, um gênero literário com ensinamentos e instruções éticas, políticas e metafísicas sobre como governar com sabedoria e como viver bem. Não diferente dos livros sapienciais dos judeus, aos quais provavelmente deu origem. Estas obras eram um gênero literário que tinha como objetivo a instrução de filhos de faraós, escribas, vizires e demais membros do alto-escalão da realeza faraônica. Vamos ver vários exemplos de literatura sebayt mais para frente nesse livro. Estes são apenas alguns indícios de que o amor pela sabedoria não foi simplesmente inventado por este ou aquele povo, mas é parte da própria natureza humana. Nesse sentido podemos dizer que desde que humanidade existe, existem os filósofos. Esta é uma verdade, mas é verdade também que a filosofia africana é a mais antiga tradição do pensamento de que temos notícia (Tamosauskas, 2020, p. 11-12).

Então, seguindo essa linha de pensamento, no que tange a um contexto brasileiro, é possível ressaltar que a intelectualidade da mulher negra enfrenta ao longo da história obstáculos que dão- se através do racismo e do sexismo, pautados na ideologia do braqueamento, em que apenas o homem branco é constituído como o ser intelectual, dito de outro modo, a estética termina por constituir-se como fator primordial para definir o “local social” do povo negro e aqueles que são “seres racionais”, cabe ressaltar que esta estética também é afetada pelos fatores raciais/ sexistas, ou seja, a estética transforma-se em dispositivo de exclusão. Estes aspectos contribuem para ocultar os saberes de mulheres negras e, conseqüentemente, para silenciar seus discursos, ao passo que a própria história não demonstra as contribuições de saberes produzidos por elas através, sobretudo, de suas resistências no período da escravidão. Deste modo, Lélia Gonzalez frisa que tais conhecimentos tiveram um impacto construtivo no caráter social brasileiro, influenciando e moldando a cultura brasileira e sua construção linguística (GONZALEZ, 2020). Entretanto, os estigmas gerados pela hierarquização epistêmica, acabam sobrepondo-se a estes fatos. Por exemplo, uma das formas de ocultar as mulheres negras do meio intelectual e político ocorre por meio da acusação de serem “aficionadas por políticas identitárias”:

Acusar-nos de “aficionados por políticas identitárias” é um argumento falacioso, isto é, quando se quer como dado aquilo que se deseja provar, pois o objetivo principal ao confrontarmos a norma não é meramente falar de identidades, mas desvelar o uso que as instituições fazem das identidades para oprimir ou privilegiar. O que se quer com esse debate, fundamentalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas



identidades. Logo, não é uma política reducionista, mas atenta-se para o fato de que as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimentos de outros (RIBEIRO, 2019, s.p.).

Não obstante, Sueli Carneiro (2005) considera que o epistemicídio tem como uma de suas principais bases de fundamentação, duas formas de sequestro da razão. A primeira provém da negação da racionalidade do Outro, do considerado estranho, negando-lhe a humanidade e atribuindo a incapacidade de aprender. E a segunda provém da assimilação cultural que em alguns casos são impostas. Com isso, a filósofa considera que a destituição da capacidade racional, inferiorização, etc. apenas “[...] afirma uma Razão racializada, que hegemoniza e naturaliza a superioridade europeia [...]” (CARNEIRO, 2005, p.99). Isso é, a partir do conceito de epistemicídio, pode-se compreender que o ideal de ser humano racional afirma e naturaliza a superioridade europeia na medida em que aqueles que não se enquadram em seus padrões são considerados naturalmente incapazes de raciocinar, sendo intelectualmente inferiores.

A partir disso, torna-se essencial analisar a situação da mulher enquanto escrava. Gonzalez (2020) constata que, embora em termos quantitativos o elemento masculino escravizado prevaleça, o sistema, ainda assim, não suavizou o trabalho da mulher negra. A pensadora pontua que o trabalho da escrava pode ser encontrado nas duas categorias de Freitas, que se disseminam como a trabalhadora do eito e a mucama (FREITAS *apud* GONZALEZ, 2020). Compreender a situação da mulher negra no período da escravidão é necessário para delinear a trajetória delas enquanto sujeitos efetivos que moldaram o caráter da cultura brasileira, explicitando tanto a superexploração física, sexual, quanto intelectual. Por tanto, é necessário demonstrar as consequências e estigmas que ainda permeiam não apenas o corpo negro feminino, mas também como isso contribui diretamente na invisibilização da mulher negra enquanto sujeito intelectual.

## **EXPLORAÇÃO FÍSICA E SEXUAL: A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA E A PRODUÇÃO DE SABERES NO PERÍODO COLONIAL**

Segundo Lélia Gonzalez (2020), escrava do eito era submetida ao trabalho físico, trabalhando de sol a sol, insuficientemente alimentada e, muitas vezes, quando se



encontravam grávidas, chegavam a cometer suicídio para que seus filhos não tivessem o mesmo destino delas. Por outro lado, a mucama era responsável por manter o bom andamento da casa-grande. As tarefas realizadas pela mucama eram: passar, lavar, fiar, tecer e amamentar os filhos de suas “sinhazinhas” Ademais, ainda eram submetidas às investidas sexuais do senhor branco, que muitas vezes “autorizava” e convidava” parentes a iniciarem suas vidas sexuais com as mucamas mais atraentes. “Após o trabalho pesado na casa – grande, cabia-lhes também o cuidado dos próprios filhos, além da assistência aos companheiros chegados das plantações, engenhos, etc. quase mortos de fome” (GONZALEZ,2020, p. 53). A partir desse ponto de vista cabe acrescentar que “[...] enfim, a divisão do trabalho por sexo se consolidou na colônia, fortalecendo a dupla opressão da mulher: do sexo e de classe. “O machismo e a exploração econômica serviram ao sistema global de dominação patriarcal e de classe” (TELES,1999, p.21).

De acordo com Gonzalez (2020), após a abolição, ainda nos primeiros tempos de liberdade e de “Cidadãos iguais perante a lei”, o trabalho da mulher negra duplicou à medida que esta passou a ser o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Com isto, elas passaram a precisar se dividir entre o trabalho na casa da patroa e as obrigações familiares. Nos dias atuais, este fato ainda ocorre e a opressão ainda continua e, com isso, o racismo passou a ditar a forma como as empregadas domésticas negras são tratadas e excluídas.

[...] Antes de ir ao trabalho havia que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimento para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas das filhas mais velhas no cuidado dos mais novos. Acordar as três ou quatro horas da madrugada para “adiantar os serviços caseiros” e estar as sete ou oito horas na casa da patroa até a noite, após ter servido o jantar e deixado tudo limpo (GONZALEZ, 2020, p. 40).

Para tanto, é importante ressaltar que apesar das opressões vivenciadas na escravidão, as mulheres negras sempre compartilharam de formas de resistências, visto que as trabalhadoras do eito estimulavam seus companheiros para a fuga e revolta, o que foi de essencial importância para a formação dos quilombos. A mucama, por sua vez, deu origem à mãe-preta, que cuidava e educava os filhos dos seus senhorios, o que acarretou em uma ligação direta com as crianças brancas, em termos de primeira infância.

Gonzalez (2020) considera que a primeira infância é fundamental na formação psíquica de qualquer pessoa. Então, a mãe preta e o pai João, contando suas histórias



sobre a mula-sem-cabeça e outras figuras do imaginário popular, deram origem ao que a autora descreve como “resistência-passiva”. Aqui se pode compreender a influência e o papel da mulher negra ainda no período colonial e que tal ascendência perpassa até os dias atuais, pois foi com suas histórias que a mãe-preta e o pai João criaram uma espécie de “romance-familiar” que teve uma importância fundamental na formação de valores e crenças, influenciando diretamente no espírito popular brasileiro. Nessa concepção, é possível compreender que:

Lélia Gonzalez evidenciou as diferentes trajetórias e estratégias de resistências dessas mulheres e defendeu um feminismo afrolatinoamericano, colocando em evidência o legado de luta, a partilha de caminhos de enfrentamento ao racismo e sexismo já percorridos. Assim, mais do que compartilhar experiências baseadas na escravidão, racismo e colonialismo, essas mulheres partilham processos de resistências (RIBEIRO, 2019, s.p.).

Desse modo, a hierarquização racional acarreta na superiorização intelectual de um povo em detrimento de outro, ocasionando de forma particular, no que se refere à história da mulher negra no Brasil, o ocultamento e a exclusão de seu importante papel na construção da sociedade brasileira, e, em certa medida, tornando irrelevante às opressões sofridas por elas no período colonial. Ademais, é possível compreender que a invisibilização da história da mulher negra e a inferiorização de seus saberes são grandes responsáveis por fortalecer a ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial, visto que a mestiçagem é utilizada para defender que no Brasil não existe racismo pelo fato de ser um país miscigenado (GONZALEZ, 2020).

Entretanto, este mito apenas mascara o racismo, tornando-o implícito. Um exemplo de racismo mascarado é a maneira “suave” que a história da mulher negra é apagada, no Brasil. Assim, todos esses fatores também podem ser compreendidos como dispositivos chave do epistemicídio, que gera uma violência simbólica sobre o corpo negro feminino e suas epistemes. “Como acontece com todos os mitos, o da democracia racial oculta mais que revela, especialmente, no que diz respeito à violência simbólica contra as mulheres afro-brasileiras [...]” (GONZALEZ, 2020, p.165). Ao apenas afirmar que no âmbito social brasileiro não existe racismo por ser um país miscigenado, a exploração sexual que deu origem a essa miscigenação é ocultada. Desse modo, a autora destaca que “[...] numa sociedade onde o racismo e o sexismo, enquanto fortes sustentáculos da ideologia de dominação fazem dos negros e das mulheres cidadãos de



segunda classe, não é difícil visualizar a terrível carga de discriminação a que está sujeita a mulher negra” (GONZALEZ, 2020, p.165).

A história brasileira, além de ser dominada pela supremacia branca patriarcal, gerou sobre as mulheres negras estereótipos racistas e sexistas que não apenas violentam seu corpo, mas também inferioriza sua intelectualidade e determina seu lugar na sociedade. Assim, a história não apenas desconsiderou a mulher negra enquanto sujeito efetivo da sociedade brasileira, como também fortaleceu o ideal de que elas não pertencem à categoria feminina. Eis que a ideologia do branqueamento apenas a considera como uma Mulher propriamente dita, quando seus traços se aproximam do padrão feminino branco e quando elas se comportam como uma “mulher branca” (GONZALEZ, 2020). Outrossim, têm-se uma relação direta entre epistemídio, racismo e sexismo, em que estes dois últimos se constituem como fatores determinantes do racismo intelectual, no que diz respeito a mulher negra.

#### **MULHER NEGRA E MOVIMENTO FEMINISTA: IDEAL DE RACIONALIDADE E DE FEMINILIDADE COMO MECANISMOS DE SILENCIAMENTO**

Na contemporaneidade, o movimento social negro vem desempenhando um importante papel na luta antirracista e isso se deu, segundo Lélia Gonzalez (2020), devido ao desenvolvimento e à expansão dos movimentos sociais na metade dos anos de 1970, que propiciaram a mobilização e a participação de amplos setores, no que tange à reivindicação de seus direitos e de uma intervenção política mais direta. Com isso, o feminismo também passou a ganhar força e o feminismo negro surge no interior do movimento negro.

Gonzalez (2020) aponta que o desenvolvimento do feminismo negro se tornou necessário pelo fato de que o movimento feminista, que muitas vezes era liderado por mulheres brancas de classe média, acabava se esquecendo da questão racial. Assim, “[...] elas entraram para o movimento apagando e negando a diferença, sem pensar em raça e gênero juntos, mas eliminando raça do cenário. Priorizar gênero significou que mulheres brancas podiam assumir o palco, dizer que o movimento era delas, mesmo ao convocar todas as mulheres para aderir [...]” (HOOKS, 2018, s.p.).

Nessa perspectiva, isso pode ser compreendido como mais uma demonstração das raízes históricas e culturais, em que até mesmo a expressividade, a personalidade e a



forma das mulheres negras se comportarem nos debates, ganharam estigmas negativos, sendo consideradas até mesmo como agressivas. A partir disso, é necessário frisar que Lélia Gonzalez (2020), também reflete sobre a ausência de mulheres negras no feminismo hegemônico, criticando a insistência das intelectuais ativistas em reproduzirem apenas um feminismo europeu, sem dar a devida importância à realidade dessas mulheres em países colonizados (RIBEIRO, 2019). Dessa maneira, Gonzalez (2020) considera que apesar dos movimentos feministas terem sido de suma importância e fornecerem grandes contribuições para a discussão da discriminação com base na orientação sexual, ele terminou deixando de lado a discriminação racial. Deste modo, acabou anulando o fato de que ser mulher negra, principalmente no Brasil, significa sofrer tripla discriminação, originados pelo racismo e pelo sexismo.

A exclusão da mulher negra do movimento feminista e o descaso deste em relação às opressões sexistas/raciais decorrem, em essencial, da universalização do “modelo feminino” ou “essência feminina”, que tinha como base o ideal de feminilidade<sup>5</sup>. Este ideal, que foi formulado a partir de percepções masculinas e reproduzindo por mulheres brancas feministas, acabou não apenas interferindo na vida político-social das mulheres negras, mas, sobretudo, impondo consequências também no meio intelectual. Dessa maneira, a feminilidade não apenas é mais um fator determinante do epistemicídio, mas também contribuiu para a exclusão dentro do próprio movimento feminista. Ademais, em conjunto com a ideologia do branqueamento, este ideal feminino acaba ditando a figura da mulher, não levando em consideração as mulheres negras. “[...] Uma mulata deve ter delicados traços brancos se espera sucesso garantido, o que é preciso dizer, não é fácil de encontrar, observa Ilan Amaral. Em sua opinião, mesmo se a mulata não tiver um nariz fino e lábios bem desenhados, ela pode ser destacar no palco e ser invencível em sua

---

<sup>5</sup> Os preceitos acerca do corpo e da intelectualidade feminina constituídos ainda na Grécia Antiga, acabaram dando respaldo para fortalecer os preconceitos contra a mulher. Isso, no séc. XIX, levou à constituição da ideia de essência feminina, ou seja, a *feminilidade*. Este fator acabou fortalecendo as concepções negativas acerca da mulher, em que somente as mulheres consideradas frágeis e com inclinação para o casamento eram as mulheres brancas, pertencentes à classe burguesa. Aquelas que não se enquadravam no padrão feminino eram submetidas a opressões físicos-sexuais. Sob essa ótica, “a falta de feminilidade” era utilizada como justificava para assédios sexuais, por parte dos homens. E foi o posicionamento excludente da primeira onda do movimento feminista que levou Sourjourner Truth, uma escrava liberta, a ser e primeira mulher a questionar o ideal de feminilidade e as controvérsias do discurso feminista. “Não sou eu uma mulher? Olhe para mim! Veja meu braço! Já manejei o arado, já plantei, já guardei a colheita nos seleiros, e nenhum homem conseguia chegar na minha frente! Não sou eu uma mulher? [...] (TRUTH *apud* BARCELLA; LOPES, 2018).



profissão se “aprender a ser como uma mulher” (GONZALEZ, 2020, p. 169).

Dessa forma, o modelo de ser humano racional, em conjunto com o modelo de feminilidade, podem ser considerados como os principais instrumentos que contribuíram para excluir dos campos públicos e invisibilizar conhecimentos, restringindo e oprimindo quem não fazia parte da supremacia branca patriarcal. Nessa concepção é possível compreender tanto a opressão relacionada ao corpo negro feminino, quanto à intelectualidade, em que seu corpo sempre se sobrepõe a sua intelectualidade. Em outras palavras, os estigmas que recaem sobre a aparência da mulher negra acabam invisibilizando-as do campo intelectual. Por conta disso, ocorre uma exaltação sexualizada em relação ao seu corpo, o que acaba distorcendo sua intelectualidade à medida que apenas seu corpo é “exaltado”, mas sua mente não. Tem-se como consequência a reclusão da mulher negra de âmbitos públicos e o agravamento da dificuldade para que elas consigam estabelecer-se como corpos políticos.

[...] Do mesmo modo, nós, mulheres e não brancas, somos convocadas, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza. Ao nos impor um lugar inferior dentro de sua hierarquia (sustentada por nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade precisamente porque nos nega o direito de ser sujeitos não apenas de nosso próprio discurso, mas de nossa própria história. Não será necessário dizer que, com todas essas características, estamos nos referindo ao *sistema patriarcal-racista*. Consequentemente, o feminismo consigo mesmo não pode enfatizar a dimensão racial (GONZALEZ, 2020, p. 141).

Além disso, a universalização do modelo epistêmico, e da feminilidade, pautados sob a perspectiva do eurocentrismo, acabou acarretando também no privilégio do discurso, no qual mulheres negras foram e ainda são constantemente silenciadas pela sociedade hegemônica. Isso ocasiona no silenciamento dessas mulheres no centro dos debates feministas. E é nessa perspectiva que Lélia Gonzalez (2020) irá chamar atenção para a forma que o feminismo perpetuou, durante muito tempo, o racismo. Tal reprodução se deu tanto ao silenciar as mulheres negras, dando preferência aos discursos de mulheres brancas, quanto ao deixarem de lado as opressões racistas/sexuais. Assim, a filósofa destaca que o tipo de racismo propagado pelos movimentos feministas era o denominado racismo por omissão. “[...] Surge, por tanto, a pergunta: como podemos explicar esse “esquecimento” por parte do feminismo? A resposta, em nossa opinião, está no que alguns cientistas sociais caracterizam como racismo por omissão, cuja as raízes, dizemos, estão



em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista” (GONZALEZ, 2020, p.141).

Desse modo, ao se levar em consideração a hierarquização dos saberes, cabe ressaltar que ser mulher negra no meio intelectual também pode significar sofrer tripla discriminação. Sob essa ótica, “as forças do racismo e do machismo frequentemente fazem com que a experiência da mulher negra pós-graduanda difira da experiência do homem branco”. (HOOKS, 2019, p. 134). Nesse sentido, a autora destaca que as combinações entre machismo e racismo moldam a trajetória da mulher negra intelectual, principalmente no que diz respeito ao meio acadêmico, tornando-se fios condutores que passam a medir tanto seu desempenho acadêmico quanto a empregabilidade destas neste campo (HOOKS, 2019).

Com isso, o sexismo e o racismo passam a discernir a intelectualidade da mulher. Ou seja, a filósofa americana atribui que é o conceito ocidental sexista/ racista que determina quem é o sujeito dotado de capacidade racional e o que é considerado válido intelectualmente. Esse conceito ocidental também busca eliminar qualquer possibilidade do reconhecimento de que mulheres negras também compõem uma representatividade de uma vocação intelectual. Tal prerrogativa do que compõe os saberes socialmente válidos ligam a mulher negra apenas ao seu corpo, e não ao pensar (RIBIERO, 2019). Nisso, a sociedade dita o lugar da mulher negra através de sua aparência e, com isso, a conceituação eurocêntrica do que vem a ser um indivíduo intelectual faz com que o caminho de mulheres negras intelectuais se torne cada vez mais árduo.

E o conceito ocidental sexista/racista de quem e o que é um intelectual, elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar as mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar interdito. Como nossas ancestrais do século XIX só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural orgânica mais próxima da natureza animalística e primitiva [...] (HOOKS, 1995, p. 468).

Assim, cabe dizer que o sexismo e a estética racial acabam influenciando e fortalecendo a ideia de inferioridade da mulher negra, também no âmbito intelectual.



Então, diante disso, é cabível levantar a seguinte questão: a invisibilização/ocultamento da intelectualidade de mulheres negras também ocorre em prol da sexualização de seus corpos? Bell Hooks (1995) pontua que as mulheres negras têm sido historicamente consideradas apenas corpo, sem mente. Nessa concepção, é possível dizer que muitas identidades têm sido silenciadas e desautorizadas historicamente no que se refere ao sentido epistêmico. Deste modo, qualquer forma de conhecimento que não se enquadre no modelo epistêmico é considerada estranha e socialmente ameaçadora, em que os argumentos que colocam em dúvida a intelectualidade da mulher negra sempre têm como ponto de partida a aparência dela.

Essa insistência em não se perceberem como marcados, em discutir como as identidades foram forjadas no seio de sociedades coloniais, faz com que pessoas brancas, por exemplo, ainda insistam no argumento de que somente elas pensam na coletividade; que pessoas negras, ao reivindicarem suas existências e modos de fazer político e intelectuais, sejam vistas como separatistas ou pensando somente nelas mesmas. Ao persistirem na ideia de que são universais e falam por todos, insistem em falar pelos outros, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais (RIBEIRO, 2019, s.p.).

No Brasil, esse marcador é principalmente uma consequência direta do processo de uma ideologia de branqueamento. Mesmo que de maneira imperceptível, o homem branco é tido como o sujeito universal, dotado da racionalidade e às demais populações restam papéis de coadjuvante na história do sujeito racional. “Apesar da seriedade dos teóricos brasileiros, percebe-se que muitos deles não conseguem escapar às astúcias da razão ocidental. Aqui e ali podemos constatar em seus discursos os efeitos do neocolonialismo cultural [...]” (GONZALEZ, 2020, p. 31). Uma das principais consequências deste processo, e uma das ideologias mais vigentes no Brasil contemporâneo, é a democracia racial, fruto direto da ideologia do branqueamento, que gera a ilusão de uma constituição e fundação branca e masculina das raízes brasileiras. Entretanto, é necessário destacar que falar da sociedade brasileira e de seu processo histórico social, é falar também das contribuições que o negro traz a essa sociedade, tendo tais colaborações apagadas por meio de mecanismos que contribuem para silenciar e marginalizar os saberes gerados por estes (GONZALEZ, 2020).

## **DEMOCRACIA RACIAL E A ESTÉTICA DO RACISMO: A MULHER NEGRA COMO OBJETO SEXUAL**

Ainda no período colonial, a superexploração da mulher negra se dava tanto através da mão-de-obra escrava, quanto por violência sexual. Em que, muitas vezes estas foram submetidas a abusos sexuais, em grande maioria por seus senhorios. Ao evidenciar as violências físicas-sexuais a que as mulheres negras foram submetidas no período da escravidão Lélia Gonzalez (2020), destaca que existem duas tendências deológicas que configuram a identidade negra na sociedade brasileira: a democracia racial e a ideologia do branqueamento. Deste modo, “a diferença (se é que existiu), em termos de Brasil, estava no fato de que os ‘casamentos inter-raciais’ nada mais foram do que o resultado da violentação de mulheres negras por parte de uma minoria branca dominante (senhores de engenho, traficantes de escravos, etc.)” (GONZALEZ, 2020, p. 50). Ademais, a partir dessa análise pode-se dizer que essa “miscigenação” é um dos fatores fundamentais que deu origem a um mito que permeia até os dias atuais, ou seja, contribuiu para a formulação do mito da democracia racial<sup>6</sup>.

O efeito maior dessa crença, de acordo com a autora, é a ideia de que não existe racismo no Brasil, por ser um país “miscigenado”. É importante ressaltar ainda que este termo anula diversas violências sofridas pela mulher negra na época da escravidão, principalmente a violência sexual. Em suma, o mito da democracia racial, fortalecido pela ideologia do branqueamento, é um dispositivo utilizado para determinar o lugar da mulher negra na sociedade, e no mercado de trabalho. Tal determinação ocorre de maneira mascarada através dessas ideologias, desse modo, Gonzalez (2020), acentua “[...] branca pra casar; mulata pra fornicar, negra pra trabalhar [...]” (GONZALEZ, 2020, p. 169).

“De um modo geral, a mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação ‘profissional’ doméstica e mulata” [...] (GONZALEZ, 2020, 59). A partir dessa análise é possível compreender que os estigmas gerados na escravidão sobre a mulher negra ainda permeiam nos dias atuais. Desse ponto de vista pode ser identificado duas características: a mulher preta que “só serve” para o trabalho físico e a mulata que é submetida ao trabalho sexualizado (as escolas de samba podem ser citadas como um dos principais exemplos desse tipo de trabalho). “Olha lá aquela passista. Que bunda! E olha como ela mexe o umbigo. Ela deve ser muito boa de cama! Está me enlouquecendo” (GONZALEZ, 2020, 164).

---

<sup>6</sup> Termo utilizado para defender que no Brasil não existe racismo, pelo fato de ser um país miscigenado.



Segundo Lélia Gonzalez (2020), a profissão de mulata é a criação mais recente do sistema hegemônico, e é pautada no sentido de um tipo especial de “mercado de trabalho”. Com isso, a autora considera que o significado da palavra mulata ficou deturpado, deixando de significar “filha de mestiça de preto/a com branco/a” para ganhar um mais moderno “produto de exportação”. Nesse sentido, cabe ressaltar a mulata como categoria própria do Brasil. Nesse caso, a autora pontua que é justamente no Carnaval que o mito da democracia racial atinge o auge de seu impacto simbólico, em que a mulata perde seu anonimato, passando a ser a Cinderela: adorada, desejada e devorada. A mulher negra passa a ser a soberana, a rainha do samba e, nessa perspectiva, a superexploração sexual acaba sendo camuflada e até mesmo entendida como inexistente.

Todavia, é importante ressaltar que a profissão de mulata é pautada sob um processo extremo de alienação imposto pelo sistema. Por esse motivo, as jovens negras, que geralmente são de origem humilde, acabam se submetendo à exposição de seus corpos para o deleite dos turistas e dos representantes da burguesia nacional. Assim, elas passam a creditar que esta forma de trabalho é um meio de ascensão e glamour, e que é a melhor saída do estado de pobreza em que se encontram. Desse modo, elas são manipuladas como objetos sexuais e, sobretudo, como provas concretas da “democracia racial”. Devido a isso, por muitas vezes não atingirem seus objetivos, a maioria acaba se entregando à prostituição aberta.

Assim, a exploração sexual da mulher negra, como objeto sexual é algo que vai além dos estigmas comuns. É possível compreender que isso ocorreu ainda na escravidão e continua acontecendo nos dias atuais, porém de forma mascarada e manipulada. Então, a perspectiva da mulher negra enquanto objeto sexual ainda permeia na contemporaneidade, não somente no período de carnaval, mas também no dia a dia e em outras categorias de empregos e outros âmbitos sociais.

[...] Por exemplo, ainda existem “senhoras” que procuram contratar jovens negras belas para trabalharem em suas casas domésticas; mas o objetivo principal é que seus jovens filhos possam se iniciar sexualmente com elas. (Desnecessário dizer que é que o salário de uma doméstica é extremamente baixo.) Com isso, temos um exemplo a mais da superexploração econômico sexual de que falamos acima, além da reprodução/perpetuação de um dos mitos divulgados a partir de Freyre: o da sensualidade da mulher negra (GONZALEZ, 2020, p. 60).

A partir da análise acima, é considerável afirmar que no que tange ao trabalho



físico submetido à mulher negra, é possível constatar que esta categoria ainda é pautada sob uma ótica de exploração econômica-sexual. A partir dessa perspectiva cabe inserir a ideia da estética do racismo<sup>7</sup> como um dos dispositivos fortalecedores dos estereótipos negativos que recaem sobre a aparência negra feminina. Este termo pode ser apresentado a partir de dois pontos de vista: a sexualização do corpo da mulher negra e a depreciação de sua aparência, no que tange aos campos sociais e do mercado de trabalho, fora dos holofotes do Carnaval. Ou seja, o racismo também pode se dá a partir do preconceito estético e, desse modo, a estética do racismo também engloba o caráter de exclusão e exploração. “[...] De acordo com Márcia Andréia, as candidatas eram rigorosamente examinadas “como se fossem cavalos”. É absolutamente necessário que estejam fisicamente perfeitas” (*Apud* GONZALEZ, 2020, p. 168).

Ao demonstrar mais ainda este estado constante de aprisionamento estético que o povo negro possui, conferindo o local da mulata na cultura brasileira, pode-se presumir que ela nunca ocupa o protagonismo. Ou a mulata é a musa máxima de um autor e nunca a protagonista, ou apenas um mero instrumento narrativo sempre sujeito e nunca objeto. “[...] Quando se analisa a presença da mulata na literatura brasileira e na música popular, sua aparência física, suas qualidades eróticas e exóticas é que são exaltadas” (GONZALEZ, 2020, p. 165).

### **O CORPO NEGRO E O DESCOLONIALISMO: UMA PERSPECTIVA ESTÉTICA DO PENSAMENTO DE LÉLIA GONZALEZ**

Os diversos tipos de opressão que ocorrem nas Américas parecem possuir como elemento central um caráter étnico-racial, que ao mesmo tempo em que passa pelos critérios raciais, ele também parece superá-lo. Por conta disso, algumas formas de discriminação aparentam ser independentes dos elementos atrelados às condições financeiras e econômicas destes grupos. Os indivíduos não brancos presentes no território nacional são sempre vistos com estereótipos e estigmas, tais quais estão: ladrão, incapaz, preguiçoso, naturalmente inferior, e objeto sexual.

---

<sup>7</sup> “[...] Quando nos anúncios de jornais, na seção de ofertas de emprego, surgem expressões tais que ‘boa aparência’, ‘ótima aparência’, etc., já se sabe seu significado: que não se apresentem candidatas negras, não serão admitidas” (GONZALEZ, 2020, 57-58).



Dentre todos, um deles tem certo destaque, que diz respeito à estética do corpo negro de maneira vulgar. Atribui-se a “feiura” a esse agente, que para alguns da sociedade tal característica aparece quase como uma categoria ontológica das pessoas pretas. Obviamente isso vem de fatores interligados ao passado colonial do país e traça um discurso socialmente aceito que aparece como perpetuador e justificador de preconceitos. A categoria estética não permanece isolada, pois este fator possui consequências que chegam a afetar campos sociais e até mesmo de forma a ter uma consequência econômica. Com isso, Gonzalez (2020) explica que a seleção racial, já pode ser notada em anúncios de emprego que muitas vezes exigem “boa aparência”. E a partir disso a autora enfatiza que essa expressão significa “não aceitamos negros, desse modo, a autora afirma que “não é por acaso que 83,1% das mulheres negras e 92,4% dos homens negros se concentram em ocupações ligadas ao trabalho manual não qualificado” (GONZALEZ, 2020, p. 67). A questão da beleza negra, quando vista pelos olhos de uma pessoa inserida neste sistema, tudo e todos que ousam performar e demonstrar algum nível de negritude tende a ser imediatamente reprimido. O europeu parece possuir o monopólio do belo e do bom (ambos nascem filosoficamente na cultura grega como sinônimos), mas para um não branco possuir minimamente essas características, deve travestir-se de saxão, como é visto posteriormente:

Não se trata de um concurso de beleza tipo “miss” isto ou aquilo, o que não passaria de uma simples reprodução da estética da ideologia do branqueamento. Afinal, pra ser “miss” de alguma coisa a negra tem de ter “feições finas”, cabelo “bom” (“alisado” ou disfarçado por uma peruca) ou então fazer o gênero “erótico/exótico”. O que ocorre na escolha de uma Negra Ilê, por exemplo, não tem nada a ver com uma estética europeia tão difundida e exaltada pelos meios de comunicação de massa (sobretudo por revistas tipo “pleibói” ou de “moda”, assim como pela televisão). Na verdade, ignoram-se tranquilamente essas alienações colonizadas, complexadas, não só das classes “brancas” dominantes como também dos “jabuticabas” e/ou dos “negros recentes” (né, João Jorge?) (GONZALEZ, 2020, p. 215).

Segundo Gonzalez (2020), o termo “jabuticaba” é um dos maiores sintomas da situação na qual as populações negras estão inseridas. Ao terem seu corpo, estética, tradições e história, atreladas a fatores negativos, sendo invisibilizados e excluídos, acabam negando a sua própria aparência, buscando uma aproximação ao considerado “modelo de ser humano”. Em outras palavras, nega sua própria origem, ou seja, acabam por absorver os critérios pautados na ideologia do branqueamento, por isso, terminam por aderir à finalidade de enquadrar-se aos padrões da supremacia branca fundamentada em



tal ideologia. Assim, especialmente o ocultamento da história dos povos negros, afeta os sujeitos não-brancos de maneira muito particular e atingem o Ser daqueles que estão inseridos nos cortes minoritários.

Com isso, o termo “jabuticaba” diz respeito a alguém que nunca aceitou sua negritude e busca se justificar por meio de um relacionamento inter-racial, pois, como é impossível alterar sua própria etnicidade, buscam um reconhecimento a partir de uma relação na qual o parceiro é branco. E, com isso, procuram uma autoafirmação impossível de se adquirir em seu interior. Esse conceito é dotado de ironia em sua composição e relata o processo pelo qual um indivíduo acaba por desprezar a própria etnicidade, além de que é cabível a afirmação de que tais sujeitos são vítimas da ideologia e do sistema vigente, que consiste no branqueamento.

É através deste termo que notamos os níveis das questões aqui inseridas. As pessoas não brancas não possuem seus corpos como objeto Belo. E isto acaba gerando uma espécie de fuga e não reconhecimento do seu corpo e de sua identidade como pertencente a esta etnia. Tais tensões demonstram que o problema que envolve raça, racialidade e discriminação vão para além das diversas problemáticas que afetam campos variados, como o político, educacional e até o moral. As questões que envolvem o racismo também podem ser caracterizadas como uma problemática do campo da estética

A área da estética consiste em um importante marca no Ser, e também demarca uma das características mais necessárias relacionadas à prática da filosofia<sup>8</sup>. O papel filosófico da arte é um território particular, até mesmo dentro do fazer filosófico. Isso porque ele não se limita apenas a uma investigação do que é um domínio do racional, também é um debruçar-se sobre os sentimentos e sensibilidades, como é afirmado por Frederich Schiller: “defenderei a causa da beleza perante um coração que sente seu poder e o exerce, e que tomará a si a parte mais pesada de meu encargo nesta investigação que exige, com igual frequência, o apelo não só a princípios, mas também a sentimentos” (SCHIRLER, 1995, p. 23).

Entretanto, compreender que tal campo de reflexão é restrito a uma apresentação e retrato do Belo é equivalente a subestimar o poder desta área essencial e definidora do

---

<sup>8</sup> Através do campo da estética somos capazes de trazer ressignificação a diversos elementos e transmitir as mais variadas sensações.



humano, pois ela também é demarcada, em sua constituição, por um papel emancipador. O mundo atual possui uma extrema necessidade de emancipação da opressão vigente, desde sua descoberta, especialmente em um país no qual tivemos um império com caráter absolutista e uma economia com base na escravidão que só virá seu fim nas vésperas do século XX (GOMES, 2019).

O poder político e o papel social do que diz respeito ao Belo possui um papel determinante em nosso imaginário coletivo. O que é visto como detentor de beleza também assume um papel de protagonista na investigação sobre o mundo. Observando grandes pensadores sobre a importância dessa reflexão, é possível usar o pensamento de Frirderich Schiller, que via a estética como um agente de formação moral e também como um dos fatores deliberativos para que entre os humanos houvesse algo determinante à liberdade:

Não haveria uso melhor para a liberdade que me concedeis do que chamar vossa atenção para o palco das belas-artes? Não será extemporânea a busca de um código de leis para o mundo estético, quando o moral tem interesse tão mais próximo, quando o espírito de investigação filosófica é solicitado urgentemente pelas questões do tempo a ocupar-se da maior de todas as obras de arte, a construção de uma verdadeira liberdade política? (SCHILLER, 1995, p. 25).

A liberdade como um critério estético parece ser compreendido por Gonzalez (2020) à medida que ela percebe que dentro deste ser negro quase nunca existe espaço para uma beleza genuinamente negra, há apenas um tipo de idealização de um objeto sexual do corpo negro. Tal corpo não é digno de amor, de pensar ou mesmo é visto com alguma dignidade. Corpos de pessoas tidas como não brancas são vistas a partir de uma segregação. É que eles não são nem mesmo observados como corpos, dignos de se reproduzirem, são vistos como produtos de entretenimento sexual. Temos como exemplo máximo de idealização deste fato, a figura da mulata. Esta figura é um objeto estético e acima de tudo, uma mercadoria do tipo que Marx (2013) definiria como fetichizada e que acaba transformando pessoas pretas em objetos pessoais freudianos. Este objeto adquire um poder simbólico. No qual se pode perpetuar todos os estereótipos acima e ainda serve como forma de uma falsa emancipação. Este objeto, por ser vinculado à imagem do ser negro, já demonstra qual é a posição do dominante e qual é a do dominado nas estruturas políticas brasileiras, como a filósofa afirma.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Lélia Gonzalez (2020), ser mulher negra no Brasil implica sofrer tripla discriminação (machista, sexual e racial) e o racismo e o sexismo podem ser considerados os fatores determinantes dos preconceitos vivenciados por elas. Não obstante, diante das problemáticas que as mulheres negras ainda enfrentam na contemporaneidade, torna-se necessário ressaltar a importância do feminismo negro e das discussões travadas por esse movimento.

Ademais, Gonzalez (2020) define que, devido a fatores históricos e sociais, a cultura brasileira pode ser considerada como uma cultura Amefricana, em que grande parte dos ritos, imagens e figuras vieram da cultura africana. Em especial a figura das tias e das mães, era exaltada por seu povo, como “personagens” possuidoras de um caráter de proteção e de sabedoria, o que gerou uma maior valorização destas mulheres.

Pode-se dizer que a mulher negra sempre contribuiu para a formação de saberes e crenças na sociedade brasileira. Porém, diante de uma linha histórica marcada por opressão e exploração, tais conhecimentos foram invisibilizados ao longo da história através de fatores excludentes, em que mecanismos de opressão como racismo e sexismo também são utilizados como base de fundamentação do epistemicídio.

Por conta disso, a estética teve e ainda tem um papel determinante neste processo de opressão física-intelectual, à medida que a mulher negra foi constituída ao longo da história como um corpo sem mente. Um corpo que segundo os parâmetros sociais brasileiro, deve voltar-se apenas para o trabalho físico, ou submeter-se à exploração sexual, como é o caso da figura da Mulata. Assim, têm-se uma categorização de opressão e sexualização, não apenas do corpo negro feminino, como também de sua capacidade racional e de suas produções intelectuais, gerando “espanto” quando uma mulher negra ocupa um espaço visualizado como pertencente, apenas a parcela de sujeitos brancos.

Nesse viés, tanto a imagem da mulher negra, quanto sua intelectualidade, e conseqüentemente os saberes gerados por elas, são submetidos a estereótipos negativos à medida que tais estigmas também são utilizados como dispositivos de marginalização e ocultamento desses conhecimentos. Cria-se, então, a “imagem” de que tais saberes são irrelevantes e/ou ameaçadores à dignidade da sociedade brasileira. Por isso, faz-se tão necessário propor análises críticas em relação ao período colonial. E ressaltar, também,



que as formas de opressão em relação aos escravos não se deram apenas fisicamente, mas também de forma epistêmica.

Quando passamos para o campo estético e a exclusão que os corpos negros sofrem, a solução pode partir de uma maior ressignificação artística destes indivíduos e também do seu fazer artístico. É importante ressaltar que isso não significa uma solução simplista em um pedido não pragmático de “mais representatividade”, que é um tema de extrema importância. Contudo, o pedido pode muitas vezes ser interpretado de maneira equivocada ou incompleta já que os detentores do poder, tanto econômico quanto político, e até mesmo o midiático, parecem ignorar qualquer pedido de tal exigência. Ademais não vem acompanhado de algo que sirva como perpetuador de poder ou que resulte em uma multiplicação de seu capital.

A possível solução para tal questão perpassa pela criação e edificação de um modelo que possa valorizar o corpo Negro como uma categoria do Belo, em que suas vozes possam ser ouvidas e seus saberes exaltados. Onde, também pode ser válido para os demais grupos socialmente marginalizados. No local de uma súplica, aqueles que se encontram em posições dominantes ou estão inseridos socialmente em um contexto que os fazem gozar de benefícios que muitas vezes podem até desconhecer, mas afeta diretamente seu cotidiano. Logo, a construção deste local é um lugar de destaque e desta forma causa uma revolução cultural que seria construída de maneira externa, como Gonzalez afirma: “no bojo da revolução cultural, também ocorria uma revolução estética” (GONZALEZ, 2020, p. 215). Ou seja, cultura e estética também são uma revolução política.

A autora também ressalta que esta estética deve ser um ato descolonial, pois precisa exaltar os elementos da negritude para que assim haja uma ressignificação do conceito do Belo, em que, finalmente, o elemento racial não exista como um fator de pejorativo, da mesma forma que aconteceu na Noite da Beleza Negra em 1971<sup>9</sup>. Tal perspectiva já foi, em certo nível, posto em prática. Essa concepção de beleza, como um ato descolonial e revolucionário, pode em um nível individual, empoderar e consagrar os

---

<sup>9</sup> Jovens negras lindas, lindíssimas, dançando ijexá, sem perucas ou cabelos ‘esticados’, sem bunda de fora ou máscaras de pintura, pareciam a própria encarnação de Oxum, a deusa da beleza negra... E foi por aí que surgiu a ideia de instaurar a Noite da Beleza Negra, visando marcar anualmente todo um processo de revalorização da mulher negra, tão massacrada e inferiorizada por um machismo racista, assim como por seus valores estéticos eurocêntricos (GONZALEZ, 2020, p. 215).



indivíduos excluídos. E a nível coletivo, pode trazer uma melhor percepção social com relação à imagem de pessoas negras, pois estas estão incluídas no conceito de belo e possuirão sua cultura devidamente valorizada. Para finalizar, vale uma citação da autora, que define: “Noite da Beleza Negra é um ato de descolonização cultural” (GONZALEZ, 2020, p. 216).

## REFERÊNCIAS

- BARCELLA, Laura; LOPES, Fernanda. **Lute como uma garota: 60 feministas que mudaram o mundo**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2018.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamentado ser**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2005.
- GOMES, Laurentino. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de zumbi dos palmares**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo latino americano**. Editora ZAHAR, 2020.
- HOOKS, Bell. **Negras Intelectuais**. Tradução de Marcos Santarrita, 1995.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 2018.
- HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Ed. Polén, 2019.
- SCHILLER, Friedrich. **A Educação Estética do Homem**. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- TAMOSAUSKAS, Thiago. **Filosofia Africana: Pensadores africanos de todos os tempos**. Ed. UNKNOWN, 2020.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do feminismo no Brasil**. Ed. Brasiliense, São Paulo- SP. 1999.



## A MATERIALIZAÇÃO DOS CORPOS NA CONCEPÇÃO DE JUDITH BUTLER: O PARADIGMA DA GLOBALIZAÇÃO

*The materialization of bodies in Judith Butler: the paradigm of globalization*

Janiel Ferraz Souza<sup>1</sup>

### RESUMO

O seguinte trabalho tem como objetivo retratar a materialização dos corpos na concepção de Judith Butler, a partir da influência de Michael Foucault e como isso se dá contemporaneamente. O texto *Corpos que importam – os limites discursivos do sexo* (2019), retrata todo o movimento em torno da materialização do corpo através do pensamento de Butler, e das relações de poder perpetuadas historicamente por meio de discursos restritivos e normalizadores sobre os corpos. Será abordado também como a tradição filosófica influenciou nesse processo. Veremos como isso tudo reflete na materialização dos corpos atualmente a partir de um cenário globalizado, pois sempre houve, ao longo da história, um movimento de abstração do mundo real, no qual esqueceu-se de pensar a partir das vivências sociais dos próprios sujeitos, tendo em vista que todo o corpo estrutural da filosofia foi desenvolvido no continente europeu, onde os autores tinham claramente uma definição de subjetividade e de indivíduo, sendo o homem branco, e com direcionamento ao aspecto racional, desde a Grécia antiga, até o movimento iluminista. As mulheres, o povo negro, os LGBTQIAPN+ e deficientes fugiam desse padrão estabelecido na época, dessa forma, eram invisíveis à reflexão e estavam colocados como abjetos. Torna-se importante pensarmos o processo de materialização a partir de novos prismas, como a globalização por exemplo. Esses são alguns fatores que refletem e refletirão no processo de materialização dos corpos e na construção de subjetividades hodiernamente, assim como no futuro.

**Palavras-chave:** Judith Butler; Michael Foucault; Corpo; Materialização.

### ABSTRACT

The following work aims to portray the materialization of bodies in Judith Butler's conception, from the influence of Michael Foucault and how this happens contemporaneously. The text *Bodies that matter – the discursive limits of sex* (2019), portrays the entire movement around the materialization of the body through Butler's thought, and the power relations historically perpetuated through restrictive and normalizing discourses about bodies. It will also be discussed how the philosophical tradition influenced this process. We will see how this all reflects on the materialization of bodies today from a globalized scenario, as there has always been, throughout history, a movement of abstraction from the real world, in which people forgot to think from the social experiences of the subjects themselves, bearing in mind that the entire structural body of philosophy was developed on the European continent, where the authors had a clear definition of subjectivity and the individual, being the white man, and with a focus on the rational aspect, from ancient Greece to the Enlightenment movement. Women, black people, the LGBTQIAPN+ and

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI, Bolsista PIBIC-AF- CNPq sobre o tema: “Racismo, ações afirmativas e ações transformativas segundo Nancy Fraser: uma proposta crítica de justiça”. Email: ferrazjaniel1004@ufpi.edu.br



the disabled deviated from this standard established at the time, thus, they were invisible to reflection and were placed as abject. It becomes important to think about the materialization process from new perspectives, such as globalization, for example. These are some factors that reflect and will reflect in the process of materialization of bodies and in the construction of subjectivities today, as well as in the future.

**Key-words:** Judith Butler; Michael Foucault; Body; Materialization.

## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo retratar a materialização dos corpos na concepção de Judith Butler, a partir da influência de Michael Foucault, e como isso se dá contemporaneamente. Torna-se importante frisar que a materialização do corpo que Butler aborda no texto *Corpos que importam – os limites discursivos do sexo* (2019) faz referência à importância desse corpo no âmbito social, não no aspecto físico da matéria, como ficará mais claro adiante.

Judith Butler nasceu em 24 de fevereiro de 1956, nos Estados Unidos. Ela foi responsável por compor uma das principais teorias da contemporaneidade do feminismo e da teoria queer, além disso, também escreve sobre filosofia política e ética. Butler é uma pesquisadora pós – estruturalista e herdeira do pensamento foucaultiano, principalmente no que se refere ao que o autor francês entende por poder e subjetividade.

Michael Foucault (1926-1984), além de filósofo, exercia a função de historiador das ideias, era teórico social, filólogo, crítico literário e professor. Em suas teorias ele aborda a relação existente entre poder e conhecimento e procura definir como eles são utilizados visando o controle social e utiliza como ferramenta as instituições sociais. O filósofo também traz uma ideia de relações de poder que ocorrem de forma unilateral entre os indivíduos, é a partir dessa teoria que Butler desenvolve o seu projeto referente aos corpos que importam, sendo eles aqueles que possuem materialidade, ou seja, são reconhecidos e existem socialmente, já os que não importam são caracterizados por não possuir matéria, então não existem no âmbito social.

Em contrapartida ao exposto, nota-se que esses corpos são capazes de estabelecer-se através de uma relação performativa heterossexual. Para conseguirmos entender de maneira mais clara foi traçado um referencial histórico, a fim de percebermos em que lugar da história se encontra o pensamento dos dois autores dentro de uma tradição filosófica.



O ponto central da pesquisa é a questão do corpo, algo que não foi trabalhado na tradição filosófica, pois essa se preocupou, em primeiro plano, com questões abstratas e metafísicas. Posteriormente, houve o rompimento dessa tradição por parte de vários pensadores, sendo um deles Foucault, passando para um outro momento da filosofia, em que os pensamentos de Butler começam a aflorar. E por fim, a partir do entendimento do problema relatado pelos autores, se pensará a problemática da materialização dos corpos hodiernamente.

Para embasar tal estudo serão utilizados posicionamentos que se encontram presentes na obra *Corpos que importam – os limites discursivos do sexo* (2019), da escritora citada acima, Judith Butler, em consonância com a obra *Microfísica do poder* (2017), de Michael Foucault, com o objetivo de entender-se de maneira conceitual como essas relações de poder contrói subjetividades, ou seja, como elas moldam as relações interpessoais, engendrando o corpo social e seus componentes nessa rede capilar de micro poderes.

Em consonância, serão utilizadas informações atuais fornecidas por jornais e revistas como as de Godoi (2022), que traz fatos sobre a violência sofrida por crianças com deficiência, Acayaba e Arcoverde (2022), que mostram estimativas recentes sobre o feminicídio no país, Silva (2022), que relata a maior probabilidade de pessoas pretas serem mortas, e Carvalho (2023), que fornece dados relacionados à violência sofrida pela população LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexual, Assexual, Pansexual, Não-binário).

Ademais, para refletir o lugar que se encontra estes corpos contemporaneamente, será trabalhado Okumura (2023), que aborda o fato sobre o assassinato de uma mulher preta, reportagem da redação do *Estadão*(2020), sobre a violência sofrida por corpos deficientes, assim como, Velasco(2023), em conjunto com mais três editores, sobre a violência contra o corpo da mulher. Dente outras pesquisas complementares sobre a violência que incide sobre os corpo não normativos. A partir desse estudo será possível perceber como se dá o conceito de abjeto e a maneira que ele se perpetua diante do mundo globalizado, citando exemplos de casos que refletem claramente o lugar de abjeção que os corpos que fogem ao padrão sofrem nesse cenário.

## Referencial histórico

O movimento filosófico tradicional desde os primórdios buscou solucionar o problema da origem de tudo.

Tales de Mileto (fim do VII - primeira metade do séc VI a.c) é o criador, do ponto de vista conceitual( mesmo que não ainda do ponto de vista lexical), do problema concernente ao princípio(*arché*), ou seja, a origem de todas as coisas. O "princípio é, propriamente, aquilo que permanece imutável mesmo nas várias formas que pouco a pouco assume. Tales identificou o princípio com a água, pois constatou que o elemento líquido está presente em todo lugar, em que há vida, e onde não existe água não existe vida"(REALE, 2003, p.17).

A busca pelo *arché* (princípio) do universo foi o motor que impulsionou o nascimento da filosofia. Os primeiros filósofos, chamados pré-socráticos ou filósofos da natureza, buscavam o princípio da *physis* (natureza), e tiveram como referência e principal influência Tales de Mileto (624-546 a.C), que argumentou que o princípio de tudo é a água. Tales é considerado o primeiro filósofo responsável pela fundação da escola Jônica, que foi a grande escola filosófica do pensamento pré-socrático.

Outros pensadores importantes da era pré-socrática são Parmênides (530-460 a.C) e Heráclito (500-450 a.C), sendo que o segundo ainda estava imerso na base que motivou todos os pré-socráticos, como Anaximandro (610-546 a.C) e Anaxímenes (588-525 a.C), que assim como Tales, acreditavam em um princípio para o *cosmos*. Heráclito acreditava que o princípio de tudo estava no fogo. No entanto, ele não acreditava que o fogo era o elemento que definia o cosmos, e sim na impossibilidade de manter uma verdade pura e imutável, estável, pois tudo está em constante mudança, inclusive os seres humanos.

"Tudo se move, tudo escorre, nada permanece imóvel e fixo, tudo muda e se transmuta sem exceção" (REALE, 2003, p.23). Para o autor, esse movimento não ocorre de modo caótico, mas está sempre em um movimento de um extremo a outro, como do quente ao frio. O mesmo atribui ao fogo a *arché*, exatamente por que observa um dinamismo racional neste, pois quando está queimando, destruindo, modificando, ainda assim mostra uma certa unidade na chama.

Todas as ideologias dos filósofos da natureza surgiram a partir de uma análise das relações humanas no contexto da época, seja a relação dos homens com os deuses, com os mitos, e até a própria intersubjetividade dos indivíduos em sociedade, uma vez que



Gregos, Bárbaros e mercantes, pertenciam a esse meio social. Enfim, todos esses fatos surgem no âmbito de uma grande diversidade de discursos e de relações interpessoais, por isso a busca da *arché* na *physys*.

"O ser não pode não ser, o não ser não pode ser e o devir não existe" (PARMÊNIDES *apud* REALE, 2003, p.32). Parmênides é antagônico a Heráclito. Ele foi um dos pensadores que rompeu com aquilo que se iniciou no processo de busca de conhecimento sobre o cosmos. Para o pensador, o princípio de tudo não poderia ser encontrado na natureza, por que, como afirmou Heráclito, esta se encontra em constante mudança e está infectada por vários discursos, sendo a maioria deles falsos.

Portanto, Parmênides sugere que o princípio de tudo só é possível fora da natureza e do mundo físico, é algo metafísico que deve ficar longe das diversas opiniões. Ele chamou esse ponto referencial do conhecimento verdadeiro de "razão", que possui como principais características a imutabilidade, universalidade, unidade e atemporalidade, pois o mesmo acreditava que só assim o verdadeiro conhecimento sobre o mundo poderia ser alcançado, saindo de todo esse movimento que se encontra dentro dele. Aqui é perceptível o movimento de mudança do pensamento filosófico, há o início de um movimento de abstração do princípio de tudo a ser conhecido, iniciando, dessa forma, o abandono ao aspecto natural no norte de pensamento da filosofia.

Platão foi, em grande parte do seu pensamento, influenciado por Parmênides. O mesmo trouxe para o campo da filosofia, de forma exclusiva, a teoria dos dois mundos, o mundo das ideias, onde reside as verdades únicas e imutáveis, e o mundo sensível, da multiplicidade das coisas, do movimento e da matéria. De acordo com o autor, no segundo mundo encontram-se somente cópias de ideias que verdadeiramente só existem no primeiro, fora dessa multiplicidade de discursos, coisas e opiniões. Neste ponto vemos uma grande influência de Parmênides.

Platão (427-347 a.C.) faz a seguinte afirmação: "o corpo é cárcere da alma", pois nessa divisão entre dois mundos o pensador coloca a alma na dimensão do mundo das ideias e o corpo no mundo sensível dos sentimentos. Para o filósofo existe a ideia de homem metafisicamente no mundo das ideias, boa, única e perfeita, e o que existe no mundo sensível são apenas cópias, simulacros, moldados em uma matéria que antes de ser plasmada era uniforme.

Segundo ele, esse corpo, no processo de plasmagem, aprisiona a alma que é pura e



boa, já o corpo é ruim e reduzido a nada no processo do conhecimento verdadeiro. Platão foi um dos filósofos mais importantes do movimento tradicional filosófico que contribuiu muito para uma construção marginalizada do corpo dentro da filosofia. Posteriormente, a discussão sobre o corpo continuou invisível diante dos pensadores.

Na idade medieval, surgiu a definição de divindade, Deus como o definidor e norteador de tudo, o sumo bem. Com isso, surge novamente um apelo a algo metafísico, fugindo sempre do campo do real, do social, onde os corpos se constituem e se materializam. Outro autor importante para se pensar a construção dos corpos é René Descartes (1596-1650).

Descartes divide as ideias em ideias inatas, isto é, as que encontramos em nós mesmos, nascidas junto com a nossa consciência; ideias adventícias, isto é, as que vêm de fora de nós e nos remetem a coisas inteiramente diferente de nós; ideias factícias ou construídas por nós mesmos. Descartando estas últimas como ilusórias, por que são quiméricas ou construídas arbitrariamente por nós mesmos (REALE, 1990, p.371).

O autor faz uma divisão das diferentes ideias a partir da afirmação do eu pensante como existente verdadeiramente. Neste ponto, o autor se difere um pouco de Platão, que exerceu grande influência sobre seu pensamento, colocando as ideias adventícias e factuais a partir do próprio "Eu *cogito*". No entanto, continua atribuindo o valor de verdade somente às ideias inatas, assim como o filósofo grego, onde o mundo físico e sensível ao qual o corpo pertence não é seu ponto de partida para o conhecimento, este apela novamente para razão, ocorrendo repetidamente uma fuga do real.

Com Immanuel Kant (1724-1804), grande expoente do iluminismo, com fomento na busca pela razão suprema, há um rompimento com a metafísica tradicional, fugindo dessa busca do conhecimento somente fora do mundo físico, e fazendo uma fusão entre racionalismo e empirismo. Nesse momento o indivíduo, mais do que na perspectiva cartesiana, assume a autonomia do conhecimento. Para Kant, o conhecimento só é possível através da intuição subjetiva, juntando juízos *a priori*, que se encontram na dimensão transcendental, e juízos *a posteriori*, que se encontram no mundo físico.

No entanto, ele continua com o problema de pensar o indivíduo social, as relações diversas e, os movimentos que norteiam o campo social continuam subjugados. A busca por princípios basilares para se obter o conhecimento sem um retorno para o real tem



continuidade e isso fica claro na obra *Metafísica dos costumes* (1797), na qual Kant faz uma proposta de princípios éticos metafísicos, uma moral por meio de um imperativo categórico, que se aplicaria a todo e qualquer indivíduo racional no universo.

Kant, assim como todo o movimento filosófico tradicional, que tem como grande expoente o iluminismo, ao criar essa ideia exacerbada do indivíduo racional, acabou por subsumir outros corpos que foram invisibilizados historicamente, colocando-os como invisíveis e impedidos de estarem imersos no debate. O pensamento ocidental ao buscar sempre este conhecimento racional, marginalizou inúmeras atrocidades que ocorriam paralelamente aos seus escritos na época, como a escravidão imposta por países europeus nos diversos países da África e das Américas.

### **Aporte teórico**

O movimento da filosofia tradicional procura um elemento único e norteador do universo, sempre na busca a partir de uma mega estrutura. O movimento pós-moderno aflora exatamente com a pretensão de superar este estruturalismo. Um dos autores mais importantes do movimento pós-estruturalista é Michael Foucault.

Admite-se que o estruturalismo tem sido o esforço mais sistemático para eliminar, não apenas da etnologia mas de uma série de outras ciências e até da história, o conceito de acontecimento. Eu não vejo quem possa ser mais anti-estruturalista do que eu. Mas o importante é não se fazer com relação ao acontecimento o que se fez com relação à estrutura (FOUCAULT, 2017, p.06).

Para Foucault, o grande problema das estruturas é porque proporcionam uma visão analítica do próprio indivíduo com relação aos diversos discursos que moldam sua subjetividade. Este faz duras críticas à ideia de um Estado soberano no qual há a existência de um poder totalitário. Para ele, no interior das sociedades, o que existe são redes de micropoderes que são construídas historicamente por meio dos diversos discursos que são impostos de forma unilateral entre os agentes históricos.

Essa rede, segundo Foucault, tem papel fundamental nas relações intersubjetivas dentro do campo social. A imposição desses discursos é capaz de moldar e constituir as subjetividades de cada pessoa, uma vez que tais discursos são construídos historicamente e vão criando dispositivos de controle que são a síntese desses micropoderes. Esses dispositivos estão ligados à religião, família, cultura, enfim, diversas instituições que têm influência na construção desses discursos restritivos. É nesse ponto que Judith Butler mais



‘bebe’ na fonte do pensamento de Michael Foucault.

O homem de que nos falamos e que nos convidamos a liberar já é em si mesmo o efeito de uma sujeição bem mais profunda que ele. Uma ‘alma’ o habita e o leva à existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma prisão do corpo (FOUCAULT *apud* BUTTLER, 2019, p.70).

No fragmento acima a autora explora a ideia de esquema corporal. Segundo Butler, antes de nascer o corpo já está sendo materializado, construído pelos dispositivos de poder. O sexo não é algo natural, mas sim algo construído socialmente e, por isso é o que norteia os discursos restritivos, pois, segundo ela, a construção dos corpos é a partir do sexo. No exposto acima Butler destaca que o esquema corporal já está dado socialmente a partir do padrão sexual heteronormativo, pois há designações de como um corpo do gênero feminino ou masculino deve agir socialmente.

[...] nesse sentido o que constitui a fixidez de um corpo, seus contornos seus movimentos, será algo totalmente material desde que a materialidade seja repensada aqui como o efeito mais produtivo do poder. Não há forma alguma de entender o “gênero” como um constructo cultural imposto sobre a superfície da matéria, seja ela entendida como “o corpo” ou como seu suposto sexo. Ao contrário, uma vez que o “sexo” em si é entendido em sua normatividade, a materialidade do corpo já não pode ser pensada separadamente da materialização dessa norma regulatória. Portanto o “sexo” é não apenas o que se tem ou uma descrição estática do que se é: será uma das normas pelas quais o “sujeito” pode chegar a ser totalmente viável, o que qualifica um corpo para vida dentro do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2019, p. 21).

O corpo, para Butler, é constituído materialmente a partir do sexo, isso fica claro no enunciado acima. A partir do momento que se revela o sexo de uma criança, por exemplo, já se começa a construir o esquema corporal ao qual ela vai pertencer. Este seria como a alma à qual o corpo estaria preso, o indivíduo só passa a existir após estar imerso nesse esquema, sendo nada mais que um plano, um programa construído pelos dispositivos de poder, pautados em um padrão performativo heterossexual e perpetuado historicamente pelas diversas instituições, principalmente a religião e a família.

Esse esquema corporal é responsável por constituir tanto os corpos objetos, que possuem materialidade, ou seja, corpos que importam que atendem ao padrão heteronormativo e àquilo que foi citado inicialmente com relação ao padrão ideal constituído na Europa, homem branco, e com características físicas atreladas à sua cultura, quanto corpos que não importam, que não possuem materialidade, o que Butler chama de



corpos abjetos.

Recebemos uma produção diferenciada do humano. E recebemos acho eu uma produção do abjeto. Então não é que o impensável, que aquilo que não pode ser vivido ou compreendido não tenha uma vida discursiva; ele certamente a tem. Mas ele vive dentro do discurso como a figura absolutamente não questionada, a figura indistinta e sem conteúdo de algo que ainda não se tornou real (BUTLER, 1998, p.162).

Para a autora, o corpo abjeto é aquele que se encontra invisível, como inexistente no movimento histórico e incapaz de ter papel efetivo no campo discursivo. Isto é, o que ela está problematizando e definindo como sem materialidade, não é o corpo no sentido físico de existir, mas sim social, como sujeito ativo no discurso. Esse papel de abjeto foi amplamente alimentado pela tradição que sempre deixou de lado esses movimentos micropolíticos que surgiram dentro da agenda anti-estruturalista. Os corpos que fogem ao padrão estabelecido socialmente através dos discursos são todos considerados abjetos, sendo eles, o corpo do negro, LGBTQIAPN+, da mulher, do deficiente, dentre outros.

O padrão identitário a partir da heterossexualidade, segundo Butler, é o maior responsável pela exclusão e abjeção de corpos. Quaisquer corpos que fogem a essa identidade heterossexual são excluídos, marginalizados, passando a uma categoria do impensável, do inenarrável, porque são tudo aquilo que se abomina e se quer longe.

Viu-se anteriormente que os esquemas corporais produzem tanto corpos que importam (objetos), quanto corpos que não importam (abjetos). Apesar do esquema definir um padrão performativo heterossexual, o corpo pode sair desse programa, ou seja, assumir outra identidade, porém, ao fazer esse processo novamente, ele se enclausurará em outro esquema corporal. Se um sujeito resolve assumir sua homossexualidade ele sairá do padrão performativo hetero e passará ao homo, mas este novo padrão também tem suas normas restritivas. Então, ao assumir uma identidade, o corpo terá que desempenhar a performatividade referente ao rótulo identitário ao qual ele pertence.

Se o gênero é a construção social do sexo e se não há o acesso a esse "sexo" exceto por meio de sua construção, então parece que além de o sexo ser absorvido pelo gênero, o "sexo" se torna algo como uma ficção, talvez uma fantasia, retroativamente instalada em um local pré-linguístico para onde não existe acesso direto (BUTLER, 2019, p.26).

Para Judith Butler, assim como para Foucault, todas as relações de poder que constituem uma rede múltipla de sentidos só é possível na dimensão da linguagem. O sexo, de acordo com a autora, é um construto social exercido pelos inúmeros discursos, é



ele quem forma o gênero ao se revelar a sexualidade de um bebê, no entanto, após algum tempo, na dimensão material e social, este "sexo" pode se modificar, quebrando assim um esquema corporal.

Diante desse cenário, a autora põe em evidência a possibilidade de não linguagem do sexo que constitui o gênero, ou seja, fictício, visto que o que se excede à linguagem passa a ser inexistente e até mesmo "impensável", pois é impossível definir de forma discursiva. Portanto, o sexo fundamenta o gênero, que fundamenta o sexo, e o prefixo primeiro passa a não existir. Toda a constituição social a partir do sexo tem como base uma premissa falsa, que é absorvido por outra categoria, o gênero, que passa a produzi-lo.

### **Resultado e discussão no cenário globalizado**

Contemporaneamente, levando em consideração tudo o que foi abordado até agora, é importante pensarmos o processo de materialização dos corpos a partir de novos prismas, como a globalização por exemplo. Os corpos que fogem ao padrão heteronormativo e europeu, os quais vamos trabalhar nesse cenário, são os corpos das mulheres (violência de gênero), dos LGBTQIAPN+ (violência de cunho sexual), dos negros (violência racial) e dos deficientes (capacitismo).

Uma pesquisa realizada pelo *GI* em parceria com o *Núcleo de Estudos da Violência da USP (NEV-USP)*, publicado no dia 08/03/2023, data em que é comemorado o dia da mulher, sob o título *Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas*, revela que o número de vítimas de feminicídio cresceu 5% em relação a 2021. Foram 1,4 mil mortes motivadas pelo gênero. Este número é o maior registrado no país desde que a lei de feminicídio entrou em vigor em 2015.

Butler e Foucault acreditam no poder como normatizador das relações sociais. Os dados abordados acima exemplificam bem como essas relações constroem corpos abjetos. O número pode ter aumentado pelo crescimento das denúncias, produto indireto da globalização, que aumentou o acesso do maior número de pessoas à informação, mas também pode ter se dado, exclusivamente, pelo aumento da violência contra esses corpos. A sociedade ocidental é construída sob preceitos androcentricos, perpetuados por uma série de discursos historicamente, sendo que somente por intermédio de políticas públicas de combate a tais padrões consolidados é que pode haver de fato modificações no *status*



quo.

O homem nesse movimento está confortável, pois o movimento machista deve ser combatido pelas mulheres, porém a normalização desse discurso é tão forte que as próprias mulheres acabam reproduzindo atitudes machistas. O corpo da mulher é colocado à margem da sociedade historicamente, tendo sua imagem voltada para o ambiente doméstico. É importante pensarmos em como esse movimento feminista está sendo trabalhado nesse cenário globalizado, para que não ocorra um movimento contrário ao buscado, que é a mitigação do abismo entre o corpo da mulher e os discursos sociais.

Ambientes de discussão sobre esse tema são importantes. No entanto, um local como a universidade, no qual o debate em busca de solucionar e refletir sobre esses discursos normativos, protagoniza cenas que transmitem o que a sociedade passa diariamente no nosso país. Como no caso relatado pela reportagem do *Estadão*, publicada no último dia 30/01/2023, que relata já no título da matéria, *Universitária é morta após ser estuprada e ter pescoço quebrado em calourada no Piauí, diz polícia*. A reportagem relata que a estudante da Universidade Federal do Piauí-UFPI, Janaina Bezerra da Silva, de 21 anos, foi morta no sábado, 28/01/2023, durante uma calourada nas dependências da universidade, de acordo com a polícia a jovem foi vítima de estupro seguido de morte, o suspeito foi preso em flagrante.

Estes discursos estão imersos em todas as relações, é uma teia que está contida em ambientes como o universitário, no qual o debate é para a superação desses diversos padrões construídos. O corpo da mulher é sempre colocado na posição de abjeção, de subjugação. No caso citado anteriormente, ao invés de os questionamentos serem direcionados ao agressor foram focados na vítima, trazendo perguntas do por que ela estava com o agressor, por que estava bebendo, são feitos questionamentos até em como é o vestuário da vítima no momento da agressão. O esquema corporal, colocado por Butler é exatamente este, delimita a partir do gênero como o corpo deve agir, e isto é utilizado por uma sociedade machista para justificar agressões hediondas como a que ocorreu com Janaina.

Em 21/11/2022, a revista *Veja* publicou um estudo realizado pelo *Instituto Sou da Paz*, sob o título *Violência armada e racismo*, mostrando que as principais vítimas de arma de fogo na sociedade brasileira são as pessoas negras. As estatísticas são de 2012 a 2020, presentes no Datasus e no sistema de informações sobre mortalidade. A análise



constatou 338.000 cidadãos negros mortos, sendo 75% por arma de fogo. No ano de 2020, 80% das vítimas de violência armada foram homens negros. Pretos tem 350% mais chances de serem assassinados por armas de fogo do que pessoas brancas.

Na periferia social do Brasil, assim como na dos discursos sociais, outro corpo violado e invisibilizado do diálogo no campo social, é o corpo preto. O mito da democracia racial brasileira, a falsa ideia de uma igualdade entre pretos e brancos no Brasil, dificulta ainda mais a imersão destes corpos no debate sócio-cultural. O padrão de indivíduo eurocêntrico reflete diretamente nos dispositivos que moldam o campo social e as inter relações nele incluídas. O corpo preto tem sobre si uma condição imagética totalmente negativa, na qual sente a repulsa, os preconceitos e a abjeção a todo momento, tanto por olhares quanto por comportamentos e atitudes.

A estimativa citada acima só reflete esse lugar de abjeto ocupado pelo corpo preto nesse cenário globalizado. A globalização prolifera discursos que refletem diretamente em diversos sentidos no comportamento social das pessoas. Um exemplo é uma reportagem publicada pelo portal de notícias *GI*, no dia 01/03/2023, *Vereador de Caxias do Sul que fez discurso contra baianos é expulso de partido*, o texto da matéria se refere às falas do vereador Sandro Fantinel, PATRIOTAS-RS, que proferiu as seguintes palavras "não contratem mais essa gente lá de cima", ao se referir aos mais de 200 funcionários que foram resgatados de alojamento onde eram submetidos a situação análoga à escravidão, em sua maioria baianos.

Hodiernamente, com as informações se movimentando de maneira muito rápida, os sentidos de tal discurso carregado de preconceitos é imensurável, a pessoa, na concepção foucaultiana, está sempre nesse movimento de definir para qual sentido deve se direcionar. Os dispositivos pelos quais tais discursos se propagam, são muito mais eficazes nesse cenário ao qual estamos imersos.

O futebol é o esporte mais popular do mundo, que produz conteúdos a todo instante em diversas mídias sociais. Atualmente, os discursos normalizadores que marcam esses corpos abjetos, estão cada vez mais em ascensão. Casos de racismo sofridos por jogadores e torcedores tem se tornado cada vez mais comum nesse esporte.

Em reportagem veiculada pelo *Ge.Globo*, em 24/05/2023, que aborda o tema, *Racismo contra Vinícius Júnior*, é possível observar como os dispositivos de exclusão, de



abjeção, estão em todos os ambientes. O atacante brasileiro Vinícius Júnior, no auge da sua carreira, atualmente atacante de um dos maiores clubes do mundo, o Real Madrid da Espanha, é vítima constantemente de ataques, insultos e diferentes níveis de racismo a anos, desde quando jogava no clube do Flamengo até o momento, onde se encontra sendo jogador do Real Madrid. Os casos, no entanto, tiveram seu estopim no dia 21/05/2023 em partida contra o Valencia, válida pela Liga Nacional Espanhola (La Liga).

Os casos de racismo contra Vinícius foram vários desde que ele chegou na Espanha. O dispositivo de exclusão do diferente, do outro, do impensável está explícito para todos, o grande problema se dá na normalização desses discursos, pois, nesse momento o sentido normativo de abjeção ganha força e torna-se irreversível. O mundo globalizado permite que estes movimentos de exclusão sejam transmitidos de modo imediato e massivo. O imaginário social sobre o corpo preto pode ser influenciado em vários sentidos, ou conscientizando criticamente, ou produzindo cada vez mais pessoas racistas.

Na data de 19/01/2023, o veículo de comunicação *O globo*, publicou os dados de um levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), no qual no ano de 2022, 256 pessoas do grupo LGBTQIAPN+ foram assassinadas ou se suicidaram, uma a cada 34 horas no Brasil. Os dados mostram 242 homicídios e 14 suicídios em 2022. A região nordeste é a mais inóspita, com 43,3 % das mortes, ou 111 casos. A pesquisa aponta que os gays são 52% das vítimas, seguido pelo grupo formado por travestis e transexuais, com 42,96%. A maioria dos óbitos foi de jovens entre 18 e 29 anos(43,7%).

O peso de assumir uma identidade diferente da relação binária de gênero é incalculável. Se a pessoa tem um corpo hétero e passa a ter um corpo gay ou lésbico imediatamente ele começa a ocupar um lugar de abjeção, tornando-se algo incomum, impensável. A primeira instituição que coloca sobre este corpo o peso da abjeção é a própria família, pois assumir uma nova identidade passa a ser um crime contra tudo aquilo que a família esquematizou para este indivíduo. Esses discursos impostos no seio familiar têm muita influência e são pano de fundo para impor valores religiosos que fomentam a homofobia e o ódio ao diferente.

De acordo com reportagem da *Folha de São Paulo*, publicada em 13/03/2023, *Mulher é retirada de vagão após ofender casal gay no metrô de São Paulo*, a mulher de 66 anos agrediu verbalmente um casal de homens. As vítimas tinham 22 e 27 anos.



Segundo a matéria, o caso ocorreu no dia 09/03/2023, vídeos registrados por passageiros mostram o momento em que sentada de frente para o casal, a mulher se mostra incomodada e pede para que eles leiam a Bíblia, alegando se tratar de um conselho de mãe. No momento se inicia uma breve discussão entre ela e o casal, e a mesma diz: "se eu fosse [louca] eu matava vocês. Matava um monte aí".

A mulher se baseou em preceitos religiosos para mostrar o horror que ela tem do corpo gay. A mesma sente a necessidade de “consertar” o comportamento que foge à norma daquilo que ela espera como atividade a ser desempenhada pelo corpo de um homem. Há claramente aqui, mais uma vez, a necessidade de reflexão de como esses veículos de divulgação massiva podem influenciar na subjetividade de cada um.

Tem crescido uma defesa muito forte de fundamentos religiosos radicais, proliferação de *fake news*, e uma defesa forte de um liberdade de expressão que é utilizada muitas vezes para proliferar discursos de ódio e repulsa a corpos não normativos. Vem se modificando os dispositivos e o impacto que isso pode causar em um mundo onde a globalização impera. Discursos aparentemente isolados, como a repulsa ao corpo gay, passam a uma dimensão de defesa massiva, assumindo novamente o caráter de normalidade e afastamento do cerne do problema, a materialização dos corpos.

Uma pesquisa veiculada pelo *Estadão*, em 19/10/2020, intitulada *Capacitismo: pessoas com deficiência explicam o que é e como evitá-lo*, expõe dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, os quais apontam que cerca de 24% da população – 46 milhões de brasileiros – têm algum tipo de deficiência. Outro levantamento do IBGE, com outra metodologia, aponta que existem 13 milhões de pessoas com deficiência (pouco mais de 6% da população brasileira) no Brasil. No mercado de trabalho, porém, existem apenas 440 mil profissionais com deficiência em trabalhos formais.

Apesar do levantamento ser de 2010, ele exemplifica bem o que Butler aborda no aspecto dos corpos sem materialidade. O capacitismo quando se trata de corpos deficientes é mais uma forma de abjeção, de invisibilização, marginalização do corpo ao qual se tem repulsa, e ao qual deve está mais longe possível do ser observador. Estes corpos sofrem com o capacitismo no dia a dia, com olhares e tratamentos diferentes.

No mercado de trabalho não é diferente, nem mesmo com o avanço tecno-



científico no mundo globalizado o preconceito parou de ocorrer. O corpo deficiente é sempre julgado como incapaz, e às vezes nem julgado é, ele é simplesmente invisibilizado, tratado como um corpo sem matéria. Essa é uma clara definição do que é o abjeto para Butler, é um ser humano considerado inexistente que foi produzido, mas não possui materialidade, pois é invisibilizado, é impensável, ou seja, é um corpo que não importa. Isso ocorre por conta de uma teia de discursos historicamente perpetuados por diversos dispositivos de controle que estereotipam o tipo ideal de corpo que está atrelado de maneira direta à tradição ocidental.

Os dados citados anteriormente são apenas para exemplificar o movimento de violência àqueles corpos que Butler coloca como abjetos, sendo os que sofrem maior impacto socialmente. Esses estão construídos historicamente por dispositivos que vêm criando formas de se perpetuar e se imporem sobre os corpos. As mídias sociais são dispositivos de imposição e disseminação de discursos normativos de forma massiva. A globalização, ao invés de solucionar estes problemas com sua capacidade de interligar diferentes culturas, estabelecendo diálogo entre diferentes povos, teve o efeito contrário. Movimentos de ataque a pessoas de corpo preto, a corpos deficientes, corpos de mulheres, aos corpos LGBTQIAPN+, estão cada vez mais explícitas e predominantes.

### **Considerações finais**

O presente trabalho teve como objetivo principal abordar o problema da materialização dos corpos e expor de modo objetivo o que Butler, que sofre influência direta de Foucault, propõe. A materialização dos corpos é exatamente o tratamento que esse corpo sofre socialmente, como ele se constitui no campo social, e esta constituição está ligada diretamente aos diversos discursos reproduzidos historicamente.

A dimensão do poder, para Foucault, é fundamental para se entender as relações interpessoais no âmbito social. E quando esse poder está agindo sobre o sexo, de acordo com Butler, ele pode formar subjetividades. É através do 'sexo' que se constrói o gênero e todo o esquema corporal que se imerge o indivíduo.

Ao se tratar de corpos abjetos no cenário globalizado, os corpos abordados sofrem nesse lugar de abjeção definido por Butler. Eles se tornam ausentes da dinâmica social, invisibilizados nas diversas esferas sociais, e odiados pelos agentes sociais. É isto que a



autora está definindo como corpos sem materialidade, são corpos produzidos e existentes na dimensão física, mas no âmbito social são mantidos distantes de todos os discursos e da própria individualidade do ser objeto.

No que tange a globalização, a problematização que se coloca é referente ao poder que diversos discursos, inclusive discursos de ódio, têm de propagação incalculável, e os efeitos que isto pode causar na sociedade hodiernamente e futuramente. Como coloca Foucault, os discursos têm vários sentidos para diferentes indivíduos. Portanto, em um cenário globalizado onde quase todas as pessoas têm acesso à informação, alguns com grau de instrução mínimo, sobre tecnologia da informação e com a incidência de várias notícias falsas, o grande problema é realmente concluir se a globalização é um ponto positivo ou negativo nesse cenário, a partir da perspectiva de Judith Butler de materialização dos corpos.

## REFERÊNCIAS

ACAYABA, Cíntia; ARCOVERDE, Léo. Femicídios batem recorde no 1º semestre de 2022 no Brasil quando repasse ao combate à violência contra a mulher foi o mais baixo.

**G1 São Paulo**, São Paulo, 07, dezembro de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/12/07/femicidios-batem-recorde-no-1o-semester-de-2022-no-brasil-quando-repasse-ao-combate-a-violencia-contr-a-mulher-foi-o-mais-baixo.ghtml>>. Acesso em: 23, Mar. 2023.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam – os limites discursivos do sexo**. Crocodilo edições. 1ª ed. São Paulo, 2019.

Capacitismo: pessoas com deficiência explicam o que é e como evitá-lo. **Estadão**, 19, outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/capacitismo-pessoas-com-deficiencia-explicam-o-que-e-e-como-evita-lo/>>. Acesso em: 16, Ago. 2023.

CARVALHO, Cleide. Brasil registrou 256 mortes violentas de LGBTQ+ em 2022, mostra Grupo Gay da Bahia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19, janeiro de 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/01/brasil-registrou-256-mortes-violentas-de-lgbt-em-2022-mostra-grupo-gay-da-bahia.ghtml>>. Acesso em: 23, Mar. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Paz e terra Ltda. 5ª ed. Rio de Janeiro, CADERNOS PET, V. 14 , N. 27



2017.

GODOI, Ana Clara. Uma em cada três crianças com deficiência já sofreu violência. **Observatório do Terceiro Setor**, São Paulo, 08, dezembro de 2022. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/uma-em-cada-tres-criancas-com-deficiencia-ja-sofreu-violencia/#:~:text=Uma%20a%20cada%20tr%C3%AAs%20crian%C3%A7as,e%20adolescentes%20em%2025%20pa%C3%ADses>>. Acesso em: 23, Mar. 2023.

HUHNE, Leda Miranda. **Ética**. UAPÊ espaço cultural barra, SEAF- sociedade de estudos e atividades filosóficas, 1997.

LUCCA, Bruno. Mulher é retirada de Vagão após ofender casal gay no metrô de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13, março de 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/mulher-e-retirada-de-vagao-apos-ofender-casal-gay-no-metro-de-sp.shtml>>. Acesso em: 16, Ago. 2023.

OKUMURA, Renata. Universitária é morta após ser estuprada e ter pescoço quebrado em calourada no Piauí, diz polícia. **Estadão**, 30, janeiro de 2023. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/brasil/estudante-da-ufpi-estuprada-vitima-de-feminicidio-no-piaui-nprm/>>. Acesso em: 16, Ago. 2023.

PLATÃO. **A república**. La fonte. São Paulo, 2017.

PRINS, Bauke; NEIJER, Irene Cortera. **Como os Corpos Viram à Matéria: Uma entrevista com Judith Butler**, em Signs: Journal of Women in Culture and Sociedade, v. 23, n. 2, pág. 275-286, 1998.

Racismo contra Vinícius Júnior: veja tudo sobre o caso. **Ge**, Madri, 24, maio de 2023. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/05/24/racismo-contra-vinicius-junior-veja-tudo-sobre-o-caso.ghtml>>. Acesso em: 16, Ago. 2023.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia – do humanismo a Kant**. Paulus, 2ª edição, São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. **História da filosofia – Filosofia Pagã Antiga**. Paulus, 2003.

SILVA, Gustavo. Negros tem 350% mais chances de serem mortos por arma de fogo. **Veja**, São Paulo, 21, novembro de 2022. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/negros-tem-350-mais-chances-de-serem-mortos-por-arma-de-fogo/>>. Acesso em: 23, Mar. 2023.



VELASCO, Clara; GRANDIN, Felipe; PICHONI, Marina; FARIAS, Victor. Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma morta a cada 6 horas. **G1**, 08, março de 2023.

Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>>.

Acesso em: 16, Ago. 2023.

Vereador de Caxias do Sul que faz discurso contra baianos é expulso de partido. **G1 Rio Grande do Sul**, 01, janeiro de 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/03/01/vereador-de-caxias-do-sul-que-fez-discurso-contrabaianos-e-expulso-de-partido.ghtml>>. Acesso em: 16, Ago. 2023.



## FENOMENOLOGIA CRÍTICA E FEMINISTA

### CRITICAL AND FEMINIST PHENOMENOLOGY

Eduardo Marandola Jr.<sup>1</sup>

#### RESUMO

A Fenomenologia tem sido repensada nas últimas décadas a partir do trabalho de autoras feministas que têm promovido uma renovação das perspectivas fenomenológicas a partir de diferentes situacionalidades, atravessamentos e de um forte criticismo. O texto, como um ensaio, vislumbra tais possibilidades a partir de uma leitura do livro “50 Concepts for a Critical Phenomenology”, editado por Gail Weiss, Ann V. Murphy e Gayle Salamon. O objetivo é problematizar as potencialidades abertas para a Fenomenologia a partir de uma perspectiva Crítica e Feminista.

**Palavras-chave:** Estudos de gênero; Pensamento Contemporâneo; Situacionalidade.

#### ABSTRACT

Phenomenology has been rethought in recent decades through the work of feminist authors who have promoted a renewal of phenomenological perspectives based on different situations, crossings and a strong critical approach. The paper, as an essay, glimpses these possibilities from a reading of the book “50 Concepts for a Critical Phenomenology”, edited by Gail Weiss, Ann V. Murphy and Gayle Salamon. The aim is to problematize the potential open to Phenomenology from a Critical and Feminist perspective.

**Keywords:** Gender studies; Contemporary Thought; Situationality.

### 1. Potencializar a multiplicidade da experiência

Falar em uma Fenomenologia Crítica implica desdobrar a tradição iniciada por Edmund Husserl, há pouco mais de 100 anos, considerando sua situacionalidade, mas buscando compreender sua relevância a partir de nossa própria situacionalidade.

Este movimento tem sido feito, já há algumas décadas, por diferentes vertentes do pensamento contemporâneo, como o influente trabalho de Don Ihde relacionado ao que se convencionou chamar de *Post-Phenomenology*. O prefixo *post* é um demarcador da necessidade de considerar o alcance e profundidade das relações homem-máquina atravessados pela tecnologia e seus impactos na existência, na corporeidade e na própria percepção (IHDE, 1993; 2009). Neste caso, a Pós-Fenomenologia seria, ao melhor estilo anglo-saxão, não um rompimento com a Fenomenologia, mas uma demarcação de sua “atualização” a partir das questões históricas e sociais contemporâneas.

---

<sup>1</sup> Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).  
ejmjr@unicamp.br.



Este gesto em relação à Fenomenologia busca desdobrar e repercutir as aberturas seminais de Husserl e dos contribuidores da primeira metade do século XX (Heidegger, Lévinas, Merleau-Ponty, entre outros) naquilo que alude à centralidade da experiência e das questões referentes à corporeidade, à percepção, à intencionalidade e à alteridade, em suas diferentes facetas e contextos. Trata-se de um reconhecimento da fecundidade de tais princípios, ao mesmo tempo em que se busca refletir as demandas que a experiência contemporânea introduz à existência em sua multiplicidade.

Nesta perspectiva, desde os anos 1970 tem havido crescente atuação de filósofas que buscam realizar um duplo movimento: levar contribuições fenomenológicas ao pensamento feminista, ao mesmo tempo em que introduzem tensionamentos feministas no pensamento fenomenológico. Trata-se de contribuições feministas à Fenomenologia Crítica, o que dá origem, também, a uma Fenomenologia Feminista.

Este ensaio busca dar relevo a este importante movimento, centrado nas possibilidades e desafios que um olhar feminista traz para a “atualização” da Fenomenologia, tonificando suas possibilidades ao mesmo tempo em que potencializa seus princípios fundamentais ligados à multiplicidade, ao combate ao naturalismo e a uma compreensão do conhecimento como ontologia e alteridade, situado e corporificado.

Esta reflexão se dá a propósito do lançamento do livro “50 Concepts for a Critical Phenomenology”, organizado pelas filósofas Gail Weiss (Department of Philosophy, Columbian College of Arts & Sciences), Ann V. Murphy (Department of Philosophy, The University of New Mexico) e Gayle Salamon (Department of English, Princeton University) (WEISS; MURPHY; SALAMON, 2020). O intuito é refletir acerca da potência e relevância das contribuições feministas para o pensamento fenomenológico, bem como seu potencial para questões centrais nos debates contemporâneos.

## **2. "50 Concepts of a Critical Phenomenology"**

O livro apresenta explicitamente, na sua introdução, a expectativa de fazer jus à tradição fenomenológica, em especial no que se refere à “lived experience and its structuring conditions that have been a hallmark of the phenomenological method.” Ao mesmo tempo, as autoras esperam que “Together they also expand our understanding of



phenomenology's potential far beyond its classical horizons.” (WEISS; MURPHY; SALAMON, 2020, p. XIII).

A expansão deste horizonte está conectado diretamente com a atual paisagem intelectual:

It is our conviction as phenomenologists that the diverse disciplinary perspectives offered by feminist theorists, critical race theorists, queer theorists, decolonial and indigenous scholars, disability studies scholars, and others are crucial for phenomenology's future. (WEISS; MURPHY; SALAMON, 2020, p. XIII).

Quanto à herança husserliana, as autoras acentuam o peso do sentido situado da experiência (que não pode ser descrita de maneira isolada), bem como o peso da reversibilidade figura/fundo e suas reverberações na imaginação, na percepção, na valoração e na constituição dos significados nos múltiplos horizontes (espacial, temporal, cultural, político, social e institucional), manifestando-se corporalmente.

Nestas duas direções repousa o cerne da proposta da Fenomenologia Crítica: “attention to the multiple ways in which power moves through our bodies and our lives”, algo que os estudos que rompem com o eurocentrismo, expresso filosoficamente no sujeito autoconsciente moderno (seja no *Cogito* cartesiano, no sujeito transcendental kantiano ou na experiência da consciência hegeliana), demarcando um gesto que coloca a Fenomenologia a serviço dos combates ao império da mesmidade, do racismo, da misoginia e das formas de opressão e violência pautadas na identidade e na negação do Outro.

O interessante do movimento das autoras é o acento que é dado, neste curso, às contribuições interdisciplinares e dos diferentes movimentos sociais que têm questionado e colocado em questão as matrizes do pensamento filosófico Ocidental. É neste quadro que os estudos feministas, de gênero, de sexualidade e da teoria queer são mobilizados, introduzindo, em meio aos 50 conceitos fundamentais, temas não tratados pela tradição fenomenológica.

Eis a lista completa dos 50 conceitos que compõem o livro:

1. The Phenomenological Method
2. Critical Phenomenological
3. Bad Faith
4. Being and beings: The Ontological/Ontic Distinction
5. Being-in-Itself, Being-for-Itself, and Being-for-Others



6. Being-towards-Death
7. Borderlands and Border Crossing
8. Collective Continuance
9. Compulsory Able-Bodiedness
10. Confiscated Bodies
11. Controlling Images
12. Corporeal Generosity
13. Decolonial Imaginary
14. Durée
15. Epistemological Ignorance
16. ErosThe Eternal Feminine
17. Ethical Freedom
18. The Face
19. The Flesh of the World
20. Geomateriality
21. The Habit Body
22. Heteronormativity
23. Hometactics
24. Horizons
25. Imaginaries
26. Immanence and Transcendence
27. Intercorporeality
28. The Körper/Leib Distinction
29. The Look
30. Mestiza Consciousness
31. Misfitting
32. Model Minority
33. The Natural Attitude
34. The Normate
35. Ontological Expansiveness
36. Operative Intentionality



37. Perceptual Faith
38. Public Self/Lived Subjectivity
39. Queer Orientations
40. Queer Performativity
41. The Racial Epidermal Schema
42. Racist Love
43. Sens/Sense
44. Keith Whitmoyer
45. Social Death
46. The They
47. Time/Temporality
48. Trans Phenomena
49. Witnessing
50. World-Traveling

Mais da metade dos capítulos são assinados por mulheres, e fica bastante evidente que mesmo quando conceitos “clássicos” da tradição fenomenológica são tematizados, o são a partir de tensionamentos de disciplinas ou preocupações prementes no contexto do pensamento contemporâneo, desdobrando os conceitos a partir de suas potenciais tematizações.

Por exemplo, a corporeidade encontra-se atravessada pela questão racial em “The Racial Epidermal Schema” (KARERA, 2020) e “Confiscated Bodies” (YANCY, 2020); pela questão queer em “Trans Phenomena” (BETTCHER, 2020) e “Compulsory Able-Bodiedness” (McRUER, 2020); pela questão ética em “Corporeal Generosity” (DIPROSE, 2020). O tema, no entanto, também recebe tratamentos “clássicos”, como em “Intercorporeality” (a partir de Merleau-Ponty) (MARRATTO, 2020) e “The *Körper-Leib* Distinction” (na distinção husserliana) (SLATMAN, 2020).

A própria estratégia de composição da obra, portanto, já é, em si, um aporte renovador crítico que não dá ênfase meramente aos fundamentos da Fenomenologia, mas à sua dinamicidade e vivacidade na maneira como ela tem sido provocada a se desdobrar em diferentes problemáticas e fenômenos em distintos contextos de investigação. O resultado



é um quadro das potencialidades do pensamento fenomenológico para diferentes temas, ao mesmo tempo que rasuram e desdobram conceitos fenomenológicos, seu alcance e limites.

No caso da teoria feminista, há pelo menos oito conceitos diretamente relacionados:

- “Compulsory Able-Bodiedness”: relacionado à forma como o corpo é orientado no tempo e no espaço, de maneira compulsória, seguindo padrões definidos, especialmente no âmbito do capacitismo, da teoria queer e das múltiplas sexualidades (McRUER, 2020);
- “The Eternal Feminine”: problematização fenomenológica do conceito que enseja polêmica sobre a essência do feminino, para além do naturalismo e da imposição patriarcal (BERGOFFEN, 2020);
- “Heteronormativity”: problematização da heterossexualidade compulsória, passando pelo sentido de habitar e do ser-mulher (BURKE, 2020);
- “Misfitting”: se refere à inadaptação no contexto da deficiência e seus atravessamentos de gênero no materialismo e na perspectiva da experiência vivida (GARLAND-THOMSON, 2020);
- “Queer Orientations”: problematiza as questões trazidas pioneiramente por Sara Ahmed, desdobrando uma perspectiva fenomenológica profunda da teoria queer (GUILMETTE, 2020);
- “Queer Performativity”: se refere à leitura fenomenológica inspirada originalmente no trabalho de Butler e suas reverberações/potencialidades (HANSEN, 2020);
- “Trans Phenomena”: aborda fenomenologicamente a transexualidade, para além da própria sexualidade, como uma “filosofia trans”, um pensamento trans (BETTCHER, 2020);
- “World-Traveling”: refere-se ao conceito de Lugones, buscando compreender as mudanças espaciais e temporais na experiência do deslocamento, especialmente no que se refere aos atravessamentos de gênero (PITTS, 2020).

Além destes conceitos explicitamente ligados ou desdobrados do feminismo, há outros conceitos nos quais as questões de gênero ou sexualidade são incorporadas como constituintes da problematização, como em “Collective Continuance”, no qual o gênero é



mobilizado como exemplo de pertencimento social e político (WHYTE, 2020); “Hometacts”, que mostra como a ideia de casa foi vista como masculina na tradição fenomenológica (ORTEGA, 2020); “Ontological Expansiveness”, que aponta a centralidade do masculino na enunciação ontológica (SULLIVAN, 2020); e “Time/Temporality”, que mobiliza Simone de Beauvoir e as filósofas feministas para problematizar a questão, dentre outros (OLKOWSKI, 2020).

Nota-se, pelo conjunto, que estes 50 conceitos para uma Fenomenologia Crítica atuam no sentido que prometem: retornam a conceitos da tradição fenomenológica que contribuem para pensar as questões contemporâneas, ao mesmo tempo que os rasuram a partir de conceitos formulados oriundos das questões prementes de nosso tempo. O esforço de reunir autoras e mobilizar o pensamento feminista surte o efeito desejado, oferecendo um quadro rico e diversificado que provoca o próprio pensamento fenomenológico contemporâneo.

A título de comparação, a coletânea organizada por Hubert L. Dreyfus e Mark A. Wrathall, em 2006, “A Companion to Phenomenology and Existentialism”, da prestigiada editora Blackwell, tinha propósitos semelhantes (realizar um balanço dos conceitos fenomenológicos em vigor e refletir temáticas emergentes) teve 39 capítulos e apenas dois que estabeleceram algum tipo de tematização relacionada a gênero e a sexualidade, tratados não em sua multiplicidade interna, mas como temáticas (DREYFUS; WRATHALL, 2006; 2012). Ann V. Murphy assinou o capítulo “Sexuality” e Sara Heinämaa assinou o capítulo “Feminismo”. Não se encontram outras referências, no conjunto da obra, a teorias feministas, ou mesmo a questões de raça, por exemplo. Do total de autores, nem um quinto são mulheres.

Isso reforça a distinção e a novidade do movimento que as filósofas e outras pesquisadoras têm feito no que pode ser compreendido como renovação do pensamento fenomenológico nos últimos anos, do qual a obra “50 Concepts for a Critical Phenomenology” é um exemplo superlativo.

### **3. Fenomenologia, Crítica e Feminismo**

O esforço de Weiss, Murphy e Salamon reverbera uma trajetória de pelo menos 50 anos, nos quais filósofas e diferentes pesquisadoras têm buscado problematizar os conceitos fenomenológicos no horizonte de temas ligados ao gênero e à sexualidade. Embora a



Fenomenologia possui pelo menos três grandes filósofas cujas obras tiveram grande impacto na primeira parte do século XX (como Edith Stein, Hannah Arendt e Simone de Beauvoir), a permeabilidade dos estudos feministas às contribuições fenomenológicas e da Fenomenologia às teorias feministas estão ainda sendo mais amplamente construídas.

Missaggia (2015) mostra como esta relação tem se desenvolvido, apontando inclusive o difícil liame das contribuições de Beauvoir tanto para os estudos feministas, quanto para a Fenomenologia. Por outro lado, a autora sinaliza também que autoras atualmente muito importantes para os estudos de gênero e sexualidade, como Judith Butler, nem sempre são reconhecidas em seus traços fenomenológicos.

No entanto, há um movimento consistente de superação deste cenário, que sustenta o próprio desenho e concepção de “50 Concepts for a Critical Phenomenology”. As próprias organizadoras da obra têm se notabilizado pelo esforço de dotar de permeabilidade estas interações, reverberando uma afluência que tem como referências, desde os anos 1970, os trabalhos de Sandra Lee Bartky (1975), Margaret A. Simons (1983), Luce Irigaray (1984) e Judith Butler (1986), para citar alguns dos textos emblemáticos.

Nos últimos 20 anos, no entanto, tal articulação se aprofundou, refletindo-se no próprio desenho do livro “50 Concepts for a Critical Phenomenology”. Além de aprofundamento filosófico, uma Fenomenologia Crítica, no sentido de dar força às questões práticas (GUENTHER, 2020), se acentuou, trazendo renovação significativa para o campo fenomenológico. O trabalho de Iris M. Young (2005) se notabilizou neste sentido, trazendo uma análise fenomenológica da experiência da mulher em relação ao seu próprio corpo, assim como os trabalhos de Gayle Salamon (2010), que discute o transgênero e sua corporeidade, e de Ann V. Murphy (2012) com seus estudos acerca da relação entre vulnerabilidade, imaginação filosófica e violência, entre alteridade e ontologia corporificada.

Tais movimentações, em plena efervescência, expressam a “paisagem intelectual” que atravessamos, permitindo vislumbrar deslocamentos e reconstruções na tradição fenomenológica, por meio da permeabilidade diante das demandas e das situacionalidades contemporâneas.



## REFERÊNCIAS

- BARTKY, Sandra Lee. Toward a phenomenology of feminist consciousness. **Social Theory and Practice**, p. 425-439, 1975.
- BERGOFFEN, Debra. The Eternal Feminine. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.
- BETTCHER, Talia Mae. Trans Phenomena. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.
- BURKE, Megan. Heteronormativity. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.
- BUTLER, Judith. Sex and gender in Simone de Beauvoir's Second Sex. **Yale French Studies**, p. 35-49, 1986.
- DIPROSE, Rosalyn. Corporeal Generosity. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.
- DREYFUS, Hubert L.; WRATHALL, Mark A. (Ed.) **A Companion to Phenomenology and Existentialism**. London: Routledge, 2006.
- DREYFUS, Hubert L.; WRATHALL, Mark A. (Org.) **Fenomenologia e Existencialismo**. Trad. Cecília C. Bartalotti; Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2012.
- GUENTHER, Lisa. Critical Phenomenology. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.
- GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Misfitting. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.
- GUILMETTE, Lauren. Queer Orientations. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.



HANSEN, Sarah. Queer Performativity. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.

IHDE, Don. **Postphenomenology**: Essays in the Postmodern Context. Evanston: Northwestern University Press, 1993.

IHDE, Don. **Postphenomenology and technoscience**: The Peking University lectures. Albany: State University of New York Press, 2009.

IRIGARAY, Luce. **Ethique de la différence sexuelle**. Paris: Ed Minuit, 1984.

KARERA, Axelle. The Racial Epidermal Schema. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.

MARRATTO, Scott. Intercoporeality. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.

MISSAGGIA, Juliana. Fenomenologia e feminismo: introdução e defesa de um diálogo fecundo. In: PACHECO, Juliana (Org.). **Mulher e Filosofia**: as relações de gênero no pensamento filosófico. Porto Alegre: Ed. Fi, 2015.

MURPHY, Ann V. **Violence and the philosophical imaginary**. Albany: State University of New York Press, 2012.

OLKOWSKI, Dorothea. Time/Temporality. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.

ORTEGA, Mariana. Hometacts. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.

PITTS, Andrea J. World-Traveling. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.

SALAMON, Gayle. **Assuming a body**: transgender and rhetorics of materiality. New York: Columbia University Press, 2010.



SIMONS, Margaret A. The Silencing of Simone de Beauvoir: Guess What's Missing From The Second Sex. **Women's Studies International Forum**, n. 5, p. 559-564, 1983.

SLATMAN, Jenny. The Körper/Leib Distinction. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.

SULLIVAN, Shannon. Ontological Expansiveness. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.

WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.

YANCY, George. Confiscated Bodies. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. (Eds.) **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 2020.

YOUNG, Iris M. **On female body experience**: "Throwing like a girl" and other essays. Oxford University Press, 2005.

## O ENSINO DE FILOSOFIA ATRAVÉS DA CINEMATOGRAFIA NO NOVO ENSINO MÉDIO

*Teaching philosophy through cinematography in the new Brazilian high school curriculum*

Andreia de Brito Araújo<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste trabalho, trataremos primeiramente sobre o ensino de filosofia no novo ensino médio. Iremos abordar algumas das competências e habilidades presentes na nova BNCC e apontar como elas apresentam um cunho filosófico. Além disto, falaremos também um pouco sobre as novas metodologias, principalmente com uma abordagem da perspectiva de Silvio Gallo, e pensaremos novas maneiras de adotar estas metodologias dentro do ensino de filosofia do novo ensino médio a partir da perspectiva do uso da cinematografia no ensino de Filosofia. O objetivo deste trabalho é propor um ensino de filosofia através da cinematografia. Após análises feitas sobre o novo ensino médio e levando em conta a nova BNCC, refletimos sobre a relação entre cinema e filosofia, apresentando como e quais pensadores já a reconheceram, dando um maior enfoque no pensamento de Julio Cabrera e em sua perspectiva sobre como se fazer filosofia através do cinema. Pensamos também em como a filosofia, desde o início de sua história, usou recursos imagéticos para a apresentação e representação de teorias e conceitos importantes dentro do pensamento filosófico. Tampouco o uso de filmes no ensino é novidade. Porém, aqui pretendemos explorar o uso da cinematografia no que se refere ao ensino de filosofia, previsto dentro da nova base.

**Palavras-chaves:** cinematografia; filosofia; ensino; metodologia.

### ABSTRACT

In this work, we will first deal with the teaching of philosophy in the new high school. We will present some of the skills and abilities present in the new BNCC and point out how they have a philosophical nature. In addition, we will also talk a little about the new methodologies, mainly from the perspective of Silvio Gallo, and we will think of new ways to adopt these methodologies within the teaching of philosophy of the new high school from the perspective of the use of cinematography in the teaching of Philosophy. The objective of this work is to propose a teaching of philosophy through cinematography. After analyzing the new high school and taking into account the new BNCC, we reflect on the relationship between cinema and philosophy, presenting how and which thinkers have already recognized it, giving a greater focus on Julio Cabrera's thinking and his perspective on how to make philosophy through cinema. We also think about how philosophy, from the beginning of its history, used imagery resources for the presentation and representation of important theories and concepts within philosophical thought. Nor is the use of films in teaching new. However, here we intend to explore the use of cinematography with regard to the teaching of philosophy, foreseen within the new base.

**Keywords:** cinematography; philosophy; teaching; methodology.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI (2022). E-mail: andreiabdabda@gmail.com



## Introdução

Quando se trata de Filosofia, é comum pensarmos em bibliotecas cheias de empoeirados e pesados livros, pensar nos gregos, nos vinhos e nos filósofos que morreram há muito tempo. Para muitos, alunos do ensino médio, pessoas de fora da academia e até pessoas de dentro da mesma, a filosofia sempre remete ao antigo e ao difícil de compreender, e em parte, isso está certo. A Filosofia remete a isso, pois é sua característica primária. Contudo, no que se refere ao seu ensino nos dias de hoje, a Filosofia pode ser muito mais que isso. Com o avanço tecnológico, novos recursos se mostram favoráveis no Ensino de uma forma geral, inclusive no ensino de Filosofia nas escolas. Um desses recursos e um grande aliado, principalmente para a Filosofia, é o cinema e o universo cinematográfico. Por proporcionar um aspecto visual e direto, as obras cinematográficas (como filmes e séries) podem provocar uma imersão do aluno no tema a ser estudado de uma forma muito mais rápida e efetiva do que talvez somente a partir do livro didático e da leitura. Filmes e séries são elementos de grande impacto cultural dentro do entretenimento. A familiaridade que os alunos podem ter com este tipo de obra pode ser muito proveitosa para o ensino de filosofia atualmente. Mostrar para o aluno que aquela série ou aquele filme que ele usa para seu entretenimento contém aspectos filosóficos, e que uma discussão filosófica pode ser feita a partir disso, mostra que a filosofia e seus mais diversos debates estão presentes em espaços que ele antes não imaginaria.

É no Ensino Médio que o aluno tem contato pela primeira vez com a Filosofia e sua prática. Pensando neste sentido, é importante que o professor busque formas de abordar a prática filosófica de acordo com a realidade do aluno, para que ele consiga entender e praticar a filosofia de uma maneira mais próxima de seus interesses. A popularidade de séries e filmes nos serviços de *streaming* mostra o quanto os adolescentes e jovens-adultos, que tem acesso a este tipo de serviço, gostam e se interessam por esse ramo do entretenimento, ramo este que possui obras que poderiam ser estudadas e usadas no fazer filosófico em sala de aula. Fazer o aluno perceber o cunho filosófico existente dentro desse tipo de obra é mostrar o quanto a Filosofia pode ser muito mais que o pensamento erudito e abstrato. Além de que, mostra ao aluno que é possível acessar a Filosofia a partir da própria realidade e interesses dele. É pensando nisto que este trabalho propõe, com base no novo Ensino Médio e nos métodos didáticos que aqui serão debatidos, um ensino de Filosofia através da cinematografia. A questão central deste trabalho é justamente a de mostrar como essa proposta pode se efetivar no novo ensino médio previsto pela nova BNCC, ao mesmo tempo que apresenta métodos didáticos que podem ser utilizados para a efetivação da proposta. Com isto, iniciaremos aqui uma discussão acerca do novo Ensino médio e como a nossa proposta se encaixa nele.

### O novo Ensino Médio e a metodologia de Silvio Gallo

O ensino médio brasileiro atual sofreu mais uma reforma. Assim como no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), as antigas disciplinas agora passaram a ser organizadas por áreas do conhecimento. Ensinadas a partir de um ensino interdisciplinar, são previstos 40% de componentes opcionais. As disciplinas se veem integradas nas áreas de conhecimento das quais se aproximam e se dividem em: *Linguagens e suas Tecnologias* (Língua Portuguesa, Inglês, Artes e Educação Física); *Matemática e suas Tecnologias* (Matemática); *Ciências da Natureza e suas Tecnologias* (Biologia, Química e Física) e *Ciências Humanas e Sociais Aplicadas* (História, Geografia, Sociologia e Filosofia). Essa reforma aconteceu com o intuito e a necessidade de tornar o ensino mais flexível. Ao se propor uma porcentagem da grade curricular como opcional, é esperado que o ensino se torne mais maleável e de fácil acesso, ao mesmo tempo que se mostre eficaz no ensino básico e na preparação para o ingresso na universidade. Segundo Juliana Morales (2022),<sup>2</sup>

[...] surge a proposta de tirar de cena um modelo único e carregado de disciplinas obrigatórias para implementar um modelo de ensino mais flexível, estruturado em três grandes frentes: a garantia de direitos de aprendizagem comuns a todos os jovens definidos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC); o desenvolvimento de um projeto de vida por meio de itinerários formativos; e a valorização da aprendizagem, com a ampliação da carga horária de estudos.

O foco de nossa discussão recai especificamente sobre a área em que a Filosofia se vê inserida. Hoje, o ensino de filosofia no Ensino Médio se encontra integrado à área de conhecimento composta por História, Geografia e Sociologia, a “A área de ciências humanas e sociais aplicadas”. Com a reforma do Ensino Médio e uma nova BNCC em vigor, o ensino de filosofia entra mais uma vez (levando em conta todos os altos e baixos pelos quais já passou e todas as mudanças que ocorreram ao longo do tempo) em turbulência no meio educacional. Dentro do campo educacional, desde quando foi inserida na escola, a filosofia passou por vários níveis. De acordo com Leandro Sardeiro e Adriana Lopes (2019, p. 17),<sup>3</sup>

[...] O problema é que, entre 1996 e 2017, seu objeto de ensino – a filosofia – passou por alguns estágios diferentes: de um “conhecimento necessário para a cidadania”, atingiu o patamar de disciplina obrigatória e retornou para o ponto

<sup>2</sup> MORALES, Juliana. *Novo Ensino Médio: o que motivou a mudança, como vai funcionar, desafios*. <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/novo-ensino-medio-o-que-motivou-a-mudanca-como-vai-funcionar-desafios/> último acesso em (12/07/2022)

<sup>3</sup> SARDEIRO, L. A.; LOPES, A. A. L. “Filosofia ou História da Filosofia? Sobre a tarefa de um professor. In: ALMEIDA, A. C.S; FERRASA, I. A. C; SARDEIRO, L. A. (org.). *Laboratório do Ensino de Filosofia: ressignificando práticas*. 1. ed. Teresina: EdUESPI, 2021. p. 13-26.



inicial, ou seja, pensada como conteúdo e não como disciplina – trabalhado em um contexto almejado pela *transdisciplinaridade*.

No que diz respeito a sua característica disciplinar atual, consideraremos “onde” e “como” a filosofia se encontra dentro da BNCC, suas habilidades e competências e, principalmente, como trabalhar e ampliar sua forma metodológica e prática de ensino. Uma questão que não podemos deixar de compreender é o fato de a Filosofia se encontrar no meio de um ensino interdisciplinar. Há uma interdisciplinaridade entre os conteúdos que pertencem à mesma área de conhecimento, desde os seus aspectos mais básicos: o livro didático, por exemplo, pertence à área do conhecimento e deve ser explorado pelos professores das quatro áreas de ensino, organizando-se entre si para encontrar como fazer melhor uso dele.

Segundo a BNCC, essa área do conhecimento tem como objetivo propor a ampliação e aprofundamento daqueles aprendizados desenvolvidos no ensino fundamental. Contudo, no que se refere à Filosofia, ela só é introduzida na Educação básica a partir do ensino médio. Enquanto conhecimentos como História e Geografia possuem um ensino contínuo desde o início da vida escolar do estudante, a Filosofia e Sociologia entram somente agora, como novas acompanhantes para esse aprofundamento. De acordo com uma das habilidades propostas na área de conhecimento em que a Filosofia se encontra, a BNCC diz que o aluno do ensino médio possui uma maior capacidade cognitiva e, com isso, é importante e necessário que:

[...] os jovens elaborem hipóteses e argumentos com base na seleção e na sistematização de dados, obtidos em fontes confiáveis e sólidas. A elaboração de uma hipótese é um passo importante tanto para a construção do diálogo como para a investigação científica, pois coloca em prática a dúvida sistemática – entendida como questionamento e autoquestionamento, conduta contrária à crença em verdades absolutas. (BRASIL, 2018, p. 562)<sup>4</sup>

Podemos notar então a presença e uma preocupação com certas questões que permeiam o âmbito filosófico no seio das habilidades desta área. Ao falar em elaboração de hipóteses, investigação científica e afastamento de verdades absolutas, fica claro o teor filosófico dentro da base curricular da área à qual a Filosofia pertence. Outra competência irá tratar sobre a questão da importância do debate, outra atividade que é essencial do “fazer filosofia”, o que demonstra mais uma vez um certo teor filosófico dentro da previsão proposta pela BNCC: “Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e

<sup>4</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas-no-ensino-medio-competencias-especificas-e-habilidades> último acesso em (17/05/2022)



responsabilidade.” (BRASIL, 2018, p. 570)<sup>5</sup>.

Essa área em que a Filosofia se encontra inserida na BNCC conta com competências e habilidades de cunho bastante filosóficos, o que já foi inclusive discutido e evidenciado. O GT “filosofar e ensinar a filosofar” da ANPOF, em seu texto “Sem filosofia não tem base”, vai tratar dessa questão, fazendo um mapeamento e análise do cunho filosófico da BNCC. Segundo eles,

[...] a terceira versão da BNCC causou perplexidade e desencanto por se perceber a diluição da Filosofia na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a perda de sua especificidade, um olhar crítico lançado aos documentos mostra que é possível e necessário dar visibilidade aos elementos de Filosofia que ali permaneceram. [...] percebeu-se que era possível encontrar os conteúdos (conceitos, ideias, problemas) filosóficos no emaranhado de competências gerais e competências da área. (ANPOF, 2021, p. 2).<sup>6</sup>

Podemos ver que uma parte da comunidade filosófica brasileira percebeu e chamou a atenção para a presença da filosofia dentro da BNCC e que é importante nos aprofundarmos nisso. A ANPOF é a Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia. Ela surgiu com o intuito de promover e defender a integração e os interesses da área de Pós-graduação em Filosofia a fim de estimular o interesse pela investigação filosófica no Brasil. Além de que, promove encontros regulares entre os pesquisadores das temáticas filosóficas. A sua demonstração e preocupação com o desenvolvimento do teor filosófico da BNCC atualmente nos evidencia mais uma vez a necessidade de se pensar sobre como “fazer Filosofia” em sala de aula.

Foi a partir deste ponto que pensamos em como abordar e apresentar a Filosofia dentro da sala de aula. Com a proposta de um novo formato de currículo, dividido por áreas do conhecimento, o modo de apresentar e ministrar aulas se tornou mais livre, no que se refere a forma de apresentar e debater assuntos e conteúdos filosóficos. Essa liberdade pode se mostrar favorável para pensarmos novas e modernas metodologias de ensino, sem descuidar de muitas das coisas que já foram apresentadas e problematizadas pelos diversos estudiosos sobre o “Ensino de Filosofia” no Brasil.

Uma grande referência para o estudo e pesquisa sobre metodologias no ensino de filosofia é Silvio Gallo. Esse filósofo e pedagogo propõe um método didático capaz de direcionar uma nova metodologia para o Ensino de Filosofia. De acordo com o autor, o seu método consiste em quatro

<sup>5</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas-no-ensino-medio-competencias-especificas-e-habilidades> último acesso em (17/05/2022)

<sup>6</sup> ANPOF. GT Filosofar e Ensinar a Filosofar. *Sem filosofia não tem base*. [https://www.anpof.org/wlib/ckfinder/userfiles/files/Files%202/Files%203/Carta%20GT\\_Sem%20Filosofia%20na%CC%83o%20tem%20base%20\(1\).pdf](https://www.anpof.org/wlib/ckfinder/userfiles/files/Files%202/Files%203/Carta%20GT_Sem%20Filosofia%20na%CC%83o%20tem%20base%20(1).pdf) último acesso em (26/05/2022.)



momentos a serem utilizados em sala de aula: *sensibilização, problematização, investigação e conceituação*. O primeiro momento, o da sensibilização, se refere a introdução ao tema que vai ser tratado. É o primeiro contato pessoal e direto que o aluno vai ter com a temática. A segunda etapa é a de problematização. Nesta etapa, o aluno, já familiarizado com o tema, passa a problematizar o tema proposto; é o momento de o aluno começar a sua própria experiência filosófica, problematizando; o terceiro instante, o da investigação, é a parte da pesquisa e do aprofundamento do tema já problematizado; é o momento de se usar ferramentas que irão auxiliar no aprofundamento do problema, com pontos de vistas de diferentes filósofos para um mesmo tema e se valendo de uma leitura de História da Filosofia. O último passo é o de conceituação. Neste, o aluno já se familiarizou, problematizou e investigou o tema. Ele agora consegue pensar filosoficamente e pode conceituar aspectos a partir de sua própria experiência de pensamento filosófico. A etapa de maior interesse para a nossa discussão e proposta é aquela da sensibilização. Segundo Gallo:

[...] Sensibilização: Trata-se, nessa primeira etapa, de chamar a atenção para o tema de trabalho, criar uma empatia com ele, isto é, fazer com que o tema "afete" os estudantes. Sabemos que os conceitos só são criados para enfrentar problemas, e que só enfrentamos os problemas que efetivamente vivemos. Ora, de nada adiantaria que o professor indicasse um problema aos alunos. Para que eles possam fazer o movimento do conceito, é preciso que o problema seja vivido como um problema para eles. Daí a necessidade da sensibilização. Trata-se, em outras palavras, de fazer com que os estudantes vivam, "sintam na pele", um problema filosófico, a partir de um elemento não filosófico. Trata-se de fazer com que os estudantes incorporem o problema, para que possam vir a criar um conceito incorporal. (GALLO, 2012, p. 96)<sup>7</sup>

Gallo nos mostra um método didático que vai ajudar na “inserção” do aluno no problema filosófico que será debatido em sala de aula. A sensibilização consiste justamente nessa “inserção” do aluno no tema. Ele precisa ser afetado pelo tema. Precisa identificar a questão como algo real, vívido, claro e direto. A etapa da sensibilização se mostra indispensável para a nossa discussão, visto que abarca justamente o ponto inicial e introdutório para a proposta de ensino a qual iremos debater adiante. Nesse mesmo contexto, o autor chama a atenção para o uso dos materiais culturais que estão disponíveis na nossa atualidade e que podem auxiliar na construção desse processo. Os recursos culturais propostos pelo autor e disponíveis para a efetivação dessa sensibilização são:

[...] uma música, um poema, um quadro, um conto, um filme; ou mesmo um desenho animado, uma história em quadrinhos.... Em suma, algo que chame a atenção dos estudantes, sobretudo por falar sua própria linguagem, e que desperte

<sup>7</sup> GALLO, Silvio. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas: Papirus, 2012, p. 96.



seu interesse por um determinado problema (GALLO, 2012, p. 96).<sup>8</sup>

Explorando esse método didático, levando em conta todos os seus pressupostos e nos aprofundando na proposta da etapa de sensibilização, apresentaremos o uso do meio cinematográfico para o ensino de Filosofia. Visto que o Ensino Médio talvez seja a única oportunidade de contato com a Filosofia que o aluno irá ter, faz-se necessário o uso e a implementação de novas metodologias no que se refere ao seu ensino. A Filosofia é uma das áreas do conhecimento para as quais talvez seja mais importante e necessário se fazer uso de novas formas de abordar seus temas, visto que ela pode ser encontrada em diversos elementos da atualidade. O que Silvio Gallo propõe nos ajuda a pensar como aprimorar e tornar o ensino de filosofia mais acessível e claro. Contudo, é importante chamarmos a atenção ao fato de que, o que pretendemos propor, não seria somente fazer uso dessa etapa de um modo instrumental ou introdutório, mas sim fazer da etapa da sensibilização uma prática formal e necessária recorrente dentro do ensino de filosofia.

Visto que o próprio livro didático (principal instrumento usado para aplicação de conteúdo) se encontra “diluído” e dividido por áreas do conhecimento, sem mais uma organização por disciplinas, talvez seja possível o desenvolvimento de projetos. E isso, partindo da própria proposta da nova BNCC. A Escola começa a se transformar em um espaço aberto de discussão e amadurecimento. Podemos pensar na proposição de aulas combinadas e compartilhadas por dois ou mais professores da mesma área de conhecimento, levando em conta a disponibilidade e rotina escolar dos mesmos, para a aplicação de obras cinematográficas escolhidas e estudadas previamente pelos professores. Elas poderiam abarcar diversas temáticas. Um mesmo filme ou série poderia envolver temáticas da Filosofia e da História, por exemplo. Caberia aí uma pesquisa, debate e levantamento cinematográfico em conjunto, por parte dos professores, sobre quais obras usarem e em qual momento intervirem para a efetivação da metodologia proposta. No âmbito da Filosofia, essa utilização seria muito natural, pois que a utilização de uma construção “imagética” das teorias sempre foi uma constante. Poderíamos escolher mais de um caso para discutir e mostrar como isso acontece, mas o melhor de todos os exemplos pode ser visto no modo como Platão utilizou os “mitos” para explicar as suas teorias.

### **O mito e a cinematografia**

Não é novidade o uso de recursos além dos teóricos para apresentar uma filosofia ou teorias

---

<sup>8</sup> GALLO, Silvio. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas: Papirus, 2012, p. 96.



filosóficas. Em um primeiro momento, o uso da cinematografia para o ensino de Filosofia pode parecer equivocado e um tanto quanto longe da realidade acerca do que se é e como se faz Filosofia, visto que, para muitos, ela está sempre ligada à leitura e à escrita, com uma prática voltada principalmente para a atividade de reflexão somente a partir de longos textos e ensaios. Platão, uma das primeiras referências filosóficas para qualquer um que procure estudar Filosofia, apresenta diversas vezes um método não teórico ou literário para esclarecer as suas ideias filosóficas: o mito.

O mito tem uma grande importância e impacto na Filosofia desde seu nascimento. O berço da Filosofia Ocidental, a Grécia antiga, fazia uso dos mitos na “paideia” (educação) dos atenienses. Platão faz uso deste recurso imagético para apresentar, dentre outras coisas, a sua compreensão sobre esclarecimento, “mundo sensível” e “mundo das ideias”. Em seu famoso “mito da caverna”, por exemplo, Platão vai fazer uso de uma situação hipotética, através de uma figuração, para pôr sua teoria filosófica em evidência. Segundo Christopher Falzon,

[...] Com este mito, o próprio Platão faz uso de uma vivida imagem para ilustrar sua própria posição filosófica, para transmitir um sentido do que ele quer dizer. A imagem que Platão está usando não é uma ilusão ou mera aparência que devemos desviar os olhos para começar a se fazer filosofia. Pelo contrário, está desempenhando um papel positivo em seu discurso filosófico, com uma ilustração ou iluminação de sua posição; e, portanto, serve como caminho para a compreensão de seu pensamento filosófico. (FALZON, 2002, p. 4, tradução nossa).<sup>9</sup>

O mito consiste em uma situação imagética. Platão descreve uma caverna onde prisioneiros vivem desde seu nascimento, acorrentados. Vendo somente sombras produzidas pelo fogo que se encontra dentro da caverna, o mundo exterior como conhecemos é desconhecido para eles. Como se encontram acorrentados e de costas para a entrada da caverna, os homens só conseguem ver sombras do mundo que existe fora; estas sombras são tudo o que os homens entendem de mundo. Se, caso algum destes homens conseguisse se libertar das correntes, provavelmente precisaria fazer muito esforço para conseguir enxergar bem devido a grande claridade da luz do sol. O mundo desconhecido que ele iria passar a conhecer talvez provocasse nele um grande desconforto e pânico, talvez ele preferisse continuar no conforto do mundo que ele já conhece: a caverna. O mito da caverna é uma metáfora que acaba sintetizando o pensamento e a teoria das Ideias de Platão.

Quando fala em seu mito da caverna sobre sombras, Platão estaria se referindo justamente à realidade sensível em que vivemos. Esta é uma realidade de aparências e muitas vezes de enganação. A mesma caverna em que os homens vivem seria a realidade sensível em que vivemos. Quando um consegue se libertar das correntes, sair com muito esforço de dentro da caverna e se

<sup>9</sup> FALZON, Christopher. *Philosophy goes to the movies: An introduction to philosophy*. [S.l.]: Routledge, 2002.



vê cego pela luz do mundo exterior, esse homem estaria se libertando da realidade sensível e alcançando a realidade ideal, o “mundo das ideias”. Neste sentido, a nova luz que o deixa encandeado seria o conhecimento verdadeiro que agora conheceria. Para Platão, este então seria o papel do filósofo: sair do “mundo das sombras” em busca do conhecimento verdadeiro.

O mito da caverna é um dos mais conhecidos e comentados exemplos que temos do uso de recurso imagético na Filosofia. Porém, grandes pensadores ao longo da história da filosofia também fizeram uso deste recurso dentro de várias áreas do conhecimento filosófico. Christopher Falzon também aborda esta perspectiva. Segundo ele:

[...] O uso de imagens para ilustrar pontos e posições filosóficas deste tipo não é especificamente de Platão. Apesar da persistente tendência platônica de depreciar a imagem nos seus pronunciamentos “oficiais”, filósofos sempre recorreram a uma infinidade de visões impressionantes e vívidas para ilustrar ou esclarecer suas posições, para formular um problema ou para fornecer alguma base para discussões. A filosofia é cheia de estranhas e maravilhosas imagens e invenções deste tipo. [...] (FALZON, 2002, p. 4, tradução nossa<sup>10</sup>).

Toda essa situação hipotética e imagética proposta por Platão no mito da caverna pode ser compreendida de diversas maneiras. Uma delas, por exemplo, é comparar este processo desconfortável de saída da caverna com o processo de busca pelo conhecimento. Estamos presos às correntes de nossos preconceitos e todos vivemos em nosso mundo de conforto, em nossa caverna criada por aquilo que já conhecemos. Ou seja, a situação imagética e alegórica neste caso permite a reflexão e análise do próprio indivíduo sobre si mesmo no que se refere a sua busca por conhecimento. E que relação podemos fazer entre a utilização platônica do mito e as discussões atuais a respeito do Ensino de Filosofia? Ao pedir que imaginemos uma caverna com vários detalhes, como sombras e fogo, correntes e homens, poderíamos dizer que Platão estaria fazendo uso da chamada “sensibilização” que Sílvio Gallo nos apresenta, por exemplo. É interessante pensarmos esta questão. Mais de dois mil anos atrás, uma metodologia já estava sendo “aplicada”, através de um recurso que ia para além de uma simples leitura. No decorrer de *A república*, é recorrente o uso dessas figurações de situações hipotéticas para enfatizar teorias filosóficas propostas. Com isso, pode-se notar que, mesmo antes da existência do universo cinematográfico e audiovisual como o conhecemos, a filosofia já era compartilhada, apresentada e debatida de maneiras que estavam para além do textual e teórico. Está na hora de utilizarmos essas questões a nosso favor.

---

<sup>10</sup> FALZON, Christopher. *Philosophy goes to the movies: An introduction to philosophy*. [S.l.]: Routledge, 2002.



### A relação entre Filosofia e Cinematografia

Com isto, podemos então pensar em como a filosofia poderia se utilizar de algo parecido com o mito platônico: a cinematografia. O uso de filmes dentro do campo de ensino já é algo familiar. No ensino de filosofia também é comum. Os próprios livros didáticos costumam fazer indicações de filmes que podem ajudar para a apresentação ou fixação de algum conteúdo. Porém, pensamos aqui em como os filmes e a cinematografia em si se aproximam da prática filosófica. O filósofo francês Gilles Deleuze vai ser um dos autores a tratar desta aproximação entre filosofia e cinema. Deleuze vai falar sobre a “Filosofia indo ao encontro da não-filosofia” e o cinema vai ser uma dessas “não-filosofias” estudadas por ele, assim como a arte de um modo geral. Segundo Robert Stam, Deleuze pensava que:

[...] o cinema é em si um instrumento filosófico, um gerador de conceitos que traduz o pensamento em termos áudio-visuais, não em linguagem, mas em blocos de movimento e duração. A visão deleuziana rejeita a visão tradicional de que o cinema, ao contrário da literatura e da filosofia, não era “capaz de pensamento”. Deleuze trabalha com os conceitos que o cinema em si dá origem. No cinema o pensamento em movimento encontra a imagem em movimento. (STAM, 2006, p. 25).<sup>11</sup>

O pensamento de Deleuze nos ajuda a pensar como essa aproximação do cinema com a filosofia poderia ser proveitosa para a prática do ensino. Se, segundo ele, o cinema dá origem e é capaz de pensamento, o que nos impediria de fazer dele uma metodologia para a discussão filosófica? A experiência do cinema transporta o espectador para fora, é subversiva, obriga-o a ter pensamentos e reflexões, até mesmo de forma involuntária, sobre diversos aspectos tratados dentro da obra. E não é isso que a filosofia e a atividade filosófica propõem? Esta experiência subversiva pode trazer para dentro da sala de aula um novo olhar sobre a filosofia encontrada nos filmes.

Outro autor que vai pensar nesta relação entre a filosofia e cinema é o filósofo argentino Julio Cabrera. Ele vai trabalhar a questão da filosofia através do cinema, fazendo um contraste entre o modo “padrão” de se fazer filosofia –através de textos e ensaios – e a prática filosófica através da cinematografia. O pensamento de Cabrera é importante para nossa discussão, pois nos ajuda a pensar, e repensar, como se fazer filosofia, principalmente nos dias de hoje, além de que o autor traz elementos e conceitos que nos ajudam a pensar e identificar “onde” e “como” a prática do ensino através da cinematografia é possível. O autor apresenta um argumento importante para a nossa questão: “[...] a filosofia, quando manifesta seu interesse pela busca da verdade, não deveria apoiar

<sup>11</sup> STAM, Robert. “Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade”. In: *Revista Ilha do Desterro*, n. 51. jul-dez 2006, p. 19-53.



a indagação acerca de si mesma, na sua própria tradição, [...] mas inserir-se na totalidade da cultura” (CABRERA, 2012, p. 15)<sup>12</sup>. É importante falarmos sobre a necessidade de a filosofia se inserir na cultura e nos recursos contemporâneos, especialmente no que se refere ao modo de se fazer filosofia na escola. O cinema é um dos maiores elementos culturais que existem hoje. Desde obras cinematográficas cheias de clichês irrealistas até obras de cunho extremamente realista, vão provocar algum tipo de reflexão no seu espectador; a filosofia e o fazer filosófico podem ser explorados aí. É importante ressaltar, no entanto, que o recurso literário sempre vai estar presente, o uso de textos sempre é necessário, porém é importante pensarmos em novas maneiras de se abordar o ensino filosófico, principalmente na sua prática dentro da sala de aula.

Segundo Cabrera, o cinema traz um elemento chamado “conceito-imagem” que, assim como vários elementos dentro da filosofia, não vai ter uma resposta definitiva e concreta sobre o que de fato ele é. É algo que vai surgir a partir do impacto causado pela experiência que o filme vai proporcionar: “[...] não se trata de um conceito externo, de referência exterior a algo, mas de uma linguagem instauradora que precisa passar por uma experiência para ser plenamente consolidada[...]” (CABRERA, 2012, p. 20)<sup>13</sup>. O conceito-imagem irá surgir a partir de uma “experiência logopática” ao se assistir a um filme; ele é aquilo que vai ser o objeto de estudo e reflexão encontrado dentro da obra.

O saber “logopático” que a experiência do cinema vai proporcionar, segundo Cabrera, é caracterizado por um “deixar-se afetar” pela própria experiência. Não é simplesmente recolher informações, mas se deixar ser tocado pessoalmente e emocionalmente pela própria experiência enquanto ela acontece. O que podemos entender com isto é que o cinema deve ser levado em conta não somente no seu caráter superficial e imediato, mas que deve ser valorizado como uma experiência vívida a ser refletida e analisada. Poderíamos dizer que, neste caso, a atividade filosófica através da cinematografia se mostra de uma forma subjetiva, no que se refere aos seus aspectos mais intrínsecos e emocionais. Porém, isto não significa que uma obra, ao ser debatida e analisada por muitos, não se torne um objeto de estudo cheio de ramificações e interpretações, assim como muitos temas filosóficos que foram, e continuam sendo, debatidos.

Para entendermos melhor como se caracterizam os conceitos-imagem a partir da experiência logopática, Piasecki afirma que:

[...] os conceitos-imagem, portanto, referem-se a uma experiência logopática do cinema, em que o aspecto emocional (pática) e racional (logos) encontram-se para produzir no espectador uma experiência emocional e reflexiva. Pois não basta se apropriar de um problema filosófico, mas também é preciso vivenciá-lo, senti-lo,

<sup>12</sup> CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. [S.l.]: Editora Rocco, 2012.

<sup>13</sup> CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. [S.l.]: Editora Rocco, 2012.



para que se possa compreendê-lo melhor. [...] é a articulação entre o emocional e o racional para o fazer filosófico. [...] (PIASECKI, 2016, p. 77)<sup>14</sup>

Mais uma vez, poderíamos identificar elementos da “sensibilização” proposta por Silvio Gallo. A filosofia através da cinematografia possui uma relação muito forte com essa perspectiva de ensino que propõe uma fase de sensibilização. Porém, ainda que os elementos se aproximem e possuam uma função parecida, Cabrera não propõe a chamada sensibilização que já nos foi apresentada como método didático proposta por Gallo. Em vez disto, propõe a experiência logopática. Nesta, cada espectador vai sentir, interpretar, refletir e problematizar uma mesma obra de maneiras diferentes, além de que vai estar profundamente imerso na obra que está assistindo, o que vai permitir um impacto emocional muito mais forte. Para Cabrera, a relação entre espectador e obra deve ser logopática, deve abarcar os aspectos páticos (emocionais) e lógicos (racionais). Só assim vai ser possível entender realmente o que a obra quer dizer e quais elementos podem ser usados para um desenvolvimento filosófico a partir da obra, assim como estimular uma reflexão para além do que realmente a mesma se trata.

É importante ressaltarmos o fato de que Cabrera afirma que os conceitos-imagens não são exclusivos do cinema. Eles também podem ser encontrados e utilizados na literatura. Porém, o autor aponta e defende as diferentes características entre eles e o porquê do uso de filmes para se fazer filosofia: “O que distingue os conceitos-imagem do cinema dos conceitos-imagem da literatura ou da filosofia é uma diferença técnica e não estritamente de natureza” (CABRERA, 2012 p. 26)<sup>15</sup>. Apontando qual seria o diferencial técnico que o cinema iria trazer em relação à logopatia, que claramente também pode ser transmitida pela literatura, o autor afirma:

[...]O que o cinema proporciona é uma espécie de “superpotencialização” das possibilidades conceituais da literatura ao conseguir intensificar de forma colossal a “impressão de realidade” e, portanto, a instauração da experiência indispensável ao desenvolvimento do conceito, com o conseqüente aumento do impacto emocional que o caracteriza. [...] A literatura proporciona elementos para um filme, uma espécie de cinema privado, que está na sensibilidade de quem lê. O cinema apresenta, de forma peculiarmente “impositiva”, tudo (ou quase tudo?) o que a literatura só induz. [...] (CABRERA, 2012, p. 26)<sup>16</sup>

Entendemos aqui que o grande diferencial é o aspecto concreto e visível que a cinematografia vai proporcionar. Fazer uso do visual ajuda a obra a se tornar mais impactante e direta, coisa que pode ser mais difícil de se atingir somente a partir de uma abstração proposta pela

<sup>14</sup> PIASECKI, D.D. “Filosofar com cinema”. In: *Revista digital de ensino de filosofia*. Santa Maria, v. 2, n. 2, jul./dez., 2016, p.70-83.

<sup>15</sup> CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. [S.l.]: Editora Rocco, 2012.

<sup>16</sup> CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. [S.l.]: Editora Rocco, 2012.



leitura. Elementos como a passagem do tempo podem ser notados visivelmente pela mudança de características físicas no personagem. Quando o personagem que antes possuía cabelo escuro aparece com cabelos grisalhos e rugas na pele, fica óbvia a passagem do tempo, além do que o comportamento de determinado personagem pode silenciosamente demonstrar características essenciais para se entender do que se trata a obra. Estes são bons exemplos do impacto imediato causado pela cinematografia.

O ponto para o qual queremos chamar atenção é o fato de a cinematografia permitir uma maior e mais direta imersão do aluno no tema filosófico proposto. Exibindo um filme ou uma série com determinado tema, o aluno conseguirá visualizar de modo mais rápido e direto os problemas propostos dentro da obra. A cinematografia também vai permitir de algum modo um primeiro passo para um autoconhecimento. Ao assistir a uma obra que aborda problemas e discussões pessoais, o espectador – neste caso o aluno – pode de algum modo se enxergar dentro da obra. Para exemplificarmos isso, citamos o fato de que muitos filmes e séries abordam a questão da sexualidade de seus protagonistas. Ao assistir a uma obra deste cunho, talvez seja possível um autorreconhecimento por parte do espectador. Quando a obra aborda diretamente a questão e apresenta também de forma direta o personagem lidando com várias situações, ela permite ao espectador “colocar-se no lugar” daquele personagem, e talvez o faça começar uma reflexão sobre si mesmo. Outro exemplo é a questão de muitas obras cinematográficas abordarem grandes e pequenos problemas sociais, problemas reais que talvez o espectador não tenha noção de quão grande e próximos da sua realidade estejam.

### **Análise de algumas Obras**

Analisaremos aqui algumas produções populares e de acesso nos serviços de *streaming* que poderiam ser utilizadas em uma aula de Filosofia. Não somente filmes, também as séries podem ser levadas em grande consideração quando falamos de um ensino através da cinematografia. Além disso, mostraremos como se daria uma aula fazendo uso do recurso cinematográfico na prática, dentro da sala de aula. É importante ressaltar que as obras aqui analisadas são somente exemplos de possibilidades. Acreditamos que, se for bem analisada e bem trabalhada, qualquer obra de produção cinematográfica poderia vir a ser usada para o estudo filosófico. Às vezes um personagem, ou somente uma cena, pode oferecer e permitir uma reflexão sobre algum tema importante para a discussão proposta. Além de que, diversas obras podem abordar diversas temáticas, como as da área da Sociologia ou da História. Em um ensino interdisciplinar, é necessária a organização dos professores entre si para discutirem e decidirem qual obra usar e como abordar as suas respectivas temáticas, além da necessidade de levar em conta o tempo e os materiais ou recursos disponíveis.



É importante e necessário ressaltar a importância de que a obra seja estudada a fundo e de que haja intervenções filosóficas por parte do professor, para que ela não seja tomada como um momento de lazer ou para que algum aspecto importante passe despercebido. O que queremos dizer é que deve haver um cuidado e atenção especial ao fato de que muitas das vezes os alunos podem confundir o ensino através de produções audiovisuais com um momento de lazer ou diversão. Cabe ao professor deixar claro que esta atividade é aula, e que é o objeto de estudo a ser tratado e debatido.

A primeira obra cinematográfica que iremos tratar aqui é a série de TV da NBC, “The Good Place” (“O bom lugar”, em tradução literal). Distribuída mundialmente pela plataforma de streaming Netflix, “The good place” é um exemplo de como a filosofia pode estar presente em diversas áreas do entretenimento, inclusive na comédia. A trama da série gira em torno da personagem Eleanor Shellstrop e sua ida por engano ao “bom lugar” (que poderíamos entender como paraíso) após a morte. A personagem descobre que está no “bom lugar” por engano, visto que todos os outros residentes do lugar foram pessoas moralmente exemplares e boas durante suas vidas na Terra, enquanto ela mesma não foi uma pessoa muito ética e altruísta. Na verdade, fica claro que ela foi bem o oposto disso. No “bom lugar”, cada pessoa conhece sua “alma gêmea” e a da protagonista (Eleanor) é Chidi Anagonye, que é nada menos que um professor de filosofia com formação em ética e com uma grande admiração por Kant. Ao perceber que está no “bom lugar” por engano e que sua alma gêmea é um professor, Eleanor pede para que Chidi a ensine sobre ética e moral. Ela acredita que, dessa maneira, conseguiria se encaixar no “bom lugar”, cheio de pessoas com estas atribuições.

O enredo da trama é recheado de momentos em que o personagem Chidi está ensinando a Eleanor como agir moralmente. Há cenas de momentos de aulas propriamente ditas sendo ministradas pelo personagem. São feitas citações de teorias e linhas de pensamento de grandes filósofos como Aristóteles, Hume e Kant constantemente, além de abordar diretamente discussões sobre utilitarismo, imperativo categórico, dilema do bonde entre outros. Esta obra poderia facilmente ser utilizada no contexto da sala de aula. Os episódios são curtos, com no máximo 30 minutos, e possuem um formato de comédia, no qual os alunos poderiam se entreter ao mesmo tempo em que o professor fizesse observações e chamasse atenção para a filosofia ali presente. Uma boa cena para exemplificarmos como se daria a aplicação da série em sala de aula seria a do dilema do bonde:

Eis o dilema básico: um trem está correndo pelos trilhos e está fora de controle. Se continuar em seu curso e não for desviado, ele passará por cima de cinco pessoas que foram amarradas aos trilhos. Você tem a chance de desviá-lo para outra pista simplesmente puxando uma alavanca. Se você fizer isso, no entanto, o trem vai matar um homem que por acaso está parado nesta outra pista. O que você deveria fazer? (DILEMA do trem, 2019.)<sup>17</sup>

<sup>17</sup> DILEMA do trem. *Filosofia na escola*. <https://filosofianaescola.com/moral/dilema-do-trem/>. (último acesso CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880)

Na série, o episódio chamado "o dilema do bonde" consiste no personagem de Chidi apresentando para os demais personagens o dilema do bonde e suas várias diversificações. Os personagens dão as mais diversas respostas para o dilema e refletem sobre como lidar com a situação hipotética. Com a cena do dilema em prática, é possível ver as mais diversas reações para o problema proposto, e isso pode ser um grande aliado ao fazer filosófico dentro de sala de aula. Como parte de uma introdução ao utilitarismo, seria interessante mostrar os personagens em cena, tendo que decidir o que fazer na situação conflitante que o dilema propõe. Os alunos poderiam ver de forma direta as mais diversas respostas para o problema do dilema e, a partir de aí, refletirem sobre qual decisão acreditam ser a ideal, além de serem expostos aos diferentes pontos de vista que diferentes teorias morais vão apresentar. Tudo isso precisaria ser muito bem estruturado e planejado pelo professor, levando em conta seu tempo e a realidade de sua jornada de trabalho, de modo que pudesse aprofundar o máximo possível uma verdadeira "experiência logopática" da questão moral envolvida. A partir desse ponto, o aluno estaria pronto para compreender as demais implicações da questão abordada.

Outra obra que podemos citar aqui como de possível para aplicação em sala de aula seria o filme "Jogos Vorazes". É uma obra distópica que foi adaptada para os cinemas em 2012, baseada na série de livros escritos por Suzanne Collins "The Hunger Games" ("Jogos Vorazes", em tradução literal). A obra cinematográfica conta com um enredo de grande teor político e social, com analogias a formas de governo e à luta de classes. Além de que é importante chamarmos a atenção para o fato de que a criadora do universo de "Jogos Vorazes" se baseou nos contratualistas John Locke, Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau ao criar este universo distópico e deixou isto claro ao citar os três pensadores no prólogo de seu último livro do mesmo universo "*The ballad of songbirds and snakes*" ("A cantiga dos pássaros e das serpentes", em tradução literal, COLLINS, 2020, p. 8)<sup>18</sup>. A trama de "Jogos Vorazes" se passa em uma nação chamada Panem, distribuída em 12 distritos. Panem é liderada por um governo repressivo e autoritário, no qual os distritos vivem em função da Capital que os governa. Para evitar que aconteçam rebeliões, como aconteceram no passado e como política de punição, o governo da Capital realiza todos os anos os "Jogos Vorazes". Nesses jogos, um menino e uma menina de cada um dos 12 distritos são sorteados e levados a uma arena, controlada parcialmente pela Capital, para se tornarem "tributos" e lutarem até que sobreviva apenas um. Ao vencer, o sobrevivente terá uma vida de fortuna e glória, levando consigo até o fim de sua vida o título de vencedor dos Jogos Vorazes.

A personagem principal do filme, Katniss Everdeen, de 16 anos, vive no distrito 12, o mais

---

em 11/07/2022.)

<sup>18</sup> COLLINS, Suzanne. *The Ballad of Songbirds and Snakes*. [S.l.]: Scholastic, 2020.



pobre de Panem. Ela se voluntaria para participar dos jogos no lugar de sua irmã de 12 anos que havia sido sorteada. A trama gira em torno da sobrevivência de Katniss na arena de jogo, onde a selvageria se torna o normal. Na arena só existe uma lei: sobreviver. Essa sobrevivência é um dos aspectos que podem ser explorados na discussão filosófica dentro da sala de aula, pois possui um teor político-filosófico muito importante para o estudo acerca da natureza humana. Segundo Larissa Aguiar:

[...] a sobrevivência obriga os 24 seres humanos ali colocados a recorrerem a tudo que lhes for necessário para atingir seu objetivo. O egoísmo ultrapassa, muitas vezes, todos os outros valores e princípios, e a selvageria total toma conta do espetáculo. A própria Arena é um lembrete do estado de natureza hobbesiano dos indivíduos e, para além disso, um lembrete para os cidadãos de Panem de que, sem o controle estatal, sua realidade diária seria visceral e cruel[...]. (AGUIAR, no prelo)<sup>19</sup>.

É possível fazer uma análise de como é o comportamento dos 24 tributos dentro da arena e como o governo impõe seu poder de uma forma tão cruel ao assistir a esse filme. Ao verem de forma tão direta todos estes aspectos e características da forma de governo ou do instinto de sobrevivência dos personagens, acreditamos ser possível que os alunos sintam o impacto de forma mais clara sobre a questão política sendo abordada em sala de aula. Análises de ações e reações dos personagens podem proporcionar ao aluno um maior entendimento sobre aspectos do estudo sobre a natureza humana. Sem deixar nas entrelinhas, a obra mostra diretamente o quanto um governo autoritário tem poder sobre a população e como o ser humano pode chegar a tomar decisões que antes eram impossíveis de serem tomadas para sobreviver. Com interferências por parte do professor e incentivando uma reflexão crítica sobre esta obra, “Jogos Vorazes” se mostra como um grande aliado para um ensino filosófico e político através da cinematografia. Desde que muito bem planejado e estruturado.

### **Considerações finais**

Pensar o ensino de Filosofia a partir da imagem-movimento que Deleuze, Julio Cabrera e até Platão de alguma forma “reconhece”, mostra que a proposta de um ensino de filosofia através da cinematografia pode ser pensada e levada em conta. Aplicando e levado em conta as considerações sobre como se encontra o ensino atualmente de filosofia no Ensino Médio brasileiro e feita a abordagem sobre o método didático de Silvio Gallo, focando principalmente na etapa da sensibilização. Um ensino a partir de imagens e do universo cinematográfico, com séries e filmes, que os próprios alunos já têm uma familiaridade, pode proporcionar um ensino subversivo e mais próximo da realidade dos alunos, fazendo-os se inserirem nas discussões e temas filosóficos

---

<sup>19</sup> AGUIAR, Larissa. “O simbolismo político de ‘Jogos Vorazes’ e os protestos da juventude tailandesa”. In: *HemisféRIos: Revista acadêmica de Relações Internacionais*, Minas Gerais. No prelo.



propostos de uma forma mais rápida.

Com os exemplos de obras apontadas e a discussão acerca do Ensino de Filosofia proposto na nova BNCC, esperamos que tenhamos conseguido deixar clara a proposta de um Ensino de Filosofia através da cinematografia, levando em conta aspectos de metodologias que já foram pensadas e debatidas por estudiosos da temática. Ao trabalhar com filmes ou séries, é importante reiterarmos o fato de que não se trata de um simples momento de entretenimento ou diversão, mas que, além disto, trata-se de “fazer filosofia” com um componente cultural de tamanha relevância. O papel do professor é essencial. Estudar as obras, refletir sobre os aspectos filosóficos e conceitos que podem ser encontrados dentro de uma obra audiovisual é o que vai fazer a prática de um ensino através da cinematografia algo válido e efetivo. Portanto, esperamos que este trabalho consiga conversar diretamente com todos aqueles que se interessam pelo ensino de Filosofia a partir de novas metodologias e de diferentes recursos. A filosofia está sempre presente em diferentes áreas, e está na hora de usarmos isto a nosso favor.

Sendo assim, chamamos também atenção ao fato de que a proposta aqui apresentada não é um meio de “se livrar” do fazer filosófico como já conhecemos. Antes disso, pensamos a proposta como um “adicional” ao fazer filosófico dentro da sala de aula, levando em conta justamente as possibilidades que estão presentes na previsão da BNCC. Utilizar recursos cinematográficos, a arte cinematográfica, é mostrar como a Filosofia pode ser encontrada nos mais diversos espaços, inclusive no do entretenimento.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Larissa. “O simbolismo político de ‘Jogos Vorazes’ e os protestos da juventude tailandesa”. In: **HemisféRIOS: Revista acadêmica de Relações Internacionais**, Minas Gerais. No prelo.

ANPOF. GT Filosofar e Ensinar a Filosofar. **Sem filosofia não tem base**. [https://www.anpof.org/wlib/ckfinder/userfiles/files/Files%202/Files%203/Carta%20GT\\_Sem%20Filosofia%20na%20CC%83o%20tem%20base%20\(1\).pdf](https://www.anpof.org/wlib/ckfinder/userfiles/files/Files%202/Files%203/Carta%20GT_Sem%20Filosofia%20na%20CC%83o%20tem%20base%20(1).pdf) último acesso em (26/05/2022.)

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas-no-ensino-medio-competencias-especificas-e-habilidades> último acesso em (17/05/2022)

CABRERA, Julio. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. São Paulo: Editora Rocco, 2012.

COLLINS, Suzanne. **The Ballad of Songbirds and Snakes**. [S.l.]: Scholastic, 2020.

DILEMA do trem. **Filosofia na escola**. <https://filosofianaescola.com/moral/dilema-do-trem/>. (último acesso em 11/07/2022.)



FALZON, Christopher. **Philosophy goes to the movies: An introduction to philosophy**. [S.l.]: Routledge, 2002.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papyrus, 2012, p. 96.

MORALES, Juliana. **Novo Ensino Médio: o que motivou a mudança, como vai funcionar, desafios**. <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/novo-ensino-medio-o-que-motivou-a-mudanca-como-vai-funcionar-desafios/> último acesso em (12/07/2022)

OLIVEIRA, A. S; JARDIM, A. F. C. “O Cinema como metodologia para uma prática de ensino de filosofia”. In: **Poiésis: Revista de Filosofia**. Montes Claros: v.18, n.1, 2019, p. 17-31.

PIASECKI, D.D. “Filosofar com cinema”. In: **Revista digital de ensino de filosofia**. Santa Maria, v. 2, n. 2, jul./dez., 2016, p.70-83.

SARDEIRO, L. A.; LOPES, A. A. L. “Filosofia ou História da Filosofia? Sobre a tarefa de um professor. In: ALMEIDA, A. C.S; FERRASA, I. A. C; SARDEIRO, L. A. (org.). **Laboratório do Ensino de Filosofia: ressignificando práticas**. 1. ed. Teresina: EdUESPI, 2021, p. 13-26.

STAM, Robert. “Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade”. In: **Revista Ilha do Desterro**, n. 51. jul-dez 2006, p. 19-53.

**THE HUNGER Games**. Direção: Gary Ross. Produção: Nina Jacobson e Jon Kilik. Vancouver: Lions Gate Entertainment, 2012. 1 DVD (145 min), son., color.,

**THE GOOD Place**. Criação: Michael Schur. Estados Unidos: NBC, 2017. Vídeo (22 min), son., color.



## OS DESAFIOS NO ENSINO DE FILOSOFIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO ESTADO DE ALAGOAS

*The challenges on the philosophy teaching in a public school in the state of Alagoas*

Bárbara Rachel Ciríaco do Carmo<sup>1</sup>

Erick Santos da Silva<sup>2</sup>

Givanildo da Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

A pesquisa apresenta aspectos sobre os desafios no ensino de filosofia em uma escola pública no estado de Alagoas. A metodologia classifica-se como qualitativa em relação a sua abordagem, quanto ao seu objetivo, como um estudo exploratório. A coleta de dados ocorreu por meio de duas etapas, sendo a primeira uma entrevista semiestruturada com a professora de filosofia da escola e na segunda etapa foram realizadas observações das aulas de filosofia em turmas do primeiro e terceiro ano do ensino médio. Os resultados encontrados apontam que os problemas e as dificuldades apresentadas na pesquisa fazem parte de uma engrenagem social, no qual a classe dominante pensa e delimita a educação pública, de modo a manter seus interesses e privilégios.

**Palavras-chave:** Ensino de Filosofia. Ensino Médio. Educação Pública.

### ABSTRACT

The research presents aspects about the challenges in teaching philosophy in a public school in the state of Alagoas. The methodology is classified as qualitative in relation to its approach, regarding its objective, as an exploratory study. Data collection took place through two stages, the first being a semi-structured interview with the school's philosophy teacher and the second stage observations of philosophy classes in classes of the first and third year of high school were carried out. The results found indicate that the problems and difficulties presented in the research are part of a social gear, in which the ruling class thinks and delimits public education, in order to maintain its interests and privileges.

**Keywords:** Philosophy Teaching. High school. Public education.

### Introdução

A escola, enquanto uma instituição formal para o processo de ensino e de aprendizagem, está inserida em um contexto social e, portanto, sofre influência direta das exigências postas no contexto das políticas públicas de educação. Por meio da perspectiva de uma Pedagogia Histórico-Crítica, Dermeval Saviani (2013) aponta que as desigualdades

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: barbara.carmo@ichca.ufal.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: erick.psicologia7@gmail.com

<sup>3</sup> Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: givanildopedufal@gmail.com



sociais presentes na sociedade são refletidas dentro do ambiente escolar. Dessa forma, problemas de desenvolvimento social e a luta de classes, por exemplo, estão vinculados diretamente à educação e, conseqüentemente, há impactos na efetivação da escola para a classe trabalhadora, desconstruindo possibilidades de transformação na vida dos estudantes e de mudanças políticas, culturais e sociais. Para o autor, os interesses populares e a forma como a educação é conduzida, é algo explícito e que, portanto, merece atenção, uma vez que nenhum processo de ensino e aprendizagem é neutro, mas é carregado de sentidos, de intenções e de significados.

Nessa direção, Santos (2018, p. 55), sinaliza que “a escola é tomada como uma instituição formal de ensino, que serve à socialização dos conhecimentos produzidos pelo homem em suas formas mais desenvolvidas”. Desse modo, nota-se que a função social da escola é contribuir para o desenvolvimento dos envolvidos de forma que contemple diferentes dimensões político-sociais. Nessa perspectiva, a escola pública, que abriga majoritariamente pessoas da classe trabalhadora, sofre diretamente os impactos, por meio de um ensino público sucateado, conforme evidencia Mendes (2009), na medida em que não há investimentos, tornando, dessa forma, a impossibilidade de êxito na melhoria da qualidade das políticas públicas de educação que se reflete no desenvolvimento social e intelectual dos estudantes.

A partir dessas constatações, refletem-se que algumas disciplinas, como a filosofia, que estimulam o senso crítico dos estudantes, não são evidenciadas na grade curricular, em especial na configuração do novo ensino médio, mediante a Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Ora, se nenhum modelo de educação é neutro, e se a educação é pensada mediante uma determinada visão de homem e de sociedade, o ensino de filosofia nas escolas públicas torna-se um desafio para os docentes, na medida em que estimula o questionamento acerca dos interesses e privilégios sociais postos e perpetuados por quem detém o controle social. Contijo e Valadão (2004) estabelecem que, esse desafio ocorre, em primeiro lugar, pela quantidade de horas que é direcionada a essa disciplina no ensino médio, em segundo lugar, porque a escola – incluindo o corpo docente, discente e demais integrantes - parece estar pouco comprometida com a disciplina. Há, segundo os autores, dúvidas que pairam sobre o imaginário dos estudantes, como por exemplo: Por que devo estudar filosofia? Para que ela serve? Onde vou usá-la?

Não é de se estranhar que uma disciplina importante como a filosofia, que perpassa



o pensamento histórico, político e filosófico, discutindo e questionando várias dimensões sociais e mundiais, seja menosprezada em alguns modelos de educação, isso porque o ensino de filosofia, apresenta-se como um perigo à classe dominante, na perspectiva que contribui para que a classe trabalhadora tenha condições de analisar e compreender as situações que estão a sua volta.

Na visão de Saviani (2013), a desvalorização do ensino de filosofia faz parte do interesse da classe dominante, isso porque questionar as ações que estão postas, torna-se um sinal de perigo, de modo que transgredir e perceber esses interesses, sejam o ponto de partida para uma mudança social e coletiva. Desse modo, visando compreender a dinâmica da escola pública no ensino médio e suas relações com o processo de organização da escola e de ensino dos professores no campo da filosofia, esta pesquisa tem por objetivo apresentar os desafios no ensino de filosofia em uma escola pública localizada em um município no interior de Alagoas.

A metodologia da pesquisa realizada caracteriza-se como qualitativa. De acordo com Gil (2017), a pesquisa qualitativa pode ser definida como aquela que produz resultados sem utilizar para isso meios estatísticos e numéricos. Quanto ao seu objetivo, classifica-se como exploratória, a qual tem por finalidade oferecer aos pesquisadores uma maior familiaridade com o tema pesquisado, possibilitando dessa forma, elaborar hipóteses (GIL, 2017).

A coleta de dados ocorreu por meio de duas etapas, sendo a primeira uma entrevista semiestruturada com a professora de filosofia da escola. Para Alves e Silva (1992), a entrevista semiestruturada pode ser entendida como um tipo de entrevista flexível, englobando perguntas previamente elaboradas sobre o objeto/problema de pesquisa, além de dar espaço ao pesquisador para que outras sejam feitas no momento da entrevista. A segunda etapa de coleta de dados ocorreu por meio de observações das aulas de filosofia em turmas do primeiro e terceiro ano do ensino médio.

O texto está estruturado em duas partes que se completam, além da introdução e das considerações finais. Na primeira, dialoga-se sobre os desafios no ensino de filosofia em escolas públicas. Na segunda parte, destaca-se a realidade no ensino de filosofia, a partir da escola pesquisada.



### **O desafio no ensino de filosofia em escolas públicas**

De acordo com Saviani (2013), as desigualdades sociais estão presentes dentro da escola pública, de modo que a sala de aula reflete a realidade diária de cada estudante. As dificuldades e o contexto social interferem diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Por abrigar majoritariamente pessoas da classe trabalhadora, é importante que a escola pública não se distancie do seu horizonte político, evidenciando propostas educativas que contribuam para a análise social na qual os estudantes estão inseridos. Problemas como a evasão escolar e a reprovação por faltas, por exemplo, precisam ser analisados cuidadosamente sem desconsiderar os aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos.

Os jovens e os adolescentes que não conseguem concluir o ensino médio, muitas vezes, deixam a escola para trabalhar de maneira informal, pois necessitam suprir suas necessidades básicas, como comer e ter uma moradia. A respeito da evasão escolar no ensino médio, Pakenas e Filhos (2017, p. 61) apontam que:

O ensino médio é altamente impactado pelas condições de renda das famílias, muito vulneráveis, supondo-se que uma das razões que explicam a evasão e o abandono são as relativas às razões econômicas precárias que levam o jovem a trabalhar precocemente ou a não possuir condições de investir no curso. Também há a necessidade de adentrar nos problemas internos do sistema escolar para explicar o abandono e a evasão. O currículo propedêutico também contribui para o fracasso desse nível de ensino, pois, afasta ainda mais o educando, que não percebe significado ao que está sendo ensinado.

Diante dessas dificuldades, professores podem ser facilitadores, dentro das suas limitações e atribuições, no processo de aprendizagem dos estudantes. A forma como cada professor pensa o mundo, delimita também sua visão de educação. Entretanto, como aponta Saviani (2008), nem todo modelo de educação pode transformar a sociedade, nessa direção, pensar a educação como uma prática de liberdade, na medida em que mostra aos discentes os gargalos presentes na sociedade, situando-os em seu contexto histórico, político e social, sem deixar de potencializar as capacidades de cada um para superar as dificuldades, mesmo inseridos em uma sociedade capitalista.

De acordo com o pensamento de Saviani (2008), no modelo de educação como prática de liberdade, é necessário respeitar o estudante, sua história, seu contexto, seus sonhos, sua realidade, sem deixar de mostrar a ele outras possibilidades de vida e de



existência. Entretanto, na medida em que muitos estudantes precisam se dividir entre trabalhar e estudar, cuidar da casa, da família e de si mesmo, surge o desafio da escola e do professor em ser um facilitador dessa educação libertadora, transgredindo o sistema. Se os interesses da classe dominante estão postos nos moldes como a educação pública é pensada e planejada, fazendo com que a classe trabalhadora se aproprie dos conhecimentos político, cultural, social e educação (SAVIANI, 2013) para ter espaços que sempre foram demarcados pela elite. Nessa lógica, questionar e pensar criticamente parece ser um começo, entretanto, disciplinas como a filosofia, que se propõem a instigar o pensamento e o senso crítico dos estudantes são desvalorizadas, em especial, após a reforma do ensino médio em 2017, sendo esse um importante desafio no ensino de filosofia presente nas escolas públicas.

O ensino de filosofia na educação básica é inquestionável. Ele é o caminho possível para exercitar e estimular o senso crítico dos estudantes em sua formação inicial, bem como os que estão em formação nos cursos de licenciaturas. De acordo com Cerletti (2009), a formação acadêmica dos professores de filosofia se dá dentro de um espaço acadêmico em que, muitas vezes, privilegia determinados aspectos políticos em detrimento da dimensão social, pedagógica e técnica, dessa forma, a formação inicial, na graduação, torna-se, segundo o autor, um motor que em grande medida direciona os passos seguintes dos acadêmicos, os seus desejos e os interesses.

Nessa direção, questionar-se sobre que tipo de formação os docentes recebem nas universidades, torna-se um ponto de partida necessário para compreender as inclinações de cada professor, seus incentivos em sala de aula, bem como seu engajamento para a superação desse desafio enfrentado pelo ensino de filosofia nas escolas públicas. Araújo *et al.* (2009) ressaltam que ensinar é um compromisso ético, político e social, e no que se refere ao ensino de filosofia, é um compromisso de provocar nos estudantes o desejo pelo saber, pelo questionar e querer conhecer, contribuindo para a percepção de mundo e das causas coletivas.

Apesar do curso de licenciatura em filosofia ter como objetivo formar professores de filosofia, Gelamo (2009) faz uma movimentação argumentativa no intuito de evidenciar que, na grande maioria das vezes, essa formação acaba sendo muito teórica, desvinculando-se da práxis pedagógica. O autor evidencia, ainda, as dificuldades dos professores iniciantes



quando se deparam com a sala de aula, com o ambiente escolar e seus desafios. De acordo com Bido *et al.* (2020, p. 57), “a participação dos estudantes ativamente no processo formativo caracteriza um compromisso institucional e pessoal pela formação filosófica, científica e cultural”.

É necessário, portanto, que discentes do curso de licenciatura em filosofia conheçam os desafios no ensino de filosofia na rede pública, pois, enquanto estudantes e, posteriormente professores, essas pessoas estarão inseridas no contexto escolar, repleto de problemas e desafios como a desvalorização da filosofia na grade curricular, que conta, na grande maioria das vezes, com apenas uma aula por semana para cada turma.

### **A realidade no ensino de filosofia na escola estudada**

Alagoas é um estado situado na região nordeste, contendo, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2021), uma população estimada em torno de 3.365.351 habitantes. É um estado rico em belezas naturais e diversidade cultural, no entanto, no que diz respeito aos índices escolares, necessita de maior atenção e cuidado. Segundo o Anuário Brasileiro da Educação Básica (2018), em Alagoas, a cada 100 estudantes que ingressam na escola, apenas 55 concluem o ensino médio até os 19 anos. Os dados do Indicador de Permanência Escolar (2021) mostram que Alagoas, no ano de 2021, foi o quinto estado brasileiro com maior evasão escolar entre adolescentes com idades entre 16 e 17 anos. São dados preocupantes e que denunciam a urgência de se discutir a qualidade social da educação escolar dos alagoanos.

De acordo com o Censo Escolar (BRASIL, 2021), o estado de Alagoas possui 2.889 escolas de educação básica, no qual 69,9% dessas escolas integram a rede pública estadual de ensino. Ainda de acordo com o Censo Escolar, no ano de 2021, foram registradas 855.435 matrículas de educação básica. No quesito raça, chama a atenção o fato de pretos e pardos apresentarem maiores proporções na Educação de Jovens e Adultos (89,3%), o que denuncia, por sua vez, um problema educacional para essa população.

Esse cenário parece condizer com o que apresenta Pakenas (2017), ao afirmar que as condições de renda familiar impactam na experiência do ensino médio. Traduzindo-se nos dados de evasão escolar, muitas vezes, associado ao fato da necessidade de o estudante dividir seu tempo com o trabalho, e expresso na taxa de 13,8% de jovens alagoanos entre 18 e 24 anos matriculados em Instituições de Ensino Superior (IES). Os dados citados



anteriormente apontam Alagoas como um estado com um dos menores índices do país, revelando aspectos sociais que merecem ser tratados com atenção pelas autoridades públicas e políticas.

Perceber esses dados, gerados em escala de rede estadual, dentro da perspectiva do dia a dia, da sala de aula, pode ser uma tarefa pouco satisfatória, mas necessária. Quando se buscam as raízes desses problemas que parecem vir de uma questão estrutural, não se pode perder de vista o modelo de educação trabalhado e defendido pelo estado alagoano, assim como a visão de sociedade e de homem que ele partilha.

Para a escola funcionar é necessário o básico de infraestrutura a fim de atender as necessidades do corpo educacional e dos estudantes, caso contrário, toda a comunidade escolar será prejudicada, transfigurando-se em desafios para o ensino no estado. Vale ressaltar ainda, que a educação precisa ser vista por uma perspectiva intersetorial, mediante a presença de outras esferas sociais, como a saúde, a assistência social e o trabalho, de modo que as políticas públicas precisam estar alinhadas e caminhar juntas para que jovens e adolescentes alagoanos permaneçam dentro da escola e a enxerguem como um ponto de partida para uma mudança social e coletiva.

A escola na qual a pesquisa foi realizada situa-se em um município no interior de Alagoas, sua equipe gestora é composta por diferentes profissionais, sendo: 1 gestor geral, 1 gestor adjunto, 2 coordenadores pedagógicos e 1 articulador de ensino. A equipe de apoio conta com 2 agentes administrativos, 4 vigilantes/porteiros, 3 auxiliares de serviços gerais e 4 merendeiras. Em questão de estrutura, a escola conta com quadra poliesportiva e campo para a prática de esportes, cantina com mesas para refeições, biblioteca, laboratórios de ciências e informática e 12 salas de aulas.

A escola funciona nos turnos matutino e vespertino, para as turmas do primeiro ao terceiro ano do ensino médio; já no período noturno, oferta a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para as turmas do primeiro ano, o funcionamento da escola é em tempo integral. No momento da pesquisa, a escola contava com 13 turmas, distribuídas nos três turnos, sendo 5 turmas matutinas, 5 vespertinas e 3 noturnas.

Nas observações em sala, foi possível perceber que um dos maiores desafios no ensino de filosofia na escola alagoana é a falta de interesse dos estudantes. Os estudantes pareciam não entender a importância dessa disciplina para sua formação intelectual e social,



em muitos momentos, a aula era interrompida por conta do forte barulho que eles faziam entre si, denunciando falta de interesse e pouco comprometimento. Em um dado momento, um estudante levantou de sua carteira e disse em voz alta para a professora: “Filosofia não é aqui não, é na próxima sala”, já um outro relatou durante a aula querer “se livrar da disciplina e ser logo aprovado”. Tendo como base uma educação como prática de liberdade, pode-se pensar que a falta de interesse de alguns estudantes por determinados assuntos se dá, sobretudo, por conta de sua formação social. Nessa direção, quando não são estimulados a pensar criticamente, questionar os problemas postos socialmente torna-se uma tarefa árdua e desinteressante, pois a filosofia lida constantemente com o senso crítico e torná-la interessante passa a ser um desafio para os docentes.

Dentro da perspectiva da disciplina, a falta de interesse dos estudantes ocorre em grande medida, por conta do pouco diálogo que a aula faz com sua realidade, sendo um indicador de que em sua potencialidade de reflexão, a disciplina acaba sendo explorada de maneira mecanicista e pouco proveitosa, a capacidade de trazer o indivíduo a pensar e questionar sua experiência quanto um ser social e subjetivo é pouco utilizada. Contijo e Valadão (2004, p. 298) afirmam que “a filosofia poderia problematizar a existência da escola, criando possibilidades para que ela não se torne tão dogmática e que repense seus sentidos”. Dessa forma, é preciso pensar em possibilidades no ensino de filosofia, quando o professor se limita apenas ao livro didático sem buscar entender as inclinações de cada estudante, a aula torna-se pouco estimulante para cada um deles. Em outra observação, uma aluna afirmou para outra: “a aula está muito chata, vamos falar sobre outra coisa”.

Entretanto, muito dessa inflexibilidade dos professores a repensar seus métodos de ensino e criar novas possibilidades dentro da sala de aula diz respeito às normas e aos padrões impostos pelo próprio sistema, não só no que abrange o conteúdo que deverá ser ministrado aos estudantes, mas também ao tempo de sala de aula que o professor tem (BIDO et al. 2020), no caso da escola estudada, a professora de filosofia tinha apenas uma aula por semana em cada turma. Nessa direção, a disciplina não parece oferecer, dentro da realidade estudada, uma leitura de mundo interessante. Com uma carga horária de uma aula semanal, o professor de filosofia precisa se desdobrar em ministrar os conteúdos preconizados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de modo a orientar seus estudantes em questões de assuntos obrigatórios e de cunho avaliativos, afinal eles serão cobrados em provas de avaliações nacionais como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).



Nesse percalço, o docente se depara com o importante desafio de atrair a atenção dos discentes em um âmbito plural, que não engloba apenas aqueles poucos indivíduos que se interessam pela disciplina, o que resulta na necessidade de se criar estratégias para atrair a atenção desses e fazer com que se vejam apreendidos pela aula. De acordo com a professora, outro desafio no ensino de filosofia na escola alagoana é que não há como dissociar a filosofia da leitura, e entre os jovens e adolescentes da escola estudada, isso parece ser uma questão de grande dificuldade, apontando, talvez, para um *déficit* que vem de base com pouco incentivo à leitura.

Alguns apontamentos sobre o ensino tradicionalista evidenciam que ao entrar em contato com a aula, o estudante acostumado ao método: copiar, decorar e fazer a prova, acaba por ficar preso a essa metodologia mecanicista e, quando chamado a entrar em discussões que reflitam o assunto discutido em aula, acabam por não se interessar (GALLO, 2006) o que leva-nos a pensar que, dentro dos padrões tradicionalistas, o estudante não se sente provocado a entrar nas discussões, pois ele não consegue enxergar sua realidade dentro daquela sala de aula que deveria refletir sobre a sua própria existência.

Desse modo, é necessário que a aula faça um diálogo com a realidade do estudante. Além disso, através das observações em aula, a ausência do hábito de leitura dos estudantes parece ser uma barreira no desenvolvimento dos conteúdos a serem trabalhados, apontando para um *déficit* que vem de base, como o pouco incentivo à leitura desde os primeiros anos do ensino básico. Em um determinado momento da aula, estudantes do terceiro ano relataram não conhecer os pré-socráticos, assunto que geralmente é trabalhado no primeiro ano do ensino médio, esse relato mostra que a qualidade do ensino público em Alagoas precisa ser refletida e problematizada.

Tornar a disciplina interessante para o estudante de ensino médio demanda algumas estratégias que façam com que a filosofia converse com a realidade do discente, tema debatido e teorizado na academia, ao mesmo tempo em que é defendido o ensino de filosofia dentro do ensino básico. Assim, uma das formas de se trabalhar a filosofia em turmas de ensino médio é trazer problemas filosóficos que sejam realmente vivenciados por aqueles estudantes, de modo que haja um sentimento de identificação com a aula para que se possa introduzir os conceitos utilizados dentro da filosofia para tratar daquele problema, como discorre Sílvio Gallo (2006, p. 26):



O problema não pode ser um falso problema ou um problema alheio, externo a eles. Se só pensamos a partir de problemas que efetivamente vivemos, é importante que eles vivenciem o problema, apropriem-se dele, o incorporem. A partir do problema vivido, podemos investigar na história da filosofia conceitos criados para equacionar esse problema ou problemas próximos a ele.

Nesse sentido, pensar na formação continuada do professor, para que se atualize, reflita e que se faça uma ponte entre as discussões e descobertas desenvolvidas na academia e a sala de aula do ensino básico, pode ser um dos caminhos para algumas dificuldades existentes no ensino de filosofia (FUCUHARA; MURARO, 2022). Mas, ao passo que é pensado no aprimoramento do professor, deve-se considerar as condições que esse profissional está sendo imposto, como o tempo que ele tem livre, dentro de uma realidade que lhe impõe um número exacerbado de turmas para que feche sua carga horária, o que por vezes leva a necessidade de locomover-se entre várias escolas, ou que lhe é disponibilizado para que realize as formações continuadas.

Durante a entrevista realizada com a professora de filosofia da escola estudada, ela foi indagada sobre sua satisfação com o ambiente escolar, assim como se suas expectativas da graduação se alinharam com o que vivenciava naquele momento. A professora relata: “estou muito cansada, aconselho vocês a serem pesquisadores na filosofia ou escritores, se optarem por dar aulas no ensino médio, é isso que vocês se tornarão”. O relato da docente demonstra sua desmotivação em relação ao ensino e a escola pública, as condições de trabalho precárias parecem influenciar em seu cansaço, fazendo com que ela opte por meios tradicionais de ensino, o que, por sua vez, afeta no interesse e no envolvimento dos estudantes em sala de aula.

Entre tantos desafios, pensando na dinâmica da escola pública, não se pode deixar de lado o quesito da estrutura física das escolas, insuficiente em diversos aspectos, por vezes considerados básicos: salas com pouca estrutura e falta de material para o ensino da disciplina são alguns dos fatores que demonstram a dificuldade do ensino, não só da filosofia, mas do ensino público em geral, confirmando a ideia do sucateamento da escola pública e que interferem no desempenho e na motivação dos docentes. Por conseguinte, discutir sobre os desafios no ensino da filosofia na escola pública do estado de Alagoas, abarca uma luta por espaço e melhores condições de ensino, além da necessidade de se proporcionar e incentivar a formação continuada de professores, para que a pesquisa acadêmica que abarca a educação básica esteja sempre em diálogo com aquele que é seu



objeto de estudo.

### **Considerações finais**

Perceber a dinâmica que envolve as relações entre o ensino médio em uma escola pública e a organização da escola e do ensino, nesse cenário, vai muito além do que é lecionado em sala de aula, pois tem raízes nas relações sociais e políticas que influenciam os atores dessa relação: estudantes e corpo docente. A influência que esses fatores exercem no âmbito da escola se expressa no modo em que a aula se desenvolve: estudantes mais interessados ou não, método de ensino tradicional ou dialógicos, às inclinações do professor em fazer da educação uma possibilidade de transformação na vida do estudante ou apenas entregar o conteúdo que lhe é exigido para que aqueles indivíduos sejam aprovados e concluam aquela etapa formativa.

A educação em Alagoas há muito que ser melhorada, não só em parâmetros de sala de aula, mas em diversos aspectos da educação pública, tanto em questões estruturais, que embora apresentem um projeto de melhoria, ainda padecem em aspectos básicos como a falta de equipamentos de tecnologia, problemas com a rede de distribuição de água e energia, quanto em questões que parecem vir desde a educação básica, estampadas na falta de interesse em leitura na própria aula e no atraso dos estudantes com relação ao assunto cursado. Além disso, é necessário refletir sobre os impactos que o novo ensino médio trouxe para a educação pública, em especial para disciplinas como a filosofia.

Tendo em vista a escola pública como um organismo que oferece aparato para a maior parte da população do país, é preciso que se busquem formas para que essas problemáticas sejam mitigadas, seja por meio de educação continuada dos professores ou estratégias de melhores maneiras de dialogar com esses estudantes. Nessa perspectiva, o ensino de filosofia parece se destacar como uma forma de estímulo ao senso crítico do próprio estudante, que imergido em um sistema social complexo, pode ser levado a entender-se como parte fundamental dessa engrenagem e enxergar-se como um indivíduo capaz de gerar mudanças na medida em que também muda de acordo com sua leitura de mundo e de sociedade.

Não foi nossa intenção esgotar as discussões sobre os desafios no ensino de filosofia na rede pública de ensino de Alagoas, entretanto, parece-nos que os problemas e as



dificuldades apresentadas aqui, fazem parte de uma engrenagem social, no qual a classe dominante pensa e delimita a educação pública, de modo a manter seus interesses e privilégios. As reflexões apresentadas apontam que o ensino de filosofia seja, possivelmente, um sinal de perigo para a classe dominante, de modo que transgredir e perceber esses interesses, seja nessa lógica, o ponto de partida para uma mudança social e coletiva.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia, Ribeirão Preto**, n. 2, p. 61-69, 1992. Disponível em <https://www.scielo.br/j/paideia/a/yKQmzXgZMrdbCMkdbYvJYj/?lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2023

BIDO, José Mateus; SOUZA, Anderson Gabriel; FOGAÇA, Guilherme; ALMEIDA, Henrique; SILVA, Pedro Leão. Filosofia no ensino médio: expressão auto reflexiva sobre a formação. **Rev. Problemata: international journal of philosophy**. v.11, n.1 , 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/47556>. Acesso em 09 de jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resumo técnico do estado de Alagoas: Censo da educação básica 2021**. 2021. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/2021/resumo\\_tecnico\\_do\\_estado\\_de\\_alagoas\\_censo\\_escolar\\_da\\_educacao\\_basica\\_2021.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/2021/resumo_tecnico_do_estado_de_alagoas_censo_escolar_da_educacao_basica_2021.pdf). Acesso em 09 de jan. 2023.

CARMINATI, Celso João. Formação e ensino de filosofia. **Rev. Perspectiva Filosófica**. v.38, n.2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/230199>. Acesso em 09 de jan. 2023.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de Filosofia como problema filosófico** [tradução Ingrid Muller Xavier]. –Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.



CONTIJO, Pedro. VALADÃO, Erasmo Baltazar. Ensino de filosofia no ensino médio nas escolas públicas do Distrito Federal: História, prática e sentidos em construção. **Caderno CEDES – Campinas**. v. 24, n. 64, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jdB7c4PJ4gYN6kBZkdTqHNG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 01 de nov. de 2022.

FUCUHARA, Leticia Regina dos Santos Rodrigues; MURARO, Darcísio Natal. A leitura do mundo como base para o ensino de filosofia na perspectiva de Paulo Freire. **Rev. REFilo (Revista Digital de Filosofia)**. v.8, n.1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/67510/45994>. Acesso em 09 de jan. de 2023

GALO, Silvio. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. **Rev. Ethica**, Rio de Janeiro, v.13, n. 1, p. 17-35, 2006. Disponível em: <https://www.academia.edu/37439467>. Acesso em 23 de fev. de 2023.

GELAMO, Rodrigo Peloso. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de Filosofia?** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

GIL. Antônio Carlos. **Como Elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. Atlas, 2017.

GOMES, Isabel Cristina Soares Tebaldi. Filosofia no ensino médio: pensando o gênero no espaço público e privado. **Rev. Problemata: international journal of philosophy**. v.11, n.1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/53758>. Acesso em 09 de jan. de 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/al.html>. Acesso 02 de jan 2023.

MENDES, Maria Socorro dos Santos. Qualidade do ensino na escola pública: desafios e (im)possibilidade. **Rev. Psicologia: Ensino & Formação**. v. 1, n. 3. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pef/v1n2/v1n2a06.pdf>. Acesso em 01 de nov de 2022.



PIMENTA, Selma Garrido. **Didática Teoria e Pesquisa**. Ed. 2. Araraquara: Junqueira&Marin, 2018.

SANTOS, Raquel Elisabete de Oliveira. Pedagogia Histórico-Crítica: que pedagogia é essa? **Revista Horizontes**, v. 36, n. 2, p. 46-56, maio/ago. 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica primeiras aproximações**. 11ª ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

TODOS pela educação. **Anuário Brasileiro da Educação Básica**. São Paulo: Moderna. 2018.



## INOVAÇÕES METODOLÓGICAS NO ENSINO DE FILOSOFIA NA UNIVERSIDADE

*Methodological Innovations in the philosophy teaching at university*

Rita Helena Sousa Ferreira Gomes<sup>1</sup>

Deni Elliot Noronha Lopes<sup>2</sup>

Elias Sá de Lima<sup>3</sup>

Eliandro Antonio do Nascimento<sup>4</sup>

Yorrana Ferreira Tomaz de Lima<sup>5</sup>

Alexandre Willians Nascimento<sup>6</sup>

### RESUMO

A Teoria do Engajamento Transformativo tal qual caracterizada por O'Neill (2012, 2015) compreende o aprendizado como fenômeno processual, fluído e multifacetado. Partindo desta teoria, o artigo pretende contribuir com as discussões sobre o ensino de filosofia, partilhando achados de uma pesquisa realizada com 2 turmas de estudantes universitários na disciplina de Estética (Curso de Música - Licenciatura). As inovações metodológicas aplicadas nas turmas buscaram valorizar o ensino de filosofia em diálogo permanente com as vivências cotidianas e artísticas dos estudantes através de atividades em sala sistematicamente vinculadas aos temas previstos no programa da disciplina. Os resultados dos dados apontaram que as estratégias metodológicas de ensino utilizadas na disciplina tiveram impacto positivo para o engajamento dos discentes, atuando desenvolvimento de sua criticidade e criatividade.

**Palavras-chave:** Ensino Filosofia, Criatividade, Criticidade, Universidade.

### ABSTRACT

According to O'Neill's Transformative Engagement Theory (2012, 2015), learning is a processual, fluid and multifaceted phenomena. Departing from this theory, this paper aims to contribute with the philosophy teaching area by presenting data and results from educational research that occurred on 2 different under graduation classes of the Aesthetic course (Music Education Program). The methodological innovations applied on these classes were designed to foster a philosophy teaching based on a permanent dialogue between students' daily and artistical experiences through a set of classroom activities related with the theoretical issues stated on the course program. Results point that the methodological strategies were successful and impact on students' course engagement,

---

<sup>1</sup> Doutora em Filosofia – UFMG. Professora da Universidade Federal do Ceará - UFC - Sobral. E-mail: ritahelenagomes@ufc.br

<sup>2</sup> SEDUC-CE. E-mail: deninoronhalopes@gmail.com

<sup>3</sup> UFC - Sobral. E-mail: eliassa@alu.ufc.br

<sup>4</sup> UFC - Sobral. Email: eliandro02061998@gmail.com

<sup>5</sup> UFC – Sobral. Email: yorranjapsi@gmail.com

<sup>6</sup> UFC - Sobral. E-mail: xanddy99@hotmail.com



critical thinking and creativity development.

**Keywords:** Philosophy teaching, Creativity, Critical thinking, University.

### Introdução

Na última década, principalmente a partir da obrigatoriedade da inserção da disciplina de filosofia no ensino médio estabelecida pela lei 11.684/08, as discussões sobre o ensino de filosofia no Brasil se intensificaram e amadureceram. Os avanços nessa seara trouxeram novos contornos para pensar o papel da filosofia na formação escolar de jovens, o que, indubitavelmente, não se limita ao que ocorre nas salas das escolas básicas. Por um lado, o caráter crítico do fazer filosófico é reafirmado, reavivando ideias clássicas inerente à visão do que compõem a atitude filosófica; por outro, se coloca como questão os métodos de ensino que podem auxiliar nessa tarefa e que, necessariamente, não podem ser alheios às características e desafios que marcam o século XXI e o país. Essa discussão sobre a filosofia e seu ensino é relevante também para o âmbito das instituições de ensino superior, posto que abrigam, para além dos cursos de bacharelado e licenciatura em filosofia, uma enorme diversidade de formações que tem em suas matrizes curriculares disciplinas de natureza filosófica.

Reconhecendo a importância de contribuir com esse debate, especialmente naquilo que toca a interface entre ensino de filosofia e formação superior, esse artigo toma como pano de fundo a Teoria do Engajamento Transformativo de O'Neill. Embora originalmente dirigida à educação musical, as linhas gerais da Teoria do Engajamento Transformativo de Susan O'Neill se mostram bastante adequadas para pensar outros campos de estudo, uma vez que parte do entendimento que "Transformações educacionais ocorrem quando os indivíduos mudam suas referências por meio da reflexão crítica de suas pressuposições e crenças, implementando planos e conscientemente agindo para instaurar novas formas de definir seus mundos"<sup>7</sup>.

Segundo a Teoria do Engajamento Transformativo<sup>8</sup>, que o engajamento estudantil é complexo, haja vista o aprendizado ser processual, fluído e multifacetado, além de

<sup>7</sup> Mezirow, 1997; Mezirow & Associates, 2000; apud O'NEILL, S. Becoming a music learner: toward a theory of transformative music engagement. In: McPherson, G.E. & Welch, G.F. (Ed.). *The Oxford handbook of music education*. Vol. I. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 163 – 186.

<sup>8</sup> O'NEILL, S. Context Matters: Reflections on the 24th International Seminar on Research in Music Education. *The Canadian Music Educator*, 54.1, p. 13-15, 2012.



profundamente social, agentivo e relacional. Neste sentido, a teoria propõe uma perspectiva ecológica<sup>9</sup>, ou seja, mais do que considerar os ‘contextos’, deve-se considerar as lentes culturais, históricas e a diversidade que abarca o mundo pessoal e social dos estudantes, entendendo que estas atuam em suas construções identitárias e, portanto, em sua postura educacional.

Assumindo um paradigma complexo e inspirada, dentre outros, na pedagogia de Paulo Freire<sup>10</sup>, a Teoria do Engajamento Transformativo abandona uma visão que classifica os estudantes em como deficientes ou talentosos, preocupando-se em identificar as competências e significações do objeto de estudo para os discentes. Rejeita, ademais, a intolerância autoritária que despreza a multiplicidade dos saberes, apostando na criação de ambientes que, pela via da cultura participativa, são capazes de apoiar o engajamento com o aprendizado. A adoção de formas dialogadas e participativas, advém, ainda, do reconhecimento da importância dos valores para o conhecimento e que estes se desenvolvem (ou perecem) através dos relacionamentos dos sujeitos.

Sob esta ótica, encorajar diferentes formas de saber e fazer na sala de aula estimula maior sensação de pertença e, conseqüentemente, um engajamento mais profundo dos estudantes. Assim, borrar limites disciplinares; provocar os estudantes a se perguntarem ‘Como esse conhecimento pode ser importante ou útil para mim?’; reconhecer que ouvir e aprender com as ideias dos outros é mais importante do que atingir um objetivo unitário abstrato; e, acolher o ‘mundo real’ nas aulas através de reflexões, diálogos e atividades que tenham o potencial de produzir mudanças positivas e socialmente transformadoras, aparecem como diretrizes valiosas para práticas docentes que visem instigar a criticidade e a criatividade nos discentes.

Partindo desta base teórica, o artigo apresenta a experiência inovadora adotada em duas turmas da disciplina Estética em um curso de graduação em música (Licenciatura). Afora a narração do processo e o cotejamento com outros autores pertinentes, o texto contará com dados quantitativos e qualitativos relativos aos instrumentos metodológicos

---

<sup>9</sup> O’NEILL, S. Transformative Music Engagement and the Musical Flourishment. In: G.E. Mcpherson (ed.). *The child as a musician: a handbook of musical development*. 2a. ed. Oxford: Oxford University Presse, 2015.

<sup>10</sup> Cf. O’NEILL, S. Transformative Music Engagement and the Musical Flourishment. In: G.E. Mcpherson (ed.). *The child as a musician: a handbook of musical development*. 2a. ed. Oxford: Oxford University Presse, 2015.



utilizados.

A intenção primordial da partilha desses achados é contribuir para a ampliação dos caminhos possíveis de ensino de filosofia capazes de engajar transformativamente os alunos, especialmente, destacando o desenvolvimento da criticidade aliada à criatividade no que se refere a jovens/ jovens adultos que não optaram pelo estudo de filosofia diretamente. Ou seja, jovens que, em sua maioria, se deparam com aulas de filosofia por obra de uma obrigatoriedade curricular quer em sua formação básica, quer na superior.

### **A filosofia como estrangeira**

Como tantas outras, a pesquisa que guia esse artigo tem um início difuso, tendo raízes em problemas que, por sua complexidade, dificilmente podem ser capturados ou resolvidos nas estreitas raias exigidas – e necessárias! – pelas diretrizes da metodologia científica vigente. Nesse sentido, esse estudo começa numa constatação simples derivada da vivência pessoal de uma das autoras como professora do setor de estudos de filosofia geral em um campus universitário onde não há um curso de graduação nessa área. A localização da filosofia – em uma ou mais de suas muitas variantes possíveis - como uma disciplina ou conteúdo disciplinar em currículos formativos do ensino médio ou profissionais é, sem dúvida, um reconhecimento valioso da importância dela na fundação, composição e/ou validação dos demais saberes. No entanto, é errôneo imaginar que a mera inserção curricular da filosofia ou de seus conteúdos é uma garantia de compreensão de sua relevância pelos diversos atores educacionais ou pelas instituições.

Na prática isso significa que, em muitos casos, a filosofia tem, de saída, que lidar com um descrédito quanto a sua relevância efetiva para formação dos escolares e futuros profissionais. Esse descrédito, vale ressaltar, não emana somente dos estudantes, mas, mormente, pode ser visto em discursos e atitudes de colegas docentes e gestores. Isso, certamente, não é uma revelação bombástica ou nova, tampouco algo que deve ser analisado fora de um contexto sócio-político-econômico mais amplo. A própria luta pela inclusão da filosofia na educação brasileira e os espaços limitados que lhe são oficialmente disponibilizados apontam para a resistência que uma sociedade marcada pelo tecnicismo tem relativamente àquilo que, potencialmente, favorece o florescimento da criticidade, criatividade e diversidade dos sujeitos. “In this society, the productive apparatus tends to become totalitarian to the extent to which it determines not only the socially needed



occupations, skills, and attitudes, but also individual needs and aspirations”<sup>11</sup>.

Ainda com Marcuse, entende-se que essa sociedade de administração repressiva dos sujeitos em suas múltiplas dimensões não pode ser desvinculada do uso das tecnologias: “Our society distinguishes itself by conquering the centrifugal social forces with Technology rather than Terror, on the dual basis of an overwhelming efficiency and an increasing standard of living” (p.x)<sup>12</sup>. Assim, considerar bem os problemas que atravessam o ensino de filosofia hoje demanda de pesquisadores e docentes a compreensão de que há uma hostilidade sistêmica frente à criticidade e à criatividade que atinge a todos/as e que é, diuturnamente, reforçada pela estrutura algorítmica de redes sociais virtuais amplamente disseminadas. Essas redes, em geral, estimulam a confusão entre criticidade e debates superficiais, nos quais posicionamentos rápidos e ‘enlatados’ aparecem como substitutos de argumentos derivados de análises rigorosas. De modo semelhante, a criatividade é tolhida, estando sempre a um passo de ser cooptada pela lógica da repetição vazia sempre disposta a transformar o que é espontâneo e original em um objeto de consumo imediato e incessantemente aplicável, um “meme”.

Nesse cenário, o primeiro desafio dos/as professores/as de filosofia parece ser o de perceber que sua disciplina é como uma estrangeira que adentra em território alheio com toda documentação necessária, mas segue sujeita a muitos preconceitos e estereótipos. Assim como acontece em muitas experiências de migração, a permissão formal de entrada em um novo espaço é só o passo inicial de uma jornada muito maior: fazer-se pertencente. Todavia, defender que a filosofia deve lutar por ‘pertencer’, nem de longe, implica em afirmar que ela deve se conformar às regras estabelecidas. Ao contrário, ensinar a filosofar é, acima de tudo, dar ferramentas que permitam aos indivíduos observar, analisar e atuar na realidade para além daquilo que se apresenta como ‘comum e rotineiro’. Portanto, o pertencimento efetivo da filosofia nas instituições de ensino passa, necessariamente, por uma abertura para subversão dessas instituições e suas formas de fixar os fenômenos educacionais. Se a filosofia não pode extrair de si a atitude crítica, e esta requer o

<sup>11</sup> Em tradução livre: “Nessa sociedade, o aparato produtivo tende a se tornar totalitário ao ponto de determinar não apenas as ocupações, habilidades e atitudes socialmente exigidas, mas as necessidades e aspirações individuais”. MARCUSE, H. *One-dimensional man: studies in the ideology of advanced industrial society*. 5a.ed. Boston: Beacon press, 1968, p. XV.

<sup>12</sup> Em tradução livre: “Nossa sociedade se distingue por conquistar as forças sociais centrífugas por meio da Tecnologia ao invés do Terror, a partir da base dual de uma eficiência avassaladora e de uma crescente padronização da vida”. *Ibidem*, p. X.



movimento constante, natural da inconformidade e do questionamento, logo sua pertença sinaliza, sempre, a urgência de um deslocamento que se impõe não apenas ao espaço institucional que ela habita, mas a ela própria, pois “o ensino de filosofia deve problematizar seu próprio lugar”<sup>13</sup>.

É nessa tensão insuperável entre ser cidadã e estrangeira, pertencer e deslocar(-se) que a pesquisa que ora relatada se finca. A pergunta que a mobilizou e que se renova a cada nova turma é: Como tornar significativas as aulas de filosofia para discentes que, dadas suas opções educacionais e as condições sociais estruturais, provavelmente não tem uma identificação prévia com a matéria?

### **A disciplina de estética: locus da pesquisa**

Embora a pergunta explicitada antes tenha sido feita inúmeras vezes e gerado estratégias pedagógicas variadas, esse artigo irá descrever e analisar o que foi planejado/vivido/produzido na disciplina Estética nas turmas relativas aos semestres de 2018.2 e 2019.2 do curso de Música-Licenciatura da Universidade Federal do Ceará/Campus Sobral. As razões que justificam a escolha dessa disciplina e turmas são: 1) Estética é um componente curricular obrigatório da matriz do curso de graduação em Música Licenciatura, ou seja, faz parte de um curso que não é usualmente associado à filosofia; 2) a disciplina aparece no segundo semestre do curso, não sendo precedida por nenhuma outra da área, quer dizer, Estética é o primeiro (e único) contato curricular obrigatório exclusivamente dedicado à filosofia; 3) desde 2015, inovações metodológicas para condução da disciplina foram introduzidas e sistematicamente revisadas buscando integrar mais claramente os conteúdos filosóficos previstos com atividades artísticas desempenhadas pelas turmas. Nas turmas de 2018 e 2019, houve a produção de dados para pesquisa, que objetivaram registrar com maior precisão a percepção estudantil acerca das inovações implementadas e seu impacto na formação humana e profissional.

### **Contextualização do locus de pesquisa**

O curso de licenciatura em música da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral iniciou suas atividades em agosto de 2011, tendo como característica

---

<sup>13</sup> VANDRESEN, D. S.; GELAMO, R. P. O ensino de filosofia e a criação dos modos de vida, p.60 <http://www.scielo.org.co/pdf/noma/n46/0121-7550-noma-46-00047.pdf> (01/05/2021).  
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



marcante a ausência de teste de aptidão/habilidade específica em sua seleção<sup>14</sup>. O ingresso no curso é anual e se dá, eminentemente, via SiSU, sendo ofertadas 40 vagas para o turno noturno.

No decorrer de sua existência, o curso congregou discentes de 56 cidades, sendo prevalente entre elas as situadas na região noroeste do estado do Ceará<sup>15</sup>. Quanto à faixa etária, o curso reúne, principalmente, jovens e jovens adultos entre 17 e 23 anos, denotando que a maioria dos “alunos ativos no curso são oriundos diretos do Ensino Médio”<sup>16</sup>. Importa ressaltar que o curso sofreu com uma evasão de 49% do total de ingressos até março de 2020 e, segundo a análise dos dados, são nos dois primeiros semestres que ocorre a maior parte desse alto índice de evasão, sendo sua motivação primordial (26,1%) a incompatibilidade entre trabalho e estudos, seguida pelo “desalento em relação ao curso”, com 13%.<sup>17</sup>

Como dito anteriormente, Estética está alocada na matriz curricular no segundo semestre do curso como disciplina obrigatória. Com carga horária total de 64 horas (4 créditos), sua ementa contempla: “Introdução ao mundo conceitual e teórico da filosofia estética. A arte como experiência de expressão humana. O belo como categoria da ação humana. Definições de obra de arte. A função estética da arte e da educação”<sup>18</sup>.

Entretanto, essas indicações burocráticas não podem ser tomadas fora do contexto do curso. Urge que, na elaboração de planos e traçados pedagógicos, Estética assuma o fato de estar colocada no epicentro do momento sensível da graduação no qual estatisticamente há mais evasão, quer por razões ligadas ao mercado de trabalho, quer por uma desilusão com o curso. O que pode a filosofia nessa situação? Como, pela via filosófica, é possível mostrar que a formação pedagógica e artística de professores de música se intercrucza com os

<sup>14</sup> Tradicionalmente, os cursos de música no país, além das provas de conhecimentos gerais (vestibular, ENEM, etc.) solicitam dos/as candidatos/as um teste de habilidade específica. Somente 12% das instituições públicas no Brasil que ofertam cursos de música não exigem esse tipo de exame. SILVA, E. T. da. *Testes de aptidão musical em cursos de licenciatura em música: desnaturalização do conceito e suas implicações em ações educativo-musicais*. Fortaleza, Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação/UFC/Faculdade de Educação), 2019.

<sup>15</sup> BENVENUTO, J.E.A. de; RODRIGUES, T. E.R.; FARIAS, U.S.de. *10 anos do curso de Música – Licenciatura da UFC, Campus Sobral: uma análise dos perfis discentes*. <http://abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/viewFile/387/232> (10/09/2021).

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> Ibidem.

<sup>18</sup> Documento oficial: STERVINO, A. et al. *Projeto pedagógico do curso música licenciatura – Campus Sobral*, p.54. [file:///C:/Users/ritah/Downloads/PPC%20M%C3%BAsica%20\(Sobral\)%20-%202018-2019%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ritah/Downloads/PPC%20M%C3%BAsica%20(Sobral)%20-%202018-2019%20(1).pdf) (30/09/2021).



desafios cotidianos vividos pelos/as discentes, com suas expectativas e processos de subjetivação? Como integrar conceitos abstratos e arte na lida com jovens que estão iniciando processos reflexivos mais densos? Tais perguntas apontam que o esforço de engajar os/as estudantes na disciplina Estética exige que se ultrapasse o mero compromisso burocrático de ministrar os conteúdos previstos: é preciso tornar as aulas momentos de experimentação da filosofia como ferramenta essencial do processo de construção de sentidos.

A convicção de que a tarefa da disciplina Estética superava o cumprimento de sua ementa na carga horária estipulada foi amadurecida pela própria prática docente na sala de aula, pelas trocas com docentes do curso de música e por leituras e pesquisas no campo da educação musical desde 2012. A partir de 2015, como um dos efeitos do estágio pós-doutoral realizado pela professora responsável pela disciplina, no qual houve um aprofundamento teórico e prático através da teoria do Engajamento transformativo, a disciplina Estética passou a ensaiar maneiras de incorporar, no seio dos debates filosóficos, atividades de natureza artística.

Nas turmas de 2015<sup>19</sup>, a atividade artística foi inserida como última avaliação regular, cabendo aos grupos de estudantes expressar artisticamente um dos temas discutidos na segunda metade da disciplina. Em 2016, essa estratégia foi repetida. No ano seguinte, a produção artística foi planejada pela turma como um todo e redundou, ao final do semestre, no Espetáculo Experimental de Estética que trouxe apresentações cênicas, de dança e de música escritas, dirigidas e performadas pela turma e que se baseavam nos conteúdos trabalhados em sala ao longo de todo semestre. Embora com resultados interessantes, cada uma dessas experimentações ocorridas entre 2015 e 2017 tinha suas limitações. Nos dois primeiros anos, o alojamento da atividade artística como uma avaliação de fim de semestre dava a entender que ela era um apêndice, comprometendo a noção de uma integração mais refinada entre filosofia e arte. Em 2017, a dimensão processual dessa integração foi bem sucedida, todavia, coordenar a cooperação de toda a turma na produção original de um espetáculo – ainda que sabidamente amador – mostrou-se um trajeto pleno de percalços. Em 2018 e 2019, a disciplina foi planejada visando sanar as limitações detectadas entre

---

<sup>19</sup> Dado o afastamento da docente responsável para pós-doutorado em meados de 2014, em 2015.2 foram ofertadas duas turmas em horários distintos de modo a garantir que tanto a turma de 2014, quanto a de 2015 cumprissem o que estava previsto na grade curricular.

2015 e 2017. Esse planejamento foi enriquecido pela colaboração de estudantes que escolheram participar do projeto “Criação e colaboração artística: inovações metodológicas na disciplina de estética” que contou com o apoio da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil da UFC.

## Planejamento e procedimentos metodológicos

### Turma de 2018.2

Em junho de 2018, a equipe do projeto “Criação e colaboração artística: inovações na disciplina de estética” reuniu-se para definir as diretrizes gerais relativas ao planejamento das aulas e atividades a serem realizadas entre agosto e dezembro daquele ano. Naquela altura, já era sabido que as quatro horas semanais das aulas de Estética seriam divididas em dois dias consecutivos, a saber, nas quartas-feiras (de 20:00 às 22:00) e nas quintas-feiras (de 18:00 às 20:00)<sup>20</sup>. Essa divisão foi aproveitada no planejamento para delimitar os espaços de exposição teórica dos conteúdos e as experimentações ‘práticas’ ligadas a eles.

**Tabela 01:** Planejamentos das aulas por assuntos

Aula	Assunto
1 <sup>a</sup>	Apresentação da disciplina
2 <sup>a</sup> e 3 <sup>a</sup>	Noções iniciais em Filosofia (Teoria+ Atividade em sala)
4 <sup>a</sup> e 5 <sup>a</sup>	Pensando as artes (Teoria+ Atividade em sala)
6 <sup>a</sup> e 7 <sup>a</sup>	Educação: experiência e sentido (Teoria+ Atividade em sala)
8 <sup>a</sup> , 9 <sup>a</sup> e 10 <sup>a</sup>	Experiência estética (Teoria + Teoria + Atividade em sala)
11 <sup>a</sup> e 12 <sup>a</sup>	Educação e música (Teoria+ Atividade em sala)
13 <sup>a</sup> , 14 <sup>a</sup> e 15 <sup>a</sup>	Nietzsche: filosofia e arte (Teoria+ Teoria + Atividade em sala)
16 <sup>a</sup>	Epistemologia(s), economia e educação (Teoria)
17 <sup>a</sup> , 18 <sup>a</sup> e 19 <sup>a</sup>	Escola de Frankfurt e indústria cultural ((Teoria+ Teoria + Atividade em sala)
20 <sup>a</sup> e 21 <sup>a</sup>	Arte e educação (Teoria+ Atividade em sala)
22 <sup>a</sup> e 23 <sup>a</sup>	Avaliação (Apresentação das produções pelos grupos)
24 <sup>a</sup> .	Liberação obrigatória dos estudantes para evento da instituição
25 <sup>a</sup> até 31 <sup>a</sup>	Avaliação (Apresentação das produções pelos grupos)
32 <sup>a</sup> .	Encerramento da disciplina

Fonte: Base de dados da pesquisa

<sup>20</sup> Devido a peculiaridades do perfil discente do curso, o planejamento considerou que cada encontro teria, em média, 1 hora e 30 minutos de duração ao invés de 2 horas. Essa ‘redução’ da carga horária visava honrar acordos prévios entre docentes e estudantes que consideravam o tempo de chegada e retorno dos transportes universitários vindos de cidades nos arredores de Sobral.



Os temas e bibliografias a serem debatidos em Estética foram selecionados com base nas experiências prévias de ministração da disciplina que demonstraram a dificuldade dos/as estudantes em acompanhar discussões e leituras que privilegiavam uma abordagem histórica da emergência do campo filosófico da estética. As vivências anteriores apontavam, também, para uma melhor compreensão e consequente participação mais ampla em aulas cujos temas e textos expunham uma conexão mais direta dos aspectos filosóficos com aqueles artísticos, pedagógicos ou mais facilmente detectáveis no cotidiano dos/as discentes.

A separação dos temas em momentos de “teoria” e “atividade em sala”, por sua vez, visava possibilitar à turma a experimentação dos conteúdos filosóficos tanto na sua dimensão abstrata, quanto em suas articulações com aquilo que é percebido concreta e cotidianamente. “Atividades em sala”, portanto, é um termo genérico para propostas variadas que colocavam em segundo plano a exposição conceitual propriamente dita, e, em seu lugar, estipulavam ações em que os/as alunos/as assumiam o protagonismo individual ou coletivamente, mobilizando sua bagagem cultural, teórica, artística e vivencial para execução da tarefa. O objetivo principal de cada proposta era destacar um ou mais tópicos percebidos como nodais para o fomento de um aprendizado mais significativo do assunto da aula antecedente, haja vista que “O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana”<sup>21</sup>. Tendo isso presente, ao final de cada uma dessas atividades, a docente instigava os/as participantes a notarem como a tarefa se vinculava ao tema discutido nas aulas anteriores, impulsionando, assim, a experimentação do movimento espiral entre abstração e observação da concretude/vivência cotidiana exigidos pelo pensar, agir e sentir críticos e livres das amarras dos dualismos que apartam definitivamente filosofia e arte, mente e corpo, conhecimento e vida.

**Tabela 02:** Assuntos/Atividades em sala/Objetivos

Aula	Atividade	Descrição da atividade/Objetivo
Noções iniciais em filosofia	1) Jogo da história ‘cego’ 2) Jogo de completar a história (falado)	1) Cada pessoa escreve no papel em tiras separáveis: um personagem, um local, um evento e uma consequência do evento. Cada um dos itens é separado e trocado com colegas formando uma nova história.

<sup>21</sup> LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, no. 19, 2002, p. 26.

		<p>Objetivo: destacar a importância da coerência do pensamento e a dificuldade em misturar “histórias” e “ideias” que estão em contextos diferentes.</p> <p>2) Iniciando com a frase “Um dia eu encontrei um filósofo que me explicou...” cada pessoa deverá completar a história, seguindo ou modificando o roteiro recebido.</p> <p>Objetivo: Pensar as ideias como construções coletivas modificáveis por perspectivas e contextos culturais e individuais.</p>
Pensando as artes (22/08)	Produção de poesias	<p>Em equipes de 3 ou 4 pessoas, fazer uma poesia sobre a natureza da arte e, em seguida, com o mesmo tema, mas com palavras específicas entregues a cada equipe fazer uma nova poesia. Partilhar as produções.</p> <p>Objetivo: pensar sobre a arte e sobre como os limites ‘externos’ se impõe sobre o fazer artístico.</p>
Educação: experiência e sentido (29/08)	Momentos significativos	<p>Solicitar (na aula anterior) que cada estudante traga um objeto que represente um momento/descoberta significativo em sua vida. Durante a aula, o estudante deve escrever a justificativa de sua escolha. Em grupos, esses objetos e justificativas devem ser partilhados.</p> <p>Depois de findada essa etapa, pedir-se-á que cada estudante, em cada equipe, identifique um momento marcante em sua trajetória educacional, justificando-a para os colegas de grupo.</p> <p>Objetivo: Tornar presente a relevância da experiência e do sentido na vida e no contexto educacional</p>
Acerca da experiência estética (12/09)	Recriação de objetos cotidianos	<p>Solicitar que os estudantes caminhem pela sala e/ou pelo campus, escolham um objeto e o recriem. A recriação deve considerar sua forma, sua função e outros aspectos considerados relevantes pelo autor.</p> <p>Partilhar as produções.</p> <p>Objetivo: Estimular novos olhares sobre o que nos cerca.</p>
Educação e música (19/09)	Beat box	<p>Em grupos de 3 ou 4 membros, compor uma música baseada na aula/texto do dia anterior. Partilhar as produções com a turma.</p> <p>Objetivo: Fomentar uma reflexão conceitual e “supraconceitual” acerca da educação musical</p>
Nietzsche (27/09)	Performances teatrais	<p>Em grupos de 5 membros, os discentes devem criar uma sketch inspirada na filosofia nietzscheana.</p>



		Partilhar a produção. Objetivo: Aproximar-se de uma forma artística das propostas nietzscheanas, o que é coerente com a postura do próprio autor.
Escola de Frankfurt e Indústria cultural	Cartaz coletivo	Toda a turma deve reunir-se para discutir que ideias mais lhe marcaram acerca das discussões sobre economia, estética e arte/cultura. Com base nesse diálogo a turma deverá produzir um cartaz no qual se evidenciam visualmente sua(s) reflexão(ões). Objetivo: Estimular, pela via da criação e da troca de ideias, a elaboração dos conceitos apresentados nas aulas (16 <sup>a</sup> . 17 <sup>a</sup> e 18 <sup>a</sup> ).

Fonte: Base de dados da pesquisa

Com o intuito de melhor analisar o impacto das estratégias metodológicas previstas, além do termo de esclarecimento livre e esclarecido, da autorização de uso de imagem e das fotos e vídeos dos encontros em que se dariam as ‘atividades em sala’ e dos diários de campo dos membros do time de pesquisa, foram construídos instrumentos de produção de dados cujo foco geral era avaliar as contribuições e limitações da metodologia aplicada ao longo da disciplina. Especificamente, o material desenvolvido pretendia avaliar as contribuições e limites: 1) do uso de recursos lúdicos e artísticos para o aprendizado dos temas pertinentes à disciplina (conforme programa da mesma); 2) da disciplina, relativamente ao fomento e desenvolvimento da criatividade; 3) da disciplina, quanto ao fomento e desenvolvimento da colaboração entre estudantes; 4) da disciplina, no que toca ao fomento da percepção estudantil quanto à articulação entre conceitos filosóficos, vivências cotidianas e artísticas.

No total, foram feitos 9 registros/questionários com uma pergunta aberta cada. À exceção do primeiro e últimos registros/questionários que foram entregues aos estudantes, respectivamente, na primeira e última aula, os demais foram distribuídos em sala nas aulas seguintes àquelas em que aconteciam ‘atividades em sala’.

**Tabela 03:** Instrumentos de produção de dados 2018.2

Instrumento	Conteúdo do instrumento
1	Registro/questionário Qual sua expectativa quanto a disciplina de Estética?
2 & 3	Registro/questionário Considerando as aulas/atividades realizadas até agora, quais suas impressões sobre a metodologia utilizada?
4	Registro/questionário Considerando as aulas/atividades realizadas até agora, como você avalia que a disciplina tem contribuído (ou não contribuído) para seu aprendizado?

5	Registro/questionário	Considerando as aulas/atividades realizadas até agora, como você avalia que a disciplina tem estimulado (ou não estimulado) sua criatividade?
6	Registro/questionário	Considerando as aulas/atividades realizadas até agora, como você avalia que a disciplina tem estimulado (ou não estimulado) a colaboração entre os estudantes da classe?
7	Registro/questionário	Considerando as aulas/atividades realizadas até agora, como a metodologia adotada tem (ou não tem) sido capaz de lhe auxiliar na articulação entre teorias, práticas e vivências artísticas?
8	Registro/questionário	Considerando as aulas/atividades realizadas até agora, como você percebe que seu interesse, participação e engajamento na disciplina foram afetados (positiva ou negativamente) pela metodologia adotada?
Final	Registro/questionário	Considerando aprendizado, criatividade, colaboração/relacionamento com os colegas, engajamento e articulação teoria/vivência artística, registre sua impressão sobre a disciplina Estética:

Fonte: Base de dados da pesquisa

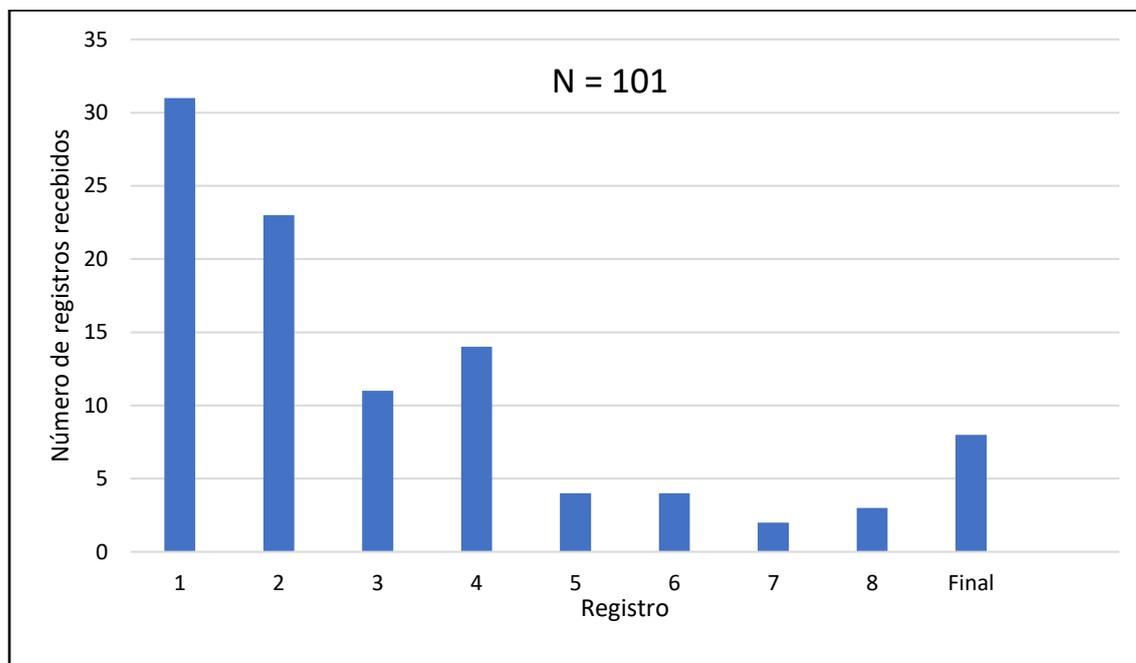
Como a pesquisa se desenrolaria no seio da sala de aula, já no primeiro encontro com a turma, a docente teve o cuidado de sublinhar que a participação dos/as estudantes não afetaria suas notas. Os registros/questionários foram feitos visando dificultar a identificação do/a respondente pela docente, de modo que este/a se sentisse livre para expressar suas opiniões. Contudo, pela necessidade de organizar os dados produzidos e o desdobramento das percepções de cada estudante no decorrer do semestre, todos os registros/questionários solicitavam o número de matrícula do/a aluno. A tarefa de ordenação dos registros/questionários por participante foi repassada aos colaboradores discentes da equipe de pesquisa também com o objetivo de evitar, ao máximo, o reconhecimento de qualquer participante pela professora.

Embora incentivada verbalmente e pela entrega dos registros/questionários para todos os presentes em sala, a devolução deles não foi exigida. Isso explica a variação de respondentes relativamente a cada registro/questionário, bem como a diferença entre o número de estudantes que acompanharam regularmente a disciplina e o quantitativo de material disponível para análise da pesquisa. De acordo com dados do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UFC, a turma de Estética de 2018.2, contou com 43 matriculados, dos quais 41 do curso de Música-Licenciatura e 2 da Engenharia da Computação. Deste total, 3 procederam trancamento, 3 reprovaram por falta e 37 foram aprovados. Já o banco de dados da pesquisa aponta o recebimento de 101 respostas,



produzidas por 38 respondentes ao longo da pesquisa, tendo o registro/questionário 1 sido o mais respondido/devolvido para a equipe.

**Gráfico 1:** Respondentes por registro/questionário



Fonte: Base de dados da pesquisa

## Turma de 2019.2

Apesar de manter diretrizes semelhantes às do ano anterior, em 2019 houve modificações no planejamento da disciplina e procedimentos metodológicos de produção de dados. Essas mudanças decorreram, prioritariamente, dos aprendizados e avaliações feitos a partir da condução de Estética em 2018 e dos achados parciais da pesquisa.

Quanto ao planejamento, os temas foram mantidos, no entanto, optou-se pela inversão da ordem entre apresentação do conteúdo teórico e realização das ‘atividades em sala’, vindo a teoria apenas no segundo momento. As avaliações parciais também sofreram alteração buscando aprimorar a discussão conceitual relacionada às criações artísticas solicitadas. Se, em 2018, a produção artística em grupo inspirada em um dos conteúdos ministrados manteve-se no final do semestre, em 2019, foram planejados espaços de trabalho para os grupos no decorrer do calendário letivo semestral. Essa proposta nasceu da constatação de que, apesar das ‘atividades em sala’ terem sido, em geral bem avaliadas pela turma de 2018, permanecia vivo o problema dos grupos assumirem o protagonismo teórico-criativo apenas em um instante específico do curso. Na prática, isso fazia com que o aprendizado conceitual entranhado e reconfigurado pela dimensão criativa protagonizado



desde sua concepção até sua exposição ao público pudesse ser relegado somente a um dos temas visto na disciplina. Com a introdução de encontros em sala dedicados ao trabalho em equipe pelos grupos da turma diretamente destinados à retomada teórica e, na aula seguinte, à amarração desta à uma atividade de cunho mais artístico, procurou-se resolver tanto a questão da eleição de um conteúdo apenas, quanto de eventuais fragilidades teóricas detectadas na elaboração das apresentações artísticas em grupo.

Tanto a ‘retomada teórica’, quanto a ‘trilha’ tinham como pressuposto a divisão da turma em grupos de 4 ou 5 estudantes que deveriam permanecer constantes até o fim da disciplina. Essas equipes se reuniam em sala nos encontros previstos para ‘retomada teórica’ e, juntos, discutiam e respondiam perguntas referentes ao último ou aos dois derradeiros assuntos debatidos em sala e presentes nos textos básicos indicados. Cada ‘retomada’ continha 1 ou 2 questões – uma para cada assunto/texto – e devia gerar uma resposta unificada do grupo advinda das leituras e discussões coletivas feitas durante o tempo de aula disponibilizado (1 hora e 30 minutos). A ‘trilha’, por seu turno, implicava no debate grupal para escolha de uma música que fosse entendida por cada equipe como capaz de simbolizar, representar ou instigar reflexões pertinentes a um dos dois textos abordados na atividade de retomada que a antecedeu. Além da apresentação da música selecionada, os grupos precisavam redigir os motivos que justificavam sua seleção. Foram planejadas 4 ‘retomadas’ e 4 ‘trilhas’ englobando a totalidade das temáticas listadas no programa da disciplina. Desde sua primeira aplicação na turma, foi esclarecido que elas deveriam ser entregues à professora até o final da aula em que ocorriam. ‘Retomada’ e ‘trilha’ eram devolvidas às equipes no menor prazo possível, estando corrigidas naquilo que dizia respeito à conceitos e/ou teorias. Cada grupo foi instado a guardar suas produções, uma vez que, no penúltimo encontro do semestre, eles deveriam apresentar (tocar/cantar) uma das trilhas para toda a turma.

Afora essas variações na avaliação, as ‘atividades em sala’ mesclaram-se com a presença de convidados pós-graduandos e/ou docentes que tivessem experiência com alguma linguagem artística e com o tema para o qual eram chamados a colaborar. Durante o semestre de 2019.2, a turma de Estética teve encontros com 4 convidados: 1 artista visual/psicóloga; 1 poeta cordelista/psicólogo; 1 músico/professor de música; 1 poeta/filósofo. Ademais, em virtude de um convite feito por um ex-aluno em setembro,



realizou-se uma excursão com turma para a Exposição “Mar do meu amar” sediada na Casa de Cultura de Sobral. Embora não estivesse dentro do plano inicial e não se desse no campus, essa excursão compôs o rol de ‘atividades em sala’ ligando-se à unidade de conteúdo “experiência e sentido”.

No tocante aos procedimentos de produção de dados para a pesquisa, as alterações se deram nos registros/questionários que passaram de 9 para 3 e tiveram suas questões reconfiguradas. A diminuição visava burlar a aparente desmotivação dos/as discentes quanto à resposta e entrega dos instrumentos de produção de dados. A equipe de pesquisa apostou que, três registros/questionários cumpririam o papel de sondar as oscilações nas perspectivas dos/as alunos/as decorrentes das vivências na disciplina, desde que sua aplicação acontecesse no primeiro dia de aula, em uma aula no meio do semestre e, novamente, no último encontro. A reconfiguração das questões nos registros/questionários, por seu turno, ocorreu tendo em vista instigar os/as respondentes a partilhar com mais amplitude suas percepções sobre aspectos mais diretamente vinculados aos objetivos da pesquisa.

**Tabela 04:** Instrumentos da produção de dados 2019.2

Instrumento	Conteúdo do instrumento
1 Registro/questionário	1) Qual sua expectativa quanto a disciplina de Estética em termos de: a) metodologia de aula; b) temas abordados nas aulas; c) articulação da disciplina com as demais existentes na matriz curricular do seu curso.
2 Registro/questionário	1) Considerando as aulas/atividades ocorridas até o momento, como você avalia que a disciplina de Estética afetou (Se possível, traga exemplos de aulas/atividades que você julgar convenientes a cada item): a) sua criatividade; b) sua colaboração com os colegas; c) a articulação entre teoria, prática e experiências artísticas
3 Registro/questionário	1) Considerando as aulas/atividades da disciplina de Estética, como você avalia (Se possível, traga exemplos de aulas/atividades que você julgar convenientes a cada item): a) a metodologia aplicada; b) a relevância dos temas abordados; c) a articulação da disciplina com as demais que compõe o PPP do seu curso.

	<p>2) Caso haja, que aspecto da disciplina você considera mais importante para seu desenvolvimento pessoal e/ou profissional? Por quê?</p> <p>3) Caso haja, que aspecto da disciplina você considera mais inadequado ou ineficaz para desenvolver seu potencial pessoal e/ou profissional? Por quê?</p>
--	---

Fonte: Base de dados da pesquisa

Usando os parâmetros disponíveis no SIGAA, a turma de 2019.2 teve um total de 42 matriculados, dos quais 38 do curso de Música- Licenciatura, 2 da Engenharia da Computação e 2 da Psicologia. Deste total, teve-se: 37 aprovados, 2 reprovados por falta, 2 trancamentos da disciplina e 1 trancamento total. Já o banco de dados da pesquisa aponta o recebimento de 94 respostas, produzidas por 38 respondentes ao longo da pesquisa. Relativamente às respostas/devoluções para cada um dos registros/questionários, tem-se: 28 respostas ao registro/questionário 1; 38 respostas ao registro/questionário 2, e, 28 respostas ao registro/questionário 3.

### **Discussão dos achados: criatividade e criticidade nas turmas de estética**

De maneira simplificada, pode-se afirmar que a criatividade é o ato criador, sendo ele original ou não. Grifa-se, contudo, que “o constructo de criatividade é de difícil definição, estando associado a algo complexo, multifacetado e com escassa análise e exploração”<sup>22</sup>. Não obstante essa dificuldade de conceituação, diferentemente do que supõe o senso comum, sabe-se que a criatividade não é um dom, mas sim uma competência que pode ser desenvolvida a depender das experiências, motivações e engajamentos dos indivíduos. Desse modo, o processo educativo dos sujeitos pode contribuir com o desenvolvimento ou com o decréscimo da criatividade.

Analisando as práticas docentes no ensino superior, Moraes, Almeida e Azevedo (2014) mostram que um discurso duplo habita a academia: por um lado, se reconhece a criatividade como um requisito para inovação e formação de cidadãos aptos a lidar com os desafios do mundo atual e o papel da universidade nisso; por outro, as metodologias de ensino e avaliação seguem priorizando modelos pautados na memorização e reprodução de

<sup>22</sup> COSTA-LOBO, C.; CAMPINA, A.; MENEZES, J. *Criatividade nas realidades educativas: considerações teóricas*, p.6. [http://repositorio.uportu.pt/jspui/bitstream/11328/2255/1/criatividade\\_nas\\_realidades\\_educativas\\_consideraes-teorticas-1.pdf](http://repositorio.uportu.pt/jspui/bitstream/11328/2255/1/criatividade_nas_realidades_educativas_consideraes-teorticas-1.pdf) (10/03/2021).



conhecimentos<sup>23</sup>. “Apesar da importância da educação superior para o fomento da criatividade, constata-se que pouca atenção tem sido dada ao desenvolvimento das habilidades criativas do estudante neste nível de ensino”<sup>24</sup>.

Pesquisas indicam que, em muitas perspectivas, o ensino superior é marcado por um fazer educativo que desvaloriza a criatividade, relegando-a somente ao campo das artes, de modo que um maior acolhimento da criatividade nesse nível de ensino requer “alterações profundas nas políticas e processos de ensino-aprendizagem”<sup>25</sup>. Isso, contudo, demanda que se enfrente tanto a cultura universitária “de medo e da preocupação”<sup>26</sup>, quanto o contexto sócio-político neoliberal que advoga pela produtividade.

Partindo da compreensão de que a criatividade é uma forma de romper com antigos paradigmas, de pensar novos caminhos e estratégias, bem como de lidar com o inesperado, entende-se que a função criadora é vital para o estímulo e aprimoramento da atitude filosófica. Ensinar filosofia é “um exercício de abertura ao risco, de busca de criatividade, de um pensamento sempre fresco (...)”<sup>27</sup>.

Todavia, essa competência tem, em geral, sido pouco explorada nas metodologias de ensino de filosofia. As inovações metodológicas propostas na disciplina Estética nas turmas de 2018 e 2019 do curso de licenciatura em Música, assim, assumiram o arriscado desafio de se abrir ao erro, considerando-o parte necessária do processo de aprendizagem. Nesse sentido, apostou-se na importância das práticas que promovem o diálogo e a troca de conhecimento entre os indivíduos; entendendo os envolvidos no processo de aprendizagem como produtores de conhecimento de valor.

No registro 2 da turma de 2019 (aplicado no segundo mês de aula), um/a respondente descreve a afetação da disciplina em sua criatividade:

Acredito que minha criatividade tornou-se mais aberta, compreendendo que a arte se entrelaça na minha existência. Ampliando tanto a noção de criatividade para algo além de uma habilidade, como a abertura, uma

<sup>23</sup> MORAIS, M. de F.; ALMEIDA, L.S.; AZEVEDO, I. *Criatividade e práticas docentes no ensino superior: como pensam os alunos de áreas curriculares diferentes* <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/34301/1/Praticas%20docentes%20e%20criatividade.pdf> (15/03/2021).

<sup>24</sup> ALENCAR, M.L.S.de; FLEITH, D.de S. *Criatividade na educação superior: fatores inibidores*. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772010000200011> (05/03/2021).

<sup>25</sup> MORAIS, M. de F.; ALMEIDA, L.S. *Percepções sobre criatividade: Estudo com estudantes do Ensino Superior*, p. 144. <https://www.redalyc.org/journal/374/37449632007/html/> (03/03/2021).

<sup>26</sup> *Ibidem*, p.145.

<sup>27</sup> FERREIRA, A. C.; BRISKIEVICZ, D. A.; FERREIRA, S. A. B. *Desafios na tessitura do filosofar: a prática da docência no ensino médio*, p. 8. <https://doi.org/10.1590/0102-4698175684> (27/04/2021).



abertura para viver criativamente, na concepção de um homem-criador<sup>28</sup>.

Considera-se relevante o alargamento da concepção de criatividade para além de uma dimensão tecnicista, na medida em que isso facilita uma postura crítica diante da ameaça neoliberal que reduz a criação aos interesses mercantis, bem como contribui para uma percepção dos sujeitos em suas múltiplas dimensões, resistindo ao totalitarismo do aparato produtivo denunciado por Marcuse<sup>29</sup>.

Essa potência das inovações metodológicas para a incitação da criticidade aparece em diversas manifestações escritas pelos participantes. Em um deste relatos lê-se que “A metodologia induz os alunos a pensarem no que é falado ao invés de apenas absorver o conteúdo passado”<sup>30</sup>. O respondente indica, portanto, que ao adotar conduções tingidas pelo incentivo à criatividade, a disciplina colocou-se contra a tendência instrumental na racionalidade pedagógica que se alinha ao “gerenciamento técnico da educação”<sup>31</sup> e ao “controle social”<sup>32</sup>.

Em outra reflexão estudantil sobre as aulas de Estética, atestou-se que:

Foi uma experiência incrível, uma quebra de barreiras de como tudo é tratado no meu curso, algo bruto, sem sentimentos e importância para a formação do indivíduo como profissional. Nessa disciplina eu pude voltar a pensar, a questionar as coisas ao meu redor e lembrar que o mundo é vasto e ficar preso em um só pensamento, é sem graça<sup>33</sup>.

A fala do estudante ratifica o entendimento de que a filosofia é “uma forma de pensar e atuar na sociedade, fazendo parte da formação contínua dos graduandos e podendo ser considerada uma atividade interminável na vida, no trabalho e do desenvolvimento profissional docente”<sup>34</sup>.

Há, também, uma correspondência com aquilo que se chama filosofia do presente<sup>35</sup>,

<sup>28</sup> Base de dados da pesquisa: Discente 354, Registro 2, 2019.

<sup>29</sup> MARCUSE, H. *One-dimensional man: studies in the ideology of advanced industrial society*. 5a.ed. Boston: Beacon press, 1968.

<sup>30</sup> Base de dados da pesquisa: Discente 212, Registro 3, 2019.

<sup>31</sup> SILVA, F. L. *Limites e possibilidades do ensino de filosofia*, p. 9. <https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180026> (27/04/2021).

<sup>32</sup> *Ibidem*, p.9.

<sup>33</sup> Base de dados da pesquisa: Discente 942, Registro 3, 2019.

<sup>34</sup> CARNEIRO, S. N. V.; SILVA, E. A. *O Estágio Supervisionado na formação do professor de Filosofia*, p.7. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.61796&gt> (27/04/2021).

<sup>35</sup> HORN, G. B.; MENDES, A. A. P. *Ensino de Filosofia: método e recepção filosófica em Agnes Heller*. <https://www.scielo.br/j/er/a/J6hbgYdtmtDjCxmCkmcGKmj/?lang=pt&format=pdf> (02/05/2021).



a saber, uma filosofia que se preocupa com os problemas do presente. Partindo da análise qualitativa dos registros das duas turmas, verificou-se que as opções metodológicas feitas na disciplina Estética contribuíram para que estudantes percebessem a filosofia como um conhecimento enraizado no presente, como sintetiza o/a participante 505:

Esta disciplina tem contribuído 100% para minha aprendizagem, pois tudo o que a professora traz, as reflexões, dinâmicas e leituras dos textos renova-me, resgatam-me, proporcionam uma reflexão crítica e prática da realidade, partindo do momento atual de minha vida que estou experienciando, ou seja, buscando sentir e compreender e não apenas acumular conhecimentos ou se sobrecarregar de compromissos<sup>36</sup>.

Os dados produzidos pela pesquisa, revelam ainda que atividades de ensino que valorizam as experiências pessoais, sociais e culturais dos participantes, além de estimularem uma percepção da importância da filosofia para o presente e para o cotidiano, são positivas para o fomentar a “problematização da Ideologia dominante e autoritária”<sup>37</sup>: “As atividades propostas me possibilitaram pensar a arte de uma maneira crítica, produzir arte de uma forma que expresse realmente ideias pensadas, repensadas, planejadas”<sup>38</sup>.

Outros relatos discentes, indicam que o desenvolvimento da criatividade e da criticidade tem vinculação com a dialogicidade no espaço da sala de aula. “A disciplina de estética superou minhas expectativas. A interatividade e compartilhamento de experiências com os colegas realmente enriqueceu meu pensamento reflexivo e criativo”<sup>39</sup>. Isso se dá, posto que, no espaço dialógico da sala de aula, surge o movimento real de criticidade, que emerge dos confrontos das realidades subjetivas (de alunos e professores) e objetivas (do mundo, da sociedade); é por meio desse diálogo que é possível transformar a experiência vivida numa experiência compreendida<sup>40</sup>.

Discussões simples como a percepção de encantamentos por objetos e a atribuição do sentimento despertado pela arte instiga a participação, o diálogo, o interesse pela visão que outra mente possa ter pelo mesmo assunto. Se dispor a compartilhar o que se pensa da arte alcançou discussões além da percepção de arte, de experiência, de questionamento e de visão de mundo<sup>41</sup>.

<sup>36</sup> Base de dados da pesquisa: Discente 505, Registro 4, 2018.

<sup>37</sup> SANTIAGO, H. S.; SILVEIRA, P. H. F. *Percursos de Marilena Chauí: filosofia, política e educação*. <https://www.scielo.br/j/ep/a/DzXxmMh45fjK88Vs54jpsSh/abstract/?lang=pt> (02/05/2021).

<sup>38</sup> Base de dados da pesquisa: Discente 878, Registro final, 2018.

<sup>39</sup> Base de dados da pesquisa: Discente 466, Registro final, 2018.

<sup>40</sup> FERREIRA, A. C.; BRISKIEVICZ, D. A.; FERREIRA, S. A. B. *Desafios na tessitura do filosofar: a prática da docência no ensino médio*. <https://doi.org/10.1590/0102-4698175684> (27/04/2021).

<sup>41</sup> Base de dados da pesquisa: Discente 380, Registro 2, 2019.

Os achados de pesquisa, sugerem ainda a confirmação daquilo que se sublinha relativamente à importância da filosofia para que os estudantes notem o caráter interdisciplinar dos conhecimentos advindos de diferentes campos de estudo<sup>42</sup>. “A disciplina me ajudou a ter uma maior sensibilidade para com as outras disciplinas”<sup>43</sup>. Ademais, segundo alguns dos/as respondentes, a disciplina auxiliou em uma reconfiguração do entendimento sobre a teoria e prática:

Resumidamente, é um choque saber que muitas coisas que pensamos difere e muito do que a teoria diz, enquanto encaramos como algo fútil, a disciplina propõe reflexões sobre tal, levando-nos a entrar noutra dimensão. E a partir disso, toda essa articulação nos afeta no reconhecimento do real, do imaterial<sup>44</sup>.

### **Considerações finais: engajamento, criatividade e criticidade**

O engajamento transformativo é um processo que ocorre quando os estudantes refletem criticamente sobre seus valores e fazem um esforço consciente para gerar novos caminhos e enlaces que são capazes de transformar a eles, aos outros e a sua comunidade<sup>45</sup>. Dentre os muitos fatores pertinentes às mudanças paradigmáticas propostas pela teoria do engajamento transformativo que são capazes de apoiar o engajamento dos discentes com o aprendizado, destacam-se aqui a criação de ambientes de ensino que prezem: pela cultura participativa; pela experiência de cada estudante; e, pelo senso de pertencimento à uma comunidade.

Nesse artigo, procurou-se apontar como as inovações metodológicas aplicadas à disciplina Estética impactaram na criação de um ambiente de ensino de filosofia capaz de engajar transformativamente discentes que não cursam uma graduação em filosofia. Em especial, foram apresentados os achados relativos ao desenvolvimento da criticidade aliada à criatividade presentes nos registros escritos das turmas de 2018 e 2019.

Embora diversas, as inovações metodológicas realizadas nas referidas turmas, foram bem avaliadas pelos/as respondentes como capazes de: a) mobilizar sua participação mais

<sup>42</sup> SANTIAGO, H. S.; SILVEIRA, P. H. F. *Percursos de Marilena Chauí: filosofia, política e educação*. <https://www.scielo.br/j/ep/a/DzXxmMh45fjK88Vs54jpsSh/abstract/?lang=pt> (02/05/2021).

<sup>43</sup> Base de dados da pesquisa: Discente 645, Registro 3, 2019.

<sup>44</sup> Base de dados da pesquisa: Discente 884, Registro 2, 2019.

<sup>45</sup> O'NEILL, S. Becoming a music learner: toward a theory of transformative music engagement. In: McPherson, G.E. & Welch, G.F. (Ed.). *The Oxford handbook of music education*. Vol. I. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 163 – 186



efetiva nas aulas; b) valorizar suas experiências e conhecimentos prévios; facilitar a compreensão de temas antes considerados difíceis ou “sem sentido”; c) fomentar posturas mais críticas diante da realidade individual e social do/a participante; d) favorecer a criatividade, considerando aqui não apenas uma perspectiva mercadológica ou mesmo restrita à produção de obras de arte; e) estimular uma maior conexão com colegas, entendendo o diálogo como meio importante de aprendizado e revisão de visões de mundo estabelecidas; f) evidenciar as articulações da filosofia e da estética com outras disciplinas e saberes apresentados durante a formação superior.

Ressalta-se que, apesar do caráter qualitativo dos 12 registros/questionários aplicados nas duas turmas (9 em 2018 e 3 em 2019), a partir das leituras e análises realizadas pela equipe de pesquisa todos/as os/as respondentes manifestaram percepções positivas acerca da metodologia em diferentes momentos da disciplina. Nesse aspecto, há uma recorrência quantitativa interessante no que diz respeito aos relatos que enfatizam a disciplina como um espaço de reflexão e de descobertas transformadoras.

Interessa pontuar, porém, que possíveis avaliações negativas podem ter ocorrido dentre aqueles/as estudantes que, por motivos desconhecidos por nós, não entregaram todos ou alguns dos instrumentos de produção de dados (registros/questionários) ou dentre os/as alunos/as que vieram a abandonar/trancar a disciplina ou o curso, enquanto matriculados em Estética. Nesse quesito, contudo, também vale sobressaltar que os índices de desistência e/ou trancamento da disciplina Estética nas turmas de 2018 e 2019, estão bem abaixo das estatísticas de 49% de evasão acima apresentadas, sendo inferiores, inclusive, aos 13% que evadem devido ao desalento com o curso. Na turma de 2018 de Estética, houve a realização de trancamento (parcial/da disciplina ou total/do curso) de 6,97% dos discentes inicialmente matriculados e a reprovação por faltas teve igual percentual. Na turma de 2019, constatou-se 8,1% de trancamento parcial e 5,4% de reprovados por faltas. Esses números, porém, não são suficientemente claros para apontar se alguma das causas de trancamento ou reprovação por falta (que, normalmente, indicam estudantes que abandonaram as aulas) estão ou não atreladas à condução e metodologia adotadas na disciplina.

Finalmente, defende-se que inovações metodológicas no ensino da filosofia, quando calcadas em planejamento cuidadoso e bem fundamentado, podem ser ferramentas essenciais de reversão de preconceitos sobre a natureza e relevância da filosofia, assim como podem contribuir para alterações de posicionamentos pedagógicos e epistemológicos



que insistem em reduzir a educação à transmissão e a filosofia a reprodução acrítica da história (eurocentrada) da filosofia.